

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL**

**CONTRIBUIÇÕES PARA O MONITORAMENTO DE USO DE PARQUES
URBANOS: O CASO DO PARQUE MARINHA DO BRASIL, EM PORTO
ALEGRE/RS**

Cristiane Cassol Schvarstzhaupt

Porto Alegre
2018

CRISTIANE CASSOL SCHVARSTZHAUPT

**CONTRIBUIÇÕES PARA O MONITORAMENTO DE USO DE PARQUES
URBANOS: O CASO DO PARQUE MARINHA DO BRASIL, EM PORTO
ALEGRE/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Inês Gomes Miron

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Schvarstzhaupt, Cristiane Cassol

Contribuições para o monitoramento de uso de parques urbanos: O caso do Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre/RS / Cristiane Cassol

Schvarstzhaupt. -- 2018.

197 f.

Orientadora: Luciana Inês Gomes Miron.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. monitoramento de uso. 2. procedimentos. 3. informações de uso. 4. parques urbanos. 5. Parque Marinha do Brasil. I. Miron, Luciana Inês Gomes, orient. II. Título.

CRISTIANE CASSOL SCHVARSTZHAUPT

**CONTRIBUIÇÕES PARA O MONITORAMENTO DE USO DE PARQUES
URBANOS: O CASO DO PARQUE MARINHA DO BRASIL, EM PORTO
ALEGRE/RS**

Esta dissertação de mestrado foi julgada adequada para a obtenção do título de MESTRE EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, área de concentração Planejamento Urbano e Regional e os Processos Sociais, linha de pesquisa Planejamento e Espaço Urbano e Regional, e aprovada em sua forma final pela professora orientadora e pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 29 de junho de 2018.

Prof.^a Dr.^a Luciana Inês Gomes Miron
Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Orientadora

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lisiane Pedroso Lima
Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Eugenia Aumond Kuhn
Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Livia Teresinha Salomão Piccinini
Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico esse trabalho à minha mãe,
por me inspirar de tantas maneiras.

AGRADECIMENTOS

A CAPES pela bolsa de estudos, a qual possibilitou a realização desta pesquisa.

A minha orientadora, Profa. Dra. Luciana Inês Gomes Miron, pela dedicação, orientação, disponibilidade e apoio que contribuíram de maneira fundamental para o meu crescimento durante a trajetória no mestrado.

Aos técnicos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em especial da Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade, por doarem seu tempo e pela valiosa contribuição no desenvolvimento da pesquisa.

Ao NAE da UFRGS, em especial a Profa. Jandyra e a Rosana, pela assessoria estatística.

As colegas do PROPUR Nathalia, Josana, Michelle e Natália pela colaboração em diversas fases da pesquisa, principalmente durante a coleta de dados.

Aos queridos Fernando, Cynthia e Marlise pela colaboração em diversas fases da pesquisa e, principalmente, pelo incentivo e apoio nos momentos difíceis.

Aos meus primos Paula e Rodrigo pelo carinho e colaboração na fase de coleta de dados.

Aos meus pais Rosalina e Vanderlei pelo amor, incentivo e auxílio em todos os momentos.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao PROPUR e ao NORIE.

RESUMO

SCHVARSTZHAUPT, C. C. **Contribuições para o monitoramento de uso de parques urbanos: O caso do Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre/RS.** Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

O monitoramento de uso permite gerar informações relevantes para auxiliar no processo de gestão de parques urbanos. Considerando as limitações no contexto brasileiro, esta pesquisa teve como objetivo fazer uma análise crítica de procedimentos com potencial de serem utilizados para monitoramento de uso de parques urbanos. Complementarmente, a pesquisa buscou identificar informações de uso que podem ser geradas a partir dos procedimentos utilizados e suas possíveis contribuições no trabalho de gestão. Para organização e apresentação das informações geradas, buscou-se utilizar agrupamentos de conteúdo com ênfase para elementos gráficos. Para realização da pesquisa, foi desenvolvido um estudo de caso do Parque Marinha do Brasil e seu contexto de gestão, em Porto Alegre – RS. O método da pesquisa foi dividido em quatro etapas. Inicialmente ocorreu a revisão de literatura e a aproximação do objeto de estudo. Nas etapas seguintes ocorreram a captura e o processamento dos dados. A última etapa englobou a discussão e a reflexão acerca dos procedimentos utilizados e das informações geradas, que ocorreu com o auxílio de um grupo de técnicos da Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade (SMAMS) de Porto Alegre, a responsável pela gestão dos parques urbanos da cidade. As principais contribuições da pesquisa se referem à avaliação e seleção de procedimentos para captura e processamento de dados que podem ser empregados no monitoramento de uso de parques urbanos, à identificação de dados que podem contribuir na geração de informações de uso, à identificação de informações de uso que podem ser geradas a partir dos procedimentos selecionados, à identificação de possíveis contribuições de informações de uso no trabalho de gestão de parques urbanos e à avaliação de instrumentos para organização e apresentação de informações.

Palavras-chave: monitoramento de uso, procedimentos, informações de uso, parques urbanos, Parque Marinha do Brasil.

ABSTRACT

Contributions to use monitoring of urban parks: The case study of Marinha do Brasil Park, in Porto Alegre/RS.

Use monitoring allows generating relevant information to support urban parks' management process. Considering limitations in Brazilian context, the objective of the research was to analyze critically a group of potential procedures to be used to urban parks' use monitoring. In addition, the research aimed to identify use information that can be generated from these procedures and its possible contributions in management process. Grouping of information with emphasis on graphic elements were used to organize and present information. A case study of Marinha do Brasil Park and its management context in Porto Alegre/RS was developed. The research method was divided in four steps. Initially, a literature review and a close contact with the study object were performed. In the following stages data capture and processing occurred. The last step covered discussion and reflection about the procedures used and the resulting information that occurred with cooperation of a group of technicians from the Municipal Secretariat for the Environment and Sustainability (SMAMS), which is the management organization of urban parks of Porto Alegre. The main contributions of the research involves evaluation and selection of procedures to data capture and processing that can be used to urban parks' use monitoring, identification of data to enable generating use information, identification of use information that can be generated from the selected procedures, identification of possible contributions of use information in management process, and evaluation of tools for organizing and presenting information.

Key words: use monitoring, procedures, use information, urban parks, Marinha do Brasil Park.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização dos parques urbanos de Porto Alegre.	17
Figura 2: Modelo parque-organização-usuário (POU).	28
Figura 3: Aplicativo Google Keep na versão para <i>smartphone</i>	39
Figura 4: Exemplo de uma matriz de descobertas.	40
Figura 5: Exemplo de um mapa hierárquico de valor.	56
Figura 6: Parque Marinha do Brasil e seu entorno.	60
Figura 7: Fotografias do PMB: (a) túnel verde e (b) centro cívico.	61
Figura 8: Fotografias do PMB: (a) gramado e (b) pista de skate.	61
Figura 9: Caracterização da amostra do questionário.	74
Figura 10: Percurso e pontos de observação do <i>walkthrough</i>	76
Figura 11: Processo de geração de informações de uso do PMB.	86
Figura 12: Interface do Google Keep no computador.	91
Figura 13: Informações sobre quantidade de visitantes no PMB.	98
Figura 14: Informações sobre o túnel verde (parte do documento-gráfico).	100
Figura 15: Informações sobre a pista de ciclismo (parte do documento-gráfico).	101
Figura 16: Informações sobre as quadras de esportes (vôlei, futevôlei e tênis).	102
Figura 17: Informações sobre as quadras de esportes (basquete e futebol).	102
Figura 18: Informações de temas importantes para os usuários do PMB.	103
Figura 19: Avaliações do PMB (parte do conjunto de <i>slides</i>).	104
Figura 20: Informações de não-usuários do PMB (parte do conjunto de <i>slides</i>).	105
Figura 21: Informações sobre a acessibilidade do PMB (parte do conjunto de <i>slides</i>).	106
Figura 22: Informações sobre a estrutura física do PMB (parte do documento-gráfico).	107
Figura 23: Informações sobre aparência e conservação do PMB (parte do conjunto de <i>slides</i>).	108
Figura 24: Informações sobre segurança no PMB (parte do documento-gráfico).	109
Figura 25: Informações sobre atividades, acontecimentos regulares e eventos no PMB.	110
Figura 26: MHV com a percepção dos usuários frequentes do PMB.	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Trabalhos acadêmicos sobre o Parque Marinha do Brasil que contribuíram para a pesquisa.	20
Quadro 2: Síntese do método da pesquisa.....	22
Quadro 3: Constructos de diferenciação de grupos de pessoas que usam parques urbanos.....	36
Quadro 4: Procedimentos de APO e potencial para o monitoramento de uso.....	38
Quadro 5: Temas definidos para a geração de informações no estudo de caso.....	51
Quadro 6: Descrição dos níveis de abstração do modelo cadeias meios-fim.	56
Quadro 7: Representação do processo de pesquisa.	58
Quadro 8: Observações exploratórias no PMB.....	67
Quadro 9: Entrevistas informais com funcionários da PMPA.....	68
Quadro 10: Definições iniciais no planejamento da captura de dados.	71
Quadro 11: Número de respondentes por grupo e modalidades de aplicação do questionário que compõem a amostra.	74
Quadro 12: Realizações válidas do <i>walkthrough</i> no PMB.	78
Quadro 13: Entrevistas válidas realizadas utilizando a técnica <i>laddering</i>	79
Quadro 14: Participantes do seminário.....	84
Quadro 15: Procedimentos utilizados para gerar informações de uso do PMB.	86
Quadro 16: Contribuições das informações do MHV relacionadas aos temas natureza, aparência e conservação.	113
Quadro 17: Contribuições das informações do MHV relacionadas ao tema estrutura física.	114
Quadro 18: Contribuições das informações do MHV relacionadas ao tema acessibilidade.	114
Quadro 19: Contribuições das informações do MHV relacionadas ao tema segurança.	115
Quadro 20: Objetivos e contribuições da pesquisa.	126

SIGLAS E ABREVIATURAS

APO – Avaliação Pós-Ocupação

MHV – Mapa Hierárquico de Valor

NAE – Núcleo de Assessoria Estatística da UFRGS

PMB – Parque Marinha do Brasil

PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre

RMPA – Região Metropolitana de Porto Alegre

SMAMS – Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade de Porto Alegre

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	MOTIVAÇÃO DA PESQUISA.....	14
1.2	CONTEXTO	15
1.3	PROBLEMA DE PESQUISA	18
1.4	QUESTÃO DA PESQUISA	21
1.5	OBJETIVO DA PESQUISA	21
1.6	DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	21
1.7	SÍNTESE DO MÉTODO DA PESQUISA	22
1.8	ESTRUTURA DO TRABALHO	22
2	PARQUES URBANOS: GESTÃO, MONITORAMENTO E INFORMAÇÃO	24
2.1	PARQUES URBANOS	24
2.2	GESTÃO DE PARQUES URBANOS	27
2.3	MONITORAMENTO DE USO DE PARQUES URBANOS.....	30
2.4	INFORMAÇÕES DE USO DE PARQUES URBANOS	32
2.5	PROCEDIMENTOS PARA O MONITORAMENTO DE USO.....	36
2.6	CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA SOBRE O USO.....	41
2.6.1	Acessibilidade	42
2.6.2	Adequação da estrutura física	43
2.6.3	Aparência.....	45
2.6.4	Segurança	46
2.6.5	Vegetação	48
2.6.6	Atividades, acontecimentos regulares e eventos	49
2.6.7	Temas selecionados para desenvolvimento no estudo de caso	50
2.7	CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA SOBRE USUÁRIOS	51
2.7.1	Percepção ambiental	51
2.7.2	Satisfação.....	53
2.7.3	Percepção de valor	54
3	MÉTODO DA PESQUISA	58
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	58
3.2	O PARQUE MARINHA DO BRASIL.....	60
3.2.1	Caracterização física, ambiental e social.....	60
3.2.2	Histórico do Parque Marinha do Brasil	62
3.2.3	Contexto da gestão dos parques urbanos de Porto Alegre e o Parque Marinha do Brasil	64
3.3	ETAPAS DA PESQUISA	67
3.3.1	Etapa A.....	67
3.3.2	Etapa B.....	70

3.3.3 Etapa C.....	80
3.3.4 Etapa D.....	84
4 RESULTADOS.....	86
4.1 PROCEDIMENTOS PARA CAPTURA E PROCESSAMENTO DE DADOS.....	86
4.2 INFORMAÇÕES DE USO GERADAS.....	95
4.2.1 Panorama de uso do PMB.....	95
4.2.2 Acessibilidade.....	106
4.2.3 Estrutura física.....	107
4.2.4 Conservação e aparência.....	108
4.2.5 Segurança.....	109
4.2.6 Atividades, acontecimentos regulares e eventos.....	110
4.3 CONTRIBUIÇÕES DAS INFORMAÇÕES DO MAPA HIERÁRQUICO DE VALOR.....	111
4.4 DISCUSSÃO.....	115
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
5.1 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA.....	124
5.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	126
5.3 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	127
APÊNDICE A– Identificação inicial de dados.....	136
APÊNDICE B – Roteiro de questionário aplicado presencialmente.....	137
APÊNDICE C – Roteiro do questionário aplicado através da internet.....	139
APÊNDICE D – Exemplos de formulários utilizados durante o <i>walkthrough</i>	143
APÊNDICE E – Roteiro da entrevista utilizando a técnica <i>laddering</i>	144
APÊNDICE F – Legenda de códigos utilizados nas planilhas de organização e análise de dados coletados a partir do <i>walkthrough</i>	145
APÊNDICE G – Parte da planilha geral de dados do <i>walkthrough</i>	146
APÊNDICE H – Parte das planilhas secundárias de dados do <i>walkthrough</i>	147
APÊNDICE I – Parte das planilhas terciárias de dados do <i>walkthrough</i>	148
APÊNDICE J – Elementos-código utilizados na análise de dados da <i>laddering</i>	149
APÊNDICE K – Matriz de implicação (com ponto de corte).....	150
APÊNDICE L – Mapa hierárquico de valor (sem ponto de corte).....	151
APÊNDICE M – Documento-gráfico (utilizado no seminário).....	152
APÊNDICE N – Conjunto de <i>slides</i> (utilizado no seminário).....	153
APÊNDICE O – Lista de demandas do PMB (utilizada no seminário).....	170
APÊNDICE P – Dispositivos visuais e outras informações de espaços do PMB.....	172
APÊNDICE Q – Descrição de informações do PMB.....	183

1 INTRODUÇÃO

1.1 MOTIVAÇÃO DA PESQUISA

A motivação dessa pesquisa surgiu do interesse da pesquisadora em temas relacionados à qualificação das cidades através da vegetação, visando o bem-estar dos habitantes. A presença de vegetação exerce influência no ambiente urbano em diferentes aspectos, tais como nos microclimas urbanos, contribuindo para o controle da radiação solar, temperatura e umidade do ar, a ação dos ventos e da chuva e a amenização da poluição do ar (MASCARÓ; MASCARÓ, 2009). Já na área de estudos ambiente-comportamento¹, tem-se desenvolvido diversos estudos a respeito da influência da natureza² no ser humano. As evidências indicam que, dentre os elementos naturais, a vegetação apresenta um grande potencial de qualificar ambientes urbanos, pois, além de proporcionar a experiência estética, exerce influência nos aspectos físico, psicológico e emocional dos indivíduos e, portanto, na sua saúde (HARTIG et al., 2003; KAPLAN, 1995; TAKANO; NAKAMURA; WATANABE, 2002; ULRICH, 1981, 1984).

Tendo em vista que os ambientes naturais de maior escala, com maior biodiversidade e relativamente intocados pelo homem como, por exemplo, parques nacionais e reservas, geralmente são afastados dos centros urbanos, entende-se que estes ambientes não são de acesso cotidiano dos indivíduos. Acrescentando-se a isso a realidade que o ambiente urbano tem predomínio de elementos construídos em relação a elementos naturais, faz-se necessária a presença de espaços que oportunizem o contato com a natureza na vida diária das pessoas. Nesse sentido, entende-se que os parques urbanos são espaços importantes na contribuição do bem-estar da população, já que auxiliam no atendimento de importantes necessidades humanas imateriais e não ligadas ao consumo (CHIESURA, 2004).

¹ A área de estudos ambiente-comportamento tem por objetivo investigar as relações entre as características físico-espaciais do ambiente construído e o comportamento das pessoas.

² Na literatura da área, termos como natureza e ambiente natural são utilizados referindo-se a espaços que contenham biodiversidade, como plantas, animais e água, sejam eles planejados pelo homem ou não.

1.2 CONTEXTO

Inicialmente, faz-se importante expor a definição de parque urbano adotada neste trabalho, como forma de elucidar o tema apresentado: trata-se de uma área aberta e de configuração definida que está inserida no tecido urbano; com predomínio de vegetação e possível presença de outros elementos naturais; que possibilite atividades relacionadas a esportes, recreação e/ou lazer; de uso público; e que seja caracterizado por sua utilização em escala de cidade e não apenas de bairro. A partir do exposto, é fundamental complementar o entendimento acerca dos parques urbanos.

Os parques urbanos foram difundidos a partir de experiências inglesas, francesas e norte-americanas como equipamentos públicos que visavam a exibição social, principalmente no século XIX (SCOCUGLIA, 2009). Mas, com o passar do tempo, esses espaços passaram a priorizar aspectos que estavam se perdendo na vida urbana: sociabilidade e de contato com a natureza (SCOCUGLIA, 2009). No Brasil, os parques urbanos se tornaram importantes espaços de lazer durante o crescimento urbano intenso, no século XX. Inicialmente, os poucos se concentravam no centro de grandes cidades, mas, no final da década de 1960, passaram a ser disseminados pelas cidades brasileiras a partir de um processo de investimento público (MACEDO; SAKATA, 2003).

Os parques urbanos oferecem importantes serviços ambientais, além de serviços sociais e psicológicos de importância crucial para a habitabilidade das cidades (CHIESURA, 2004). Esses espaços possibilitam o contato das pessoas com a natureza e, ao mesmo tempo, oportunizam a realização de diferentes tipos de atividades através do oferecimento de uma estrutura física³ para esportes, recreação e lazer, além de serviços relacionados (ÇAY, 2015; MCCORMACK et al., 2010). É válido salientar que os parques urbanos desempenham um papel importante no incentivo à prática de atividades físicas, assim como no contato social (MARCUS et al., 1998; MCCORMACK et al., 2010). Harnik (2003) exemplifica algumas contribuições dos parques urbanos para a população e para a cidade: podem fornecer espaços para jogos, auxiliar no

³ ÇAY (2015) utiliza a expressão *recreational facilities and services*.

ensino de ecologia, receber concertos de música, proteger a biodiversidade de um local, atenuar inundações causadas pelas chuvas e servir como um refúgio da agitação das cidades.

Para que os parques urbanos cumpram com a função de contribuir para a qualidade de vida da população, é fundamental que sejam investidos esforços em oferecer espaços que atendam às necessidades das pessoas, de maneira que elas se sintam atraídas a utilizá-los. Espaços abertos públicos tendem a ser de pouco significado e importância sem pessoas utilizando-os (REIS; LAY, 2006) e, mesmo que os parques urbanos exerçam outras funções além de receber visitantes, sua contribuição não seria completa sem o uso pelas pessoas.

Jacobs (2011) explica que cada parque urbano apresenta especificidades e desafia generalizações, já que, dentre outros aspectos, existe uma complexidade envolvida no seu uso. Segundo a autora, muitos podem diferir de trecho para trecho, além de receber influências diversas das diferentes partes da cidade no seu entorno. Jacobs (2011) expõe que parques impopulares podem causar efeitos negativos constantes, já que acabam recebendo usos indesejados e também podem prejudicar o entorno. Nesse sentido, a autora defende que um parque urbano deve atrair o maior número de pessoas, com os mais variados horários, interesses e propósitos.

No contexto brasileiro, os parques urbanos são de responsabilidade das Prefeituras e, portanto, quem faz a gestão desses espaços é alguma esfera da municipalidade. Nesta pesquisa, entende-se por gestão como um processo dinâmico no qual atividades são realizadas por uma organização gestora com a finalidade de manter e melhorar os parques urbanos para os usuários, podendo abranger também elementos de concepção e planejamento. Harnik (2006) afirma que os responsáveis pela gestão precisam saber a extensão dos seus diversos recursos e ter um plano para gerenciá-los e, nesse sentido, é imprescindível possuir informações acerca da realidade dos espaços. Para a entrega de melhores serviços à comunidade, também é fundamental ter informações rigorosas sobre as características e as necessidades dos usuários, bem como informações sobre a eficácia dos esforços investidos para alcançá-las (WALKER, 2004b).

No contexto de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, e parte da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), os parques urbanos tem papel importante, já que a utilização desses

espaços é uma prática comum entre os habitantes (VARGAS; WEBER, 2018). A responsável pela gestão dos parques urbanos é a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade (SMAMS) e o trabalho de manutenção desses espaços envolve também outras esferas da municipalidade. A cidade possui oito parques urbanos, sendo quatro na Região Centro⁴: Parque Marechal Mascarenhas de Moraes, Parque Germânia, Parque Chico Mendes, Parque Moinhos de Vento, Parque Farroupilha, Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, Parque Marinha do Brasil e Parque Gabriel Knijnik (Figura 1).

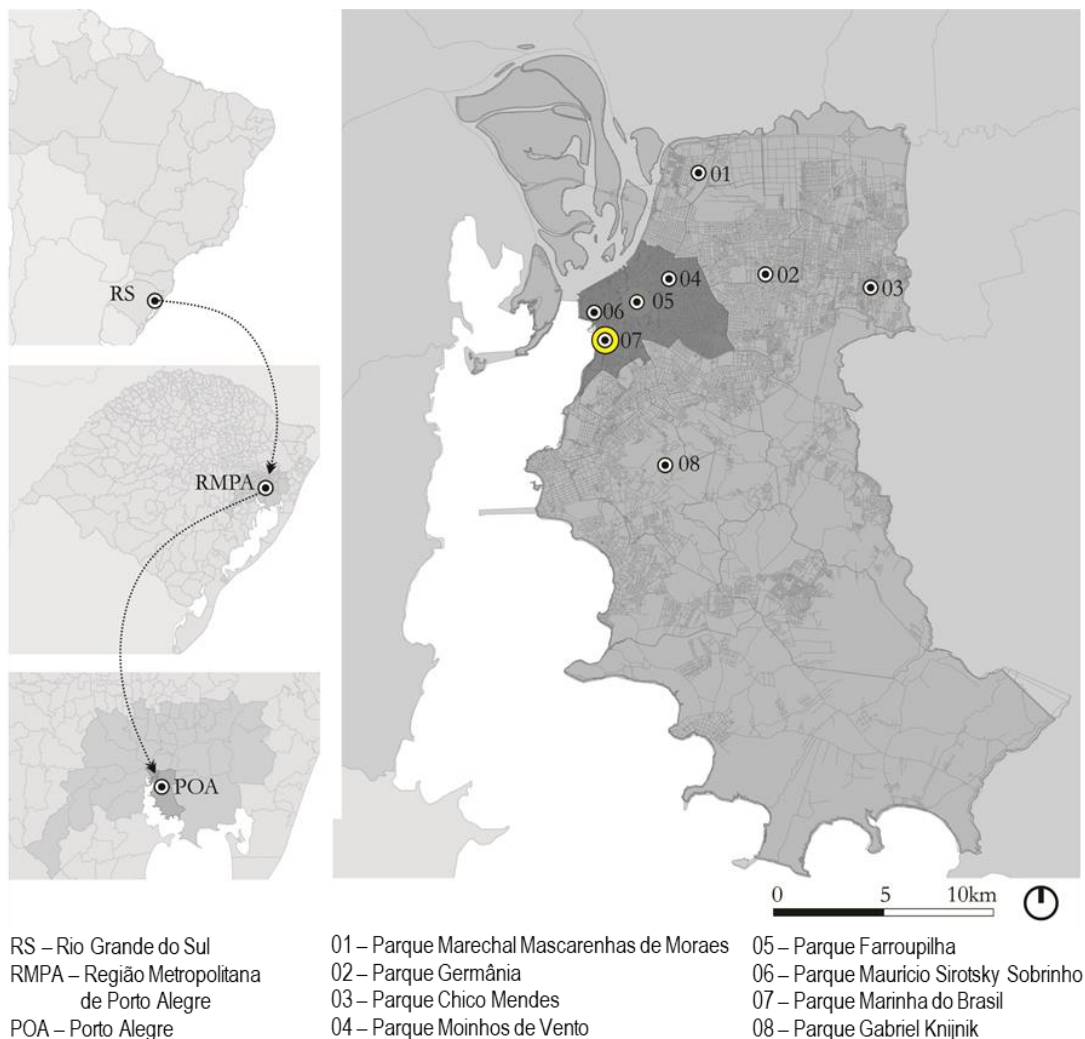


Figura 1: Localização dos parques urbanos de Porto Alegre.

Fonte: Adaptado de Miron, Danezi e Schwarstzhaupt (2018).

⁴ A Região Centro, composta por 16 bairros, é uma das 17 regiões do Orçamento Participativo de Porto Alegre (OBSERVAPOA, 2017).

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Parte-se do pressuposto que informações acerca dos espaços são fundamentais para o trabalho de gestão de parques urbanos, já que permitem a compreensão de determinada realidade e tem potencial para auxiliar no direcionamento de esforços de melhoria nesses espaços (WALKER, 2004b). Nesse sentido, é através do monitoramento dos parques urbanos que as informações podem ser geradas. Nesta pesquisa, entende-se por monitoramento como um processo de captura e de processamento de dados, realizado de maneira sistemática⁵ e contínua, com o intuito de gerar informações que permitam avaliação e comparação ao longo do tempo. O monitoramento é um processo menor, dentro do amplo processo de gestão, o qual permite gerar informações para auxiliar os gestores a tomarem medidas efetivas como, por exemplo, na criação de estratégias de investimento, no direcionamento de esforços de melhoria e no acompanhamento de resultados (WALKER, 2004b).

No contexto brasileiro, não é comum a coleta de dados de parques urbanos de maneira contínua, geralmente os dados são coletados em caráter eventual e sem preocupação com replicações. Esse tipo de informação é importante, porém, segundo Walker (2004a), pesquisas sistemáticas seriam ainda mais eficientes. Costa (2011) apresenta alguns desafios enfrentados na gestão de parques urbanos no Brasil, que englobam também a geração de informação: a) descontinuidade de políticas adotadas para a gestão, justificadas pela alternância de governos que administram as cidades; b) inexistência de séries históricas que possibilitem comparações ao longo do tempo e medições dos resultados das políticas e instrumentos de gestão adotados; c) falta de rigor e padronização metodológica nas coletas de dados, bem como na montagem dos sistemas de indicadores e nas informações existentes para caracterizar os espaços urbanos e sua gestão; d) utilização de sistemas de gestão generalistas inadequados aos contextos específicos de localidade e temporalidade; e) inexistência de recursos financeiros para a manutenção dos parques urbanos e para o desenvolvimento de projetos socioculturais, educativos e de preservação destes espaços.

As informações necessárias para subsidiar a gestão adequada de um parque urbano abrangem diferentes áreas e, portanto, é necessário um conjunto de informações que pode conter, por

⁵ Que segue critérios, a fim de ter o mínimo de variação possível entre as replicações.

exemplo, aspectos ambientais, econômicos e sociais. De acordo com Shing e Marafa (2006), o conjunto de informações utilizado para a gestão não é o mesmo em qualquer circunstância. Por isso, por mais que os parques urbanos apresentem características em comum⁶, cada um possui especificidades e requer investigação para a definição de um conjunto pertinente. No mesmo sentido, o monitoramento de parques urbanos pode abranger diversos aspectos como, por exemplo, quanto aos atributos e características do ambiente e quanto ao uso (CHAN; MARAFA, 2006; CHAN; MARAFA; VAN DEN BOSCH, 2015).

Dada a ampla gama de tópicos possíveis de serem explorados e as limitações envolvidas na realidade brasileira, é interessante que o monitoramento se foque nos aspectos mais relevantes para cada caso. O monitoramento de uso permite gerar informações para auxiliar na compreensão de como os espaços são utilizados e das necessidades dos usuários. Isso pode, por exemplo, orientar esforços para qualificar os parques urbanos e para aumentar o número de usuários (WALKER, 2004b). Considerando o exposto e a restrita literatura nacional sobre monitoramento de uso de parques urbanos, é que o tema desta pesquisa foi definido: procedimentos para captura e processamento de dados. O termo procedimentos foi adotado para expressar genericamente métodos, técnicas, ferramentas e instrumentos utilizados para coleta e análise de dados.

Além disso, foi considerado o exposto por Shing e Marafa (2006) sobre existir uma lacuna entre os estudos acadêmicos e as práticas de gestão de parques urbanos, o que pode ser superado através da promoção de mútuo entendimento, comunicação e cooperação entre pesquisadores e autoridades. Nesse sentido, buscou-se uma aproximação com a responsável pela gestão dos parques urbanos de Porto Alegre para o desenvolvimento desta pesquisa. Já nas primeiras conversas com alguns técnicos da SMAMS, foi possível identificar a inexistência de captura de dados para conhecer e acompanhar a realidade dos parques urbanos e o ponto de vista dos usuários. Considerando a inexistência de monitoramento para gerar informações que são fundamentais para a gestão dos parques urbanos da cidade, é que se viu a oportunidade de desenvolver um estudo de caso.

⁶ Elevada visitação, proximidade com áreas densas em população, ecossistemas limitados ou modificados e manejo intenso.

O Parque Marinha do Brasil (PMB) foi selecionado como objeto empírico desta pesquisa. Situado no bairro Praia de Belas, trata-se do maior parque urbano da cidade, com 2,5 quilômetros de extensão e 70 hectares de área. Além de oportunizar a socialização e o contato do homem com a natureza, o PMB possui ambientes para lazer e a maior área para práticas esportivas do município (ANTUNES et al., 2013). A seleção do PMB se justifica por se tratar de um dos parques urbanos de maior importância para a cidade, com abrangência metropolitana (MIRANDA, 2014), e por possuir um nível de complexidade adequado para a pesquisa dada: sua dimensão, sua diversidade de espaços e de usuários e suas vulnerabilidades no uso de alguns espaços⁷.

Foram identificados alguns trabalhos acadêmicos relacionados ao PMB com informações relevantes aos quais se teve acesso, apresentados no Quadro 1. Tais trabalhos, que contribuíram com esta pesquisa no conhecimento do objeto empírico, também acabam sendo as poucas fontes de informações sobre o PMB para SMAMS.

Referência	Título	Principais contribuições para esta pesquisa
Santos e Miotto (2006)	Análise comparativa dos espaços esportivos de parques públicos de Porto Alegre	Estrutura esportiva do PMB.
Souza (2008)	O espaço público contemporâneo: A complexidade vista a partir de parques urbanos de Porto Alegre	Contexto de gestão dos parques urbanos de Porto Alegre.
Kepern (2011)	A cidade e o elemento natural: O Parque Marinha do Brasil e as políticas públicas do verde em Porto Alegre (1960-1970).	Contexto histórico da implantação do PMB.
Antunes et al. (2013)	Caracterização socioambiental dos usuários do Parque Marinha do Brasil, Porto Alegre/RS.	Perfil dos usuários do PMB, locais mais frequentados, atividades realizadas, percepção em relação ao ruído e à temperatura do ar.
Schmitt et al. (2013)	Diagnóstico ambiental do Parque Marinha do Brasil, Porto Alegre, RS.	Características socioambientais do PMB: clima, componentes aquáticos, fauna, flora, pressão sonora, resíduos sólidos, solo e usuários.
Miranda (2014)	O papel dos parques urbanos no sistema de espaços livres de Porto Alegre-RS: Uso, forma e apropriação.	Características geobiofísicas e morfológicas do PMB, valor histórico, uso e apropriações do espaço.
Barbosa (2016)	Parque Marinha do Brasil: Um parque, três projetos.	Proposta projetual vencedora do concurso para o PMB.
Malinsky (2018)	A cidade no parque: Gênese e evolução do parque urbano, suas figuras e metáforas.	Justificativas em relação ao projeto do PMB, o qual foi desenvolvido pelo próprio autor em parceria com Ivan Mizoguchi.

Quadro 1: Trabalhos acadêmicos sobre o Parque Marinha do Brasil que contribuíram para a pesquisa.

⁷ Em conversa com técnicos da SMAMS foram expostas vulnerabilidades no uso de alguns espaços do PMB.

1.4 QUESTÃO DA PESQUISA

Levando em consideração a importância de existirem informações que auxiliem no direcionamento de esforços de melhoria e na tomada de decisões no âmbito da gestão de parques urbanos e, também, considerando que o monitoramento de uso pode contribuir para a geração dessas informações de uso de parques urbanos brasileiros, foi definida a seguinte questão de pesquisa:

- Quais procedimentos para captura e processamento de dados podem contribuir para o monitoramento de uso de parques urbanos no contexto brasileiro?

1.5 OBJETIVO DA PESQUISA

A partir da questão geral, foi definido o objetivo geral da pesquisa:

- Fazer uma análise crítica de procedimentos para captura e processamento de dados que possam ser utilizados no monitoramento de uso de parques urbanos no contexto brasileiro.

A partir do objetivo geral, foi proposto o seguinte desdobramento:

- Identificar informações que possam ser geradas a partir dos procedimentos para captura e processamento de dados e suas possíveis contribuições na gestão de parques urbanos no contexto brasileiro.

1.6 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Tendo em vista a necessidade de delimitação devido ao desenvolvimento de um estudo de caso, foi definido como objeto de estudo o Parque Marinha do Brasil e seu contexto de gestão. Com o intuito de dimensionar a pesquisa para torná-la possível dentro do tempo proposto, focou-se na geração de informações relacionadas ao uso dos parques urbanos. É importante salientar que as informações se limitam à viabilidade de serem geradas a partir de

procedimentos de captura e processamento de dados com potencial de serem utilizados no monitoramento de uso. Para alcançar o objetivo geral proposto na pesquisa, foram utilizadas as seguintes fontes de dados durante o estudo de caso: o Parque Marinha do Brasil; usuários e não-usuários; procedimentos para captura e processamento de dados utilizados no estudo do uso do ambiente construído e/ou no monitoramento de uso de parques; percepção de técnicos da SMAMS e pesquisadores.

1.7 SÍNTESE DO MÉTODO DA PESQUISA

A presente dissertação utiliza como estratégia de pesquisa um estudo de caso referente ao Parque Marinha do Brasil e seu contexto de gestão no município de Porto Alegre. O estudo é composto por quatro etapas, representadas no **Quadro 2**. A Etapa A teve como objetivo a compreensão sobre os temas relacionados à pesquisa (parques urbanos, gestão, monitoramento, informação e uso), assim como sobre o objeto de estudo. Na Etapa B foi realizado o planejamento e a coleta dos dados. Na Etapa C ocorreu a o processamento dos dados, que engloba a análise e o cruzamento dos dados, assim como a organização das informações geradas. Por fim, a Etapa D permitiu a reflexão acerca da captura e processamento dos dados sobre o uso, assim como sobre as informações geradas.

Etapa A	Etapa B	Etapa C	Etapa D
Compreensão sobre os temas relacionados à pesquisa e aproximação do objeto de estudo.	Planejamento e coleta de dados de uso do PMB.	Análise dos dados de uso do PMB e organização das informações de uso geradas.	Discussão e reflexão sobre os procedimentos utilizados para captura e processamento de dados e sobre as informações de uso geradas.

Quadro 2: Síntese do método da pesquisa.

1.8 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho é estruturado em cinco capítulos. O presente capítulo apresenta o contexto em que se desenhou a questão de pesquisa, os elementos que justificam o desenvolvimento do trabalho, assim como seus objetivos e a síntese do método utilizado. O Capítulo 2 apresenta o referencial teórico acerca dos temas relacionados à pesquisa: parques urbanos, gestão,

monitoramento e uso. O Capítulo 3, referente ao método da pesquisa, apresenta a estratégia de pesquisa adotada, o delineamento da pesquisa, o objeto de estudo e as fases da pesquisa. O Capítulo 4 apresenta os procedimentos selecionados para captura e processamento de dados, as informações geradas sobre o uso do PMB, assim como a discussão acerca dos procedimentos e das informações. Por fim, o Capítulo 5 expõe as contribuições da pesquisa, as limitações envolvidas no seu desenvolvimento e recomendações para trabalhos futuros.

2 PARQUES URBANOS: GESTÃO, MONITORAMENTO E INFORMAÇÃO

Neste capítulo é apresentado o referencial teórico que embasou a pesquisa. Inicialmente é abordado o tema parques urbanos, abrangendo sua conceituação e um breve histórico. Em seguida é apresentado o tema gestão de parques urbanos, para possibilitar o entendimento do contexto em que o monitoramento está inserido. Na sequência são apresentados os temas monitoramento de uso, informações de uso, assim como procedimentos que podem ser utilizados no monitoramento. Por fim, são apresentadas contribuições acerca da literatura sobre uso e sobre usuários.

2.1 PARQUES URBANOS

Inicialmente é importante explicitar os conceitos relacionados a parques existentes na literatura nacional e internacional, através dos quais foi possível definir o conceito adotado nesta pesquisa. Na literatura nacional não existe um consenso na conceituação de parque. Scocuglia (2009) afirma que existe essa dificuldade na conceituação devido às diferenças de dimensões, formas, tratamentos paisagísticos, funções e equipamentos. Para Macedo e Sakata (2003), parque é todo espaço de uso público destinado à recreação em massa, de qualquer tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno.

Também é utilizado o termo parque urbano, como na definição apresentada pelo Ministério do Meio Ambiente (2016), como sendo uma área verde com função ecológica, estética e de lazer que possui extensão maior que as praças e jardins públicos. Apesar das definições de praças e jardins não serem explicitadas, o conceito faz uma relação com áreas verdes. Ainda segundo o Ministério do Meio Ambiente (2016), as áreas verdes urbanas são o conjunto de áreas intraurbanas que apresentam cobertura vegetal, arbórea (nativa e introduzida), arbustiva ou rasteira e que contribuem de modo significativo para a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental nas cidades. Complementando, ainda, que essas áreas verdes estão presentes em diversas situações como, por exemplo, em parques.

Para Kliass (1993), parque urbano é um espaço público com dimensões significativas, com predominância de elementos naturais, principalmente vegetação, e que é destinado à recreação. Já para Mascaró (2008), parque urbano é uma área de médio porte, entre 10 e 50 hectares, encostada ou envolta por tecido urbano e de fácil acesso ao sistema de transporte público e privado da cidade. Segundo o mesmo autor, estes espaços são predominantemente verdes, com árvores e grama, além de poderem oferecer espaços como exposições, feiras, lagoas de recreação, explanada para grandes eventos e etc. O termo parque público também aparece na literatura e, apesar de não ser explicitado, entende-se como uma diferenciação do parque privado (MACEDO; SAKATA, 2003).

Na literatura internacional, o termo *urban park* é amplamente utilizado (CHAN; MARAFA; BOSCH, 2015; CHIESURA, 2004; PETERS; ELANDS; BUIJS, 2010; TURAN et al., 2016). Também são encontradas variações como *park*, *city park*, *public park* e *urban nature park*, dentre outros. Segundo Harnik (2010), diferentes espaços podem estar dentro da nomenclatura de *park*, como: campos e quadras de esportes, bosques, jardins, mirantes, lagos e arredores, margens de rios, áreas para piquenique, sítios históricos, trilhas, alamedas, praças, etc. Na definição de Konijnendijk et al. (2013), *urban parks* são áreas abertas definidas, com predomínio de vegetação e água, geralmente de uso público e de grandes dimensões. Baur, Tynon e Gómez (2013) definem *urban nature park* como uma área municipal cuja atração principal é a recreação ao ar livre, tendo predomínio de paisagens naturais, com pouca ou nenhuma construção, como prédios ou quadras de esportes.

A partir da diversidade de conceitos encontrados na literatura, optou-se por utilizar nesta pesquisa o termo parque urbano, o mesmo adotado pelo Ministério do Meio Ambiente e recorrente na literatura internacional (a conceituação adotada foi apresentada no Capítulo 1). Na sequência do embasamento conceitual, faz-se importante um breve histórico dos parques urbanos no mundo e no Brasil.

Conforme apresentado por Scocuglia (2009), entende-se que os parques urbanos⁸ são equipamentos públicos disseminados a partir das experiências inglesas, francesas e norte-americanas em ações urbanizadoras, principalmente no século XIX, como um modelo

⁸ Scocuglia (2009) e Macedo e Sakata (2003) utilizam originalmente o termo “parques”.

idealizado para a exibição social em bairros burgueses. Segundo o autor, tal modelo foi superado quando os parques urbanos dos séculos XX e início do XXI procuraram recriar as condições naturais que vinham se perdendo na vida urbana: locais de sociabilidade e de contato físico e ativo com a natureza.

No contexto brasileiro, Macedo e Sakata (2003) expõem que o crescimento urbano intenso no século XX e o aumento da população fez com que os parques urbanos se tornassem espaços de lazer desejados. Segundo os autores, os primeiros foram implantados em pequeno número e se concentravam nas grandes cidades, em áreas centrais e de elite. Com o passar do tempo, novos parques urbanos foram criados e um novo tipo de programa de uso passou a ser utilizado. Ainda conforme os autores, a estrutura morfológica foi radicalmente simplificada após a Segunda Guerra Mundial, abandonando os objetos pitorescos e a composição romântica e, com isso, possibilitando a valorização do esporte e do lazer cultural.

Por volta do final da década de 1960, os parques urbanos passaram a ser disseminados pelas cidades brasileiras, quando se iniciou um processo de investimento público sistemático na criação desses espaços, não mais voltados exclusivamente para as elites (MACEDO; SAKATA, 2003). Os autores expõem ainda, que as cidades brasileiras têm apresentado uma demanda crescente por parques urbanos, já que esses espaços atendem a uma diversidade de necessidades de lazer, tanto esportivas, quanto culturais e contemplativas. É importante mencionar que os parques urbanos são distribuídos de forma desigual no tecido urbano e alguns apresentam mais qualidade do que outros, privilegiando parte da população (GOMES, 2013).

A partir do que foi apresentado, percebe-se que os parques urbanos mudaram de caráter com o passar do tempo, possibilitando uma maior diversidade de atividades do que no passado. Apesar da oferta desses espaços no ambiente urbano ter evoluído, tornando-os mais acessíveis para a população como um todo, ainda são necessários esforços para ampliar o acesso e para oferecer espaços de qualidade.

2.2 GESTÃO DE PARQUES URBANOS

Segundo Maximiano (2012), a gestão⁹ pode ser vista como um amplo processo dinâmico de tomada de decisões e realização de ações sobre a utilização de recursos para possibilitar a realização de objetivos. O autor apresenta cinco processos principais e interligados dentro da gestão: a) planejamento: decisões que procuram influenciar ou que serão colocadas em prática no futuro; b) organização: disposição de recursos em uma estrutura que facilite a realização de objetivos, tendo como resultando uma estrutura organizacional; c) liderança: diversas atividades relacionadas a trabalhar com pessoas para possibilitar a realização de objetivos; d) execução: realização das atividades planejadas por meio de aplicação de energia física e intelectual; e) controle: comparação das atividades realizadas com as atividades planejadas para possibilitar a realização de objetivos.

De acordo com Jansson e Lindgren (2012), gestão é um conceito amplamente utilizado, porém, na literatura que trata de espaços abertos, principalmente de áreas verdes, a gestão raramente é definida, e quando é, as definições e delimitações variam. A partir de revisão de literatura, os autores apresentam a gestão sob o ponto de vista de diferentes áreas e definem *urban landscape management*¹⁰ como as atividades que são realizadas por uma organização gestora com a finalidade de manter e desenvolver áreas verdes urbanas para os usuários, como no caso de parques urbanos. Ainda conforme os autores, a organização responsável pode ser uma autoridade municipal ou mesmo uma agência de iniciativa privada.

Jansson e Lindgren (2012) expõem que a gestão pode abranger elementos de concepção e planejamento, mas tem como foco lidar com uma estrutura existente através de desenvolvimento e manutenção. Os autores enfatizam que a gestão também deve ser orientada para o usuário e não apenas centrada em gerir o espaço em um alto nível técnico ou ecológico. A ideia apresentada pelos autores é bastante elucidativa para esta pesquisa e reforça a importância de serem geradas informações relacionadas ao uso dos parques urbanos, englobando também informações dos usuários para auxiliar na gestão dos espaços.

⁹ O autor apresenta os significados das palavras administração, gerência, gestão, gerenciamento e *management* e faz uma definição comum a todas, sendo que neste trabalho foi adotado termo gestão.

¹⁰ Segundo os autores, *landscape* (traduzido como paisagem) são os espaços abertos existentes em ambientes urbanos e periurbanos, que são predominantemente verdes.

Os conceitos apresentados permitiram a definição do conceito de gestão de parques urbanos utilizado nesta pesquisa, o qual foi apresentado no Capítulo 1.

Segundo Jansson e Lindgren (2012), a gestão de áreas verdes urbanas é abordada de diferentes maneiras, com focos específicos, nas distintas áreas do conhecimento com as quais se relaciona. Os autores se utilizam do modelo parque-organização-usuário (POU), baseado em Randrup e Persson (2009), para elucidar de forma simplificada o trabalho de gestão desses espaços: um conjunto de relações entre o ambiente físico, a organização gestora e os usuários (Figura 2).

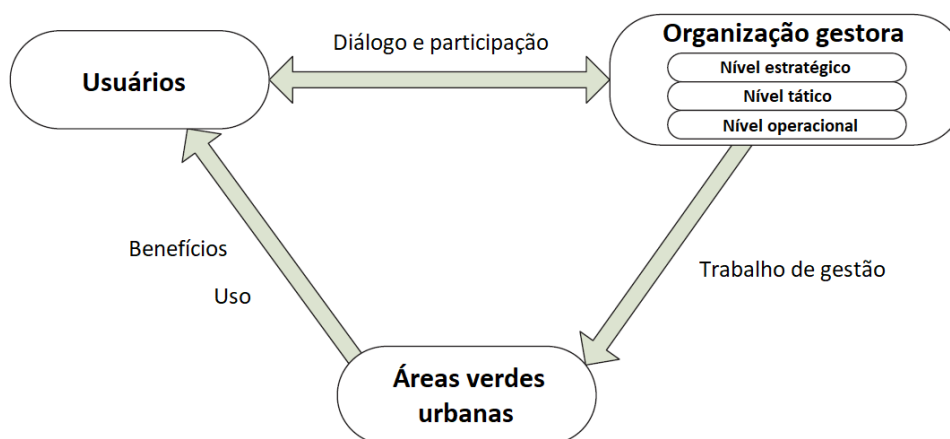


Figura 2: Modelo parque-organização-usuário (POU).

Fonte: Adaptado de Jansson e Lindgren (2012).

Randrup e Persson (2009) dão ênfase para a parte organizacional, identificando três níveis dentro da administração municipal: o operacional, o tático e o estratégico. Segundo os autores, nos respectivos níveis atuam: funcionários do parque, funcionários públicos/técnicos e políticos. De acordo com Randrup e Persson (2009) e Jansson e Lindgren (2012):

- **Nível operacional:** é no qual são executadas diversas atividades relacionadas à conservação e desenvolvimento dos espaços, tais como limpeza, instalação e manutenção de equipamentos, manutenção da vegetação e etc.
- **Nível tático:** é no qual são realizadas análises e elaborados planos que podem incluir, por exemplo, inventários de vegetação voltados para realização de rotinas de gerenciamento dentro da organização. Neste nível é importante que exista um

relacionamento entre áreas verdes, entre outros espaços urbanos e entre outras esferas administrativas.

- Nível estratégico: é no qual são formuladas estratégias para as áreas verdes com uma visão a longo prazo e devem, de preferência, ser baseadas em informações produzidas no nível tático.

De maneira similar, o modelo de gestão proposto por Gustavsson et al. (2005) é composto por três níveis, porém relacionados a atividades ao invés de níveis hierárquicos. Isso se dá porque a gestão é abordada como uma atividade e não como uma organização que realiza atividades. Segundo os autores, no nível estratégico são desenvolvidas as visões globais da gestão. Então, de acordo com as políticas e com o planejamento, são formulados objetivos e metas, alocados meios e definidos prazos. A partir disso, tarefas específicas são definidas e executadas no nível operacional. Ainda segundo os autores, enquanto a gestão estratégica geralmente compreende um período de dez anos ou mais, a gestão operacional se foca nas atividades anuais ou bianuais e, por fim, a gestão tática se situa no nível intermediário, aproximando as duas.

Segundo Jansson e Lindgren (2012), o modelo POU considera que a gestão das áreas verdes urbanas inclui diferentes atores, elementos e relacionamentos que se afetam mutuamente, sendo que cada relação entre as partes pode ser vista sob diferentes perspectivas e teorias. O relacionamento entre os usuários e o ambiente físico, por exemplo, é estudado na área ambiente-comportamento¹¹, como em trabalhos sobre o efeito restaurador da natureza nas pessoas (KAPLAN, 1995), sobre a redução de estresse de pessoas expostas a ambientes naturais versus urbanos (ULRICH et al., 1991), sobre a formação da imagem mental pelas pessoas a partir da forma da cidade (LYNCH, 1960) e sobre os processos de percepção/cognição e o comportamento espacial (LANG, 1974). Já o relacionamento entre usuários e a organização gestora, por exemplo, é estudado em áreas ligadas a gestão e planejamento urbano, ou mais especificamente de áreas verdes, como em trabalhos sobre

¹¹ Segundo Reis e Lay (2006), esta área de estudo também é denominada de psicologia ambiental, psicologia ecológica ou percepção ambiental por diferentes autores.

pesquisas com usuários (WALKER, 2004a), sobre o envolvimento da comunidade na manutenção (MOLIN; VAN DEN BOSCH, 2014) e no processo de gestão (JONES, 2002).

A partir da literatura apresentada, foi possível perceber a complexidade envolvida na gestão de parques urbanos, seja pelo processo, pelos atores e pelas relações entre eles. Considerando o processo de gestão apresentado por Maximiano (2012), foi possível relacionar o monitoramento ao processo de controle, já que ambos permitem gerar informações para comparação ao longo do tempo ou a um ideal a ser alcançado. Já os diferentes níveis existentes nos modelos de Randrup e Persson (2009), Jansson e Lindgren (2012) e Gustavsson et al. (2005) mostram que os envolvidos extrapolam a organização responsável pelos espaços, envolvendo diferentes esferas da municipalidade.

Também foi possível identificar que é no nível tático do trabalho de gestão que a geração de informações a partir do monitoramento de uso se enquadra. Essas informações podem orientar ações no nível operacional, como de manutenção, e também no nível estratégico, como na elaboração de planos para os parques urbanos. Além disso, o modelo POU permitiu o entendimento de que os usuários são parte importante no processo de gestão, auxiliando na justificativa de incluir dados provindos de usuários no monitoramento de uso nesta pesquisa.

2.3 MONITORAMENTO DE USO DE PARQUES URBANOS

A respeito do conceito de monitoramento, Porréca (1999) expõe que se trata do estudo e acompanhamento, de forma contínua e sistemática, do comportamento de fenômenos, eventos ou situações específicas que possibilitem a avaliação e comparação. Já para Vaitsman, Rodrigues e Paes-Sousa (2006), o monitoramento se trata do acompanhamento contínuo, por parte de gestores e gerentes, do desenvolvimento de programas e políticas em relação aos seus objetivos e metas, devendo prover informações que permitam a adoção de medidas corretivas para melhorar sua operacionalização. O monitoramento se utiliza de um conjunto de dados¹² produzidos regularmente, quantificáveis ou não, para permitir a comparação de

¹² Os dados são assim chamados por alguns autores, como Watson et al. (2000). Já outros os chamam de indicadores, como Vaitsman, Rodrigues e Paes-Sousa (2006), ou ainda de variáveis, como Harnik (2003).

uma mesma realidade em diferentes momentos ou, também, para comparação com uma realidade distinta (ASTLEITHNER et al., 2004; VAITSMAN; RODRIGUES; PAES-SOUSA, 2006). Tais conceituações provindas da literatura orientaram a definição do conceito de monitoramento adotado nesta pesquisa, apresentado no Capítulo 1.

Percebeu-se através da literatura que a realização de monitoramento de uso ocorre, principalmente, em áreas de proteção/conservação ambiental dada a importância em medir impactos no ambiente causados pelo uso. Desta forma, grande parte das publicações (HORNBACK; EAGLES, 1999; MARTINS, 2014; MUHAR; ARNBERGER; BRANDENBURG, 2002; WATSON et al., 2000) se refere ao contexto mencionado, que apresenta especificidades e outro tipo de complexidade, mas, apesar disso, mostra potencial de contribuição para o contexto de parques urbanos.

Conforme apresentado por Hornback e Eagles (1999), os programas de monitoramento de uso podem ter diferentes níveis de complexidade e de precisão e devem ser desenvolvidos de acordo com as necessidades relacionadas à gestão e ao número de funções que ele deve atender. Quanto mais elevado o nível, mais recursos são necessários em termos de pessoal, tempo e equipamento. Segundo os autores, mesmo o nível mais simples precisa, ao menos, investir esforços em: a) coletar os dados, b) resumir os dados, c) analisar os dados e d) interpretar os dados para serem utilizados na gestão.

Para o desenvolvimento de um sistema de monitoramento de uso, Martins (2014) apresenta cinco etapas: a) definição de objetivos; b) identificação de fenômenos a serem monitorados; c) definição de indicadores¹³ de monitoramento; d) coleta de dados; e) sistematização e análise de dados. De maneira similar, Watson et al. (2000) apresentam cinco etapas: a) definição de objetivos; b) definição de características específicas a serem medidas; c) definição de técnicas de coleta de dados; d) definição da estratégia de amostragem; e) definição de técnicas de análise de dados e síntese. Watson et al. (2000) enfatizam que a falta de algum desses elementos no sistema pode levar a coleta de dados a ter pouco valor e, devido ao

¹³ Indicadores são parâmetros específicos e mensuráveis, com a finalidade de permitir comparações no tempo e no espaço, que podem refletir as condições de determinado recurso ou medir e acompanhar a evolução de fenômenos (ASTLEITHNER et al., 2004; CHAN; MARAFA, 2006; VAITSMAN; RODRIGUES; PAES-SOUSA, 2006).

investimento necessário, é importante obter o máximo retorno dos dados e evitar análises inadequadas.

A partir do trabalho de Muhar, Arnberger e Brandenburg (2002) é possível acrescentar ainda alguns aspectos relevantes em relação ao monitoramento de uso: a) é fundamental utilizar um conjunto de técnicas para compensar as desvantagens de cada uma e tornar possível complementações, comparações e correlações de dados; b) na contagem de pessoas, deve haver diferenciação em grupos entre quem está visitando e quem não está (funcionários, por exemplo) para possibilitar diferentes análises; b) em caso de identificação e mensuração de atividades, é essencial que isso ocorra, ao menos, nos principais espaços; c) é fundamental que se tenha dados das diferentes estações do ano e de outras influências externas, como condições do tempo, horário e etc. para o entendimento da dinâmica de uso.

A partir da literatura, foi possível compreender os esforços necessários para o desenvolvimento de um sistema de monitoramento. É válido salientar que a presente pesquisa não se propõe a tal feito. No entanto, as etapas apresentadas por Watson et al. (2000) e Martins (2014) acerca do tema se mostram fundamentais para orientar a captura e o processamento dos dados nesta pesquisa.

2.4 INFORMAÇÕES DE USO DE PARQUES URBANOS

É importante elucidar a distinção entre dados e informações a partir da literatura condizente com a adotada nesta pesquisa. Segundo Angeloni (2003), dados são elementos brutos, sem significado, desvinculados da realidade e que constituem a matéria-prima da informação. Já as informações, ainda conforme a autora, são dados com significado, dotados de relevância e propósito, ou seja, são dados processados e contextualizados. De maneira semelhante, Schipperijn et al. (2005) afirmam que dados são a forma mais básica da informação, entendidos como o resultado direto de medições, gravações ou cálculos. Segundo os mesmos autores, dados se tornam informações assim que são colocados em um contexto mais amplo e uma primeira análise do significado dos resultados pode ser realizada.

A partir do intuito de gerar informações a respeito do uso dos parques urbanos, faz-se necessário compreender acerca das interações entre pessoas e o ambiente construído, assim como a qualidade desses espaços a partir do ponto de vista dos usuários. Segundo Roméro e Ornstein (2003), a qualidade é conceituada como os aspectos do produto/serviço que satisfazem as necessidades do usuário, ou seja, está associada ao desempenho satisfatório dos ambientes e das relações ambiente e comportamento. A averiguação destas relações e da qualidade do ambiente é realizada através de avaliações pós-ocupação (APO) que, segundo os mesmos autores, tratam-se de uma série de métodos e técnicas para diagnóstico do ambiente no decorrer do uso, levando em consideração o ponto de vista dos avaliadores e dos usuários. Após geradas as informações, através da captura e do processamento de dados no monitoramento de uso, tais informações podem ser utilizadas no trabalho de gestão dos parques urbanos.

Conforme apresentado por Schipperijn et al. (2005), estratégias baseadas em informação auxiliam a tomada de decisão dentro do processo de gestão, o que significa que informações de qualidade e atualizadas são fundamentais. Para os autores, a informação é considerada de alta qualidade quando objetiva, confiável, representativa e comparável. Schipperijn et al. (2005) enfatizam que as informações devem ser planejadas de tal maneira que possibilitem o auxílio efetivo à finalidade proposta. Os autores apresentam ainda que, a partir da perspectiva de gestão de áreas verdes urbanas¹⁴, a informação deve ter as seguintes características: estar disponível, ser de fácil acesso, ser de fácil entendimento, ser de fácil utilização, além de não demandar demasiados recursos e tempo para coleta de dados, utilização ou atualização.

Pôde-se perceber na literatura que diferentes tipos de dados referentes ao uso, tanto quantitativos quanto qualitativos, podem ser coletados para contribuir com informações relevantes para a gestão. Os dados referentes ao monitoramento de uso no contexto de áreas de proteção/conservação ambiental, apresentados por Hornback e Eagles (1999) e Watson et al. (2000), podem ser interpretados como dois grandes grupos de dados complementares quando pensados no contexto de parques urbanos: a) características referentes à utilização do parque: estimativa do número de usuários, distribuição de usuários, atividades realizadas

¹⁴ Os autores abordam o assunto informação no contexto de *urban forestry*, uma das áreas de estudo referente a gestão e planejamento de áreas verdes urbanas.

pelos usuários, etc.; e b) características referentes aos usuários do parque: demografia, condutas acerca da utilização do parque, atitudes, expectativas, percepções, valores, desejos, necessidades, etc.

Walker (2004b) apresenta exemplos de informações e como podem auxiliar na gestão de parques urbanos: saber quem utiliza o parque em comparação à comunidade na área de abrangência, o que pode mostrar se determinados grupos estão sendo desfavorecidos; saber como as pessoas utilizam o parque, o que pode identificar se as instalações estão sendo muito, pouco ou mal utilizadas para ajudar no direcionamento de investimentos; saber por que os membros da comunidade utilizam ou não utilizam o parque, o que pode guiar esforços para divulgação ou iniciativas para melhorar o que é oferecido; saber quais as características tem valor aos usuários, o que pode ajudar a resolver conflitos de interesses a respeito de prioridades no parque.

Também no sentido de compreender a utilização de espaços públicos e as necessidades dos usuários, Gehl e Svarre (2013) orientam acerca da realização de estudos que parecem contribuir para o contexto de parques urbanos. Os autores utilizam cinco questões como forma de apresentar informações relevantes e exemplificam suas possíveis contribuições: a) “Quantos?”: a contagem de usuários gera informações quantitativas que podem ser utilizadas como argumentos em processos de tomada de decisão, além disso, através da comparação de informações é possível avaliar o sucesso após a implantação de projetos de melhoria; b) “Quem?”: a identificação dos grupos que utilizam um espaço e seu comportamento pode auxiliar no direcionamento de esforços para atender diferentes necessidades; c) “Onde?”: a identificação de locais nos quais usuários e atividades se concentram pode indicar preferências, já o conhecimento sobre os espaços nos quais as pessoas se movem ou permanecem pode ajudar a revelar barreiras e identificar locais para disposição de caminhos de pedestres e de mobiliário urbano; d) “O quê?”: saber quais atividades ocorrem pode auxiliar no entendimento das características necessárias para o espaço; e) “Por quanto tempo?”: saber a velocidade de caminhada e o tempo de permanência dos usuários nos espaços pode fornecer informações sobre a qualidade do ambiente.

De maneira complementar, o trabalho de McCormack et al. (2010) apresenta alguns fatores que influenciam no uso de parques urbanos: a) estrutura física¹⁵: abrange o que o parque oferece de espaços, equipamentos e outros elementos; b) estado de conservação: engloba manutenção, limpeza, ocorrência de vandalismo e etc.; c) acessibilidade: compreende proximidade, disponibilidade de transporte, sentimento de segurança e etc.; d) estética: é relacionada à atratividade e tem influência da presença de elementos naturais, do estado de conservação e etc.; e) segurança: refere-se ao sentimento de segurança, que pode ser influenciado pela presença de usuários indesejados, iluminação, vandalismo, etc. Segundo McCormack et al. (2010), os fatores apresentados se sobrepõem e se reforçam mutuamente tanto de forma positiva quanto negativa.

A literatura apresentada embasou a decisão de utilizar dois grupos de dados complementares no estudo de caso desta pesquisa: características referentes ao uso do parque urbano e características referentes aos usuários do parque urbano. Além disso, a literatura orientou a definição dos dados a serem coletados e permitiu a compreensão de características necessárias para que a informação, gerada a partir da captura e do processamento de dados, pudesse ser utilizada no processo de gestão.

A partir da literatura também foi possível selecionar termos para identificar de maneira clara os grupos de pessoas que usam os parques urbanos, a partir do tipo e da frequência de uso. Tal diferenciação foi fundamental para organizar e orientar a coleta e a análise de dados durante o desenvolvimento da pesquisa e, com isso, gerar informações mais precisas. Portanto, no estudo de caso, o termo usuário passou a ser utilizado para um grupo específico e, complementarmente, outros termos foram adotados. Tendo como base os trabalhos de Dunnett, Swanwick e Woolley (2002) e de Hornback e Eagles (1999), foram definidos os seguintes constructos, conforme apresentados no Quadro 3.

¹⁵ Os autores utilizam o termo *features*.

Constructo	Definição
Usuário	É quem frequenta o local mais de uma vez por ano para atividades ligadas ao esporte, recreação ou lazer ¹⁶ e que esteve no local há menos de um ano. Esse grupo é subdividido em dois: usuário pouco-frequente e usuário frequente.
Usuário pouco-frequente	É o usuário que frequenta o local menos de uma vez por mês.
Usuário frequente	É o usuário que frequenta o local uma vez por mês ou mais.
Não-usuário	É quem não frequenta o local ou quem frequenta menos de uma vez por ano para atividades ligadas ao esporte, recreação ou lazer ou quem foi pela última vez há mais de 1 ano. É considerado usuário em potencial.
Visitante	É quem está no local em determinado momento para atividades ligadas ao esporte, recreação ou lazer, independentemente se é usuário ou não-usuário.
Não-visitante	É quem está no local em determinado momento para atividades não ligadas ao esporte, recreação ou lazer. Por exemplo: funcionário, guarda, morador de rua, comerciante e guardador de carro.

Quadro 3: Constructos de diferenciação de grupos de pessoas que usam parques urbanos.

2.5 PROCEDIMENTOS PARA O MONITORAMENTO DE USO

Os conceitos acerca de métodos, técnicas, ferramentas e instrumentos são variados na literatura e, por vezes, possuem significados semelhantes entre si. Segundo Gil (2008), métodos são um conjunto de procedimentos gerais que possibilitam o desenvolvimento de uma investigação científica ou de significativa parte dela. Segundo o autor, geralmente os métodos não são aplicados rigorosamente e exclusivamente, mas sim combinados de acordo com a necessidade da pesquisa. O autor expõe ainda que alguns autores incluem como métodos procedimentos mais específicos de coleta de dados, como questionários e entrevistas, diferentemente da sua visão, que considera esses procedimentos como técnicas.

Lay e Reis (2005, p. 24) adotam como diferenciação entre método e técnica: “método pressupõe processo, intenção, enquanto técnica diz mais especificamente sobre a materialização ou operacionalização da intenção; um mesmo método pode se servir de diferentes técnicas; um método tem um fim, enquanto a técnica serve às intenções do método para atingir esse fim”. Para ilustrar, os autores mencionam alguns métodos utilizados para coleta de dados: observações, entrevistas, mapas mentais, questionários e levantamentos físicos. Além disso, os autores expõem algumas técnicas disponíveis para a aplicação dos métodos e registro das informações: observações podem ser registradas com fotografias,

¹⁶ Esta pesquisa teve como foco os usuários que utilizam os parques urbanos para atividades ligadas ao esporte, recreação ou lazer e, por isso, adotou tal restrição. Porém, é importante ter em mente que usuários de parques urbanos englobariam também pessoas que trabalham ou que moram nesses espaços.

mapas comportamentais, anotações, etc. Segundo os autores, no caso de observações, o uso de fotografias não seria considerado um método e sim uma técnica de registro.

Nesta pesquisa foram adotados constructos para auxiliar na diferenciação entre os procedimentos. Definiu-se método como um procedimento geral e flexível de coleta de dados. Já a técnica foi definida como um procedimento mais específico e rigoroso. Para ferramenta foi adotada a definição de recurso, físico ou não, que auxilia na realização de determinadas tarefas para atingir objetivos (OXFORD, 2005) como, por exemplo, *smartphones*, *softwares* e aplicativos. Já para instrumento, definiu-se como um elemento desenvolvido para determinado fim na pesquisa (GOLAFSHANI, 2003), como é o caso de um roteiro de questionário, composto um conjunto de questões desenvolvidas para uma coleta de dados.

A partir da literatura sobre uso e sobre monitoramento de uso, foi possível identificar alguns procedimentos recorrentes para coleta e análise de dados: a) questionários: aplicados presencialmente, por telefone ou pela internet; b) entrevistas: aplicadas presencialmente ou por telefone; c) observações: realizadas de forma direta (através de pessoal) ou indireta (através de câmeras de vídeo); d) utilização de dispositivos automáticos de contagem (como sensores); e) mapeamentos diversos: de traços de uso, de movimentação, de número de pessoas e atividades (GEHL; SVARRE, 2013; HORNBACK; EAGLES, 1999; MARCUS; FRANCIS, 1998; MUHAR; ARNBERGER; BRANDENBURG, 2002).

Já na literatura de APO, foram identificados procedimentos para coleta e análise de dados, apresentados no Quadro 4, junto a comentários sobre o potencial de utilização no monitoramento de uso de parques urbanos.

Procedimento	BREVE DESCRIÇÃO	COMENTÁRIOS
Questionário	Método que compreende um conjunto de questões que são submetidas a pessoas para obtenção de dados; pode ser autoaplicável ou aplicado oralmente pelo pesquisador; pode atingir um grande número de pessoas (GIL, 2012).	Viável e indicado, seja pela facilidade de aplicação quanto pela possibilidade de obter informações quantitativas.
Entrevista	Método no qual o investigador se apresenta em frente ao entrevistado e lhe formula perguntas para obter informações; é bastante eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano (GIL, 2012).	Viável.
<i>Laddering</i>	É uma técnica que engloba entrevista em profundidade, adequada à avaliação qualitativa, que auxilia na compreensão de significados, atitudes e comportamentos de entrevistados. Estimula o respondente a se aprofundar sobre as razões que o levaram a reconhecer determinado atributo, consequências advindas de cada opção e valores pessoais envolvidos (MARTINS; THEOPHILO, 2007). Com os resultados da técnica é possível criar Mapas de Hierarquia de Valor, que são dispositivos visuais que ajudam na compreensão dos resultados.	Pode contribuir com informações qualitativas, porém demanda grande quantidade de tempo e esforço, o que a faz parecer inviável.
Grupo Focal	Método de entrevista em profundidade, realizada em grupo para discussão de um tópico específico (MARTINS; THEOPHILO, 2007). É útil para explorar as atitudes e opiniões para grupos de usuários (WALKER, 2004b).	Inviável pois demanda grande envolvimento de um grupo de usuários, com horário marcado e despendimento de algumas horas dos mesmos para sua realização.
Observação	Método em que o pesquisador observa o local de interesse. Pode ser de caráter exploratório ou sistemático; permite perceber os fatos diretamente, sem intermediação (ORNSTEIN; BRUNA; ROMÉRO, 1995).	Viável e indicada.
<i>Walkthrough</i>	Método que combina simultaneamente observação e entrevista; é um percurso dialogado complementado por fotografias, croquis gerais, gravações de áudio e de vídeo, no qual os aspectos físicos servem para articular as reações dos participantes em relação ao ambiente; possibilita a identificação dos aspectos negativos e positivos dos ambientes analisados; permite identificar, descrever e hierarquizar quais aspectos do ambiente ou de seu uso merecem estudos mais aprofundados (RHEINGANTZ et al., 2009).	Viável e interessante de ser utilizada devido à sua flexibilidade. Existe a possibilidade de se utilizar observações sistemáticas para obter as informações de interesse na pesquisa.
Mapa Comportamental	Método que permite identificar atividades e comportamentos padrão dos usuários; apresentado de forma gráfica (ORNSTEIN; BRUNA; ROMÉRO, 1995). É útil para identificar imagens, atributos reconhecidos, expectativas e condutas potenciais dos indivíduos (RHEINGANTZ et al., 2009).	Se mostra inviável pois demanda tempo para ser aplicado (diversas horas, diversos dias da semana e repetidamente).
Poema dos Desejos	Utilizado em abordagens participativas, é um instrumento não estruturado e de livre expressão que se baseia na espontaneidade das respostas; os usuários de um ambiente declaram, por meio de palavras, sentenças ou desenhos, suas necessidades, sentimentos e desejos sobre o ambiente (RHEINGANTZ et al., 2009).	Não parece indicado devido à subjetividade dos dados.

Quadro 4: Procedimentos de APO e potencial para o monitoramento de uso.

A partir da literatura, foi possível identificar algumas ferramentas utilizadas para coleta e análise de dados, como *softwares* e aplicativos. Quando utilizado o método do questionário para coletar dados, algumas pesquisas (REIS et al., 2016; SILVA, 2014) tem utilizado ferramentas para criar e disponibilizar o instrumento de coleta através da internet, como é o caso do *software online* LimeSurvey. Já quando utilizado o método do *walkthrough* para coletar dados, Natalino et al. (2016) apresenta vantagens na utilização do aplicativo Google Keep no *smartphone*, que permite: organizar facilmente anotações e fotografias; anexar imagens e desenhar sobre elas; agrupar itens a partir de cores e marcadores (Figura 3). Em relação à análise de dados, Hornback e Eagles (1999) mencionam a possibilidade de utilização de *softwares* que permitam inserir e organizar dados em planilhas, como o Excel. Já para realizar análises estatísticas, os autores mencionam o *software* SPSS.

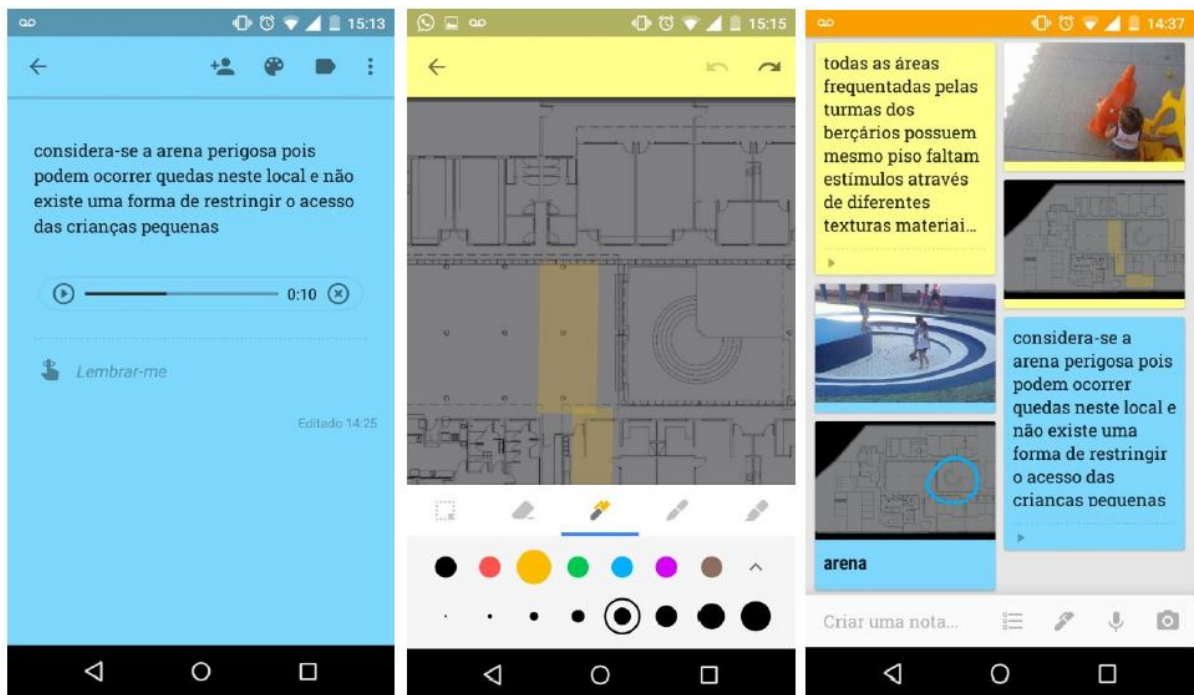


Figura 3: Aplicativo Google Keep na versão para *smartphone*.
Fonte: Natalino et al. (2016).

A respeito da apresentação de resultados, Rheingantz et al. (2009) apresenta a matriz de descobertas, que é um instrumento que permite a apresentação de informações de maneira gráfica, facilitando a leitura e a compreensão. Costuma ser utilizada para reunir e apresentar informações decorrentes de APO e se trata de um documento-síntese vinculado a relatórios. Os autores expõem que, além de ser um instrumento de registro, é também um instrumento

de análise, pois durante sua elaboração acontece a seleção de informações e a identificação de relações entre elas. Na Figura 4 é apresentado um exemplo de matriz de descobertas, a qual tinha como objeto de análise uma edificação.

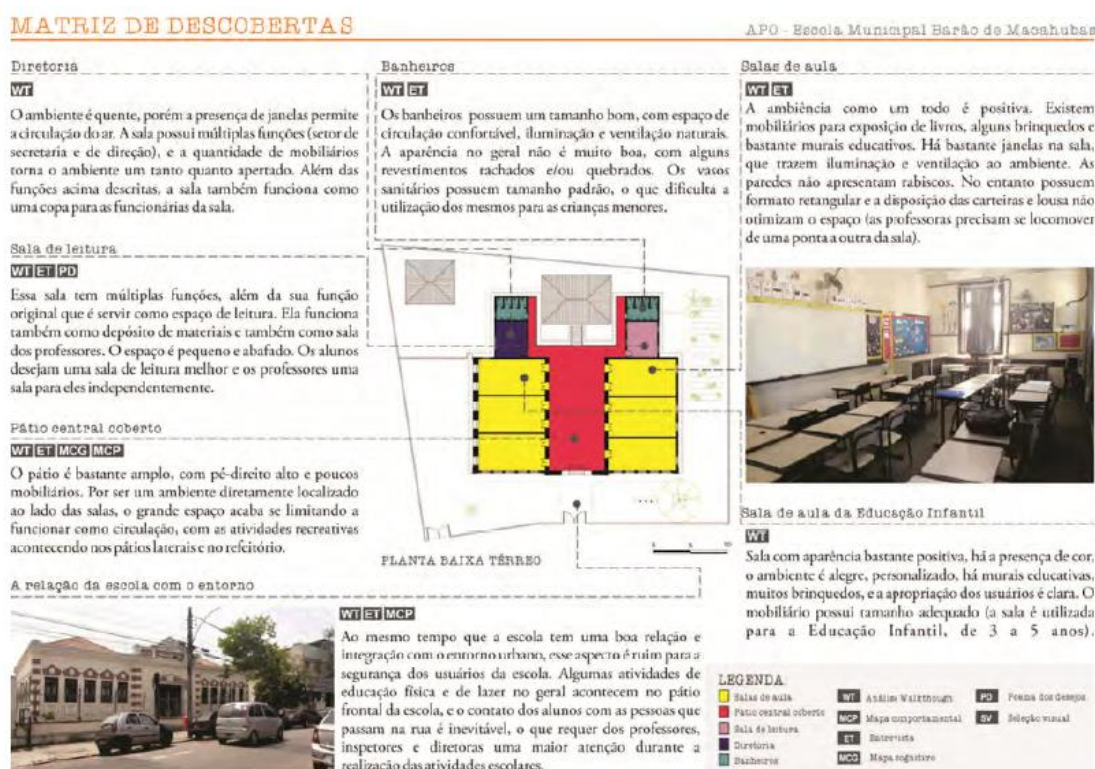


Figura 4: Exemplo de uma matriz de descobertas.

Fonte: Gomes e Azevedo (2016).

A partir da literatura apresentada, foi possível definir dois métodos para serem utilizados na coleta de dados nesta pesquisa, com o intuito de serem aplicados e analisados criticamente e levando em consideração a viabilidade de utilização dos mesmos no contexto de monitoramento de parques urbanos. O *walkthrough* foi selecionado por possibilitar gerar informações sobre o uso do PMB, tanto quantitativas quanto qualitativas. No mesmo sentido foi selecionado o questionário, contribuindo também com o ponto de vista dos usuários e não-usuários. Da mesma maneira, foi possível identificar ferramentas e instrumentos para utilização na pesquisa. Já a técnica *laddering*, entendida como não adequada¹⁷ para ser utilizada no monitoramento, foi selecionada para auxiliar na análise crítica para corroborar (ou refutar) informações geradas a partir dos métodos *walkthrough* e questionário.

¹⁷ Entende-se que a *laddering* não seria adequada por ser uma entrevista em profundidade, que demanda maior tempo, não compatível com coletas expeditas e sistemáticas para o monitoramento.

2.6 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA SOBRE O USO

O uso de parques urbanos diz respeito a presença de pessoas pelas mais variadas razões. Apesar do contato com a natureza ser uma motivação bastante mencionada por usuários, observações sobre o que as pessoas fazem nos parques urbanos sugerem que o contato social é igualmente importante para elas (MARCUS et al., 1998). As pessoas podem ir a esses espaços em companhia de outras, podem ir esperando encontrar frequentadores regulares, podem ir para conhecer novas pessoas ou mesmo para observar as pessoas no geral (MARCUS et al., 1998).

Carr et al. (2007) expõem que o uso pode ocorrer de forma ocasional, inesperada, como local de passagem ou mesmo de forma planejada. Segundo os autores, a maioria das pessoas vai a esses espaços por razões específicas que envolvem o atendimento de necessidades, como: a) conforto: diz respeito às condições que permitam o bem-estar no ambiente; b) relaxamento: estado mais profundo de conforto, no qual o corpo e mente ficam à vontade; c) envolvimento passivo: experienciar o ambiente sem se envolver ativamente, como um espectador; d) envolvimento ativo: experienciar o ambiente de forma direta, como através de movimento e interação com outras pessoas; e) descoberta: relacionado ao desejo por estímulos e ao prazer por novas experiências agradáveis.

O uso de parques urbanos depende de um conjunto de fatores que abrange desde aspectos físicos até aspectos subjetivos, relacionados às pessoas e ao ambiente. A partir da literatura, foram selecionados alguns fatores que influenciam no uso de parques urbanos, com o intuito de embasar e orientar um conjunto de informações com potencial de serem geradas como parte desta pesquisa. Os fatores são os seguintes: a) acessibilidade, b) adequação da estrutura, c) aparência, d) segurança, e) vegetação, f) atividades e eventos (BARAN et al., 2014; CAMPBELL et al., 2016; DUNNETT; SWANWICK; WOOLLEY, 2002; EDWARDS et al., 2015; JACOBS, 2011; LAPHAM et al., 2016; LIN et al., 2014; MARCUS et al., 1998; MARUTHAVEERAN; VAN DEN BOSH, 2015; MCCORMACK et al., 2010; MURATET et al., 2015; WANG et al., 2015; WENDEL; ZARGER; MIHELICIC, 2012). É importante salientar que os critérios de seleção foram: a) recorrência na literatura e b) o potencial de serem geradas informações sobre eles no estudo de caso e, portanto, sua viabilidade na pesquisa. Entende-se que gerar informações

acerca dos fatores apresentados pode contribuir na compreensão da realidade dos parques urbanos, principalmente a partir da percepção dos usuários, e isso pode orientar o direcionamento de esforços para a melhoria de aspectos negativos com o intuito de encorajar o uso.

2.6.1 Acessibilidade

Segundo Lynch (2007), acessibilidade é a capacidade de alcançar outras pessoas, atividades, serviços ou locais, considerando também a quantidade e a diversidade de elementos que podem ser alcançados. O autor explicita que a acessibilidade não acontece de maneira igualitária para as pessoas devido às diversas limitações como, por exemplo, capacidade de mobilidade, faixa etária, classe social e mesmo raça. A busca na igualdade de acesso entre diferentes grupos da população é importante (LYNCH, 2007), até porque, existem disparidades na oferta e no acesso às áreas verdes, muitas vezes sendo inferiores nas comunidades de baixa renda (WENDEL; ZARGER; MIHELICIC, 2012).

Conforme apresentado na literatura, a acessibilidade de parques urbanos engloba diferentes aspectos como, por exemplo: proximidade das residências, possibilidade de deslocamento a pé, oferta de transporte público (MCCORMACK et al., 2010), facilidade de acesso e de uso para idosos e pessoas portadoras de necessidades especiais, disponibilidade de estacionamento (DUNNETT; SWANWICK; WOOLLEY, 2002), existência de barreiras físicas (HARNIK, 2003) ou mesmo de barreiras subjetivas, como a percepção de aspectos negativos dos espaços (WENDEL; ZARGER; MIHELICIC, 2012). Além disso, a acessibilidade também varia de acordo com a hora do dia e a estação do ano (LYNCH, 2007).

Dunnett, Swanwick e Woolley (2002) apresentam a sinalização como um importante atributo de parques urbanos, principalmente para portadores de necessidades especiais. Segundo os autores, centros de informação também podem encorajar o uso, principalmente por pessoas que não costumam ir frequentemente. Outro atributo relacionado à acessibilidade é a iluminação artificial, já que permite a utilização de espaços também durante a noite, como no caso de áreas esportivas (BASSO, 2001). O cercamento em parques urbanos é mais um

atributo que pode influenciar no uso, já que limita os pontos de acesso e pode dificultar rotas de passagem (GREGOLETTO et al., 2013).

É importante salientar que, mesmo que uma população more próxima a um parque, isso não significa que vá utilizá-lo, já que o uso tem influência de outros fatores, incluindo a percepção de acessibilidade (LARSON; JENNINGS; CLOUTIER, 2016). Wang et al. (2015) consideram a acessibilidade percebida como o resultado da avaliação do indivíduo em relação a diversos atributos de acesso a um parque como, por exemplo, a conexão de caminhos de pedestre, proximidade e transporte. Segundo os mesmos autores, essa avaliação influencia na intenção de uso do parque.

2.6.2 Adequação da estrutura física

Para Lynch (2007), adequação é o grau em que os espaços e objetos se adaptam ao padrão comportamental de determinado contexto, estando ligada a características do corpo humano e a expectativas. Segundo o autor, a adequação também tem relação com conforto, satisfação e eficácia. Quando mencionado na literatura internacional acerca de tipos de espaços, características e elementos físicos de parques urbanos, percebeu-se a utilização dos seguintes termos, os quais foram definidos a partir de Oxford (2005): a) *feature*: atributo importante, interessante ou característico de um local; b) *facility*: espaço ou equipamento usado para um determinado propósito ou atividade; c) *amenity*: atributo que faz um local ser agradável, confortável ou fácil de utilizar.

Devido à dificuldade de identificar na literatura de Língua Portuguesa um termo amplamente utilizado que englobasse os significados apresentados, optou-se pela utilização do termo estrutura física. Segundo Michaelis (2015), estrutura pode ser definida como: parte essencial de algo; formação. No trabalho de Silva et al. (2016), os autores se referem à estrutura como sendo um conjunto de espaços e equipamentos para prática de lazer e atividade física nos espaços públicos. Ainda, para diferenciar o termo estrutura utilizado na área ambiente-comportamento como uma categoria de atributos e características físico-espacial do ambiente (REIS; LAY, 2006), optou-se por utilizar o termo estrutura física. Desta forma, estrutura física se refere ao conjunto de atributos de um parque urbano que são oferecidos

aos usuários a fim de dar suporte às diversas atividades, abrangendo diferentes tipos de espaço, cada qual com seu propósito, e seus componentes como, por exemplo, mobiliário urbano e equipamentos.

É importante que um parque urbano ofereça uma estrutura física que oportunize o uso por diferentes grupos (BARAN et al., 2014), de forma que o maior número possível de pessoas possa usufruir desses espaços e de seus benefícios. Uma estrutura física que propicia a diversidade de atividades incentiva a presença de usuários em diferentes horários (REIS; LAY, 2006) e contribui, também, no aumento da sensação de segurança (JACOBS, 2011). Segundo Marcus et al. (1998), grupos de crianças, adolescentes, idosos e portadores de necessidades especiais muitas vezes não têm suas necessidades reconhecidas e atendidas. Isso vai ao encontro do que é apresentado por Lindberg e Schipperijn (2015), de que a estrutura física de parques urbanos definida por projetistas muitas vezes não condiz com a real necessidade dos usuários.

O trabalho de Dunnett, Swanwick e Woolley (2002) apresenta que uma estrutura física pobre em espaços de interesse para os usuários pode ser motivo de não-uso de um parque urbano. Segundo os autores, atributos com potencial de encorajar o uso podem ser cafés, bancos, lixeiras, centros de informação, áreas para crianças brincar e áreas esportivas. Os autores comentam também a respeito da importância de sanitários, que costumam ser uma preocupação, quando insuficientes ou em más condições, principalmente para idosos e portadores de necessidades especiais. Já McCormack et al. (2010) mencionam trilhas, sejam naturais ou construídas, como um atributo importante para o uso, principalmente de adultos. Os autores complementam que churrasqueiras, fontes d'água, mesas de piquenique também são importantes atributos utilizados por jovens e adultos.

Lindberg e Schipperijn (2015) afirmam que alguns grupos usam mais os parques urbanos em relação a outros e que isso pode ser influência da estrutura física oferecida, já que determinados espaços e atividades atraem públicos específicos. Nesse sentido, Baran et al. (2014) expõe alguns exemplos: espaços para esportes organizados, como quadras de basquete, atraem mais homens em comparação a mulheres, sejam jovens ou adultos; já espaços para atividade passivas, como áreas de piquenique, que suportam funções sociais,

atraem jovens e adultos. Por esse motivo, Lindberg e Schipperijn (2015) enfatizam a importância que a estrutura física oferecida conte com atrativos para grupos que utilizam menos os parques urbanos, a fim de atraí-los.

Conforto é uma necessidade humana e um aspecto importante relacionado à estrutura física de parques urbanos que influencia no uso e na satisfação dos usuários, conforme Carr et al. (2007). O conforto abrange diferentes dimensões, como física, psicológica e social, das quais os autores apresentam exemplos: bancos em quantidade suficiente e com localização e orientação adequadas, que propiciem atividades como ler, comer, conversar, descansar, cuidar de crianças e etc.; espaços com disponibilidade de luz solar e de sombra, assim como abrigos para chuva; acesso a água e comida; boa visibilidade para melhorar a sensação de segurança.

2.6.3 Aparência

Conforme apresentado por Reis e Lay (2006), a aparência é uma característica físico-espacial de um ambiente, relacionada a aspectos formais e simbólicos, que está ligada à experiência estética do usuário. Segundo Lynch (1960), a aparência faz parte do processo de construção da imagem do ambiente pelo indivíduo, no qual os elementos influenciam na avaliação do lugar e o tornam o mais ou menos atraente. É importante mencionar também que a aparência positiva é importante para a satisfação com o espaço urbano (SILVA, 2009).

A conservação de parques urbanos, nesta pesquisa entendida como manutenção e limpeza, é um fator que pode influenciar tanto positiva quanto negativamente na sua aparência (BASSO, 2001). Como exemplos de atributos negativos, pode-se citar: mobiliário urbano e sanitários em mau estado de conservação (BASSO, 2001; DUNNETT; SWANWICK; WOOLLEY, 2002), vandalismo, presença de lixo e de fezes de animais (MCCORMACK et al., 2010). Segundo Lay (1995), a manutenção adequada da vegetação, do mobiliário urbano e dos demais elementos, além da ausência de lixo, são fundamentais para a satisfação com a aparência e que ambientes negligenciados tendem a apresentar ocorrências de mal uso. Percebe-se, então, a importância

da conservação e da aparência positiva do ambiente, já que exercem influência na sua atratividade¹⁸, ou seja, no seu potencial de atrair pessoas (LAY, 1995; SILVA, 2009).

A vegetação é um dos atributos do ambiente mais apreciados pelas pessoas (SCHROEDER, 1989) e é frequentemente relacionado à aparência positiva de espaços abertos (REIS; LAY, 2010). Ambientes com a presença de vegetação, principalmente de árvores, tendem a ser preferidos quando comparados a ambientes sem vegetação (ULRICH, 1986). Outros exemplos de atributos positivos relacionados à vegetação e ao contato com a natureza são jardins, gramados, flores, corpos d'água, ar puro, diversidade de aromas, sons da natureza e quietude (MCCORMACK et al., 2010).

É importante mencionar que, além dos elementos naturais, os parques urbanos geralmente possuem elementos construídos, como edificações que fazem parte de sua estrutura física. Tais elementos podem influenciar negativamente na aparência, principalmente quando possuem cor, textura, forma ou tamanho contrastantes com a paisagem natural (SCHROEDER, 1989).

2.6.4 Segurança

Nesta pesquisa, a segurança física e psicológica dos usuários diz respeito à sua integridade física, a sentir-se confortável e não vulnerável ao estar em parques urbanos (CARR et al., 2007; FRANCIS, 1987). A segurança nesses espaços está ligada tanto a aspectos sociais quanto a características físico-espaciais (BASSO, 2001). O medo dos usuários pode decorrer também de experiências prévias, do conhecimento de ações que costumam acontecer no local e também de informações negativas divulgadas pela mídia e por outros indivíduos (MARUTHAVEERAN; VAN DEN BOSH, 2015; SILVA, 2009; ZANOTTO, 2002). Marcus et al. (1998) expõem que muitas pessoas são desencorajadas a usar parques urbanos devido ao temor em relação à segurança pessoal.

¹⁸ Um indivíduo avalia a atratividade a partir do que o espaço pode oferecer para a satisfação de suas necessidades momentâneas, pesando os custos e recompensas do deslocamento até o local (SILVA, 2009).

Uma das preocupações é em relação ao trânsito, já que a alta velocidade de veículos nas vias adjacentes aos parques urbanos pode causar sensação de perigo (BASSO, 2001; DUNNETT; SWANWICK; WOOLLEY, 2002). Outra preocupação diz respeito a mobiliário urbano, equipamentos e superfícies que ofereçam segurança no uso para não causarem acidentes e, portanto, necessitam de projeto e manutenção adequadas (DUNNETT; SWANWICK; WOOLLEY, 2002; FRANCIS, 1987).

O crime é outra preocupação frequente em espaços públicos (CARR et al., 2007). Neste sentido, a presença de indivíduos ou atividades indesejáveis como tráfico de drogas, consumidores de bebidas alcólicas, desocupados com aparência de mal intencionados e prostituição acabam gerando desconforto e medo nos usuários (DUNNETT; SWANWICK; WOOLLEY, 2002; MARUTHAVEERAN; VAN DEN BOSH, 2015; REIS et al., 2016). Além disso, alguns atributos podem influenciar negativamente na segurança como, por exemplo: vegetação densa, que pode facilitar que criminosos se escondam; pouca visibilidade, que prejudica a vigilância natural dos usuários nos espaços; barreiras físicas, que dificultam circulação e mesmo fuga em caso de necessidade; presença de vandalismo, que passa a sensação de abandono; policiamento insuficiente; e pouca iluminação (JACOBS, 2011; LAY, 1995; MARCUS et al., 1998; REIS et al., 2016).

Um aspecto importante de ser mencionado é que, de acordo com Carr et al. (2007), através de muitas culturas e épocas as mulheres tem sido ameaçadas em espaços públicos, fazendo com que se sintam menos confortáveis no uso em comparação aos homens. Indo ao encontro disso, Whyte (2007) e Gehl e Svarre (2013) explicitam que lugares mais seguros tendem a ter alta frequência de mulheres na proporção entre os gêneros e, caso isso não ocorra, pode ser um indício que o lugar apresenta problemas de segurança.

Nos parques urbanos, muitos usuários são relutantes em utilizar certas áreas percebidas como inseguras (MARCUS et al., 1998). Alguns recursos utilizados para fazer os usuários se sentirem mais seguros podem incluir: alterações de projeto na configuração físico-espacial do espaço buscando resolver problemas identificados; melhora na conservação; provisão de pessoal para atuar na segurança, como guardas ou policiais; introdução de novas atividades para gerar

maior movimentação de pessoas em horários diversificados; e iluminação artificial adequada para aumentar a visibilidade (JACOBS, 2011; MARCUS et al., 1998; REIS et al., 2016).

Whyte (2007) sugere que a presença de pessoas em um lugar é um atrativo para mais pessoas. E, segundo Jacobs (2011), a presença de pessoas permite a vigilância natural, ou seja, uma vigilância exercida pelos próprios visitantes com um tom mais informal e com menos hostilidade que o policiamento, sendo também mais eficaz. A autora defende também que a vigilância natural depende da existência de atividades diversificadas, que façam as pessoas utilizarem o local por motivos concretos.

2.6.5 Vegetação

Segundo Marcus et al. (1998), uma das razões mais citadas para uso de parques urbanos é para o contato das pessoas com a natureza. Nesse sentido, elementos naturais são muito apreciados, em especial a vegetação (CARR et al., 2007). Além da experiência estética agradável, estudos apresentam fortes evidências que paisagens com vegetação trazem benefícios físicos, psicológicos e emocionais, em especial ligados ao relaxamento, redução de estresse e ao poder de restauração da atenção, melhorando as funções cognitivas (BERMAN; JONIDES; KAPLAN, 2008; KAPLAN, 2001; KAPLAN, 1995; ULRICH, 1981, 1984; ULRICH et al., 1991).

A vegetação tem influência na satisfação dos indivíduos com a aparência do lugar, principalmente de maneira positiva (MONTELLI, 2008). Além disso, a vegetação tem contribuição fundamental para o conforto ambiental nos parques urbanos, já que a folhagem permite a passagem de brisas, atua como barreira à incidência de radiação solar e auxilia na diminuição da temperatura e no controle da luminosidade (MACHADO; RIBAS; OLIVEIRA, 1986).

Apesar dos aspectos positivos, a vegetação pode ter influência negativa em relação a percepção de segurança dos indivíduos caso não forem tomados alguns cuidados. Jansson et al. (2013) expõem que ambientes com elementos vistos como parte de um paisagismo unificado e legível tendem a ser percebidos como mais seguros se comparados com elementos

dísparos, apesar dos segundos serem percebidos como atraentes. Segundo os autores, a densidade da vegetação também deve ser considerada, já que a alta densidade é considerada atraente, porém vista como menos segura. Jansson et al. (2013) complementam que é importante que o paisagismo proporcione visibilidade e que a vegetação receba manutenção adequada.

2.6.6 Atividades, acontecimentos regulares e eventos

Nesta pesquisa, as atividades dizem respeito ao que as pessoas fazem nos parques urbanos, englobando ações individuais ou coletivas, sejam elas organizadas ou não. Por exemplo, para Gehl e Svarre (2013), as principais atividades que ocorrem nos espaços públicos são: caminhar, ficar de pé, sentar e jogar. Os autores explicitam que é possível identificar uma lista quase interminável de atividades e isso depende do tipo de classificação adotada. É importante salientar que as atividades referidas nessa pesquisa abrangem tanto envolvimento ativo do indivíduo, que requer movimentação ou interação com outras pessoas, quanto envolvimento passivo, como estar em relaxamento ao apreciar a paisagem (CARR et al., 2007).

Gehl (2007) apresenta três categorias de atividades que ocorrem nos espaços abertos: a) necessárias: aquelas que envolvem certa obrigatoriedade, como ir ao trabalho ou à escola; b) opcionais: aquelas que são realizadas se houver desejo e se as condições climáticas e o lugar possibilitarem, como passear ou sentar ao sol; c) sociais: aquelas que dependem da presença de outras pessoas, como conversar ou olhar a movimentação de pessoas. Grande parte das atividades que acontecem nos parques urbanos, ligadas à recreação e ao lazer, se enquadram nas atividades opcionais e, por implicação, também nas atividades sociais. Gehl (2007) enfatiza que essas atividades são dependentes das condições físicas do ambiente, ou seja, quando o ambiente é de pouca qualidade, apenas o mínimo de atividades ocorre, mas, quando é de boa qualidade, um amplo espectro de atividades é possível.

Entende-se por eventos como acontecimentos programados, de caráter especial, que envolvem pessoas em atividades (CARR et al., 2007). Eventos são importantes atrativos de usuários para os parques urbanos, como concertos, feiras de artesanato, apresentações artísticas e campeonatos esportivos (CARR et al., 2007; DUNNETT; SWANWICK; WOOLLEY,

2002). Já acontecimentos regulares, que também podem atrair público, são oportunidades de incentivo para a prática de atividades físicas e de contato com a natureza através de programas esportivos e de jardinagem, por exemplo (CAMPBELL et al., 2016; CARR et al., 2007; DUNNETT; SWANWICK; WOOLLEY, 2002). Complementarmente, acontecimentos regulares relacionados ao comércio como, por exemplo, quiosques para alimentação, também são atrativos e podem gerar receita que pode ser revertida¹⁹ para a conservação dos parques urbanos (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2000 apud RYAN, 2006).

Tyrväinen et al. (2005) expõem sobre a existência de uma demanda crescente por entretenimento, esporte e recreação por parte da população urbana e que, nesse sentido, é esperado que os parques urbanos ofereçam acontecimentos programados e eventos. Para que isso seja possível, é fundamental que a estrutura física do espaço e a estrutura organizacional ligada à gestão permitam esse tipo de acontecimento (GUSTAVSSON et al., 2005; TYRVÄINEN et al., 2005). Segundo Ryan (2006), parques urbanos de sucesso fornecem condições que possibilitem uma gama diversificada de atividades, o que aumenta a diversidade de usuários e melhora a percepção de segurança.

2.6.7 Temas selecionados para desenvolvimento no estudo de caso

A partir da literatura apresentada em relação aos fatores que influenciam no uso de parques urbanos (itens 2.6.1 a 2.6.6), foi possível compreender a complexidade envolvida no uso dos espaços, já que cada um dos fatores é relacionado a diversos outros. Nesta pesquisa, o entendimento acerca dos fatores expostos permitiu a seleção de temas a partir dos quais seriam geradas informações no estudo de caso, através da observação do uso do PMB e também da percepção dos seus usuários. Os temas definidos foram os seguintes (Quadro 5): a) acessibilidade; b) estrutura física; c) conservação e aparência; d) segurança; e) atividades, acontecimentos regulares e eventos.

¹⁹ É necessário que o processo de gestão esteja desenhado de forma a possibilitar a utilização da receita gerada pelo próprio parque.

Tema	Descrição
Acessibilidade	Capacidade de alcançar, chegar até o parque urbano e utilizá-lo. Envolve aspectos objetivos e subjetivos.
Estrutura física	Conjunto de atributos de um parque urbano que são oferecidos às pessoas a fim de dar suporte às diversas atividades que nele ocorrem. Abrange os diversos espaços e seus componentes.
Conservação e aparência	A conservação engloba manutenção e limpeza e exerce influência na aparência do ambiente. Já a aparência é uma característica físico-espacial do ambiente, que está ligada à experiência estética do usuário. A vegetação é um atributo fortemente relacionado à aparência.
Segurança	Compreende a integridade física das pessoas e o sentimento de estar confortável e não vulnerável no ambiente.
Atividades, acontecimentos regulares e eventos	Atividades são as ações individuais ou coletivas das pessoas nos parques urbanos. Já os eventos são acontecimentos programados e de caráter especial, que se diferenciam dos acontecimentos regulares, com caráter permanente ou frequente, mas ambos envolvem pessoas em atividades.

Quadro 5: Temas definidos para a geração de informações no estudo de caso.

2.7 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA SOBRE USUÁRIOS

A contribuição do ponto de vista dos usuários dos parques urbanos é fundamental no conjunto de informações sobre o uso desses espaços. Nesse sentido são apresentadas contribuições da literatura relacionadas à percepção ambiental, à satisfação e à percepção de valor, já que se mostram importantes para a compreensão de como os usuários percebem e avaliam o ambiente construído.

2.7.1 Percepção ambiental

Segundo Reis e Lay (2006), o conceito de percepção tem sido entendido de duas maneiras: a primeira é relacionada à experiência do usuário no espaço apenas através dos sentidos, já a segunda é relacionada à experiência do usuário no espaço através, além dos sentidos, de fatores como memória, personalidade e cultura. Os autores explicam que, na segunda abordagem, o conceito de percepção se confunde com o conceito de cognição. Segundo Reis e Lay (2006), a cognição se trata do processo de construção de sentido na mente e é complementar à percepção, quando essa é tida como uma experiência unicamente sensorial. Portanto, é através da cognição que as sensações adquirem valores, significados e formam uma imagem mental, que envolve reconhecimento, memória e pensamento, e geram

expectativas a respeito do ambiente que são traduzidas em atitudes e comportamentos (REIS; LAY, 2006).

Nesta pesquisa, a segunda abordagem foi adotada, pois compreende a totalidade do processo de interação do usuário com o ambiente. Esse entendimento vai ao encontro do que é apresentado por Lynch (1960). Segundo o autor, a imagem do ambiente é resultado de um processo de interação constante entre o ambiente e o usuário, no qual o ambiente apresenta uma realidade e o usuário seleciona, organiza e dá significado ao que é experienciado²⁰ por ele. O autor expõe que, para uma dada realidade, a imagem criada pode variar entre diferentes indivíduos, já que o sentido atribuído depende de características individuais, de experiências passadas e da cultura. Por outro lado, Lynch (1960) sugere que existe certa concordância entre indivíduos ao gerar uma imagem, principalmente à medida que o perfil de determinado grupo se torna mais homogêneo.

A segunda abordagem é chamada por Rapoport (1977) de percepção ambiental, termo que foi adotado nessa pesquisa. Conforme o autor, existem diversos fatores que influenciam na maneira que o ambiente é percebido, o que pode levar a diferentes avaliações por parte dos usuários. Isso vale tanto para os ambientes físicos quanto para os ambientes sociais. O autor expõe ainda que a percepção, além de ser afetada pela cultura e pelas experiências passadas, também sofre influência das expectativas criadas a partir delas e de todo o conjunto mental decorrente. Portanto, a percepção ambiental envolve dados provenientes do contexto e de estímulos do momento presente, assim como dados armazenados referentes a estímulos do passado, somados a características atuais e estáveis do indivíduo, a experiências passadas, esperanças, ambições, medos, valores e diversos outros elementos (RAPOPORT, 1977).

A percepção ambiental é importante porque coloca em pauta a variabilidade. Ao entender que o ambiente percebido pelos usuários pode ser diferente do percebido pelos projetistas e planejadores, assim como por diferentes grupos, a abordagem utilizada para qualificar os parques urbanos deve levar isso em consideração (RAPOPORT, 1977). Ao mesmo tempo, compreender certos padrões existentes, identificados através da aplicação de métodos que

²⁰ Apesar da experiência abranger todos os sentidos do indivíduo, a obra do autor se detém na experiência visual.

fazem parte da metodologia científica na área ambiente-comportamento²¹, pode auxiliar em intervenções nos parques urbanos com mais chances de atender satisfatoriamente aos usuários (REIS; LAY, 2006). É importante salientar que, devido à diversidade de percepções dos usuários, nem sempre todas as necessidades emergentes poderão ser atendidas. Por isso é importante que, em cada situação, sejam priorizadas as necessidades mais relevantes a partir dos objetivos propostos para o espaço em questão.

2.7.2 Satisfação

Inicialmente buscou-se entender o conceito de satisfação a partir de áreas de estudos do *marketing* e da construção civil. Segundo Mowen (1998), durante ou após o uso de um produto/serviço, o indivíduo desenvolve sentimentos de satisfação ou insatisfação, que se trata de um julgamento de avaliação pós-escolha em relação ao produto/serviço. Kärnä, Junnonen e Kankainen (2004) expõem que muitos autores se utilizam do modelo de desconfirmação para explicar como ocorre a satisfação/insatisfação em um indivíduo. Tal modelo considera que os indivíduos possuem certas expectativas em relação a um produto/serviço antes mesmo de utilizá-lo. Segundo os autores, essas expectativas criam um conjunto de referência, um padrão, a partir do qual o indivíduo faz julgamentos comparativos com o desempenho percebido do produto/serviço. O indivíduo estará satisfeito se o desempenho percebido for melhor que o padrão (positivamente desconfirmado) e estará insatisfeito se o desempenho percebido for pior que o padrão (negativamente desconfirmado) (KÄRNÄ; JUNNONEN; KANKAINEN, 2004).

Já no contexto de parques, Hornback e Eagles (1999) expõem que a satisfação depende de diversos fatores. Em relação às expectativas, os autores exemplificam que quando um usuário experiencia determinado atributo em um parque, geralmente ele espera encontrar esse atributo ou um similar em outros parques. Os autores complementam que a satisfação dos usuários também depende do atendimento de suas necessidades, da disponibilidade de serviços ou equipamentos quando desejado, assim como da adequação e do desempenho do

²¹ Como exemplo, Reis e Lay (2006) citam o trabalho de Marcus e Francis (1998b), que apresenta recomendações de projeto elaboradas a partir da identificação de padrões na área ambiente-comportamento.

que é oferecido. Hornback e Eagles (1999) enfatizam, ainda, que é relevante compreender a importância dada aos atributos que estão sendo medidos, já que um atributo pode ser bem avaliado mas ter pouca importância para o usuário e vice-versa.

Hornback e Eagles (1999) expõem que promover a satisfação dos usuários pode ser muito benéfico em relação ao uso dos parques, já que pode levar a períodos mais longos de permanência e índices mais altos de retorno. Ainda segundo os autores, grande parte das visitas aos parques ocorre devido à propaganda boca a boca e que usuários insatisfeitos podem espalhar comentários negativos numa proporção muito maior do que os satisfeitos, o que pode criar uma imagem negativa do local. Além disso, usuários satisfeitos tendem a deixar o local em bom estado, o que contribui para a conservação (HORNBACK; EAGLES, 1999).

2.7.3 Percepção de valor

Compreender as necessidades e expectativas dos usuários dos parques urbanos é uma maneira de identificar oportunidades de melhorias nesses espaços e de auxiliar na priorização de aspectos que se mostram mais importantes para essas pessoas. Isso pode contribuir para a geração de valor e para o aumento da qualidade do ambiente construído. Na área do *marketing*, o conceito de valor percebido é utilizado nas organizações como a visão ou a voz da demanda (WOODALL, 2003). Woodruff (1997) expõe que existem diversos conceitos de valor percebido pelo usuário (cliente) que são similares nos seguintes pontos: vinculam a percepção de valor ao uso do produto/serviço, estabelecem como foco a percepção do usuário e envolvem a ideia de permuta entre o que se recebe de benefícios e os sacrifícios envolvidos.

Hentschke (2014) expõe que as definições de valor e as abordagens para sua operacionalização têm evoluído de unidimensionais e utilitárias para multidimensionais e hedônicas. Na primeira, o valor é medido e baseado apenas em atributos e preferências que influenciam a compra (WOODRUFF, 1997). Já na segunda, Sánchez-Fernández e Iniesta-Bonillo (2007) expõe que o conceito de valor percebido é resultado de atributos inter-relacionados que representam holisticamente um fenômeno complexo. Trata-se de uma combinação de duas visões, a utilitária com a filosófica e abstrata, as quais explicam as relações pessoais dos

usuários com o produto/serviço, incluindo os fatores motivacionais de escolha (WOODALL, 2003).

Na segunda abordagem, Woodruff e Gardial (1996) apresentam o conceito de valor do cliente como a hierarquia que estabelece relação entre as características concretas dos produtos e as características abstratas da percepção do cliente. A base da hierarquia contém os atributos, que são as características físicas dos produtos. Já a parte intermediária contém as consequências, que se tratam de interpretações subjetivas de experiências no uso do produto. O topo da hierarquia é formado por objetivos, que equivalem ao patamar de maior abstração e são associados aos valores pessoais. Tal ideia está ancorada em uma estrutura conceitual dotada de um modelo do tipo meios-fim.

O modelo Cadeias Meio-Fim desenvolvido por Gutman (1982) sustenta a ideia de que os valores são fatores dominantes no padrão de compra do consumidor. O autor desenvolveu o modelo com a sequência atributos, consequência e valores (A-C-V), o qual busca interligar os valores dos consumidores a seus comportamentos, de maneira a auxiliar no entendimento de como ocorre a escolha de um produto e como isso contribui na obtenção de estados finais desejados. Portanto, a partir do modelo é possível compreender como a escolha de um produto/serviço pelo usuário facilita o alcance de objetivos, tendo como foco as relações entre o estado desejado por ele e os meios escolhidos para alcançá-lo.

Zinas e Jusan (2010)²² adotaram os níveis ampliados da cadeia meios-fim a partir da estratificação da hierarquia de valor, ou seja, os constructos foram subdivididos: os atributos em concretos e abstratos; as consequências em funcionais e psicológicas; e os valores pessoais em instrumentais e terminais. Monteiro (2015) apresenta a descrição dos seis níveis de abstração do modelo cadeia meios-fim, conforme o Quadro 6.

²² Cabe considerar que Zinas e Jusan (2010) adotaram a ampliação dos níveis da cadeia proposta por Olson e Reynolds (1983). Não tendo sido possível acessar essa bibliografia, a referência é indicada aqui: Olson, J. e Reynolds, T. Understanding Consumer's Cognitive Structures: Implications for Advertising Strategy. In Percy & Woodside (Ed.), Advertising and Consumer Psychology, 1983. Lexington: Lexington Books. p. 77-90

1	Atributos concretos	São inerentes ao produto ou serviço que pode ser diretamente percebido.
2	Atributos abstratos	Aspectos do produto ou serviço que não podem ser medidos ou percebidos por meio dos sentidos, como eles não são uma parte física do próprio do produto.
3	Consequências funcionais	São entendidas como resultados tangíveis de uma experiência direta de consumo de um produto.
4	Consequências psico-sociais	Resultam das funcionais, estando ligadas à autoimagem do indivíduo ou à imagem que eles desejam que os outros tenham dele.
5	Valores instrumentais	São objetivos intangíveis relacionados aos meios comportamentais usados para atingir os fins.
6	Valores terminais	Referem-se aos estados finais desejados pelo indivíduo.

Quadro 6: Descrição dos níveis de abstração do modelo cadeias meios-fim.
Fonte: Adaptado de Monteiro (2015).

Gutman (1982) expõe que uma maneira de construir cadeias meios-fim é a partir da técnica *laddering*. Com a técnica é possível relacionar atributos, consequências e valores formando uma hierarquia, o que resulta em um Mapa Hierárquico de Valor (MHV). O MHV se trata de uma representação gráfica que demonstra visualmente os constructos, nos seus respectivos níveis de abstração, e as relações entre eles (Figura 5).

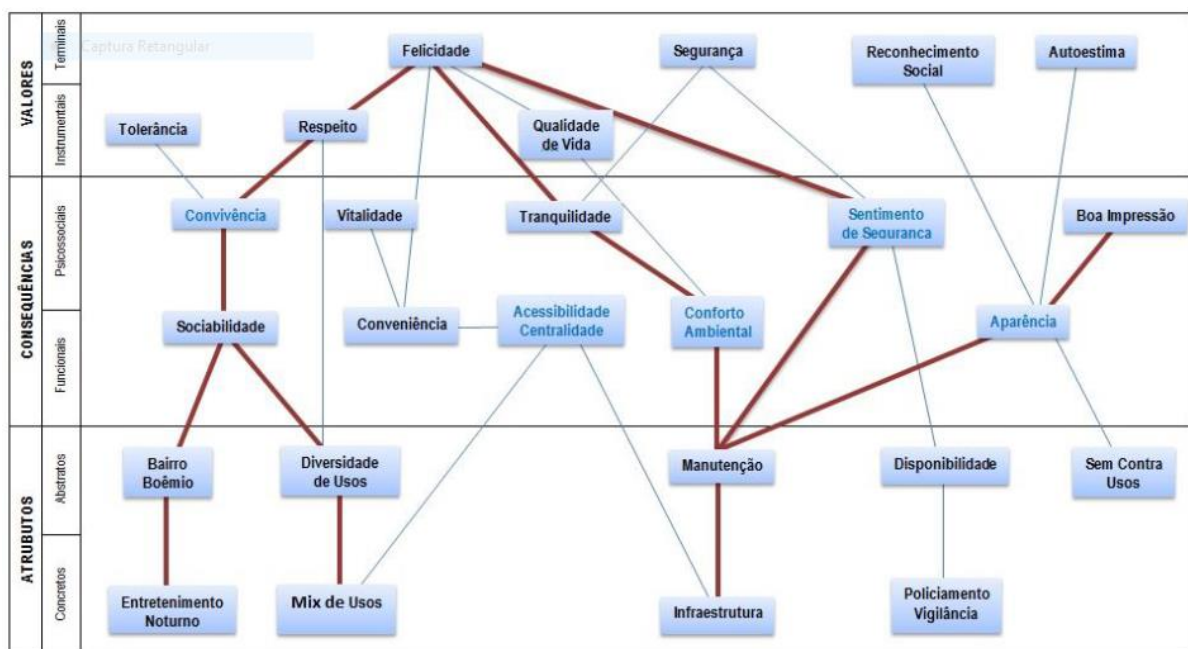


Figura 5: Exemplo de um mapa hierárquico de valor.
Fonte: Silva (2014).

Estudos já foram desenvolvidos investigando a percepção de valor dos usuários sobre o ambiente construído, utilizando-se também da abordagem cadeia meios-fim, como nos

trabalhos já mencionados de Hentschke (2014), Silva (2014) e Monteiro (2015). Entende-se que o tema também possa trazer contribuições para o estudo dos parques urbanos.

A literatura apresentada no tópico 2.7, acerca de percepção ambiental e satisfação, embasou a geração de informações no estudo de caso desta pesquisa, buscando contribuição do ponto de vista dos usuários acerca dos temas apresentados no item 2.6 (acessibilidade; estrutura física; conservação e aparência; segurança; atividades, acontecimentos regulares e eventos). Já a literatura a respeito de percepção de valor, permitiu compreender a teoria cadeia meios-fim para fundamentar a aplicação da técnica *laddering* na pesquisa.

3 MÉTODO DA PESQUISA

Neste capítulo é apresentado o método de desenvolvimento da pesquisa, através do qual foi possível alcançar os objetivos propostos. Inicialmente é explicitado o tipo de pesquisa adotado e apresentado seu delineamento, de maneira a oferecer uma compreensão geral do que foi desenvolvido. Em seguida é apresentado o objeto empírico e posteriormente são descritas as etapas nas quais se desenvolveu a pesquisa.

A presente pesquisa é de caráter exploratório, conforme classificação de Gil (2010, 2012), que tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, buscando torná-lo mais explícito. A estratégia de pesquisa adotada foi o estudo de caso, que se trata de uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro do seu contexto real, no qual o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis, considerando a totalidade de uma situação para descrever, compreender e assimilar a complexidade de um caso concreto (MARTINS; THEÓPHILO, 2007). Este trabalho tem como objeto empírico o Parque Marinha do Brasil e o contexto de gestão dos parques urbanos de Porto Alegre, no qual está inserido.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi dividida em quatro etapas, representadas no Quadro 7, que na sequência são apresentadas sucintamente, permitindo uma visão panorâmica do processo de pesquisa.

Foco	Etapa A	Etapa B	Etapa C	Etapa D
	Parques Urbanos	Captura de dados	Processamento de dados	Consolidação e discussão dos resultados
Objetivos	Compreender os temas e conceitos relacionados à pesquisa.	Coletar os dados de uso no parque urbano em estudo.	Analisar de dados de uso do parque urbano em estudo.	Analisar criticamente os procedimentos utilizados e discutir as informações de uso geradas.
Fases	<ul style="list-style-type: none"> - Revisão de literatura. - Aproximação do objeto empírico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Planejamento da coleta de dados. - Coleta de dados. - Avaliação dos procedimentos utilizados na captura de dados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise dos dados. - Cruzamento de dados. - Organização da informação gerada. - Avaliação dos procedimentos utilizados no processamento de dados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Seminário com a SMAMS. - Análise dos resultados. - Reflexão sobre os resultados da pesquisa.

Quadro 7: Representação do processo de pesquisa.

Na **Etapa A**, de cunho exploratório, buscou-se entender os assuntos relacionados à pesquisa através de revisão de literatura. Iniciou-se pelos efeitos do contato com a natureza ao ser humano, em especial da vegetação em áreas urbanas. Em seguida, sobre o papel dos parques urbanos e as contribuições para a qualidade de vida das pessoas. A partir de então, com foco nos parques urbanos, buscou-se embasamento teórico sobre a gestão desses espaços, sobre monitoramento e sobre informações de uso. Paralelamente, buscou-se uma aproximação do objeto de estudo através de revisão de literatura, entrevistas informais com funcionários da PMPA envolvidos no PMB e de observações exploratórias no local.

A **Etapa B** teve como foco a captura de dados de uso do PMB. Inicialmente, foi realizado o planejamento, que abrangeu principalmente as definições acerca dos dados que seriam coletados na pesquisa e dos procedimentos a serem utilizados. Considerando o potencial de contribuição para o monitoramento de uso, foram definidos dois procedimentos principais para coleta de dados a serem avaliados: o questionário e o *walkthrough*. Nesse momento, também foram elaborados os instrumentos necessários e selecionadas as ferramentas de auxílio para a coleta de dados. Complementarmente, foi definida a utilização de um procedimento para auxiliar na análise crítica pretendida na pesquisa: a *laddering*. Por fim, foi realizada a coleta de dados.

Na **Etapa C** ocorreu o processamento dos dados coletados na etapa anterior. Os dados provenientes de cada um dos procedimentos de coleta demandaram de ferramentas específicas para organização e análise e, portanto, ocorreram individualmente. Em seguida, foi realizado o cruzamento dos dados provenientes do questionário e do *walkthrough*. As informações geradas sobre o uso do PMB foram organizadas para apresentação e discussão no seminário (a ocorrer na Etapa D).

A **Etapa D** teve como foco a consolidação e discussão dos resultados. Inicialmente, ocorreu o seminário junto a um grupo de técnicos da SMAMS, momento em que foram apresentadas e discutidas as informações geradas sobre o uso do PMB, assim como os procedimentos utilizados. Na sequência ocorreu a análise crítica acerca dos procedimentos utilizados na pesquisa para gerar informações de uso do PMB.

3.2 O PARQUE MARINHA DO BRASIL

O Parque Marinha do Brasil (PMB) possui como limite leste a Av. Borges de Medeiros e como limite norte a Av. Ipiranga, sendo cruzado pela Av. Edvaldo Pereira Paiva em toda sua extensão na face próxima ao Rio Guaíba (Figura 6). Em seu entorno imediato encontram-se equipamentos urbanos como o Estádio Beira-Rio, o Anfiteatro Pôr-do-Sol, o *Shopping* Praia de Belas e o Hospital Mãe de Deus. Além disso, sua maior interface com o tecido urbano dá-se com o bairro Menino Deus.



Figura 6: Parque Marinha do Brasil e seu entorno.
Fonte: Adaptado de Google Earth (2017).

3.2.1 Caracterização física, ambiental e social

O PMB é organizado em dois eixos: no sentido longitudinal é formado por uma alameda de árvores de grande porte, o túnel verde, e no sentido transversal por um eixo relacionado às

águas, que foi implantado parcialmente em relação ao projeto original, o qual teria um avanço adentro do Rio Guaíba (XAVIER, 1987). O PMB possui lagos e canais que funcionam como recursos integradores. Na Figura 7 é possível observar um trecho do túnel verde e parte do centro cívico.



Figura 7: Fotografias do PMB: (a) túnel verde e (b) centro cívico.

A parte norte do PMB se caracteriza pela concentração de espaços esportivos, a parte central pode ser identificada pelo centro cívico e a parte sul se caracteriza por espaços voltados para a contemplação. O PMB conta com quadras de futebol de salão, tênis, vôlei, futevôlei, basquete, pistas de patinação, de skate e de ciclismo, aparelhos para ginástica, campos de futebol 7, além de pracinhas infantis, recantos próximos de lagoas artificiais, áreas de gramado, centro cívico com espelho d'água, sanitários, vestiários e áreas de estacionamento. A Figura 8 mostra um dos gramados do parque e parte da pista de skate.



Figura 8: Fotografias do PMB: (a) gramado e (b) pista de skate.

No diagnóstico ambiental do PMB apresentado por Schmitt et al. (2013), algumas informações ajudam a caracterizar o local. No tocante à vegetação, a maior parte das espécies arbóreas encontradas no PMB é nativa, apesar da espécie mais abundante ser exótica, a *Tipuana tipu*. Além disso, o PMB abriga um número considerável de espécies de aves, dada a composição florística do local. Ainda segundo os autores, quanto à temperatura, o PMB apresenta diferentes microclimas, sendo os locais com mais árvores, solo coberto com gramíneas e próximo a corpos hídricos, os que apresentam menor temperatura e a maior umidade relativa do ar. Já em relação ao nível de ruído, a pressão sonora é menor no interior do parque do que no seu exterior, apresentando conforto acústico para os usuários (SCHMITT et al., 2013).

Antunes et al. (2013) apresentam o perfil dos usuários do PMB, que foi caracterizado a partir da utilização do método questionário²³. Dos respondentes:

- 54% tinham entre 22 e 55 anos e 56% possuíam nível superior de escolaridade;
- 52,5% visitavam o parque mais de uma vez por semana, 79% frequentavam no turno da manhã e os dias frequentados mais citados foram sábado (75,5%) e quinta-feira (39,5%);
- em relação às atividades realizadas, as de contemplação foram as mais destacadas (30,7%), principalmente relacionadas à vegetação e ao pôr-do-sol, e as práticas esportivas foram citadas por 14,8%, sendo que as atividades mais citadas dentro desta categoria foram caminhar e andar de bicicleta;
- o túnel verde foi o citado como o ambiente mais frequentado (36,2%).

3.2.2 Histórico do Parque Marinha do Brasil

De acordo com Kepern (2011), na metade dos anos 1960, o Centro Histórico de Porto Alegre passou por um processo de fragmentação e decadência e, além disso, a malha urbana passou a ter cada vez mais núcleos, proporcionando aos bairros certa independência da região central. A autora apresenta ainda que a área da Praia de Belas foi alvo de estudos e propostas

²³ Segundo Antunes et al. (2013), foram aplicados 200 questionários, em proporção equitativa entre os gêneros, entre os meses de março e maio de 2013, aos finais de semana e durante a semana, nos períodos manhã e tarde. Para aplicação, o PMB foi dividido em 7 áreas e a seleção dos respondentes foi por conveniência. A amostragem foi definida a partir de uma estimativa do total de usuários.

que tinham em comum a ideia de aterro para ampliar a área e para o aproveitamento da interface com o Rio Guaíba. Segundo ela, o Parque Marinha do Brasil foi idealizado nesta área, como parte do projeto de urbanização da cidade em direção ao sul.

Nos anos 70, o chamado Projeto Renascença fez parte dos planos de urbanização de Porto Alegre e um dos seus objetivos foi tratar a área da Praia de Belas, conforme apresentado por Kepern (2011). Segundo a autora, nesta época foram desenvolvidas diretrizes que visavam explorar a região e proporcionar um espaço de características entendidas como inovadoras e o PMB acabou ocupando parte significativa do projeto, inserido no quesito de áreas verdes e recreação. A autora expõe ainda que, no ano de 1976, foi realizado um estudo intitulado “Parque Marinha do Brasil: Plano Preliminar de Diretrizes”, apresentado para a Coordenação de Estudos Urbanos da Secretaria do Planejamento Municipal de Porto Alegre. O documento preocupou-se em apresentar a natureza como elemento atenuante aos inconvenientes oriundos das grandes concentrações urbanas (KEPERN, 2011).

A autora apresenta que, também no ano de 1976, o projeto executivo final do parque foi motivo de concurso público e se chamou “Projeto Final de Urbanização do Parque Marinha do Brasil”, promovido pela PMPA. A equipe vencedora foi coordenada por Ivan Mizoguchi e contava com a parceria do arquiteto Rogério Malinsky. O parque foi inaugurado em 1978, porém, o projeto não foi implantado integralmente (KEPERN, 2011). Segundo técnicos da SMAMS, a parte não executada do projeto original acabou sendo deixada de lado com o passar do tempo e não parece haver pretensão de continuidade²⁴.

É válido mencionar que existe uma proposta para a revitalização da orla do Rio Guaíba com 5,9 quilômetros de extensão (CARDONE, 2012). O primeiro trecho da obra está para ser entregue em 2018. Já o segundo trecho da obra, que contempla parte do PMB com interface com o Rio Guaíba, ainda não foi iniciado. Cabe mencionar também que o PMB sofrerá alterações²⁵, apesar de não ser mencionado em reportagens de divulgação (ARCOWEB, 2013; CARDONE, 2012; ZERO HORA, 2016).

²⁴ Informação fornecida por técnicos da SMAMS em entrevista informal em 19/10/2016.

²⁵ Informação fornecida por técnicos da SMAMS em entrevista informal em 28/07/2017.

3.2.3 Contexto da gestão dos parques urbanos de Porto Alegre e o Parque Marinha do Brasil

O entendimento do trabalho de gestão dos parques urbanos de Porto Alegre é parte fundamental no estudo de caso. Parte-se do pressuposto que o monitoramento é uma parte importante no amplo processo de gestão, já que pode contribuir com informações dos parques urbanos para medir alterações nos espaços ao longo do tempo, para avaliar se objetivos estão sendo alcançados, para identificar necessidades e orientar esforços de melhoria e, portanto, para subsidiar a tomada de decisão. No entanto, o monitoramento não existe no processo de gestão dos parques urbanos de Porto Alegre. O entendimento acerca de problemas e dificuldades enfrentados atualmente na gestão e manutenção dos parques urbanos da cidade, torna compreensível que aspectos específicos, como a geração de informações através de monitoramento, não tenha sido uma prioridade.

Conforme já mencionado, a SMAMS é a responsável pela gestão dos parques urbanos, mas existem diversas outras esferas envolvidas no funcionamento e manutenção desses espaços. É importante mencionar que a SMAMS esteve em meio a um processo de reestruturação organizacional durante o desenvolvimento desta pesquisa, assim como a administração municipal que também passa por alterações de maneira geral durante o governo atual. Ao início da pesquisa, se tinha conhecimento do organograma que representava a estrutura organizacional naquele momento, porém, ao final da pesquisa não se teve conhecimento das definições oficiais de departamentos, divisões e setores.

Para elucidar a complexidade relacionada ao funcionamento dos parques urbanos, pode-se citar alguns dos envolvidos²⁶: Secretaria Municipal de Segurança (SMSEG), através do envolvimento da Guarda Municipal; Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (SMSURB), pelas questões de iluminação, esgotamento, água e destinação de resíduos sólidos; Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (SMDE), controlando os comerciantes ambulantes; e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Esporte (SMDSE), através da Diretoria de Esporte, Recreação e Lazer, com sede dentro do PMB, pelo serviço de gerenciamento da estrutura esportiva e organização de atividades e eventos relacionados a esporte, recreação

²⁶ Informações fornecidas por técnicos da SMAMS em entrevista informal em 19/10/2016 e complementadas pela pesquisadora em 13/03/2018 devido às alterações de Secretarias no governo em atuação.

e lazer. É importante mencionar que o Secretário Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade, assim como o Prefeito Municipal, apesar de não terem responsabilidade direta sobre os parques urbanos, podem exercer grande influência nas decisões.

Segundo informações de técnicos da SMAMS²⁷, está se buscando ampliar a comunicação entre as secretarias e departamentos envolvidos nos parques urbanos, já que a atuação de cada um acabava ocorrendo de maneira extremamente fragmentada e sem o controle efetivo por parte da SMAMS, gerando problemas. Essa transversalidade na gestão está ocorrendo inicialmente através de reuniões periódicas para troca de informações entre os envolvidos, mas a ideia é construir um sistema de informação comum a todos. Segundo eles, também está se buscando uma gestão de usos dos espaços e não apenas uma gestão do espaço em si, como vinha ocorrendo. Em relação à conservação dos parques urbanos, a limpeza e manutenção ocorrem, mas são enfrentadas dificuldades pela falta de recursos.

Como não existem diretrizes ou regras norteadoras para os parques urbanos da cidade, muitas decisões acabam sendo resultado do ponto de vista do responsável no momento, não havendo uma continuidade no trabalho desenvolvido. Conforme os técnicos da SMAMS²⁸, quando há troca de governo, por exemplo, mudam-se os objetivos, prioridades e a maneira de fazer, além de muitas informações serem perdidas. Para lidar com essa problemática, a SMAMS está investindo esforços na elaboração de planos diretores para cada um dos parques urbanos durante os próximos anos, como forma de criar regulamentação básica para orientar o trabalho desenvolvido a curto, médio e longo prazos. A previsão é que o plano diretor do PMB seja um dos últimos a ser elaborado.

Conforme apresentado por Souza (2008), em trabalho sobre parques de Porto Alegre, percebe-se um enxugamento da máquina administrativa do Estado pelo número cada vez menor de funcionários locados nos parques urbanos. Além disso, não existe verba fixa para investimentos nesses espaços, apenas o pagamento da folha de funcionários e gastos com compra de materiais de consumo. O autor explicita ainda que os valores recolhidos como exigência para realização de eventos nos parques urbanos tem como destino um fundo único

²⁷ Informações fornecidas por técnicos da SMAMS em entrevista informal em 10/07/2017.

²⁸ Informações fornecidas por técnicos da SMAMS em entrevista informal em 10/07/2017.

municipal, de caráter distributivo, portanto o valor não é direcionado para o local onde foi realizado o evento. Devido a estas dificuldades, é que o município começou a buscar parcerias com a iniciativa privada para compensar a falta de recursos (SOUZA, 2008).

As parcerias público-privadas tem sido uma prática nas últimas décadas em Porto Alegre, através de diferentes modalidades de operações urbanas consorciadas. Porém, segundo os técnicos da SMAMS²⁹, devido à falta de regulação clara, foram enfrentadas dificuldades com a qualidade dos serviços prestados pela iniciativa privada, além de problemas relacionados ao uso e exploração econômica desses espaços. Como a administração municipal atual (2017/2018) está dando ênfase a essas parcerias, estão sendo investidos esforços em parceria com o Instituto Semeia³⁰ para a definição de modalidades adequadas para cada situação, assim como a criação de instrumentos legais para regulação.

Apesar das dificuldades enfrentadas e da inexistência de monitoramento, os técnicos da SMAMS³¹ reconhecem a importância da geração de informações dos mais diversos aspectos relacionados aos parques urbanos e praças. Alguns esforços em buscar avanços neste sentido tem sido considerados. Ainda que de maneira exploratória, algumas das ações já realizadas foram: inventariação de vegetação e do mobiliário urbano no Parque Moinhos de Vento e também coleta de dados junto a usuários de algumas praças. Além disso, os técnicos tem demonstrado interesse na realização de trabalhos em conjunto com universidades, buscando uma contribuição do conhecimento acadêmico.

O PMB possui uma administração própria, com sede no parque, e conta com um técnico de nível superior como responsável. À administração cabe executar ações operacionais, principalmente relacionadas à conservação do parque. Sua equipe é formada por 14 pessoas, sendo que cada uma realiza mais de uma tarefa, conforme a necessidade. As atividades referentes à conservação do parque mais frequentes são: recolhimento de resíduos sólidos, limpeza das lagoas artificiais, corte de grama e poda da vegetação. Diversas são as dificuldades enfrentadas pela equipe, principalmente devido à falta de recursos financeiros³².

²⁹ Informações fornecidas por técnicos da SMAMS em entrevista informal em 10/07/2017.

³⁰ Organização sem fins lucrativos que fomenta parcerias para desenvolver projetos para parques.

³¹ Informações fornecidas por técnicos da SMAMS em entrevista informal em 23/11/2017.

³² Informações fornecidas pelo administrador do PMB e pelo jardineiro integrante da equipe, no dia 07/07/2017.

3.3 ETAPAS DA PESQUISA

3.3.1 Etapa A

A partir da motivação pessoal da pesquisadora, a revisão de literatura iniciou de maneira ampla, buscando compreender os efeitos do ambiente natural no ser humano e os benefícios da presença de vegetação no ambiente urbano. A partir da elucidação das contribuições que os parques proporcionam para a qualidade de vida das pessoas, os parques urbanos passaram a ser o foco da pesquisa. A revisão de literatura permitiu identificar diversos conceitos de parques urbanos para que então fosse definido o conceito adotado no trabalho.

Paralelamente, foi definido o objeto empírico do estudo de caso. Nesse momento foram buscadas informações a respeito do PMB na literatura, para conhecimento do projeto do parque, do seu histórico, do perfil dos usuários e etc. A aproximação inicial ao PMB aconteceu através de cinco visitas, nas quais foram realizadas observações exploratórias (Quadro 8) e registradas as percepções da pesquisadora em relação ao uso dos espaços pelas pessoas. Nesta fase da pesquisa, as visitas ocorreram somente aos finais de semana, por serem os dias de maior movimentação de pessoas no local.

Nº	Data	Dia da semana	Turno	Como foi realizada a visita	Fontes de evidências
1	01/10/2016	Sábado	Tarde	A pé por todos os espaços do parque	Observações e fotografias
2	03/06/2017	Sábado	Manhã	De bicicleta pelo caminho central	Observações e anotações
3	03/06/2017	Sábado	Tarde	A pé por todos os espaços do parque	Observações, fotografias e anotações
4	11/06/2017	Domingo	Manhã	A pé por todos os espaços do parque	Observações, fotografias e anotações
5	11/06/2017	Domingo	Tarde	A pé por todos os espaços do parque	Observações, fotografias e anotações

Quadro 8: Observações exploratórias no PMB.

Nesta etapa também foram realizadas entrevistas informais com funcionários da PMPA envolvidos na gestão dos parques urbanos de Porto Alegre e na conservação do parque em estudo, incluindo técnicos da SMAMS e o administrador do PMB (Quadro 9). Foi possível ter um panorama geral da complexidade da gestão, dos envolvidos na manutenção das condições de uso do PMB, além de alguns dos problemas e dificuldades enfrentados.

Nº	Data	Esfera da administração municipal	Principais assuntos abordados
1	14/10/2016	Divisão de Projetos e Construções (parte da Supervisão de Parques, Praças e Jardins na SMAMS)*	Revitalização da Orla do Guaíba. Inexistência de coleta de dados. Dificuldades relacionadas às adoções. Alterações que já ocorreram no PMB e intenções futuras. Manutenção do PMB. Temporal de janeiro de 2016.
2	19/10/2016	Divisão da Administração de Parques (parte da Supervisão de Parques, Praças e Jardins na SMAMS)*	Estrutura organizacional da SMAMS. Contexto e dificuldades da gestão dos parques. Envolvidos no PMB.
3	07/07/2017	Administração do PMB	Atividades exercidas pela administração no PMB. Equipe envolvida na conservação. Dificuldades enfrentadas. Projeto Super AMA (Super Amigo do Meio-Ambiente). Temporal de janeiro de 2016. Inexistência de informações para monitoramento. Responsabilidades da SME e da SMAMS no PMB. Envolvidos no PMB. Uso do PMB. Antigo grupo informal "Amigos do Parque Marinha do Brasil". Segurança pública no PMB.
4	10/07/2017	Supervisão de Parques, Praças e Jardins na SMAMS*	Reestruturação nas diferentes esferas da administração municipal e na SMAMS. Dificuldades e medidas adotadas para melhorar a gestão. Planos Diretores para os parques. Parcerias público-privadas. Manutenção da vegetação. Eventos em praças e parques. Informações relacionadas aos usuários do PMB.
5	24/07/2017	Supervisão de Parques, Praças e Jardins na SMAMS*	Dificuldades na gestão dos parques. Planos diretores para os parques. Inventariação da vegetação e do mobiliário urbano no Parque Moinhos de Vento.
6	28/07/2017	Supervisão de Parques, Praças e Jardins na SMAMS*	Planos diretores para os parques. Desenvolvimento de amparo legal para os parques. Participação popular no processo de elaboração dos Planos Diretores.
7	02/08/2017	Gerência de Eventos - (parte da Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer)*	Eventos promovidos pela SME no PMB. Gerência pela SME de atividades esportivas organizadas por outros. Gerência do uso dos espaços esportivos no PMB. Segurança pública no PMB. Inexistência de informações precisas das atividades que acontecem no parque.
8	23/08/2017	Setor de eventos (parte da Supervisão de Parques, Praças e Jardins na SMAMS)*	Atividades promovidas no PMB por empresas privadas e organizações sem fins lucrativos. Utilização do PMB pelo exército para prática de exercícios físicos.
9	23/11/2017	Supervisão de Parques, Praças e Jardins na SMAMS*	Coleta de dados com usuários de praças. Geração de informações de praças para orientar vocação e possibilidade de eventos.

* Devido à reestruturação organizacional da PMPA, as diferentes esferas estão aqui apresentadas de acordo com o momento em que ocorreu cada entrevista, inclusive algumas de forma genérica por indefinições, e não condizem com a estrutura existente no momento final da pesquisa.

Quadro 9: Entrevistas informais com funcionários da PMPA.

A partir da intenção de estudar a captura e o processamento de dados para gerar informações que pudessem auxiliar no processo de gestão de parques urbanos, buscou-se identificar na literatura trabalhos relacionados à gestão e ao monitoramento de parques, de forma geral. Inicialmente a busca foi realizada de maneira ampla em livros físicos e digitais a que se teve

acesso (por exemplo: CARMONA; MAGALHÃES; HAMMOND, 2008; HORNBACK; EAGLES, 1999; KONIJNENDIJK et al., 2005; WATSON et al., 2000; WHATELY et al., 2008), assim como em algumas bases de dados virtuais (por exemplo: SciELO, Scopus e ScienceDirect). Em seguida, percebeu-se a necessidade de complementar a busca com uma revisão sistemática de literatura para se ter um panorama dos estudos existentes relacionados à parques urbanos nos últimos 10 anos.

A revisão sistemática de literatura ocorreu em duas fases. Na primeira fase foi utilizada a base de dados de publicações científicas revisadas por pares chamada ScienceDirect, de abrangência internacional, a qual tem acesso à diversos periódicos nas áreas de Ciências Físicas e Engenharia, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde e Ciências Sociais e Humanas. Na segunda fase foram utilizados o Portal de Periódicos Capes, que se trata de uma biblioteca virtual brasileira que disponibiliza conteúdo científico de abrangência internacional em diversas áreas do conhecimento, e o Google Scholar, que se trata de uma ferramenta para pesquisar trabalhos acadêmicos, jornais de universidades e artigos variados. Nesta segunda fase, o intuito foi de encontrar trabalhos referentes ao contexto brasileiro para se ter conhecimento do que vem sendo estudado a respeito de parques urbanos.

No ScienceDirect, a pesquisa foi realizada em Língua Inglesa, buscando publicações que contivessem no título, no resumo ou nas palavras-chave os termos *urban park*, *public park* ou *city park* em conjunto com algum dos termos *management*, *indicator*, *monitoring* ou *maintenance*. Na primeira rodada de busca, foram obtidos 160 resultados. Em seguida, foi aplicado um filtro, restringindo os resultados a ciências e periódicos possivelmente relacionados ao tema, resultando em 90 publicações na segunda rodada. A partir dessa listagem, foram selecionados 30 artigos considerados relevantes através da leitura do título. Em seguida foram lidos os resumos e selecionados 17 artigos para leitura completa. Através desta fase da revisão sistemática foi possível ter uma ideia geral dos estudos que vem sendo desenvolvidos internacionalmente, com focos bastante diversos.

No Portal de Periódicos Capes, a pesquisa foi realizada em Língua Portuguesa, buscando publicações que contivessem o termo parque urbano ou parques urbanos. Neste momento não foram utilizados termos complementares na busca, como na primeira fase, devido ao

pequeno número de resultados. Desta forma, foram obtidos 27 resultados, dos quais foram selecionados 9 trabalhos para leitura completa. Complementarmente, foi realizada busca, também em Língua Portuguesa, por trabalhos que contivessem o termo parques urbanos, dessa vez em conjunto com algum dos termos: gestão, indicador, monitoramento ou manutenção. Foram obtidos 14 resultados, dos quais foram selecionados 8 trabalhos para leitura completa. Através desta fase da revisão sistemática foi possível ter uma visão geral do que vem sendo desenvolvido a respeito do assunto a nível nacional. Mas, principalmente, foi possível perceber algumas dificuldades enfrentadas de maneira recorrente no contexto brasileiro em relação à gestão de parques urbanos.

A partir da revisão de literatura com foco nos parques urbanos, tanto na primeira quanto na segunda fases, percebeu-se a ampla gama de informações relacionadas a diversos aspectos desses espaços que são relevantes para contribuir na gestão. Porém, tendo em vista a necessidade de uma delimitação que tornasse a pesquisa exequível, focou-se em informações referentes ao uso do espaço e ao ponto de vista dos usuários. Então, nesse momento a busca na literatura ocorreu em livros físicos e digitais, assim como em artigos científicos, principalmente dentro da área de estudos ambiente-comportamento (por exemplo: CARMONA; TIESDELL, 2007; GEHL; SVARRE, 2013; LYNCH, 1960; MARCUS; FRANCIS, 1998; RAPOPORT, 1977; REIS; LAY, 2006; ZUBE; MOORE, 1987, 1989). Neste momento ocorreu a identificação inicial de dados relacionados ao estudo de uso/usuários de parques urbanos mencionados na literatura (ver APÊNDICE A). Tal conteúdo orientou as definições realizadas na Etapa B, acerca dos dados a serem coletados na pesquisa.

3.3.2 Etapa B

Esta etapa teve como foco a captura de dados no estudo de caso. O intuito foi coletar dados de uso do parque urbano em estudo e avaliar os procedimentos utilizados. A partir da literatura de monitoramento (HORNBACK; EAGLES, 1999; WATSON et al., 2000), adotou-se a ideia de coletar um conjunto de dados complementares relacionados ao uso do parque urbano e aos usuários. Então, a partir da literatura que aborda o desenvolvimento de sistemas de monitoramento (MARTINS, 2014; WATSON et al., 2000), foi possível utilizar tais

orientações para planejar a captura dos dados pretendidos na pesquisa. O planejamento envolveu predefinições acerca de: a) objetivos a serem alcançados com a captura e o processamento de dados; b) dados a serem coletados; c) procedimentos para coleta de dados; d) estratégia de amostragem. Tais predefinições são apresentadas em detalhes no Quadro 10.

Objetivos da captura e do processamento de dados	<p>a) Gerar informações sobre o uso do parque urbano, incluindo informações dos usuários, e avaliar os procedimentos utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> – elaborar um panorama de uso do parque urbano; – avaliar a percepção dos usuários do parque urbano e identificar demandas sobre os temas: acessibilidade, estrutura física, conservação e aparência, segurança, acontecimentos programados e eventos. <p>b) Gerar informações complementares para corroborar as demais informações geradas e auxiliar na análise crítica pretendida na pesquisa.</p>
Dados a serem coletados	<p><u>Referentes ao uso do parque urbano:</u> a) contagem de pessoas; b) identificação de grupos; c) identificação de atividades; d) identificação de acontecimentos programados e eventos.</p> <p><u>Referentes aos usuários:</u> a) identificação de hábitos no uso do parque; b) avaliação da percepção e identificação de necessidades sobre os temas: acessibilidade, estrutura física, conservação e aparência, segurança, acontecimentos programados e eventos; c) identificar atributos do parque, consequências de uso e valores pessoais envolvidos.</p>
Procedimentos para a coleta de dados	<p><u>A serem avaliados:</u> a) método questionário (englobando a ferramenta LimeSurvey e um instrumento composto por um conjunto de questões); b) método <i>walkthrough</i> (englobando a ferramenta Google Keep e um formulário como instrumento).</p> <p><u>A auxiliar na análise crítica pretendida na pesquisa:</u> técnica <i>laddering</i>.</p>
Estratégia de amostragem	Amostragem não probabilística.

Quadro 10: Definições iniciais no planejamento da captura de dados.

Os dados a serem coletados foram predefinidos a partir das contribuições da literatura, das observações exploratórias e das entrevistas informais relacionadas ao parque urbano em estudo. Porém, foi após os ajustes necessários nos instrumentos de coleta que os dados foram definidos. Nesse momento da pesquisa se fez necessária uma diferenciação entre as pessoas que usam os parques urbanos, devido aos diferentes procedimentos de coleta e as especificidades nos dados de cada um. Por isso, foram adotados termos específicos, conforme apresentados no tópico 2.4 deste trabalho: usuário (frequente e pouco-frequente), não-usuário, visitante e não-visitante.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa para a coleta de dados podem ser entendidos como dois grupos, já que foram selecionados com intuítos distintos, apesar de complementares. O primeiro grupo diz respeito aos procedimentos utilizados para gerar

informações de uso e, com isso, serem avaliados visando contribuições para o monitoramento de uso de parques urbanos. Nesse sentido, os principais procedimentos adotados foram o *walkthrough*, para obter dados de uso do PMB, e o questionário, para obter dados de usuários. Já o segundo grupo diz respeito aos procedimentos utilizados para auxiliar na análise crítica dos procedimentos do primeiro grupo. Para isso, o principal procedimento adotado foi a *laddering*, buscando a contribuição de informações qualitativas dos usuários, de caráter subjetivo, para compreender e complementar as informações geradas pelo primeiro grupo.

A escolha do conjunto de procedimentos considerou a importância de utilizar mais de um método ou técnica para a coleta de diferentes tipos de dados, possibilitando o cruzamento de informações de maneira complementar, já que isso permite contrabalançar os desvios e tendências existentes entre os métodos e técnicas utilizados (LAY; REIS, 2005). A partir das predefinições iniciais apresentadas, o planejamento seguiu individualmente para cada método e técnica de coleta, seguidos pela realização da coleta de dados, conforme apresentados na sequência. É importante mencionar que, antes da coleta de dados ser realizada, o projeto de pesquisa referente ao presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS) e aprovado sob número 2.288.870.

Planejamento e coleta de dados através do questionário

O questionário foi elaborado inicialmente através das informações provenientes da Etapa A e de maneira que pudesse ser aplicado presencialmente e através da internet. O objetivo era atingir o público tanto de usuários quanto de não-usuários do PMB, sendo que estes dois grupos foram divididos em subgrupos específicos de acordo com o nível de contato do indivíduo com o PMB. Após a elaboração do instrumento inicial, a pesquisadora aplicou um piloto no PMB com alguns visitantes. A partir disso, percebeu-se que eram necessárias algumas adequações no questionário. Nesse momento também houve o auxílio do Núcleo de Assessoria Estatística (NAE), da UFRGS. Depois de realizadas as devidas alterações, outro piloto foi aplicado no PMB, permitindo os ajustes finais no instrumento.

O instrumento, composto por questões abertas e fechadas, também fez uso de ordenamento e de escalas sociais. Foram inseridas perguntas-filtro para direcionar o respondente a questionamentos específicos ao seu subgrupo. Desta forma, para o grupo de usuários foram direcionadas de 40 a 50 questões, enquanto para o grupo de não-usuários foram direcionadas de 8 a 16 questões. De maneira geral, para os usuários as questões se referiam ao perfil, à utilização do parque e à avaliação sobre temas abordados nesta pesquisa, como estrutura física, aparência, conservação e segurança. Já para os não-usuários as questões se referiam ao perfil, à avaliação geral do parque e ao não-uso do parque, com exceção do subgrupo dos não-usuários que nunca ouviram falar no parque, que respondeu apenas ao perfil.

Tendo em vista que o PMB tem uma abrangência metropolitana (MIRANDA, 2014), entendeu-se que a população da RMPA se tratava do universo de estudo, já que abrange usuários e não-usuários do PMB. Levando em consideração limitações no desenvolvimento da pesquisa como: desconhecimento do número de usuários do PMB, tempo restrito, falta de pessoal para aplicação e dificuldade de alcance de possíveis respondentes, optou-se pela amostragem não probabilística por conveniência. Segundo Gil (2012), para esse tipo de amostra o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo, mas sem rigor estatístico. Desta forma, é importante mencionar que não há pretensão de generalização de resultados para o universo de estudo, mas de entendimento de parte do universo.

A coleta de dados através do questionário ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2017. As pessoas deveriam ter a partir de 18 anos para participar. A aplicação presencial no PMB foi realizada pela pesquisadora e por um auxiliar, devidamente treinado, e ocorreu em quatro momentos: uma terça-feira pela manhã, um sábado à tarde e um domingo pela manhã e pela tarde. Já o questionário online, aplicado através da ferramenta LimeSurvey, ficou disponível por quatro semanas. A divulgação online ocorreu através da rede social Facebook, em diversos grupos relacionados à RMPA e a bairros próximos ao PMB, e através de listas de e-mails de estudantes e funcionários da UFRGS. O questionário elaborado para a internet (ver APÊNDICE C) contém as mesmas questões que o presencial (ver APÊNDICE B), porém com um bloco extra de questões direcionadas aos não-usuários que nunca foram mas que já ouviram falar no PMB.

A amostra coletada tem sua composição apresentada no Quadro 11. Cabe mencionar que a amostra planejada era de, pelo menos, 30 respondentes por subgrupo (GN1, GN2, GN3, GU4 e GU5). Quanto aos subgrupos GN1 e GN2 (que incluem pessoas que nunca foram ao PMB), não foi alcançado o mínimo planejado, o que não prejudicou os resultados da pesquisa já que as principais análises tinham como foco os dados provenientes dos subgrupos GN3, GU4 e GU5 (que incluem pessoas que já foram ao PMB).

Grupos de respondentes		Modalidade de aplicação		Subtotal	Total
		Internet	Presencial		
Não-usuários	GN1 – Nunca foi nem ouviu falar no parque	7	0	7	140
	GN2 – Nunca foi mas já ouviu falar no parque	21	0	21	
	GN3 – Já foi ao parque mas não frequenta	105	7	112	
Usuários	GU4 – Pouco-frequente	54	6	60	153
	GU5 – Frequente	66	27	93	
Total		253	40	293	293

Quadro 11: Número de respondentes por grupo e modalidades de aplicação do questionário que compõem a amostra.

A caracterização da amostra, considerando todos os grupos, é apresentada na Figura 9. Os respondentes são predominantemente do gênero feminino em relação ao gênero masculino e a maioria está dentro das faixas etárias de 20 a 39 anos. Em relação à escolaridade, a maioria possui ensino superior e pós-graduação. Já a respeito da renda familiar, a maioria se enquadra na faixa de 5 a 15 salários mínimos. É importante salientar que o público de respondentes não foi heterogêneo, devido a forma e ao alcance da divulgação, mas que os resultados obtidos foram satisfatórios para a finalidade de avaliar os procedimentos utilizados.

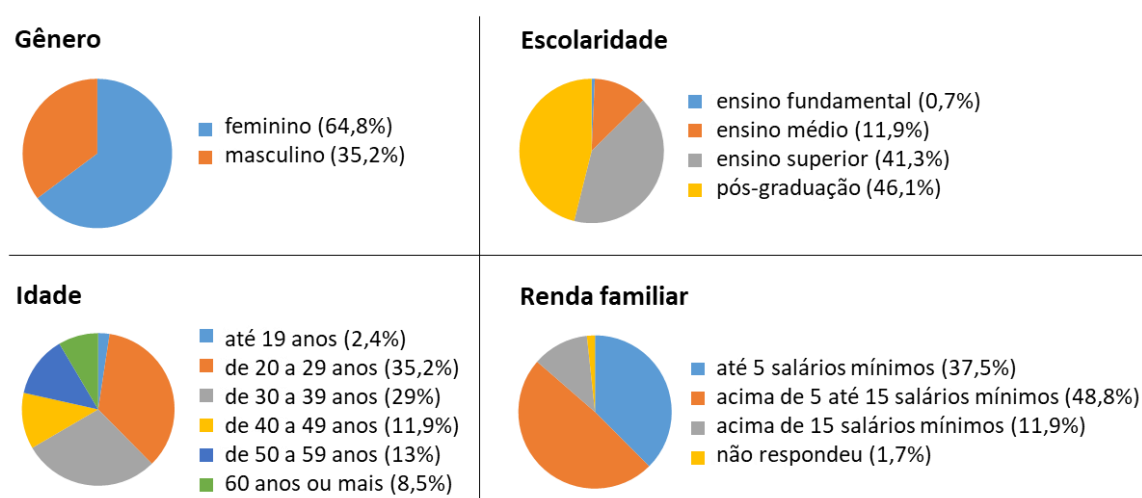


Figura 9: Caracterização da amostra do questionário.

Planejamento e coleta de dados através do *walkthrough*

Por ser flexível, o *walkthrough* possibilita o emprego de diversas abordagens ou procedimentos, podendo servir para observações mais específicas e permitindo conhecimentos preliminares sobre o uso dos espaços e identificação dos usuários (RHEINGANTZ et al., 2009). Nesta pesquisa, dadas as limitações de tempo e de pessoal disponível, optou-se por enfatizar as observações. As entrevistas, de caráter especial, se restringiram a situações julgadas como pertinentes para facilitar o entendimento sobre atividades, acontecimentos regulares e eventos.

O planejamento para a aplicação do *walkthrough* se baseou parte na literatura, a partir da definição dos dados que seriam coletados e de esclarecimentos sobre o método, e parte na percepção da pesquisadora, a partir das observações exploratórias. Em um primeiro momento foi estipulado um percurso, que buscou abranger a maioria dos espaços do PMB, e foi criado um formulário ainda sem precisão dos dados que seriam coletados. A partir disso, foi realizado um piloto no PMB, ocasião em que os registros ocorreram através de anotações em um mapa do parque e em formulários impressos, com auxílio de uma prancheta, além de fotografias realizadas por um aparelho *smartphone*.

O piloto permitiu o aprimoramento de procedimento para torná-lo mais coerente e preciso. Para realizá-lo de maneira sistemática foi estabelecido um procedimento padrão com: percurso e pontos de observação definidos, parâmetros a serem seguidos para realização das observações e formulários com dados específicos para preenchimento. Foram definidos 30 pontos de observação³³ ao longo do percurso (Figura 10), considerando a configuração espacial e a função dos espaços. No procedimento foi considerado o registro de pontos adicionais aos já definidos quando julgado pertinente. Definiu-se também que a repetição do *walkthrough* deveria ocorrer em todos os dias da semana, em horários similares nos turnos

³³ Inicialmente foram definidos 31 pontos de observação, mas após as primeiras aplicações definitivas do método, o ponto 13 foi suprimido. Além disso, o percurso sofreu pequenas alterações para facilitar o deslocamento. A numeração original dos pontos foi mantida, mesmo com as alterações, a fim de evitar a desorganização dos dados que já haviam sido coletados.

da manhã e da tarde³⁴. É importante frisar que os dados coletados são subjetivos e dependem da interpretação do observador, portanto não são dotados de rigor estatístico.

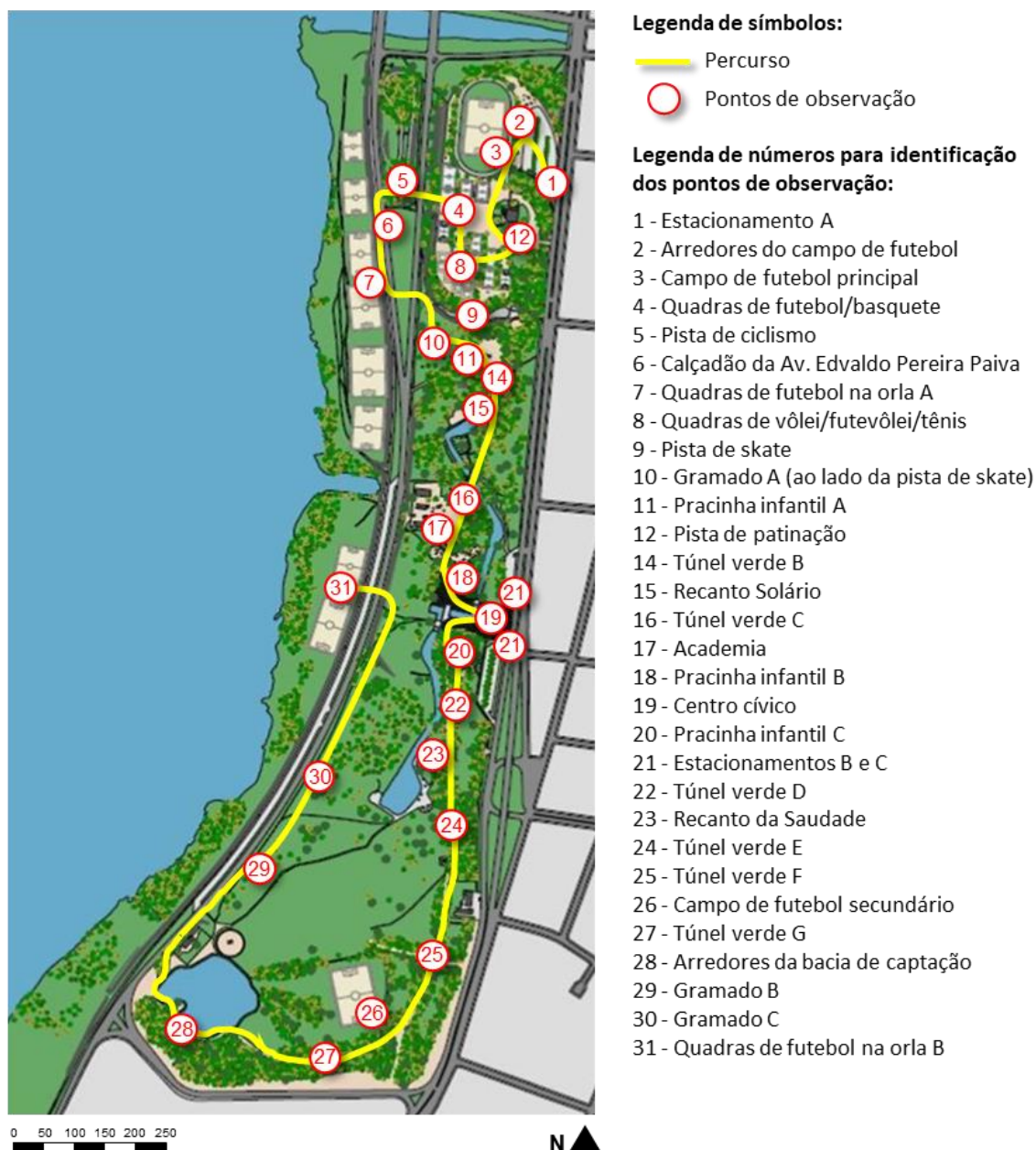


Figura 10: Percurso e pontos de observação do *walkthrough*.

Fonte: Adaptado de Miranda (2014).

O aplicativo Google Keep foi utilizado, através de um aparelho *smartphone*, para facilitar o registro das observações. Foi criado um formulário padrão (ver APÊNDICE D), o qual foi utilizado para registrar as informações de cada ponto, em cada vez que o percurso fosse

³⁴ No turno da noite, julgou-se inviável a realização do percurso por questões de insegurança no local.

realizado. No formulário, os seguintes dados referentes ao ponto de observação deveriam ser registrados: a) identificação do ponto de observação; b) data e turno; c) horário; d) número de pessoas por grupo (visitantes por gênero/faixa etária e não-visitantes por função que desempenha no local); e) número de visitantes por atividade; f) comentários; g) entrevista; h) fotografias. Dados a respeito de não-visitantes, acontecimentos regulares e eventos deveriam ser registrados no campo de comentários. Nesse mesmo campo deveriam ser registradas percepções da pesquisadora, quando julgadas pertinentes, sobre espaços, pessoas ou situações.

O registro dos visitantes foi realizado já nas suas categorias específicas, formadas por cinco grupos de gênero e faixa etária: homens adultos e mulheres adultas (acima de 18 anos); homens jovens e mulheres jovens (entre 12 a 18 anos); e crianças (até 12 anos). A definição dos grupos foi baseada em trabalhos já desenvolvidos no PROPUR (BECKER, 2005; GIRALT, 2006; MONTELLI, 2008) e as idades foram estipuladas a partir de Brasil (1990). Não se criou um grupo específico para idosos, pessoas acima de 60 anos, de forma a facilitar a contagem durante as observações. No grupo das crianças não foi representada diferenciação de gênero. Já o registro das atividades ocorreu sem prévia definição de categorias.

O procedimento foi realizado em cada dia da semana, nos turnos manhã e tarde, totalizando em 14 repetições válidas do percurso, conforme apresentadas no Quadro 12. A realização do *walkthrough* dependia da condição do tempo favorável e de ajudantes disponíveis para acompanhar a pesquisadora, portanto não ocorreu em uma semana corrida. No domingo à tarde, devido ao grande número de pessoas no PMB e ao elevado tempo de duração para realizar as observações, o percurso foi dividido em duas partes e realizado em dois dias.

Dia da semana	Nº*	Turno	Data	Hora início	Hora fim	Duração (h)	Condições		Comentários
							Tempo	°C	
Segunda	1	Manhã	16/10/17	9:40	11:10	1:30	Sol	22	-
	2	Tarde	16/10/17	15:10	16:40	1:30	Sol com muitas nuvens	28	-
Terça	3	Manhã	10/10/17	8:55	10:15	1:20	Sol com muitas nuvens	18	Exército realizando atividades físicas
	4	Tarde	26/09/17	15:30	16:50	1:20	Nublado	31	-
Quarta	5	Manhã	01/11/17	8:10	9:30	1:20	Sol com poucas nuvens	19	Exército realizando atividades físicas
	6	Tarde	04/10/17	15:45	17:10	1:25	Sol com poucas nuvens	29	-
Quinta	7	Manhã	05/10/17	9:05	10:25	1:20	Nublado	23	-
	8	Tarde	21/09/17	17:00	18:40	1:40	Sol	31	Feriado no dia anterior
Sexta	9	Manhã	27/10/17	10:15	11:30	1:15	Nublado	21	-
	10	Tarde	20/10/17	15:30	16:50	1:20	Sol com nuvens	26	Escolas em greve
Sábado	11	Manhã	28/10/17	9:30	11:45	2:15	Nublado com muito vento	19	Chuva nos dois dias anteriores
	12	Tarde	14/10/17	15:00	16:40	1:40	Sol com muitas nuvens	20	Chuva intensa nos 3 dias anteriores
Domingo	13	Manhã	01/10/17	9:40	11:40	2:00	Sol	24	Evento "Circuito de Corridas Caixa" na Av. Edvaldo Pereira Paiva
	14a	Tarde	01/10/17	15:50	17:30	1:40	Sol	30	Realização parcial do percurso; ocorreu temporal às 18:30h
	14b	Tarde	08/10/17	15:40	16:20	0:40	Sol	22	Realização da parte faltante do percurso

*Os números são para identificação de cada realização do percurso, mas não representam a ordem de realização.

Quadro 12: Realizações válidas do *walkthrough* no PMB.

Planejamento e coleta de dados através da *laddering*

A *laddering* é uma técnica de entrevista em profundidade que utiliza uma série de perguntas do tipo “Por que isso é importante pra você?” para auxiliar na compreensão de significados, atitudes e comportamentos de pessoas, utilizando-se da Teoria Cadeias Meio-Fim (GUTMAN, 1982; REYNOLDS; GUTMAN, 1988). Nesta pesquisa foi utilizada a *laddering* tradicional, também chamada de *soft laddering*, apesar de existirem outras variações da técnica. Buscou-se, a partir da aplicação da técnica, compreender os atributos do PMB reconhecidos pelos usuários, as consequências advindas de cada um e valores pessoais envolvidos. O conteúdo serviu para auxiliar na compreensão das informações geradas a partir do questionário e do *walkthrough*.

O roteiro da entrevista foi elaborado a partir de constructos desta pesquisa relacionados ao PMB: estrutura física, aparência, acessibilidade e sentimento de segurança. O piloto da entrevista foi aplicado em conjunto com outra pesquisadora, experiente na aplicação da técnica, em uma pessoa que já havia estado no PMB e que possuía conhecimento razoável do local. O piloto permitiu a primeira aproximação da pesquisadora com a técnica e possibilitou alguns ajustes no roteiro.

O roteiro final da entrevista pode ser conferido no APÊNDICE E. É importante salientar que o roteiro contém apenas perguntas iniciais sobre cada tópico. Durante a entrevista, a partir da resposta de determinada pergunta, o aplicador selecionou os aspectos de interesse e seguiu fazendo perguntas sobre que motivos levam tais aspectos a serem importantes. Essa lógica foi repetida diversas vezes, buscando alcançar um nível cada vez mais alto de abstração.

Pretendia-se entrevistar pessoas familiarizadas com o PMB e, então, a busca por usuários frequentes que o conhecessem há mais de 5 anos ocorreu através de indicações de pessoas com quem se teve contato no decorrer da pesquisa. Também houve a divulgação através da internet, em grupos na rede social Facebook, sem retorno. A comunicação com os indicados ocorreu pessoalmente ou por telefone, quando foram convidados a participar. Por fim, foram realizadas sete entrevistas entre outubro e dezembro de 2017, das quais uma foi desconsiderada por não atingir os objetivos da técnica. Conforme apresentadas no Quadro 13, seis entrevistas foram consideradas válidas.

Nº	Data	Duração (h)	Gênero	Idade	Tempo que conhece o PMB
1	26/10/2017	01:37	Masculino	75 anos	40 anos
2	16/11/2017	00:40	Feminino	61 anos	40 anos
3	18/11/2017	00:42	Masculino	70 anos	15 anos
4	23/11/2017	00:37	Feminino	23 anos	11 anos
5	29/11/2017	00:24	Masculino	32 anos	20 anos
6	02/12/2017	00:49	Masculino	24 anos	7 anos

Quadro 13: Entrevistas válidas realizadas utilizando a técnica *laddering*.

As entrevistas ocorreram em locais sugeridos pelos próprios entrevistados e, previamente à sua realização, os participantes foram informados sobre a pesquisa e sobre a entrevista, além de assinarem um termo de consentimento livre e esclarecido e autorização para gravação de voz. Durante as entrevistas, a pesquisadora fez anotações de pontos específicos sobre as

respostas para possibilitar o direcionamento de outras perguntas. O registro na íntegra deu-se na gravação de voz.

3.3.3 Etapa C

Nesta etapa, os dados provindos da coleta através de cada método e técnica foram organizados e analisados individualmente e, por isso, são apresentados separadamente. As análises iniciaram na mesma ordem em que foram coletados os dados, porém, em alguns momentos ocorreram de maneira simultânea. Após as análises, ocorreu o cruzamento dos dados provenientes do questionário e do *walkthrough*, o que permitiu complementações entre os dados e resultou nas informações sobre o uso do PMB. Ao final desta etapa, tais informações foram organizadas para que fossem apresentadas e discutidas no seminário, a ocorrer na Etapa D. Já as informações geradas a partir da análise de dados na técnica *laddering*, foram utilizadas na Etapa D da pesquisa.

Análise dos dados provenientes do questionário

Os dados provenientes dos questionários aplicados presencialmente e através da internet foram organizados em um banco de dados no *software* Excel. Em seguida, as questões descritivas foram organizadas em categorias, tomando-se o cuidado que o conjunto abrangesse todas as repostas mas contivesse um número viável para permitir a análise, conforme orientações de Gil (2012).

Foi utilizado o *software* SPSS para contagem de frequência e realização de teste qui-quadrado de Pearson (X^2). Segundo Lay e Reis (2005), as frequências revelam a distribuição dos dados com relação às categorias consideradas nas variáveis. Os autores afirmam que as frequências não tem a obrigatoriedade de serem acompanhadas de outros testes estatísticos e que podem ser utilizadas para revelar importantes aspectos na relação entre o espaço construído e os usuários. Já os valores de X^2 , obtidos a partir de tabulações cruzadas entre duas variáveis, têm o objetivo de relacionar a frequência de casos numa variável com categorias de outra variável.

Quando os valores de X^2 são estatisticamente significativos (iguais ou menores a 0,05), existe uma relação estatística entre duas variáveis (LAY; REIS, 2005).

A fase de análise através do SPSS contou com a orientação do NAE, da UFRGS. A contagem de frequência foi realizada em todas as questões. Como não houve diferença estatisticamente significativa na maioria das respostas entre os subgrupos usuários pouco-frequentes e usuários frequentes, as análises foram realizadas considerando o grupo total de usuários, sem a separação por subgrupos. Apenas em respostas nas quais se encontrou diferença estatisticamente significativa é que os subgrupos são apresentados em separado. O teste qui-quadrado foi realizado entre questões julgadas pertinentes.

Análise dos dados provenientes do *walkthrough*

Os dados do provenientes do *walkthrough*, registrados em formulários no aplicativo Google Keep, foram organizados em um conjunto de planilhas no *software* Excel. Para isso, foi criada uma planilha geral, da qual parte pode ser conferida no APÊNDICE G. Tal planilha foi subdividida pelas 14 realizações do *walkthrough*, contendo os pontos de observação e as categorias de dados a serem inseridos a respeito dos visitantes/não-visitantes e atividades. As categorias, assim como os respectivos códigos utilizados nas planilhas, podem ser conferidas no APÊNDICE F.

A partir da planilha geral, foram criadas planilhas secundárias para cada um dos 30 pontos de observação, das quais parte pode ser conferida no APÊNDICE H. Essas planilhas permitiram reunir grupos de dados referentes às realizações do percurso em cada dia da semana para cada ponto de observação. Também foram criadas planilhas terciárias, das quais parte pode ser conferida no APÊNDICE I. Tais planilhas permitiram agrupar dados referentes a valores totais por dias da semana e por pontos de observação. Por fim, a partir dos agrupamentos específicos de dados organizados através das planilhas, foi possível quantificar os dados e gerar gráficos, também no *software* Excel.

Análise dos dados provenientes da *laddering*

A fase de análise e interpretação dos resultados compreende uma parte importante da técnica *laddering*, pois viabiliza o entendimento das motivações implícitas dos usuários em relação ao PMB. A análise dos dados produzidos pela técnica compreende os seguintes passos: a) análise de conteúdo; b) desenvolvimento da matriz de implicação; c) construção do mapa hierárquico de valor; e d) determinação das percepções predominantes, quando ocorre a definição do ponto de corte (VELUDO-DE-OLIVEIRA; IKEDA, 2008a).

As entrevistas produziram dados que foram gravados em áudio e transcritos na íntegra com o auxílio do *software* Express Scribe Transcription. A análise de conteúdo permitiu ter uma visão geral dos elementos contidos nas respostas, os quais foram agrupados em palavras-chave e resultaram em uma lista com sessenta e cinco elementos-códigos³⁵, que foram categorizados de acordo com o nível de abstração do modelo de cadeias meios-fim (ver APÊNDICE J). Em seguida, as repostas das entrevistas foram segmentadas e inseridas em uma planilha no *software* Excel, o que permitiu a identificação e categorização dos elementos-código em: (A) atributos concretos ou abstratos; (C) consequência funcional ou psicossocial; e (V) valor instrumental ou terminal, formando cadeias (sequência A-C-V).

As cadeias provenientes das entrevistas foram inseridas no *software* LadderUX, de maneira a conferir agilidade e precisão operacional no restante do processo. A matriz de implicação foi gerada automaticamente (ver APÊNDICE K), sendo composta por linhas e colunas contendo os elementos-código e a representação das relações entre eles. O LadderUX também gerou o mapa hierárquico de valor (MHV), dispositivo visual que permite fazer interpretações a partir da representação gráfica dos resultados.

O MHV gerado inicialmente, o qual pode ser conferido no APÊNDICE L, representa uma grande quantidade de relações, o que dificulta sua interpretação. Por isso, foi calculado o ponto de corte com a finalidade de limitar a matriz e, conseqüentemente, o MHV apenas às relações mais evidentes. O ponto de corte representa o mínimo de vezes que determinada relação ocorra para que seja considerada relevante. A literatura sugere que o ideal é representar em

³⁵ O termo elementos-código foi adotado nesta pesquisa para se referir aos constructos que representam atributos, consequências e valores.

torno de 2/3 do total de relações contidas na matriz. Desta forma, o ponto de corte adotado foi 3, representando 903 relações, correspondendo ao total de 63,59% do total de relações.

Cruzamento de dados e organização das informações geradas

O cruzamento dos dados provenientes do questionário e do *walkthrough* resultou nas informações geradas sobre o uso do PMB. Então, com foco na organização desse conteúdo para realização do seminário, viu-se na matriz de descobertas um grande potencial de contribuição dada a possibilidade de sintetizar um grande número de informações e apresentá-las de maneira gráfica. O instrumento inspirou a elaboração de um documento impresso em formato A2, nesta pesquisa chamado de documento-gráfico, o qual é apresentado no APÊNDICE M. O objetivo foi utilizar o instrumento no seminário para apresentar as informações de uso do PMB e auxiliar na discussão tanto das informações quanto da viabilidade de utilização do documento-gráfico em situações práticas de tomada de decisão.

Para a elaboração do documento-gráfico foram utilizados elementos como mapa, textos, gráficos, fotografias e figuras, de maneira a torná-lo o mais elucidativo possível. É importante salientar que o instrumento representa uma síntese e, portanto, contém parte das informações geradas sobre o uso do PMB. O intuito foi de apresentar as informações consideradas mais relevantes e, ao mesmo tempo, de exemplificar o tipo de informação possível de ser gerada através dos procedimentos utilizados e de como essa informação pode ser apresentada.

Tendo como base o documento-gráfico, foi criada uma apresentação de *slides* para ser projetada no seminário, de maneira a facilitar a exposição das informações pela pesquisadora e permitir a visualização simultânea por todos participantes. O conjunto de 30 *slides* foi elaborado a partir dos mesmos elementos do documento-gráfico, porém, contendo um maior número informações, incluindo também uma breve exposição sobre os procedimentos utilizados para coleta e análise dos dados (ver o APÊNDICE N). Complementarmente, ainda foi elaborada uma lista de demandas que emergiram a partir dos dados coletados, apresentada no APÊNDICE O. O propósito da lista foi de organizar e registrar tais informações para que

pudesse ser lida e acompanhada, durante a discussão, por todos os participantes do seminário.

É importante mencionar que as informações resultantes da técnica *laddering*, representadas através do MHV, foram utilizadas na Etapa D para auxiliar na análise crítica pretendida na pesquisa e, portanto, não foram cruzadas nessa etapa com os dados provenientes dos métodos em avaliação.

3.3.4 Etapa D

Esta etapa tem como foco a consolidação e a discussão dos resultados da pesquisa, sendo composta por duas fases. A primeira fase diz respeito ao contato realizado com a SMAMS, responsável pelos parques urbanos de Porto Alegre e, portanto, potencial utilizadora dos procedimentos avaliados na pesquisa e das informações geradas a partir dos mesmos. Como forma de receber um retorno a respeito das informações e dos procedimentos, foi organizada uma reunião em formato de seminário com alguns técnicos da SMAMS.

O seminário ocorreu em 26 de janeiro de 2018, na sede da SMAMS, e durou 2 horas e 40 minutos. Participaram da ocasião cinco técnicos e dois pesquisadores, conforme exposto no Quadro 14. É importante salientar que os técnicos participantes do seminário têm em comum o interesse na mútua contribuição entre a PMPA e o meio acadêmico, como forma de gerar conhecimento. Inclusive, alguns deles possuem experiência em pesquisa. No entanto, é preciso considerar que o grupo representa apenas uma parte da SMAMS, já que existem visões diferentes dentro da Secretaria.

Nº	Participante	Formação	Atuação
1	Técnico	Engenheiro agrônomo	Coordenador das Áreas Verdes – SMAMS*
2	Técnico	Arquiteto e urbanista	Unidade de Gestão de Áreas Verdes – SMAMS*
3	Técnico	Engenheiro agrônomo	Unidade de Gestão de Áreas Verdes – SMAMS*
4	Técnico	Arquiteto e urbanista	Diretor da Divisão de Projetos e Construções – SMAMS*
5	Técnico	Arquiteto e urbanista	Equipe de Projetos – SMAMS*
6	Pesquisador	Arquiteto e urbanista	Pesquisador – PROPUR/UFRGS
7	Pesquisador	Arquiteto e urbanista	Pesquisador – PROPUR/UFRGS

* Últimas informações recebidas na pesquisa referentes à estrutura organizacional da SMAMS (não oficial).

Quadro 14: Participantes do seminário.

O seminário foi estruturado da seguinte forma: a) apresentação de *slides* sobre a coleta e análise dos dados e das informações geradas a partir do questionário e do *walkthrough*; b) discussão com auxílio do documento-gráfico sobre a coleta e análise dos dados e das informações geradas a partir do questionário e do *walkthrough*; c) apresentação da lista de demandas emergentes referentes ao PMB; d) discussão sobre as demandas emergentes referentes ao PMB; e) validação das informações do seminário. O registro do seminário ocorreu através de gravação de áudio, mediante prévia autorização verbal dos participantes, e de anotações.

A segunda fase da Etapa D diz respeito a análise crítica acerca dos procedimentos utilizados na pesquisa para gerar informações de uso do PMB, que compreendeu: a) a avaliação dos procedimentos, a partir da percepção da pesquisadora; b) a reflexão acerca das contribuições provindas do seminário; e c) utilização do MHV para auxiliar na compreensão acerca das informações geradas a partir dos procedimentos avaliados. Ao final da etapa, foi possível alcançar os objetivos da pesquisa.

4 RESULTADOS

Neste capítulo é apresentada a análise crítica acerca dos procedimentos utilizados na pesquisa para gerar informações de uso do PMB, realizada com o intuito trazer contribuições para o monitoramento de uso de parques urbanos. Também é apresentada parte do conteúdo gerado sobre o uso do PMB, utilizando, principalmente, agrupamentos de informações. Por fim, é apresentada uma breve discussão acerca dos procedimentos e das informações.

4.1 PROCEDIMENTOS PARA CAPTURA E PROCESSAMENTO DE DADOS

Neste tópico é apresentada parte da análise crítica dos procedimentos utilizados para gerar informações de uso do parque urbano em estudo. É importante salientar que o processo de geração de informações se deu de forma exploratória nesta pesquisa, porém, pautando-se na literatura. A Figura 11 mostra o processo de maneira simplificada.



Figura 11: Processo de geração de informações de uso do PMB.

Os procedimentos adotados para fazer parte do processo contaram com dois procedimentos principais, o questionário e o *walkthrough*, a partir dos quais foram utilizados outros complementares, aqui apresentados como dois grupos, conforme mostra o Quadro 15.

GRUPO	Captura de dados			Processamento de dados		Organização das informações
	Métodos	Instrumentos	Ferramentas	Instrumentos	Ferramentas	Instrumentos
A	Questionário	Roteiros de questionários	LimeSurvey	Banco de dados	Excel e SPSS	Documento-gráfico, conjunto de <i>slides</i> e lista de demandas
B	<i>Walkthrough</i>	Formulário	Google Keep	Planilhas	Excel	

Quadro 15: Procedimentos utilizados para gerar informações de uso do PMB.

Procedimentos do Grupo A

O método questionário foi utilizado para coletar dados relacionados aos usuários e não-usuários do PMB. Para o desenvolvimento do instrumento de coleta de dados, um roteiro composto por um conjunto de questões, a realização de dois pilotos foi fundamental. A partir do primeiro, foi possível perceber aspectos que poderiam ser melhorados para facilitar a aplicação e garantir dados mais precisos: algumas questões eram de difícil interpretação pelos respondentes e as escalas sociais distintas e com muitas divisões dificultavam a verbalização pelo pesquisador. Nesse momento, algumas questões foram alteradas e se optou por utilizar escalas com três pontos ao invés de cinco³⁶, como pensado inicialmente. Depois de realizadas as devidas alterações, o segundo piloto foi aplicado no PMB, permitindo os ajustes finais no instrumento. As duas aplicações também permitiram adequar o tempo de duração do questionário através do número de questões.

O questionário na modalidade de aplicação através da internet teve um retorno bastante positivo, já que alcançou um número considerável de respondentes em um curto período de tempo. Isso vai ao encontro do que é apresentado por Rheingantz et al. (2009) como vantagens do questionário: rapidez, possibilidade de trabalhar com grandes universos de respondentes e/ou de áreas geográficas e comodidade para o respondente, que pode responder no momento mais conveniente. É interessante mencionar que o tempo médio levado para responder ao questionário pela internet foi de três minutos e quinze segundos para os não-usuários, considerando o número reduzido de questões, e 10 minutos e trinta segundos para os usuários, com maior quantidade de questões. A partir do grande número de respondentes que finalizou o questionário, entende-se que ele foi bem dimensionado no número de questões.

A modalidade de aplicação presencial do questionário também teve retorno positivo, já que a grande maioria dos visitantes que foram abordados no PMB para participar não se opôs. Porém, é preciso considerar a dificuldade de obter participação de determinados grupos como, por exemplo, dos visitantes que estavam praticando atividades físicas, já que era inviável interrompê-los durante sua prática. Apesar de não ter sido registrado a duração da

³⁶ A decisão contou com a orientação do NAE, da UFRGS.

aplicação de cada questionário nessa modalidade, pode-se afirmar que o tempo para responder foi superior à modalidade de aplicação pela internet. Isso ocorreu porque grande parte dos participantes não se limitou à responder as questões, que na sua maioria eram objetivas, mas fizeram questão de explicar suas respostas, comentar acerca de outros aspectos do parque ou de contar sobre suas experiências no local.

Ambas modalidades de aplicação apresentaram vantagens e desvantagens quando comparadas entre si. A modalidade aplicada pela internet exige um investimento inicial de tempo para criação do instrumento na plataforma online e para divulgação, porém, exige menos envolvimento de tempo e de pessoal, considerando todo o processo. A modalidade aplicada presencialmente exige tempo e pessoal, mas possibilita captar uma riqueza de dados de maneira diferente pelo maior envolvimento do entrevistado. Entende-se que ambas modalidades tem suas vantagens e que, se possível, podem ser utilizadas de maneira complementar.

A utilização do *software* LimeSurvey foi bastante útil para aplicar o questionário através da internet. Inicialmente, foi necessário recriar o instrumento no *software*, inserindo as questões e realizando as devidas configurações. A ferramenta possibilitou a utilização de filtros para direcionar perguntas específicas para cada subgrupo de respondentes. Durante o período em que ficou disponível para ser respondido pelo público, foi possível acompanhar seu andamento e ter acesso às respostas. Ao fim, a possibilidade de exportar o banco de dados com as respostas de cada participante em arquivo compatível com o *software* Excel, facilitou a organização dos dados para a fase de análise.

Os dados provenientes do questionário aplicado pelo LimeSurvey foram exportados em um primeiro banco de dados. Os dados provenientes dos questionários aplicados presencialmente foram inseridos no LimeSurvey, de maneira a criar um segundo banco de dados no mesmo padrão do anterior. Em seguida, ambos foram unidos em um banco de dados único e foram realizados os devidos ajustes para possibilitar a análise dos dados.

A análise dos dados coletados de ambas modalidades do questionário não apresentou maiores dificuldades. Porém, a forma como o questionário foi elaborado, com questões específicas para subgrupos, exigiu atenção e demandou tempo para organização e registro do

que estava sendo executado durante as análises. Isso mostrou a importância de considerar a fase posterior de análise dos dados ainda na elaboração do instrumento. Além disso, foi possível perceber que tornar simples a operacionalização dos dados é fundamental para garantir agilidade e precisão ao processo, minimizando chances de erro. A maior parte das questões utilizadas foram objetivas, o que facilitou a quantificação, e apenas uma menor parte de questões foram abertas, o que exigiu uma prévia categorização para a quantificação.

O *software* SPSS auxiliou na fase de análise dos dados, principalmente por permitir selecionar subgrupos específicos para rodar análises direcionadas. A contagem de frequência foi realizada em todas as questões, ora individualmente para cada subgrupo de usuários e não-usuários e ora por agrupamento de subgrupos. O teste qui-quadrado foi realizado entre questões julgadas pertinentes, também individualmente ou por agrupamento de subgrupos. Ao final, foram realizadas aproximadamente 245 análises no SPSS, das quais aproximadamente 120 mostraram resultados relevantes. A possibilidade de exportação das análises realizadas no SPSS em arquivo compatível ao Excel, facilitou a fase posterior de geração de gráficos no *software*.

Procedimentos do Grupo B

O método *walkthrough* foi utilizado para coletar dados relacionados ao uso do PMB. O procedimento foi adaptado às necessidades da pesquisa, tendo como foco sua realização de maneira sistemática. A partir de predefinições iniciais, a realização do piloto foi fundamental para orientar as definições acerca do procedimento. Durante sua realização foram enfrentadas dificuldades e se percebeu que: a) apenas a definição do percurso não era suficiente, dado o tamanho do parque e por ser um espaço aberto, também era necessário definir pontos de observação; b) era necessário criar parâmetros que permitissem realizar as diversas aplicações de maneira semelhante e para que os dados coletados permitissem comparações; c) utilizar prancheta para anotar e fazer fotografias pela mesma pessoa era inviável, dada a quantidade de informações e a dificuldade de manuseio; d) realizar entrevistas no percurso aumentava consideravelmente o tempo de aplicação; e) eram necessárias ao menos duas pessoas em conjunto para realização do percurso, tanto por

questões de insegurança no parque quanto para facilitar contagem de pessoas, já que identificação por grupos torna a contagem trabalhosa.

Tendo como base a experiência na aplicação do piloto é que foram definidos pontos de observação ao longo do percurso. Em alguns espaços, devido às grandes dimensões, foram utilizados mais de um ponto de observação. É importante expor que os espaços no PMB são de tamanhos variados e comportam diferentes quantidades de pessoas. Dessa forma, tal característica deve ser considerada como uma limitação das análises que foram realizadas a partir dos dados, quando comparados diferentes espaços entre si.

O piloto também orientou a definição de parâmetros para a realização das observações, que foram: a) identificar uma categoria por vez e fazer seu registro; b) considerar todos os visitantes e não-visitantes no espaço ao qual os pontos de observação se referem; c) no caso do túnel verde, por ser um espaço extenso e ter pessoas em movimento, considerar apenas visitantes e não-visitantes em um raio aproximado de 50 metros dos pontos de observação; d) considerar todos os visitantes e não-visitantes no campo de visão no momento da observação (levando em conta os parâmetros anteriores), mesmo que se identifique que os mesmos indivíduos já tenham sido registrados em outros pontos; e) em situações de grande número de visitantes e não-visitantes, considerando que podem estar em movimento, adotar como padrão de identificação e contagem o campo de visão da esquerda para a direita.

A utilização do aplicativo Google Keep no *smartphone* contribuiu significativamente na coleta de dados durante o procedimento do *walkthrough*. Foi possível perceber a grande utilidade da ferramenta já na primeira vez que foi utilizada, dada sua facilidade de manuseio. A criação de um formulário padrão no aplicativo e sua prévia identificação por cores e marcadores, permitiu ainda mais agilidade no processo de registro e organização dos dados. Nesse sentido, a possibilidade de acessar o conteúdo do aplicativo também através do computador, facilitou na preparação dos formulários e na visualização dos dados na fase posterior a coleta. A Figura 12 apresenta a interface do Google Keep no computador.

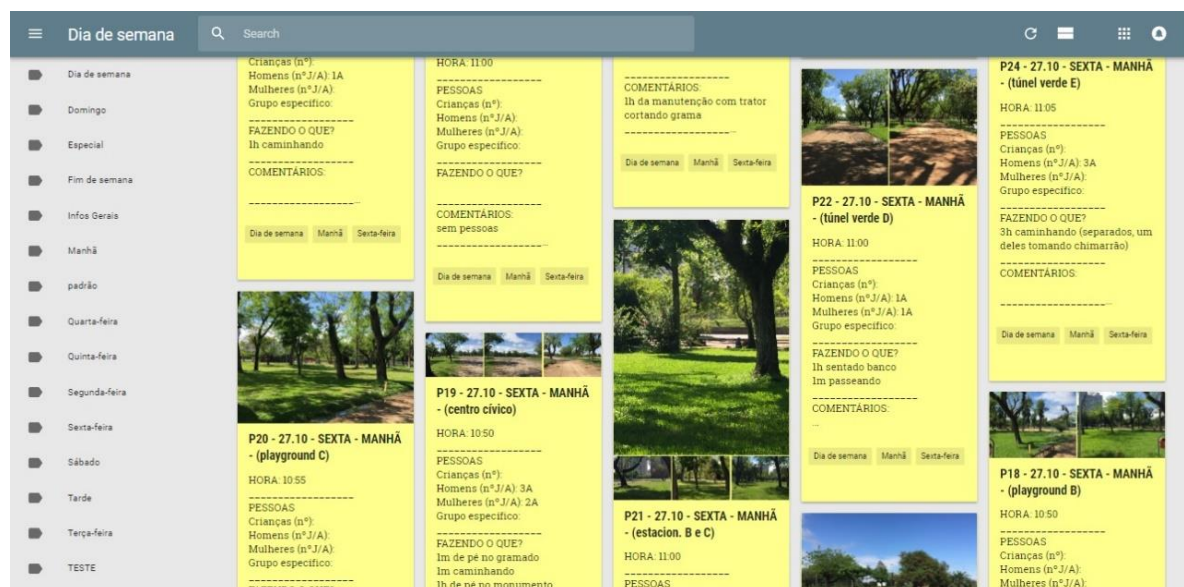


Figura 12: Interface do Google Keep no computador.

No formulário utilizado estavam informados os dados que deveriam ser introduzidos durante as observações, alguns já nas suas categorias específicas, como o número de visitantes por grupos, e outros ainda não especificados em categorias, como o número de visitantes por atividades. Isso ocorreu, pois, no momento da coleta, as categorias de atividades ainda não haviam sido definidas. Tal situação dificultou a interpretação e aumentou a possibilidade de erros na fase de organização dos dados, que precedeu a análise. Desta forma, foi possível perceber que definições precisas acerca de todas as categorias de dados poderiam garantir ainda mais precisão nos dados coletados.

A ideia inicial era realizar o *walkthrough* em cada dia da semana, nos turnos manhã e tarde, por duas rodadas, totalizando 28 repetições do percurso. Porém, dadas as limitações de pessoal disponível e de tempo, alterou-se para uma rodada durante a semana e duas no final de semana, o que também acabou não sendo possível. Por fim, foi possível realizar apenas uma rodada, em cada dia da semana, totalizando em 14 repetições válidas do percurso. É importante frisar que, em situações de utilização do procedimento para o monitoramento de uso, deve haver uma repetição maior do que a realizada na pesquisa. Esse cuidado é fundamental para alcançar uma amostra coerente, que deve ser previamente planejada, para retratar a realidade de determinado período. Além disso, a repetição do procedimento em diferentes períodos é que torna possível realizar comparações ao longo do tempo.

Cabe mencionar que algumas situações fizeram com que cinco aplicações do procedimento do *walkthrough* fossem invalidadas: a) dificuldades enfrentadas pelos auxiliares da pesquisadora na contagem de pessoas, resultando em dados perceptivelmente distorcidos; b) mudança nas condições do tempo durante a realização do procedimento, impossibilitando sua continuação e resultando em dados parciais de determinado dia/turno; e c) alteração no planejamento da pesquisa devido à limitação de tempo, impossibilitando a utilização de dados de uma rodada adicional incompleta. Cabe mencionar que as duas últimas situações mencionadas fazem parte de dificuldades inerentes ao processo de pesquisa. Porém, a dificuldade relacionada aos auxiliares da pesquisadora, demonstraram a importância de que sejam devidamente treinados e capazes de lidar com interpretações subjetivas nas observações.

Os tempos de duração para a realização do procedimento do *walkthrough* variaram entre uma hora e quinze minutos, tempo registrado durante a semana, e duas horas e vinte minutos, tempo registrado no fim de semana. A diferença de duração se deu devido à quantidade de visitantes no parque, já que no fim de semana o número foi muito mais elevado e isso exigiu mais tempo para contagem de pessoas e registro dos dados. É importante expor que houve dificuldade na realização do procedimento por apenas duas pessoas no domingo, devido ao grande número de visitantes no PMB. Considerando que os visitantes estavam em constante movimento e as contagens por categorias levavam um tempo considerável, ficou perceptível que os dados coletados nesse dia foram menos precisos que nos demais.

A situação mencionada indica que o ideal seria haver uma equipe para aplicar o procedimento em dias de pico de visitantes e, de preferência, que cada pessoa ficasse responsável pela contagem e registro de uma determinada categoria. Apesar da limitação apresentada em relação à precisão, os dados coletados no domingo contribuíram significativamente para realização de comparações com os demais dias da semana. Isso vai ao encontro do que é exposto por Harnik (2003) de que, mesmo não sendo possível contar precisamente o número de visitantes através de observação, a repetição do procedimento pode gerar dados bastante significativos.

A criação do conjunto de planilhas no *software* Excel, para organização dos dados provenientes do *walkthrough*, demandou de uma quantidade de tempo considerável devido ao grande volume de registros. O preenchimento da planilha geral dependia da interpretação das anotações nos formulários, o que tornou o trabalho longo e exaustivo. Percebeu-se que a forma como os dados foram registrados durante a coleta dificultou sua inserção nas planilhas na fase posterior de organização, já que exigiu interpretação ao invés de, apenas, transferência dos dados. Isso ocorreu porque os dados começaram a ser coletados ainda antes da elaboração das planilhas de organização e, portanto, no momento da coleta algumas categorias de dados ainda não estavam definidas. Isso mostra a importância do planejamento considerar todo o processo envolvido, desde a coleta até a análise dos dados. Nessa situação, o registro dos dados de maneira mais objetiva teria demandado menos tempo em campo e teria favorecido a precisão por exigir menos interpretação.

As planilhas secundárias e terciárias não necessitaram inserção de dados, pois eram apenas agrupamentos específicos dos dados já inseridos na planilha inicial. Após organizados os dados nas planilhas, a análise ocorreu de maneira bastante simples e envolveu basicamente a criação e interpretação de gráficos. Levando em consideração a utilização de um conjunto de planilhas no monitoramento de uso, entende-se que o tempo investido é válido. As planilhas seriam elaboradas conforme as necessidades específicas de cada caso e, posteriormente a esse esforço inicial, o mesmo conjunto seria utilizado para receber dados de todas as sucessivas coletas. Esse investimento vai ao encontro do que é exposto por Schipperijn et al. (2005) para contribuir na geração de informações de qualidade, já que não demanda demasiados recursos, facilita a atualização dos dados e permite fazer comparações ao longo do tempo.

Contribuições do grupo de técnicos da SMAMS acerca dos procedimentos

Ao serem apresentados no seminário os procedimentos dos Grupos A e B, para realizar a captura e o processamento de dados, o retorno do grupo de técnicos da SMAMS foi bastante positivo. Segundo eles, os procedimentos são viáveis para utilização na geração de informações de uso como parte do processo de gestão dos parques urbanos. Em parte, essa visão se deu devido à facilidade de aplicação dos procedimentos e, em parte, porque não

exigem grande investimento financeiro, já que os equipamentos são de fácil acesso, como computadores e *smartphones*, assim como as ferramentas são de fácil acesso ou gratuitas, como *softwares* e aplicativos. O maior investimento seria em relação ao tempo dos técnicos, o que não inviabilizaria o processo, já não é necessária dedicação integral e poderia haver auxílio de estagiários.

Organização das informações

A respeito da organização das informações, fase final tanto dos procedimentos do Grupo A quanto do Grupo B, foram selecionados conteúdos considerados relevantes e criados agrupamentos de informações. Nesse sentido, foram elaborados três instrumentos para organizar e apresentar as informações, a serem utilizados no seminário. Na elaboração do documento-gráfico, buscou-se fazer uma síntese das informações geradas na pesquisa, de maneira a apresentar conjuntos por temas. O instrumento se mostrou bastante útil durante a discussão no seminário, já que possibilitou uma visão panorâmica e não fragmentada das informações geradas, além de ser de fácil manuseio e leitura. Isso confirma as vantagens já apresentadas por Rheingantz et al. (2009) em relação à matriz de descobertas, que inspirou o documento-gráfico. A partir disso, entende-se que esse instrumento é extremamente válido como auxílio em processos de tomada de decisão.

Outro instrumento elaborado foi o conjunto de *slides*. Seu conteúdo foi mais abrangente se comparado ao documento-gráfico, mas continham o mesmo tipo de informação. A partir dele foi possível expor um grande número de informações, que puderam ser visualizadas por todos participantes simultaneamente, ao contrário do documento-gráfico, que pode ser visualizado por uma ou duas pessoas ao mesmo tempo. Entende-se que a utilização complementar do conjunto de *slides* e do documento-gráfico foi bastante válida, o primeiro para expor as informações e o segundo para auxiliar na discussão. Por fim, outro instrumento elaborado foi a lista de demandas, a qual também permitiu a leitura simultânea por todos os participantes do seminário durante a discussão. A lista foi útil pois orientou a discussão de pontos específicos sobre o PMB.

Contribuições do grupo de técnicos da SMAMS acerca da organização das informações

A utilização dos três instrumentos elaborados para apresentar as informações durante o seminário, permitiu o retorno do grupo de técnicos da SMAMS acerca da organização das informações. Os agrupamentos de conteúdo por temas ou por relação entre informações, assim como a utilização predominante de elementos gráficos, teve uma receptividade bastante positiva, já que tornou fácil e claro o entendimento do que estava sendo apresentado. A respeito dos instrumentos elaborados para apresentar as informações (conjunto de slides, documento-gráfico e lista de demandas), todos foram bem recebidos, porém, o documento-gráfico se destacou por auxiliar na discussão das informações.

4.2 INFORMAÇÕES DE USO GERADAS

O conteúdo apresentado neste tópico resulta da captura e do processamento dos dados realizado no estudo de caso desta pesquisa sobre o uso do PMB. É importante salientar que a intenção é de apresentar conjuntos síntese de informações e expor reflexões a respeito, e não de apresentar descritivamente todas as informações geradas na pesquisa. Algumas das informações são apresentadas de maneira descritiva no APÊNDICE Q, como forma de exemplificar o conteúdo mais detalhadamente. O conteúdo exposto neste tópico fará uso de agrupamentos de informações elaborados para o seminário ou elaborada para complementação do trabalho. É importante frisar que são utilizados diferentes formatos de apresentação. Primeiro são apresentadas informações que dão um panorama geral sobre o uso do PMB, em seguida são apresentadas informações sobre os temas: acessibilidade; estrutura física; conservação e aparência; segurança; atividades, acontecimentos regulares e eventos.

4.2.1 Panorama de uso do PMB

As informações que permitiram criar um panorama de uso do PMB combinam conteúdo proveniente do *walkthrough* e do questionário, além de englobar conteúdo sobre o não-uso do PMB, gerado a partir de dados de não-usuários.

A quantificação de pessoas, a partir do *walkthrough*, permitiu gerar diferentes tipos de informação e parte delas estão apresentadas na Figura 13. Foi utilizado o mapa do PMB (a) para identificar os espaços com os maiores e menores números de visitantes³⁷ registrados no período estudado. Os cinco espaços com os maiores números³⁸ de visitantes foram: quadras de futebol/basquete/vôlei/tênis (E6), túnel verde nos trechos A e B (E11-a e E11-b), gramado A (E9), pista de skate (E8) e centro cívico (E16). Os cinco espaços com os menores números de visitantes foram: quadras de futebol na orla B (E22), pracinha infantil C (E17), pista de ciclismo (E7), recanto solário (E12) e arredores da bacia de contenção (E20).

No gráfico (c), que apresenta os números³⁹ de visitantes por espaço, foram utilizados períodos como forma de mostrar a variação entre dias de semana e fim de semana, ambos nos turnos da manhã e da tarde. A partir do citado gráfico, é possível fazer algumas interpretações. Percebe-se que a maioria dos picos ocorreu no fim de semana pela tarde. Além disso, a parte norte do PMB (E1 ao E12), com grande porção dos espaços voltados ao esporte, apresentou maior concentração de pessoas em comparação com a parte sul (E13 ao E22), tanto nos dias de semana quanto no final de semana.

Já o gráfico (b), que apresenta o número de visitantes por categorias, permite perceber a diferença entre grupos de visitantes do PMB, divididos por gênero e faixa etária. É possível interpretar, por exemplo, que o público foi predominantemente adulto (65%), seguido por jovens (22%) e crianças (14%). Em relação aos gêneros, o número de homens (56%) foi bastante superior ao de mulheres (31%). O grupo com maior ocorrência foi o de homens adultos (40%) e o grupo com menor ocorrência foi o de mulheres jovens (6%). A informação que o público feminino é minoria pode ser relacionada, por exemplo, com informações sobre segurança no PMB, as quais são apresentadas em tópico específico no decorrer deste capítulo.

É importante mencionar algumas das informações mais detalhadas geradas na pesquisa, que são complementares às informações apresentadas na Figura 13, já que enriquecem o

³⁷ É importante frisar que, dadas as limitações de como foram realizados os procedimentos, os espaços mencionados não se tratam, necessariamente, dos mais e menos utilizados do PMB. Isso se deve ao fato de que os espaços possuem tamanhos variados e comportam diferentes quantidades de pessoas. Além disso, os períodos de observação representam apenas um momento do dia/turno e não o dia/turno inteiro.

³⁸ Os números considerados aqui, tratam-se dos totais contabilizados para cada espaço durante todo o período, ou seja, do somatório de todas observações.

³⁹ Os números considerados aqui, tratam-se das médias dos períodos para cada espaço.

entendimento acerca do objeto de estudo. As informações apresentadas no gráfico (c) vão encontro de informações obtidas a partir do questionário como, por exemplo, sobre dias/turnos que os usuários costumam ir ao PMB. A maioria dos usuários afirmou frequentar o PMB aos fins de semana (45,7% à tarde e 30,8% pela manhã) e a minoria durante a semana (9% à tarde e 9% pela manhã). Entende-se que ambas as informações se reforçam, já que indicam a maior preferência pelo fim de semana.

No mesmo sentido, algumas informações complementares ao gráfico (c) mostram detalhes observados no PMB durante o período. A maioria dos picos de visitantes ocorreu no fim de semana pela tarde, com exceção de: a) quadras de futebol na orla A (E1): a concentração de visitantes ocorreu em jogos de futebol no fim de semana pela manhã; b) estacionamentos B e C (E15): ocorreu uma feira de alimentos na sexta-feira à tarde, concentrando visitantes no local; c) recanto da saudade (E18): maior presença de visitantes no domingo pela manhã, principalmente acompanhados; d) túnel verde trecho B (E11-b): maior movimentação de visitantes no domingo pela manhã; e) campo de futebol B (E19): houveram grandes grupos reunidos no fim de semana pela manhã; f) túnel verde trecho C (E11-c): a movimentação de visitantes superior no fim de semana pela manhã. Em relação ao período de segunda à sexta-feira, o número de visitantes foi maior no período da tarde na maioria dos espaços, com exceção do túnel verde nos trechos A e B (E11-a e E11-b) e do centro cívico (E16), que apresentaram maior movimentação de visitantes no período da manhã.

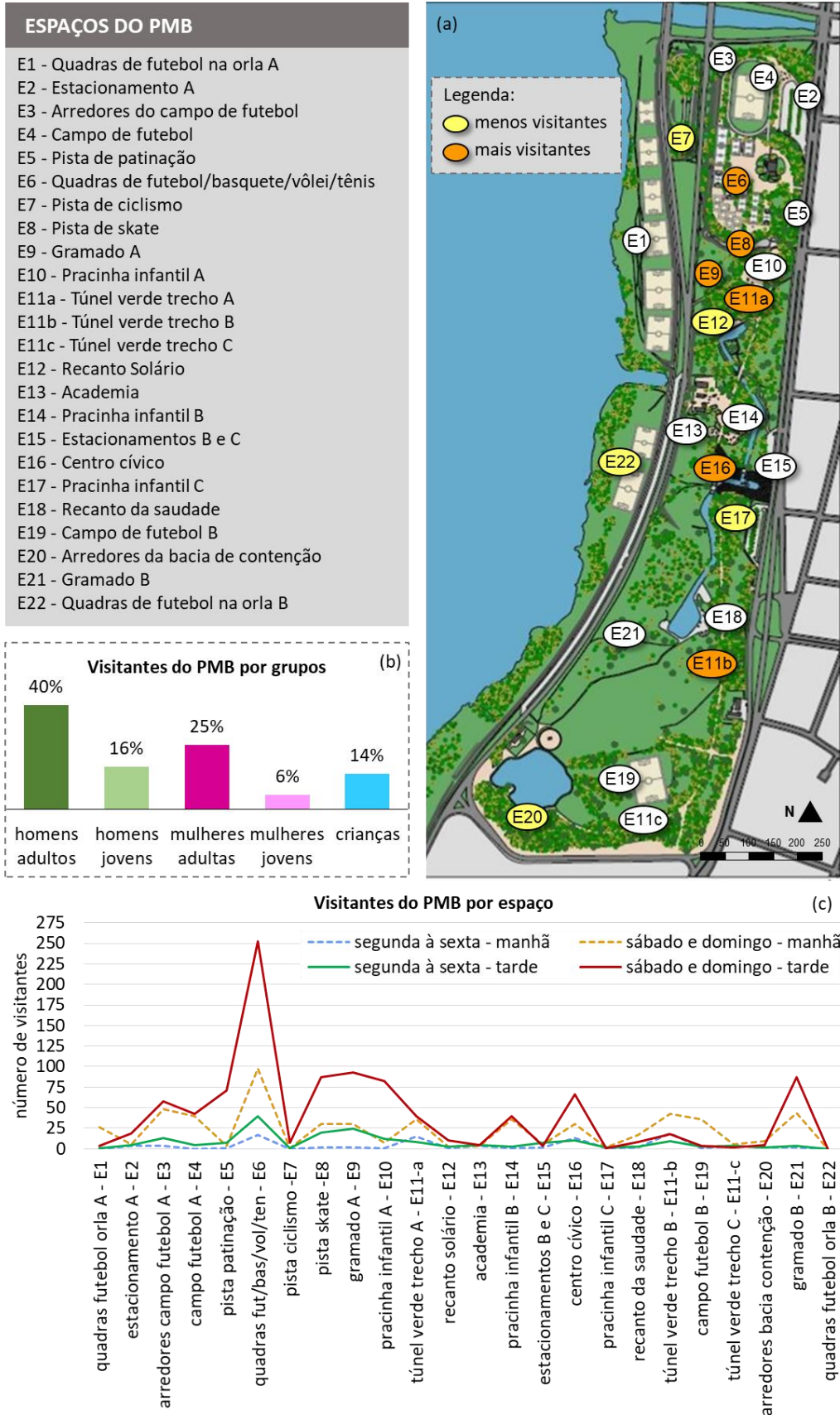


Figura 13: Informações sobre quantidade de visitantes no PMB.
Fonte: Mapa adaptado de Miranda (2014).

Como forma de exemplificar conjuntos de informações, quantitativas e qualitativas, que podem ser apresentadas de maneira gráfica, foram selecionados alguns espaços do PMB. As informações foram geradas através dos procedimentos dos Grupos A e B e auxiliam no entendimento do uso dos espaços. Algumas fazem parte do documento-gráfico (APÊNDICE M) ou do conjunto de *slides* (APÊNDICE N), ambos utilizados durante o seminário, e outras foram elaboradas exclusivamente para apresentação no trabalho⁴⁰.

Os conjuntos de informações apresentados na Figura 14 e na Figura 15 são compostos por subconjuntos com: uma breve lista de características do espaço consideradas relevantes para auxiliar na compreensão das demais informações; ícones gráficos para representar as atividades dos visitantes que foram registradas com maiores ocorrências; um gráfico com a quantidade de visitantes observados nos diferentes dias e turnos para permitir comparações; fotografias para auxiliar na compreensão das demais informações; um gráfico com a proporção de grupos de visitantes observados; aspectos relevantes observados sobre o espaço para auxiliar na compreensão do uso do espaço; e aspectos relevantes sobre o espaço trazidos pelos usuários.

A Figura 14 apresenta o conjunto de informações a respeito do túnel verde, a partir das quais é possível mencionar algumas breves interpretações. As características (a) em conjunto com as fotografias (d) permitem compreender o espaço como um longo caminho em meio à vegetação. A partir do gráfico (c) e das fotografias (d), pode-se perceber que o número de visitantes foi maior no domingo, seguido por uma concentração na terça-feira pela manhã, momento em que haviam grupos de integrantes do Exército praticando exercícios físicos. A partir das atividades (b), pode-se perceber que o caráter do espaço é de circulação. A partir do gráfico (g), é possível perceber que a presença predominante no espaço foi do público adulto masculino. Já a partir dos aspectos observados (e) e das contribuições dos usuários (f) é possível identificar alguns problemas relacionados ao espaço, como a menor movimentação de pessoas em alguns trechos e a sensação de insegurança.

⁴⁰ Os conjuntos de informações apresentadas no texto sofreram algumas adaptações necessárias de formatação em relação aos originais.

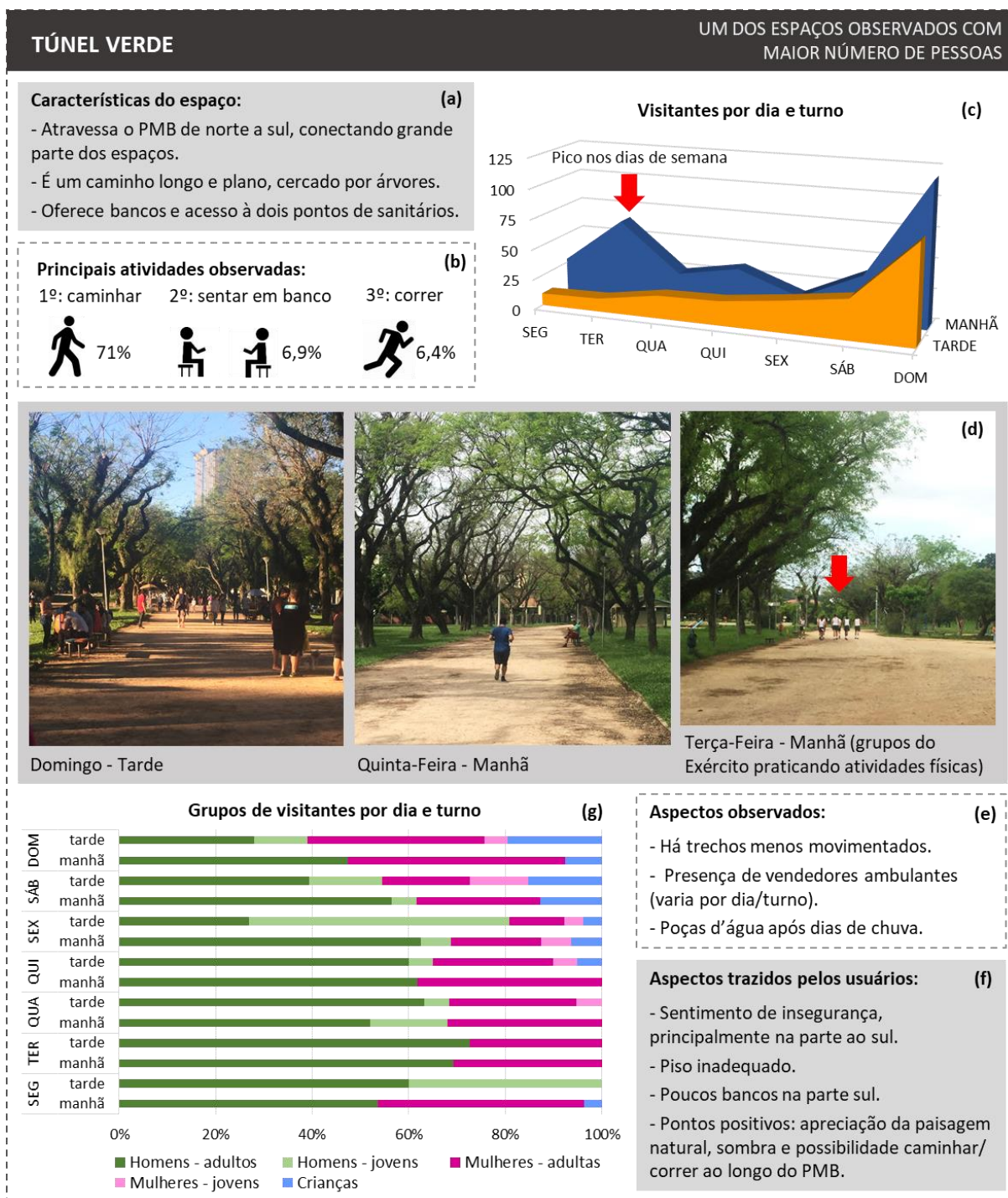


Figura 14: Informações sobre o túnel verde (parte do documento-gráfico).

A Figura 15 apresenta o conjunto de informações sobre a pista de ciclismo e permite fazer algumas interpretações. O gráfico (b) mostra que não foram registrados visitantes na maioria dos dias, sendo que o pico ocorreu no domingo, com menos de 15 pessoas. O conteúdo também permite identificar aspectos que possivelmente influenciam no baixo número de visitantes: a) o espaço é desconectado do corpo principal do parque, já que se situa entre duas vias de tráfego intenso de veículos; b) e espaço tem baixa conexão visual com o entorno, já

que se situa abaixo do nível da via; c) um grande número de pessoas anda de bicicleta no calçadão da Av. Edvaldo Pereira Paiva, que possui ciclovia com trajeto mais longo.



Figura 15: Informações sobre a pista de ciclismo (parte do documento-gráfico).

Tendo como base os conjuntos de informações utilizados no documento-gráfico e no conjunto de *slides*, foram criados conjuntos menores como forma de sintetizar ainda mais as informações. Nesse caso, o foco foram as informações quantitativas. Esses conjuntos são chamados no trabalho de dispositivos visuais⁴¹, os quais são padronizados e permitem comparações mais diretas entre os espaços. Dois exemplos são apresentados nas Figuras Figura 16 e Figura 17, sobre as quadras de esportes, e outros ser conferidos no APÊNDICE P.

⁴¹ Os dispositivos visuais foram criados após o seminário para apresentar informações neste trabalho.

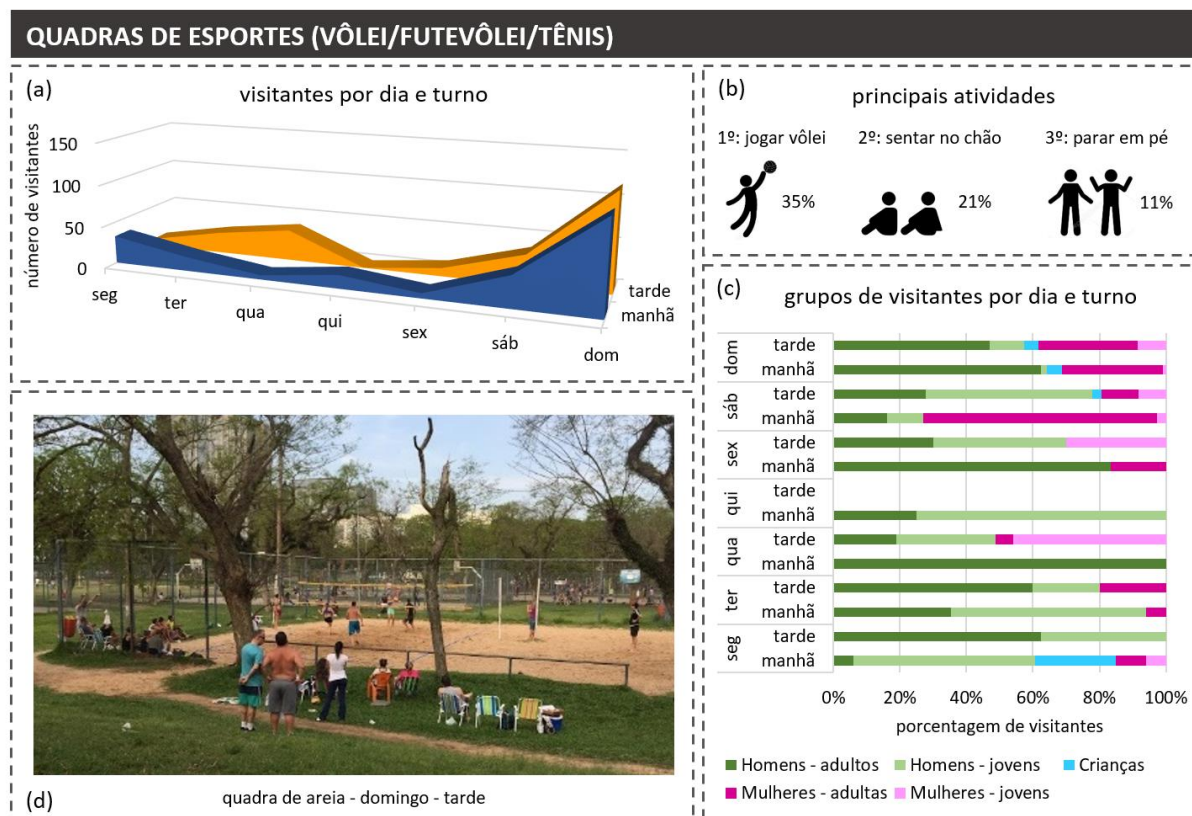


Figura 16: Informações sobre as quadras de esportes (vôlei, futevôlei e tênis).

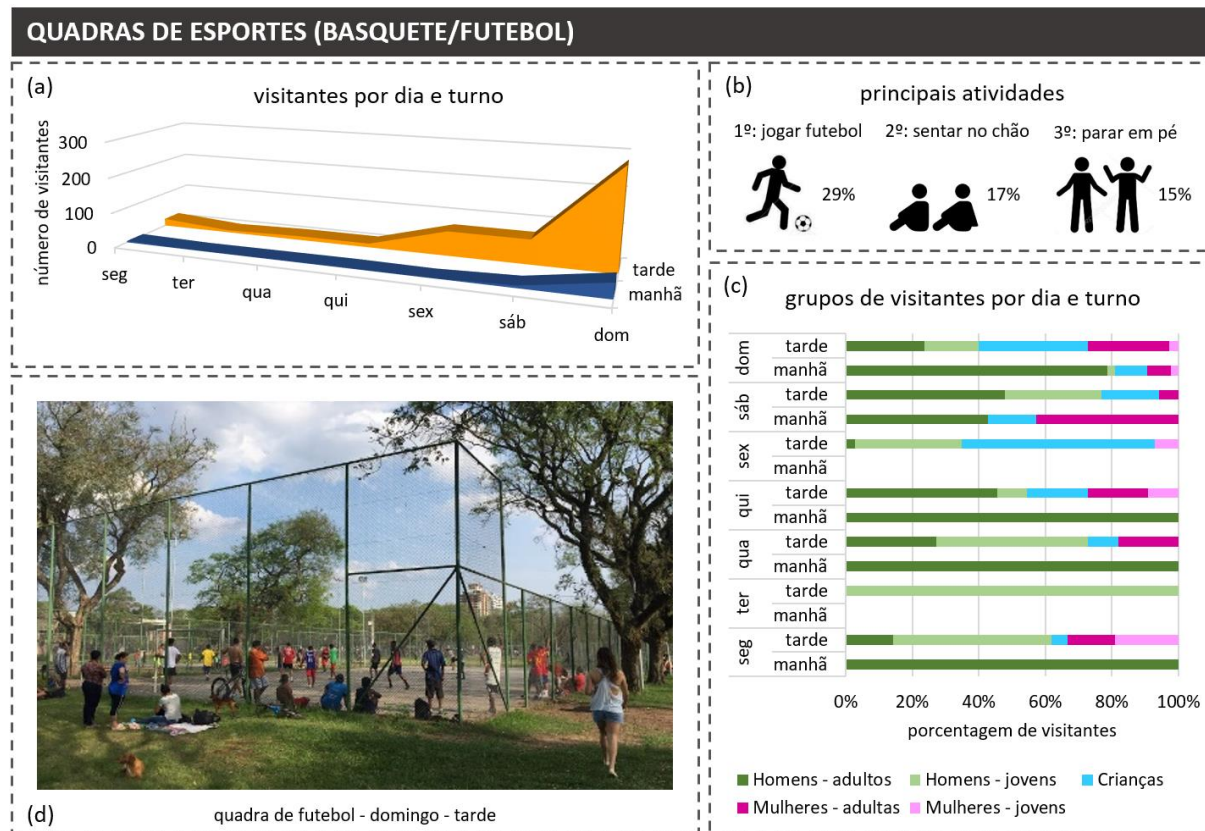


Figura 17: Informações sobre as quadras de esportes (basquete e futebol).

Outro tipo de informação gerada na pesquisa, a partir do questionário, foi o ordenamento por importância acerca de temas relacionados ao PMB sob o ponto de vista dos usuários. É importante mencionar que os três temas considerados mais importantes pela maioria, foram os mesmos temas mais recorrentes quando dada a oportunidade de expressão para fazer comentários, críticas e sugestões sobre o PMB. O conjunto formado por essas informações que se reforçam é apresentado na Figura 18. Esse tipo de informação pode ser útil no processo de gestão, por exemplo, auxiliando na priorização de temas mais relevantes para os usuários para o direcionamento de esforços de melhoria.

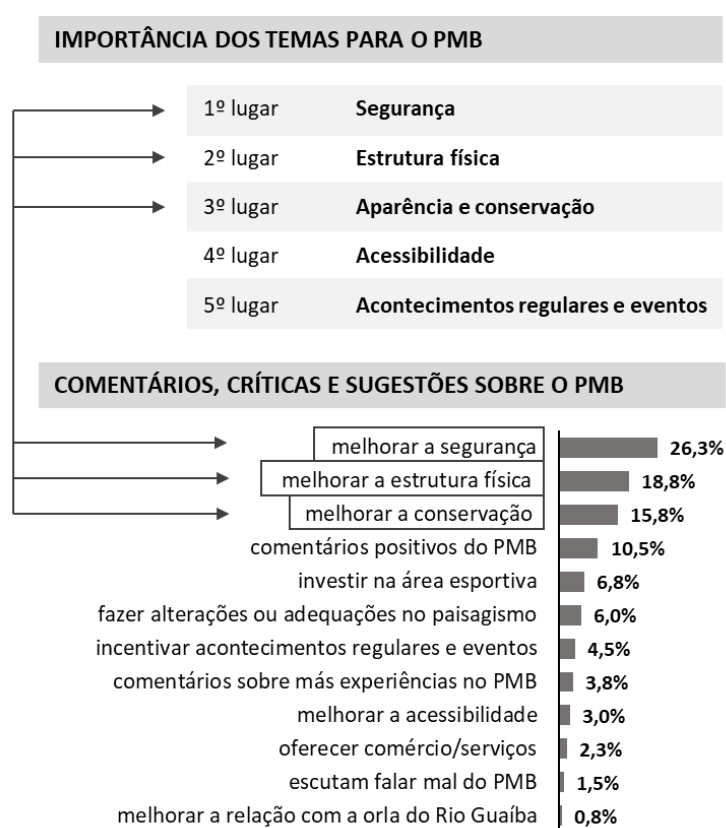


Figura 18: Informações de temas importantes para os usuários do PMB (parte do documento-gráfico).

Outro tipo de informação gerada na pesquisa diz respeito à avaliação geral do PMB pelos usuários e não-usuários, que ocorreu a partir do questionário. Nesse sentido, a Figura 19 apresenta um conjunto de avaliações do PMB que permite comparações: a) entre subgrupos⁴² de usuários e não-usuários e b) entre as modalidades⁴³ de aplicação do questionário. Dada a

⁴² As avaliações dizem respeito a cada subgrupo de usuários/não-usuários que conhece o PMB (GN3, GU4 e GU5).

⁴³ As avaliações apresentadas por modalidade englobam os subgrupos de usuários/não-usuários que conhecem o PMB (GN3, GU4 e GU5) em um único conjunto.

possibilidade de fazer relações, entende-se que gráficos apresentados em conjunto permitem uma riqueza maior de informação do que se apresentados individualmente.

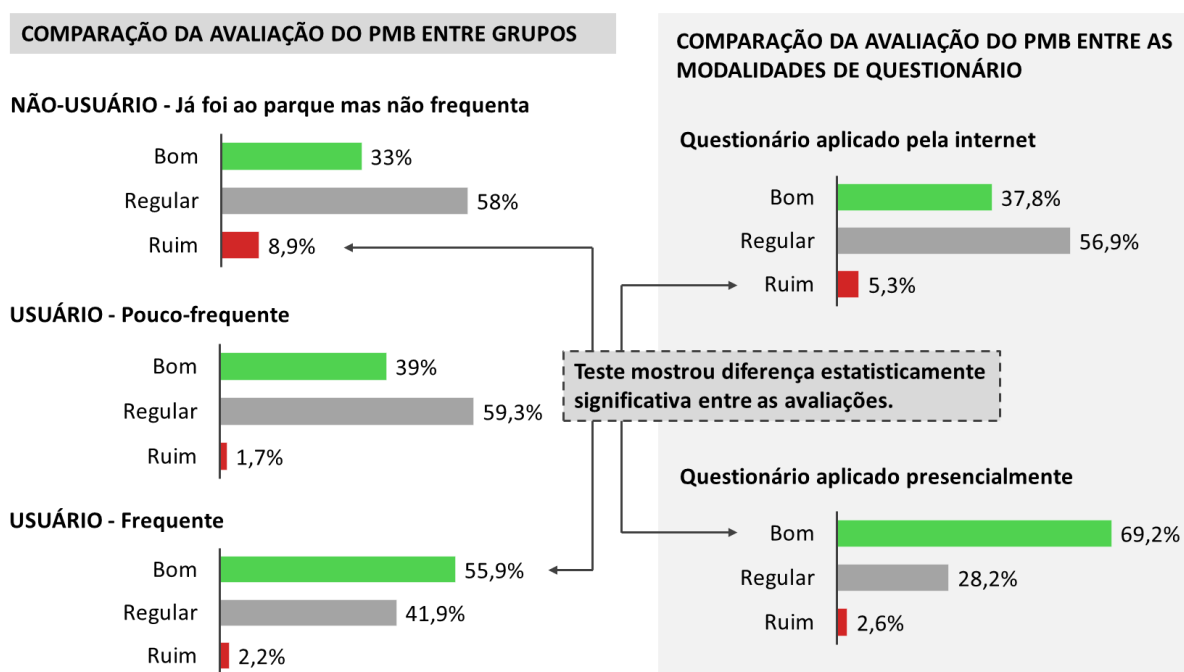


Figura 19: Avaliações do PMB (parte do conjunto de slides).

Já a respeito do conteúdo da Figura 19, é válido fazer alguns comentários de interpretação do que é apresentado. Em relação à avaliação do PMB por subgrupos, é possível perceber que a maioria dos não-usuários e dos usuários pouco-frequentes avaliou o PMB como regular, enquanto a maioria dos usuários frequentes o avaliou como bom. Nesse sentido, foi encontrada diferença estatisticamente significativa (K-W, $\chi^2=15,974$, sig=0,003) entre as avaliações, o que revelou que os usuários frequentes tenderam a avaliar o PMB de forma mais positiva e os não-usuários tenderam a avaliar de forma mais negativa. Também foi encontrada diferença estatisticamente significativa (K-W, $\chi^2=13,463$, sig=0,001) entre as avaliações do PMB obtidas a partir das duas modalidades de questionário. O teste revelou que a aplicação presencial tendeu a obter avaliações mais positivas em comparação a aplicação através da internet. Porém, é preciso considerar que houve predomínio de respondentes do subgrupo de usuários frequentes na modalidade presencial, o que provavelmente influenciou.

A Figura 20 apresenta um conjunto de informações providas de não-usuários do PMB. Os gráficos auxiliam na identificação dos principais motivos dos subgrupos não frequentarem o PMB como, por exemplo, o tema segurança.

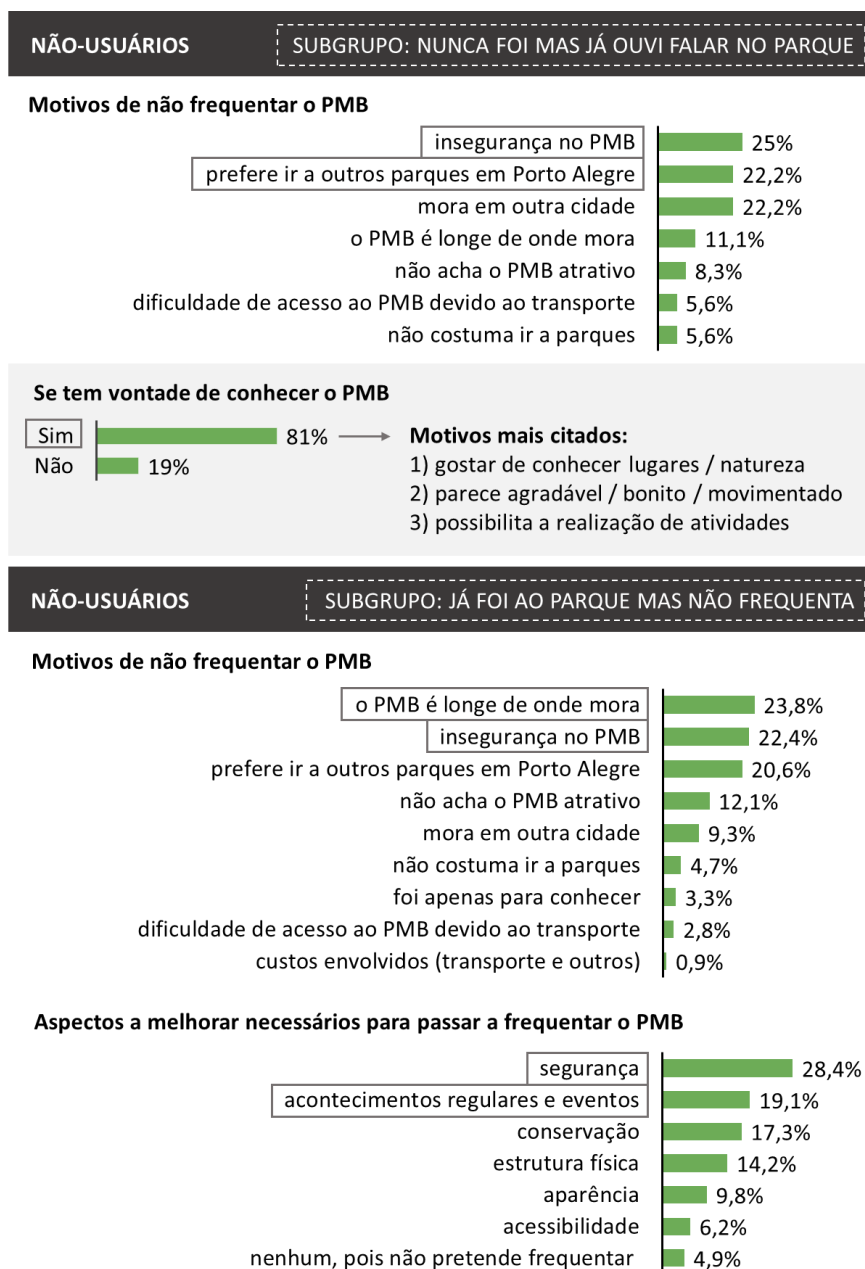


Figura 20: Informações de não-usuários do PMB (parte do conjunto de slides).

Além disso, outras informações de cada subgrupo complementam o conjunto da Figura 20, como a existência de interesse em conhecer o PMB ou os aspectos necessário a serem melhorados no PMB para que passem a frequentá-lo. O conjunto apresentado auxilia no entendimento acerca da realidade do PMB, que engloba mais do que apenas as pessoas que usam o local. Mais especificamente, as informações permitem identificar temas a serem considerados em trabalhos que buscam melhorias para que mais pessoas passem a utilizá-lo.

O conteúdo apresentado acerca do panorama de uso do PMB, trata-se de algumas possibilidades de informações que podem ser geradas sobre o tema, utilizadas como exemplos. Além disso, agrupamentos por tema, por tipo de informação ou por relação de conteúdo, também mostram possibilidades na busca por enriquecer interpretações do que é apresentado.

4.2.2 Acessibilidade

A Figura 21 apresenta informações relacionadas à acessibilidade do PMB, obtidas a partir do questionário. O conjunto combina conteúdo proveniente de dados dos usuários como hábito, local onde mora e percepção. A partir do exposto, é possível perceber que a maioria dos usuários costuma ir à pé ao PMB, o que provavelmente está relacionado ao fato da maioria morar em bairros próximos. Apesar de grande parte dos usuários não perceber dificuldade de acesso ao PMB, dos que percebem dificuldade, o motivo mais citado está relacionado à estrutura física do PMB ser insatisfatória.

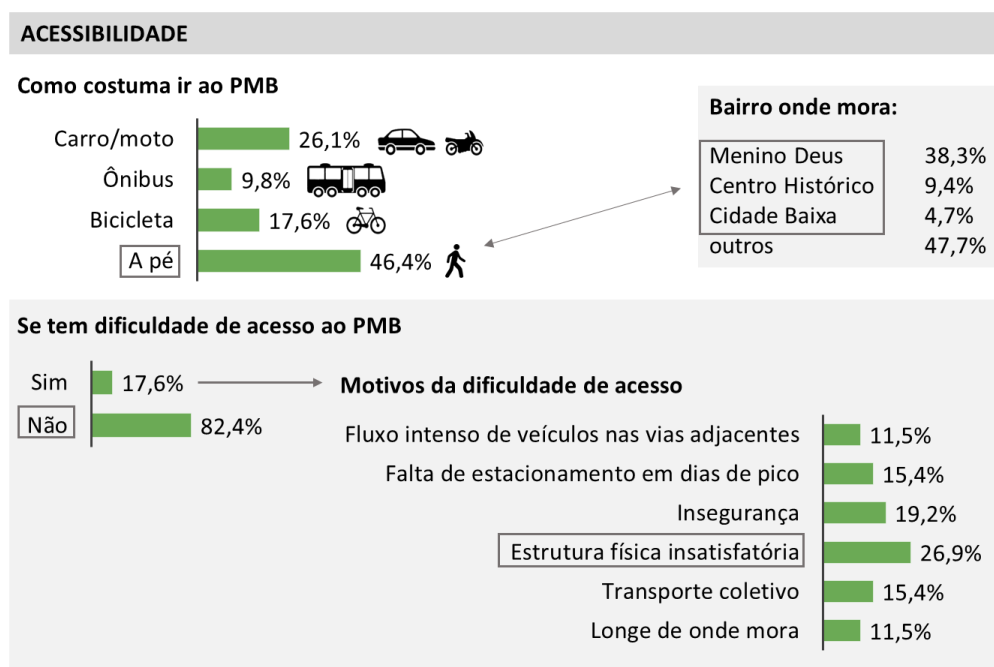


Figura 21: Informações sobre a acessibilidade do PMB (parte do conjunto de slides).

É importante mencionar que no domingo à tarde, momento de pico de visitantes no PMB, percebeu-se grande quantidade de carros estacionados nos estacionamentos e na Av. Edvaldo Pereira Paiva. Isso parece ir ao encontro do que se percebeu na aplicação do questionário

presencial no domingo, que muitas pessoas se deslocam de outras partes da cidade para ir até o PMB. Isso deve ser levado em consideração, já que a amostra do questionário não foi homogênea e os resultados apresentados refletem apenas a amostra e não a generalização dos usuários do PMB. Por fim, as informações apresentadas podem ajudar a identificar temas com potencial de serem investigados em mais detalhes como, por exemplo, os aspectos que devem ser melhorados na estrutura física do PMB para melhorar a acessibilidade.

4.2.3 Estrutura física

A Figura 22 apresenta um conjunto de informações sobre a percepção dos usuários em relação à estrutura física do PMB, obtidas a partir do questionário. A partir dos gráficos que mostram a avaliação de alguns atributos do PMB, é possível perceber que nenhum deles recebeu maioria positiva. Esse tipo de informação auxilia na identificação de atributos do espaço que merecem atenção, pois podem não estar atendendo às necessidades dos usuários, além de auxiliar na identificação de demandas de atributos que não existem no local.

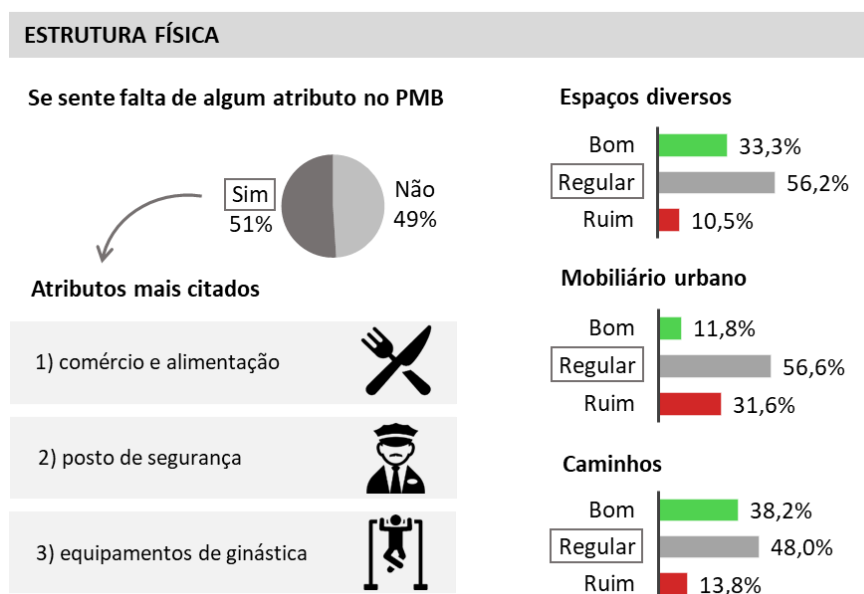


Figura 22: Informações sobre a estrutura física do PMB (parte do documento-gráfico).

Os gráficos de avaliação apresentados em conjunto permitem fazer comparações entre diferentes atributos, o que amplia as possibilidades de interpretação se comparada à situação

dos gráficos apresentados individualmente. A utilização de símbolos (desenhos) de maneira complementar às informações de texto, também enriquecem as informações apresentadas.

4.2.4 Conservação e aparência

A Figura 23 apresenta um conjunto de informações sobre a percepção dos usuários em relação à aparência e à conservação do PMB, obtidas a partir do questionário. A partir do exposto, percebe-se que as avaliações da aparência do PMB e da vegetação foram bastante positivas. Já em relação à conservação, nenhum dos aspectos avaliados obteve maioria positiva. É interessante mencionar que, mesmo sem maioria de avaliações positivas sobre conservação, a avaliação da aparência do PMB foi positiva. Tendo como base as informações apresentadas, pode-se interpretar uma possível relação entre a aparência positiva do PMB e a vegetação, o que pode indicar a necessidade de investigações mais aprofundadas a respeito.

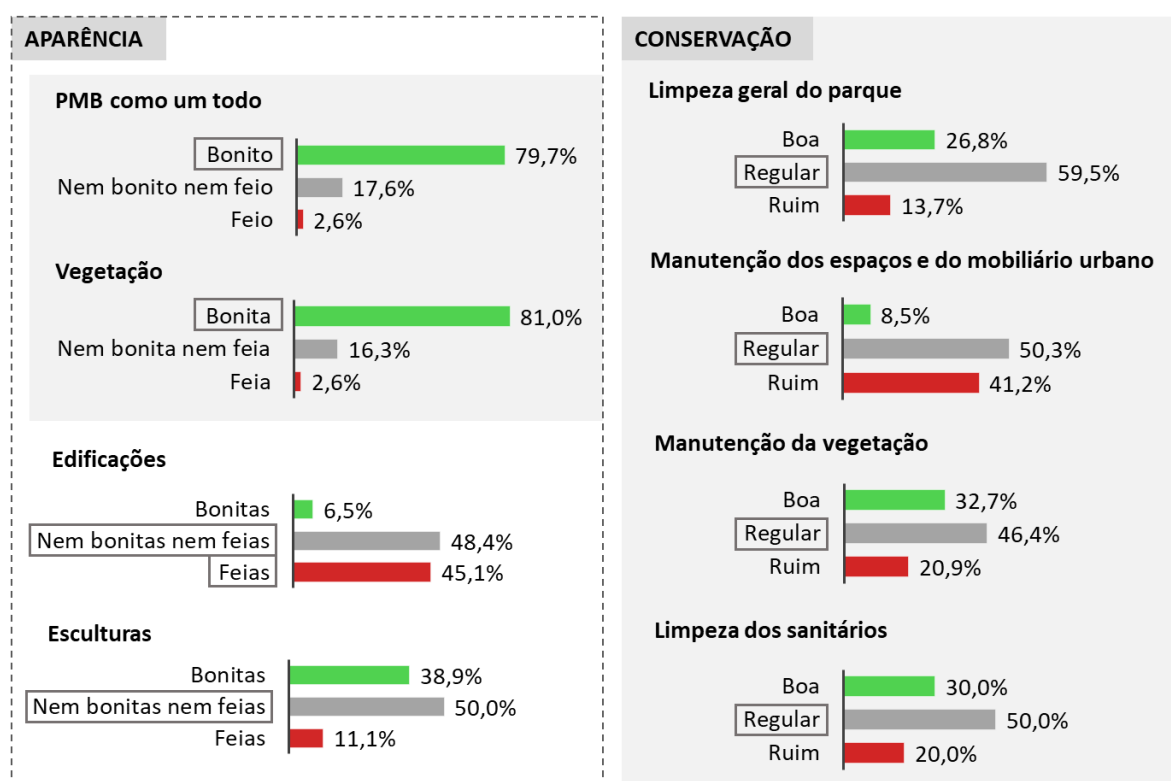


Figura 23: Informações sobre aparência e conservação do PMB (parte do conjunto de slides).

A apresentação conjunta das avaliações de aparência e conservação permitiu fazer possíveis relações entre os dois temas. Apesar de tais relações serem apenas suposições, podem ser úteis no direcionamento de investigações mais específicas, se for de interesse.

4.2.5 Segurança

A Figura 24 apresenta informações sobre a segurança no PMB, obtidas a partir do questionário. O conjunto combina informações sobre percepção e hábitos dos usuários em relação ao PMB. A partir do que é exposto, pode-se perceber o predomínio de sentimentos de insegurança e indiferença na maioria dos respondentes. Isso vai ao encontro do restante do conteúdo, que mostra que grande parte dos usuários evitam o PMB em determinados dias/turnos e também evitam alguns locais dentro dele, por se sentirem inseguros.

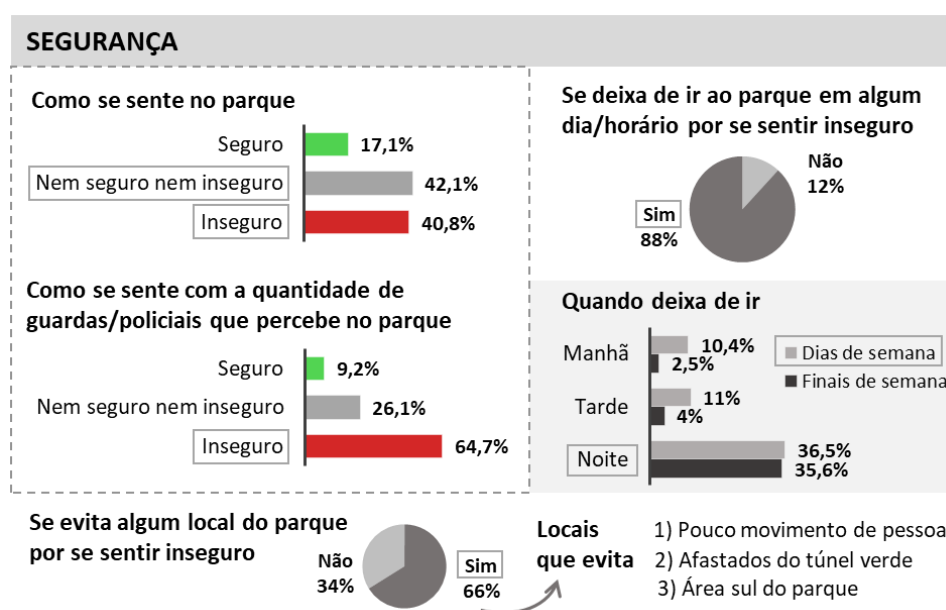


Figura 24: Informações sobre segurança no PMB (parte do documento-gráfico).

As informações apresentadas acerca do tema segurança, que se reforçam, salientam o problema da insegurança no PMB. É válido mencionar que esse problema é enfrentado de maneira geral na cidade de Porto Alegre, mas ficou evidente no local a partir das informações geradas. A partir do problema mencionado e da informação já apresentada que o público feminino é relativamente menor que o masculino no PMB, pode-se interpretar uma possível relação entre esses aspectos, já que as mulheres tendem a se sentirem mais vulneráveis.

4.2.6 Atividades, acontecimentos regulares e eventos

A Figura 25 apresenta um conjunto de informações acerca de atividades realizadas pelos visitantes do PMB, obtidas a partir do *walkthrough*, e de acontecimentos regulares e eventos, obtidas a partir do questionário.



Figura 25: Informações sobre atividades, acontecimentos regulares e eventos no PMB.

A partir do que é exposto na Figura 25, é possível ter uma ideia das atividades mais realizadas no PMB em cada período da semana. De maneira geral, percebe-se que a atividade com maior

ocorrência foi caminhar, mas a atividade sentar também foi recorrente, seja no chão, em bancos ou cadeiras móveis. Já a respeito de acontecimentos regulares e eventos, o gráfico mostra que a proporção é semelhante entre os usuários que sentem falta disso e os que não sentem. Complementarmente, são mencionados os tipos de acontecimentos mais desejados. Percebe-se, por exemplo, que alguns acontecimentos desejados, como apresentações de música/teatro/cinema, seriam oportunidades para entreter os usuários enquanto estão sentados no local. A organização de atividades físicas em grupo também seriam oportunidades para incentivar atividades que já ocorrem no local, como caminhar e correr.

4.3 CONTRIBUIÇÕES DAS INFORMAÇÕES DO MAPA HIERÁRQUICO DE VALOR

A aplicação da técnica *laddering* resultou no MHV, que foi utilizado para auxiliar na compreensão acerca das informações de uso geradas sobre o PMB. Desta forma, contribuiu também na análise crítica sobre os procedimentos que permitiram gerar as informações de uso. A Figura 26 apresenta o MHV, formado pelos elementos-código, em seus níveis de abstração, e pelas relações entre eles. A conceituação acerca dos elementos-código pode ser conferida no APÊNDICE J.

O MHV auxiliou na compreensão dos atributos do espaço que são importantes para os indivíduos e o que trazem como consequência durante seu uso, estando relacionados a valores pessoais desses indivíduos. A partir do conteúdo do MHV, percebeu-se que as informações geradas sobre uso, através dos procedimentos avaliados na pesquisa, são fundamentais para orientar o trabalho de gestão nos parques urbanos. As informações de uso se tratam de aspectos mais concretos, enquanto o conteúdo do MHV permite relacioná-los a aspectos subjetivos que influenciam na vida das pessoas.

Na sequência são apresentadas interpretações realizadas a partir de algumas cadeias do MHV, que foram agrupadas por temas, e reflexões acerca das contribuições do seu conteúdo. É importante salientar que foram selecionadas algumas cadeias a partir dos temas de interesse.

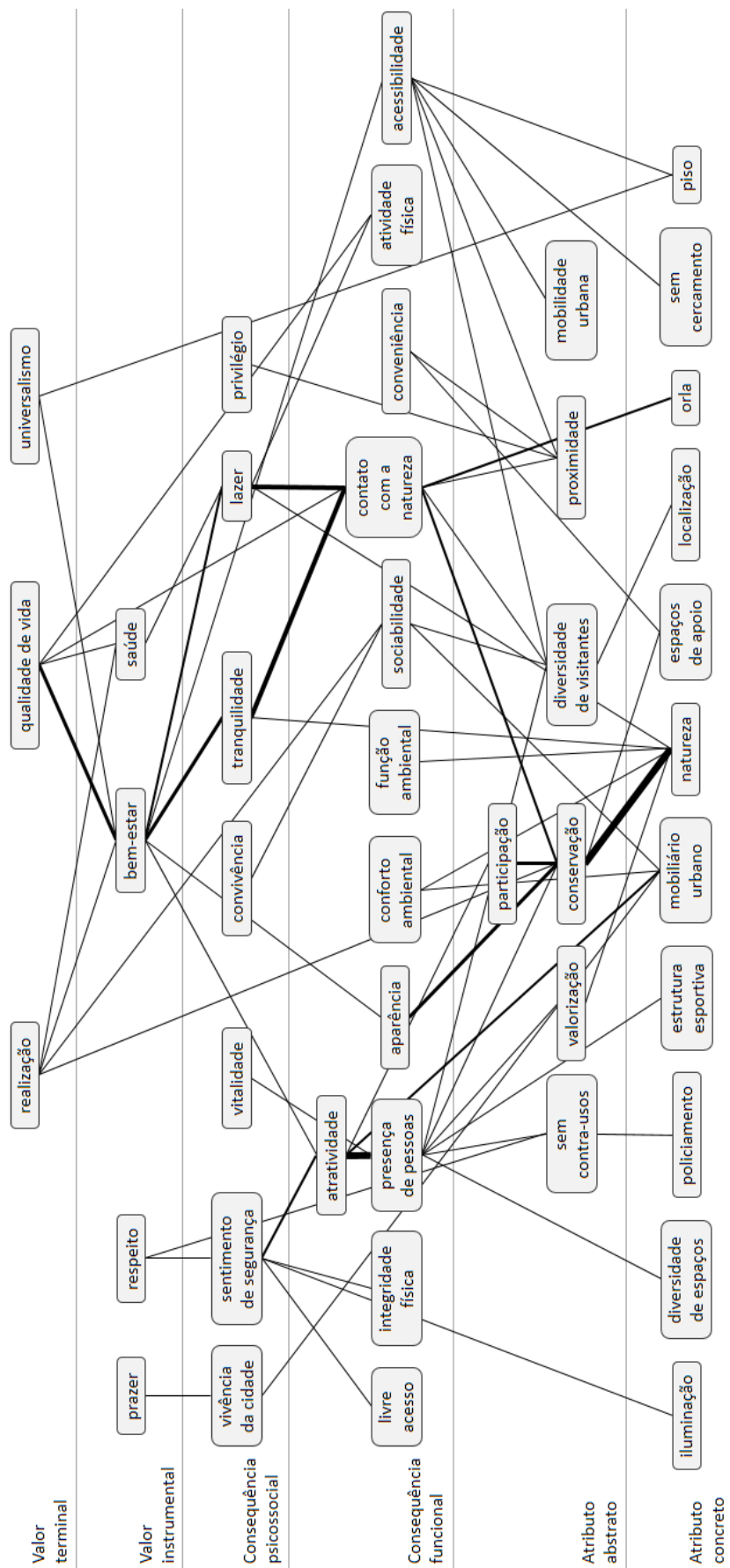


Figura 26: MHV com a percepção dos usuários frequentes do PMB.

O tema natureza ficou bastante evidente no MHV e se mostrou bastante importante para os indivíduos. O PMB é um espaço que oportuniza o contato das pessoas com a natureza e investir esforços para que o espaço atenda a essa necessidade, parece ser fundamental no trabalho de gestão. A conservação e a aparência dos elementos naturais, assim como do local como um todo, parecem também contribuir no atendimento dessa necessidade. O Quadro 16 apresenta algumas reflexões acerca dos temas mencionados.

Cadeia do MHV	Interpretação	Contribuições
natureza e orla > conservação > aparência > bem-estar > qualidade de vida	A conservação adequada dos elementos naturais, assim como a valorização da orla, são importantes para a aparência positiva do parque. Isso auxilia para que os indivíduos se sintam bem em relação ao atendimento de suas necessidades, já que buscam por plenitude em todas as dimensões da vida.	A vegetação é reconhecida como um importante atributo do parque, que precisa ser valorizado, já que permite o contato dos indivíduos com a natureza. A forte relação da vegetação com a conservação e com a aparência do parque foi evidenciada. A orla do Rio Guaíba também se mostrou relevante, por permitir a apreciação da paisagem e do pôr do sol. Tais temas parecem contribuir com aspectos abstratos buscados pelos indivíduos, o que mostra que devem receber a devida atenção no trabalho de gestão do espaço. A participação do indivíduo na conservação do local parece um tema a ser explorado. Gerar informações sobre os temas parece ser uma maneira de identificar aspectos concretos que podem ser trabalhados na gestão, a fim de atender necessidades subjetivas dos indivíduos.
natureza > valorização > presença de pessoas e atratividade	Reconhecimento da importância da valorização e do investimento nos elementos naturais pelo poder público, a fim de tornar o espaço atrativo e frequentado.	
natureza > conservação > participação > contato com a natureza	Relevância na contribuição das pessoas para a conservação do parque e, com isso, também ter oportunidade do contato com a natureza.	
contato com a natureza > lazer e tranquilidade > bem-estar > realização e universalismo e qualidade de vida	A possibilidade de ter contato com a natureza é fortemente relacionada ao lazer e à tranquilidade, já que auxilia no relaxamento dos indivíduos e faz com que se sintam bem em relação ao atendimento de suas necessidades e, com isso, alcancem a satisfação em atender seus propósitos de vida, a harmonia entre as pessoas e a natureza e, principalmente, a plenitude em todas as dimensões da vida.	Os indivíduos consideram o contato com a natureza de extrema importância para a saúde física e mental, por isso é fundamental que o espaço ofereça condições para isso. A relação entre o indivíduo e a natureza parece auxiliar no atendimento de necessidades bastante profundas. Esse parece ser um dos principais aspectos a serem considerados no trabalho de gestão do espaço. Nesse sentido, gerar informações parece ser uma maneira de auxiliar no entendimento do que é oferecido no parque e na identificação de demandas.

Quadro 16: Contribuições das informações do MHV relacionadas aos temas natureza, aparência e conservação.

Alguns atributos do PMB puderam ser identificados como importantes para contribuir no alcance de objetivos de vida dos indivíduos, relacionados a seus valores pessoais. No Quadro 17 são apresentados alguns dos atributos relacionados à estrutura física do PMB, dentre outros que foram identificados, e reflexões a respeito.

Cadeia do MHV	Interpretação	Contribuições
estrutura esportiva e diversidade de espaços > presença de pessoas e atratividade > bem-estar > realização e universalismo e qualidade de vida	Um conjunto diversificado de espaços que propiciem atividades variadas, assim como espaços esportivos, incentivam a presença de visitantes, o que atrai ainda mais pessoas para o parque. Isso é importante para os indivíduos se sintam bem em relação ao atendimento de suas necessidades e, com isso, alcancem a satisfação em atender seus propósitos de vida, a harmonia entre as pessoas e a natureza e, principalmente, a plenitude em todas as dimensões da vida.	A importância em haver diversidade de espaços, para que mais grupos sejam atraídos ao parque, pode contribuir para que mais indivíduos tenham suas necessidades atendidas. O atributo parece auxiliar no alcance de necessidades abstratas dos indivíduos, relacionadas à objetivos de vida. Esse tema parece ser importante de ser considerado no trabalho de gestão. Informações a respeito de demandas parecem poder auxiliar nesse sentido.
mobiliário urbano > atratividade > bem-estar > realização e universalismo e qualidade de vida	O mobiliário urbano adequado é um atrativo para mais pessoas no parque e é importante para os indivíduos se sintam bem em relação ao atendimento de suas necessidades e, com isso, alcancem a satisfação em atender seus propósitos de vida, a harmonia entre as pessoas e a natureza e, principalmente, a plenitude em todas as dimensões da vida.	O mobiliário urbano se mostrou um importante atributo do parque para os indivíduos, já que está relacionado a experiências positivas com o ambiente físico e social. O atributo parece auxiliar no alcance de necessidades abstratas dos indivíduos, relacionadas à objetivos de vida. É importante que o atributo receba a devida atenção pela gestão. Nesse sentido, avaliações e identificação de demandas, por exemplo, podem auxiliar na compreensão da realidade do espaço.
mobiliário urbano > vivência da cidade > prazer	O mobiliário urbano adequado contribui na experiência do indivíduo com o ambiente urbano a fim de sensações ou emoções positivas.	
mobiliário urbano > conforto ambiental	O mobiliário urbano adequado pode oferecer conforto ao estar no parque.	
mobiliário urbano > sociabilidade > convivência	O mobiliário urbano adequado pode propiciar o contato com outras pessoas, assim como estimular o contato frequente entre elas.	

Quadro 17: Contribuições das informações do MHV relacionadas ao tema estrutura física.

A acessibilidade foi relacionado a diversos atributos do PMB e parece influenciar em aspectos subjetivos relevantes para os indivíduos. A identificação de atributos pode orientar a geração de informação. O Quadro 18 apresenta reflexões a respeito do tema.

Cadeia do MHV	Interpretação	Contribuições
piso e sem cercamento e mobilidade urbana e proximidade > acessibilidade > bem-estar > realização e universalismo e qualidade de vida	Atributos como piso, ausência de cercamento, mobilidade urbana adequada e proximidade parecem facilitar o acesso ao parque. A acessibilidade é considerada importante para os indivíduos se sintam bem em relação ao atendimento de suas necessidades e, com isso, alcancem a satisfação em atender seus propósitos de vida, a harmonia entre as pessoas e a natureza e, principalmente, a plenitude em todas as dimensões da vida.	A acessibilidade contribui para que os indivíduos se sintam bem e, através disso, consigam atender necessidades concretas e abstratas. Atributos como piso, ausência de barreiras e transporte parecem influenciar na acessibilidade e merecem ser considerados no trabalho de gestão, seja na escala de cidade, de entorno e dentro do próprio parque. Nesse sentido, gerar informações a respeito dos atributos pode auxiliar em trabalhos de melhoria da acessibilidade.

Quadro 18: Contribuições das informações do MHV relacionadas ao tema acessibilidade.

A partir do MHV foi possível identificar aspectos que influenciam no sentimento de segurança dos indivíduos, alguns diretamente e outros indiretamente. A relação do sentimento de segurança com a atratividade do PMB ficou evidenciada. O Quadro 19 apresenta reflexões a respeito do tema.

Cadeia do MHV	Interpretação	Contribuições
mobiliário urbano > atratividade > sentimento de segurança > respeito	O mobiliário urbano adequado é visto como um atrativo que pode contribuir para aumentar o sentimento de segurança no parque, que por sua vez é visto como importante já que está relacionado ao respeito e à consideração com as outras pessoas.	O sentimento de segurança parece estar relacionado a diversos aspectos. Atributos positivos do parque atraem pessoas para o local, como mobiliário urbano e conservação adequados, o que faz as pessoas se sentirem mais seguras pela presença de outras. Atributos que auxiliam os indivíduos a se sentirem com controle do que acontece no espaço, como iluminação e liberdade de acesso, também parecem contribuir para que se sintam mais seguros. A presença de autoridades de segurança também parece influenciar positivamente, já que ajudam a que o parque não tenha usos indesejados. O sentimento de segurança é fundamental para que os indivíduos se sintam respeitados no local. Diversos aspectos podem ser trabalhados na busca por melhorar a sensação de segurança no parque. Nesse sentido, informações sobre a percepção dos indivíduos podem ser úteis para identificar pontos a serem trabalhados na gestão do espaço.
livre acesso e iluminação > sentimento de segurança > respeito	A possibilidade de acesso por qualquer pessoa, em qualquer horário e sem a presença de barreiras no parque, assim como a iluminação adequada à noite, contribuem para o sentimento de segurança, que por sua vez é visto como importante já que está relacionado ao respeito e à consideração com as outras pessoas.	
conservação > presença de pessoas > atratividade > sentimento de segurança > respeito	A conservação adequada do parque contribui para a presença de pessoas, que é vista como importante para atrair ainda mais visitantes e contribuir com o sentimento de segurança dos visitantes.	
policiamento > sem contra-usos > presença de pessoas e atratividade > sentimento de segurança > respeito	A presença de autoridades de segurança é vista como uma contribuição para que não ocorram usos indesejados no parque, já que um ambiente no qual as regras sejam seguidas e os indivíduos se sintam respeitados, é importante para eles. Um local sem usos indesejados atrai mais visitantes e a presença de pessoas contribui para o sentimento de segurança.	

Quadro 19: Contribuições das informações do MHV relacionadas ao tema segurança.

O MHV mostrou a relevância de diversos temas sobre os quais foram geradas informações, a partir dos procedimentos selecionados na pesquisa, já que estão relacionados a valores pessoais dos indivíduos. Além disso, a possibilidade de identificar relações entre temas reforçou a ideia de utilizar conjuntos de informações complementares, como foi realizado na pesquisa.

4.4 DISCUSSÃO

Este tópico se destina à discussão acerca dos procedimentos utilizados para a captura e o processamento de dados no âmbito do monitoramento de uso de parques urbanos, assim como acerca das informações geradas sobre o uso e sua possível contribuição na gestão de parques urbanos. É importante expor que o seminário realizado com o grupo de técnicos da SMAMS foi fundamental para a discussão pretendida na pesquisa.

Este trabalho investiu esforços na interpretação da literatura sobre monitoramento de uso no contexto de áreas de proteção/conservação ambiental para extrair um conjunto de dados coerentes e passíveis de serem coletados no contexto de parques urbanos. Nesse sentido, a partir de Hornback e Eagles (1999) e Watson et al. (2000), percebeu-se a possibilidade de utilizar dois grupos de dados complementares: características referentes à utilização do parque e características referentes aos visitantes do parque. Esse entendimento somado às contribuições da literatura sobre monitoramento e sobre o estudo do uso de espaços abertos orientou a definição dos dados a serem coletados. Os principais dados coletados foram referentes à: **quantificação de pessoas** (por grupo e por atividade); **identificação de hábitos no uso** do PMB; **avaliação de percepção** (incluindo satisfação) e **identificação de demandas** sobre os temas acessibilidade, estrutura física, conservação e aparência, segurança, acontecimentos programados e eventos. Esse conjunto se mostrou adequado para gerar as informações de uso do PMB pretendidas na pesquisa.

Foram enfrentados alguns desafios na seleção dos procedimentos para coleta de dados. Isso se deu porque a literatura de monitoramento de uso apresenta procedimentos para o contexto de áreas de proteção/conservação ambiental, que dependem de determinadas características físicas dos parques e requerem demasiados recursos, como pessoal, tempo e equipamentos. Como um exemplo de especificidade dos parques urbanos, pode-se citar que o livre acesso em seu perímetro gera desafios para a realização da contagem de pessoas, já que não possuem pontos específicos de acesso e controle, como é comum em áreas de proteção/conservação ambiental. Além disso, o uso de dispositivos para contagem, que seriam uma alternativa e permitiriam mais precisão nos dados, não foi viável pelas limitações da pesquisa.

A seleção dos procedimentos utilizados na pesquisa levou em consideração que eles deveriam demandar o mínimo de recursos possível, mas que pudessem contribuir na geração das informações de uso pretendidas. Todos os procedimentos utilizados, englobando os Grupos A e B (mencionados no Quadro 15, no início do tópico 4.1), mostraram-se viáveis de utilização em monitoramento de uso de parques urbanos. É importante frisar que eles devem ser adaptados às necessidades de cada caso específico e podem também ser complementados com outros procedimentos. Nesse sentido, é importante que seja desenvolvido um sistema de monitoramento, conforme apresentado por Martins (2014) e Watson et al. (2000).

Nesta pesquisa, a seleção dos procedimentos principais de coleta de dados ocorreu a partir da literatura de APO: os métodos questionário e *walkthrough*. Ambos se mostraram viáveis de aplicação e não envolveram grandes dificuldades. É válido frisar a importância de haver um planejamento de todo o processo de captura e processamento de dados antes de realizar a coleta. Isso ficou evidente na pesquisa, já que foram enfrentados alguns desafios durante a análise de dados, ocasionados pela falta de definições no momento da coleta. Em uma situação de desenvolvimento de um sistema de monitoramento de uso, é válido investir na análise de dados dos dados coletados nos pilotos, para que sejam detectadas dificuldades e isso possa orientar aspectos a serem considerados na coleta.

É válido comentar a respeito da utilização do aplicativo Google Keep, que contribuiu na coleta de dados do *walkthrough*, e se mostrou viável para contribuir na geração de informações de uso. Apesar do aplicativo não ter sido desenvolvido para esse propósito e ter algumas limitações, ele facilitou muito o registro de um grande volume de diferentes tipos de diferentes dados. Entende-se que a utilização desse tipo de ferramenta possa contribuir significativamente na captura de dados no monitoramento de uso de parques urbanos. O trabalho de Natalino et al. (2016), mencionado na revisão de literatura, apresenta outros aplicativos para coleta de dados que não foram utilizados nesta pesquisa. É o caso de aplicativos nos quais os próprios usuários dos espaços urbanos fornecem dados, que por sua vez são georreferenciados. Nesse sentido, os autores citam o “Sai Pra Lá”, que mapeia assédios às mulheres a partir de denúncias registradas no aplicativo, o qual pode contribuir com dados para avaliações e análises de segurança, por exemplo. Entende-se que outros tipos

de dados poderiam ser coletados de maneira semelhante ou mesmo serem desenvolvidos aplicativos específicos para uso dos técnicos da prefeitura.

O programa LimeSurvey, utilizado para aplicar os questionários através da internet, também se mostrou viável para contribuir na geração de informações de uso. A utilização deste ou de outros programas similares possibilita alcançar respondentes de toda cidade, o que enriquece o conjunto de dados. Nesse sentido, é preciso planejar adequadamente a amostra, de maneira que os dados representem a população estudada, conforme expõe Gil (2008). Nesta pesquisa foi utilizada a amostragem não probabilística por conveniência, já que não se pretendia generalizar os resultados, porém, é preciso avaliar se esse tipo de amostragem é adequado em situações de monitoramento de uso. Também é importante frisar a importância do planejamento da divulgação do questionário, já que isso pode influenciar no público respondente e gerar dados tendenciosos.

É válido mencionar que, a partir das contribuições do MHV na análise das informações de uso geradas, percebeu-se que técnica *laddering* tem potencial de contribuir com informações relevantes e complementares às informações geradas a partir dos procedimentos avaliados. Dada a inviabilidade de aplicação da *laddering* tradicional no contexto de monitoramento de uso, por requerer grande investimento de tempo e de esforço, entende-se que a utilização da *hard laddering* poderia ser uma possibilidade a ser avaliada na geração de informações no monitoramento de uso. Trata-se de uma variação da técnica *laddering* que utiliza uma maior estruturação na coleta de dados, o que torna o processo mais ágil. Conforme exposto por Veludo-de-Oliveira e Ikeda (2008), na *hard laddering* o respondente é forçado a produzir cadeias uma a uma e a atribuir respostas de forma que a sequência delas reflita aumentos nos níveis de abstração. Segundo as autoras, a *hard laddering* pode envolver coleta de dados sem entrevistas presenciais, utilizando-se de questionários auto administráveis, a fim de facilitar.

Também é válido mencionar que o grupo de técnicos da SMAMS expôs que, no processo de gestão, nenhum método é utilizado para hierarquizar demandas nos parques urbanos e que as decisões para destinação de recursos financeiros para melhorias são realizadas pelo gabinete da SMAMS, a partir da visão do Secretário responsável. Nesse sentido, entende-se que a técnica *laddering* também teria potencial para auxiliar na hierarquização desse tipo de

informação. A partir de um foco a ser alcançado no atendimento de determinadas necessidades subjetivas das pessoas, a organização gestora poderia priorizar melhorias em atributos específicos.

A respeito das informações de uso geradas a partir dos procedimentos avaliados, percebeu-se um grande potencial de contribuição no trabalho de gestão de parques urbanos. Nesse sentido, a discussão junto ao grupo de técnicos da SMAMS permitiu uma reflexão a partir do que foi gerado na pesquisa e elucidou aspectos a serem considerados. A discussão no seminário foi orientada a partir da apresentação de conjuntos de informações e do questionamento acerca da sua utilidade e aplicabilidade. De maneira geral, entende-se que, por mais que as informações não apresentem aspectos aprofundados sobre os temas abordados (panorama de uso; acessibilidade; estrutura física; conservação e aparência; segurança; atividades, acontecimentos regulares e eventos), elas auxiliam na compreensão acerca do uso do parque urbano e podem indicar a necessidade de investigações mais aprofundadas, quando pertinente.

O grupo de técnicos expôs que o conjunto de informações gerado na pesquisa é bastante relevante no contexto atual da gestão dos parques urbanos de Porto Alegre. Isso se dá porque estão sendo investidos esforços para melhorar o processo de gestão, o que inclui a reestruturação organizacional e a elaboração de instrumentos, como os planos diretores dos parques urbanos, para orientar os trabalhos a serem desenvolvidos. Anteriormente às alterações que vem ocorrendo, quando a gestão ocorria de forma mais rígida e estagnada, segundo eles, possivelmente as informações não fossem consideradas relevantes, já que a maneira como o processo vinha ocorrendo não favorecia sua utilização. Essa situação traz à tona a necessidade da organização gestora e do processo de gestão estarem estruturados de tal forma que sejam capazes de tirar proveito das informações. Nesse sentido é que, nos Capítulos 1 e 2, foram apresentadas simplificadamente algumas visões de gestão a partir de autores como Maximiano (2012) e, mais especificamente em relação a gestão de áreas verdes, como Gustavsson et al. (2005), Jansson e Lindgren (2012) e Randrup e Persson (2009).

A partir do que foi apresentado, também é importante salientar que, para que as informações geradas através do monitoramento de uso sejam relevantes na gestão, é fundamental que

atendam aos objetivos a que se propõem, conforme apresentados por Martins (2014) e Watson et al. (2000). Para isso, segundo Schipperijn et al. (2005), as informações devem ser planejadas de maneira que, através de dados de qualidade, possam dar suporte à tomada de decisão. Nesta pesquisa, as informações foram planejadas a partir de suas prováveis contribuições mencionadas na literatura, principalmente em relação ao panorama de uso. Já a respeito dos fatores que influenciam no uso dos parques urbanos, selecionados como temas para geração de informações (acessibilidade; estrutura física; conservação e aparência; segurança; atividades, acontecimentos programados e eventos), percebeu-se que podem contribuir de maneira positiva na compreensão de atributos dos parques urbanos que merecem atenção, seja pela avaliação que recebem ou seja pela identificação de demandas relacionadas a eles.

Nesse mesmo sentido, ao analisar o MHV foi possível corroborar a importância de algumas informações geradas acerca de aspectos concretos do PMB. Complementarmente, o MHV elucidou alguns aspectos subjetivos importantes para os indivíduos, aos quais os aspectos concretos estão relacionados. Por exemplo, compreender se atributos relacionados à estrutura física são adequados, através da realização de avaliações de percepção, permite orientar a organização gestora a investir esforços em melhorias. O MHV salientou que determinados atributos tem forte influência em diversos outros aspectos, como é o caso do mobiliário urbano que tem relação com a atratividade e a presença de pessoas no local e, com isso podem influenciar na sensação de segurança das pessoas. Essas relações reforçam o entendimento acerca da importância de gerar informações também a respeito de aspectos mais subjetivos, como é o caso da acessibilidade.

Em relação às informações que compuseram um panorama de uso do PMB, o grupo de técnicos da SMAMS expôs ser um conjunto bastante relevante, dada a possibilidade de compreender **como** os espaços são utilizados. Segundo eles, esse tipo de informação pode contribuir na elaboração de zoneamentos para parques urbanos. É válido mencionar que os planos diretores que estão sendo desenvolvidos para os parques urbanos de Porto Alegre, englobarão zoneamentos. O entendimento dos técnicos acerca das possíveis contribuições das informações geradas vai ao encontro do que é exposto por Gehl e Svarre (2013), de que informações básicas sobre “**quantos**”, “**quem**”, “**o quê**” e “**onde**” podem dar noções gerais

sobre comportamentos, além de permitirem compreender padrões de atividades ou de grupos que frequentam, ou não, determinados espaços.

A respeito da possibilidade de identificar os espaços que apresentaram maiores e menores ocorrências de visitantes, o grupo de técnicos expôs ser importante para orientar a necessidade de investigações mais específicas buscando entender os motivos e também orientar melhorias nos espaços de menor uso. É válido relacionar isso ao que é dito por Walker (2004b), que através da compreensão de como os visitantes usam os espaços do parque, é possível identificar se os espaços estão sendo muito, pouco ou mal utilizados e auxiliar no direcionamento de investimentos.

Durante a discussão no seminário, percebeu-se que as informações sobre o uso, incluindo o ponto de vista dos usuários, são complementares às informações que há pouco tempo vem sendo geradas⁴⁴ pela SMAMS referentes à inventariação da vegetação e do mobiliário urbano. Isso vai ao encontro do que é apresentado no trabalho de Chan e Marafa (2006), a respeito de um conjunto de informações sobre variados aspectos dos parques urbanos que se complementam e auxiliam nos processos de monitoramento, planejamento e gestão desses espaços. Os autores expõe ainda acerca da necessidade de articulação entre as visões dos gestores e dos usuários, assim como da academia, nos processos mencionados.

O grupo de técnicos da SMAMS expôs que já foram desenvolvidos projetos para melhorias no PMB, mas que foram consideradas quase que apenas as visões dos técnicos e do administrador do parque. Para esses projetos, as demandas vindas diretamente da comunidade ocorreram de maneira extremamente limitada⁴⁵. Porém, o grupo demonstrou ter consciência da importância de levar em consideração, também, a visão dos usuários e não-usuários sobre diversos aspectos do parque e de suas necessidades. Isso vai ao encontro do que é defendido por Walker (2004b), sobre a importância de se ter informações sobre quem utiliza ou não um parque urbano e sobre os atributos desse espaço que são valorizados por essas pessoas, já que isso pode orientar ações para melhorar o que é oferecido. Nesse sentido,

⁴⁴ As informações começaram a ser geradas recentemente pela SMAMS, ainda como um piloto, e se referem apenas ao Parque Moinhos de Vento.

⁴⁵ Apenas através do canal da PMPA para solicitações de serviços, por telefone.

as informações geradas nesta pesquisa também buscam trazer a visão do público dos parques urbanos para ser considerado no processo de gestão.

Complementarmente, o grupo de técnicos da SMAMS expôs que a existência de informações geradas a partir de dados de usuários pode embasar e orientar decisões no trabalho de gestão. Isso vai ao encontro do que é apresentado por Walker (2004b), que informações de usuários podem ser usadas para defender posicionamentos em busca de melhorias para os parques urbanos. Nesse sentido, o monitoramento de uso é fundamental na geração de informações dos parques urbanos, de maneira que possam orientar os processos de tomada de decisão dentro da gestão e também permitam medir a eficácia dos esforços investidos a partir de comparações ao longo do tempo.

Nesta pesquisa, as informações foram geradas de maneira exploratória, ainda que baseadas na literatura, e não foram planejadas a partir de orientações ou necessidades da organização gestora do PMB e do seu processo de gestão. O trabalho foi direcionado dessa maneira pois, ainda nas entrevistas exploratórias da Etapa A, os funcionários da SMAMS demonstraram não saber identificar precisamente o tipo de informação que seria relevante para a gestão naquele momento. Porém, exposto isso, é importante enfatizar que o desenvolvimento de um sistema de monitoramento para um parque urbano deve partir objetivos claros e, para isso, é fundamental que se tenha clareza acerca de quais informações contribuirão efetivamente para a gestão no contexto específico. Esse discernimento inicial, vai ao encontro do que é defendido por Schipperijn et al. (2005), já que permite gerar informações que possibilitem o auxílio efetivo à finalidade proposta.

A respeito da apresentação das informações, foi investido esforço para tornar o conteúdo fácil e rápido de ser compreendido, de maneira que não ficasse monótona a exposição de um grande número de informações. A criação de agrupamentos para sintetizar e permitir uma riqueza maior de interpretação do conteúdo apresentado, que também fez uso de elementos gráficos, teve um resultado positivo. Buscou-se apresentar em conjunto informações convergentes ou divergentes acerca de temas de interesse. Esse tipo de complementação de foi buscado como forma de confirmar ou contrapor o que estava sendo exposto. Por exemplo, diferentes informações convergentes, que se reforçam, auxiliam na sua validação. Já

informações divergentes podem mostrar a necessidade de investigações mais aprofundadas a respeito de determinado aspecto estudado.

Também é válido enfatizar a contribuição do documento-gráfico, já que foi na sua elaboração que os primeiros conjuntos de informação foram criados. Além disso, o instrumento se mostrou útil para sintetizar e possibilitar a discussão de informações, o que sugere que pode ser utilizado no processo de gestão de parques urbanos. Porém, é importante mencionar que o documento se trata de uma síntese e, na necessidade de informações detalhadas, ele pode ser utilizado como complemento de relatórios, por exemplo. Isso vai ao encontro do que é apresentado por Rheingantz et al. (2009) a respeito da matriz de descobertas, que inspirou a elaboração do documento gráfico, e também se trata de um complemento de relatórios.

Esta pesquisa buscou analisar criticamente um conjunto de procedimentos para captura e processamento de dados que permitisse gerar informações de uso do parque urbano em estudo. Nesse sentido, a discussão permitiu elucidar considerações e potencialidades a respeito dos procedimentos utilizados. Complementarmente, permitiu elucidar possíveis contribuições das informações de uso no processo de gestão, o que foi possível a partir do retorno dos técnicos da SMAMS sobre o conteúdo desenvolvido na pesquisa. Desta forma, entende-se que as informações de uso do parque urbano em estudo se mostraram relevantes e viáveis de serem geradas a partir dos procedimentos selecionados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo apresenta uma síntese das contribuições dessa pesquisa, expõe as limitações que fizeram parte do seu desenvolvimento e, por fim, apresenta recomendações para futuros trabalhos. A dissertação teve como finalidade gerar contribuições para o monitoramento de uso de parques urbanos. O processo de pesquisa foi norteado pelo objetivo geral da pesquisa de fazer uma análise crítica de procedimentos que pudessem ser utilizados no monitoramento de uso de parques urbanos no contexto brasileiro. Também se considerou identificar informações que pudessem ser geradas a partir dos procedimentos e as possíveis contribuições na gestão de parques urbanos. O estudo de caso se desenrolou a partir do Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em quatro etapas principais. A Etapa A foi destinada à compreensão dos temas e conceitos relacionados à pesquisa e à aproximação ao objeto de estudo. A principal contribuição da primeira etapa foi o entendimento do contexto de gestão dos parques urbanos de Porto Alegre. Na Etapa B foi planejada e executada a captura dos dados referentes ao uso do PMB. A principal contribuição da segunda etapa foi a aplicação dos principais procedimentos selecionados na pesquisa. Na Etapa C ocorreu o processamento dos dados referentes ao uso do PMB. A principal contribuição da terceira etapa foi o conjunto de informações geradas. Na Etapa D ocorreu a reflexão acerca dos procedimentos utilizados para a geração das informações, assim como sobre as informações geradas sobre o uso do PMB. A última etapa permitiu a compreensão das contribuições dos procedimentos e das informações para o monitoramento de uso e para a gestão de parques urbanos.

5.1 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Uma das principais contribuições desta pesquisa diz respeito à avaliação e seleção de procedimentos para captura e processamento de dados, com potencial de serem utilizados para o monitoramento de uso de parques urbanos. Para isso, foram selecionados e aplicados, ainda que de maneira exploratória, dois conjuntos de procedimentos para gerar informações complementares. O Grupo A teve como principal procedimento o método questionário, para

a coleta de dados a respeito de usuários e não-usuários, o qual se mostrou viável, assim como os procedimentos complementares. O Grupo B teve como principal procedimento o método *walkthrough*, para a coleta de dados de uso do parque em estudo, o qual se mostrou viável, assim como os procedimentos complementares. Já a respeito da organização das informações geradas, a utilização de agrupamentos utilizando elementos gráficos, se mostrou eficaz para facilitar o entendimento do conteúdo. Dos três instrumentos elaborados para apresentação das informações no seminário, um se destacou: o documento-gráfico. O instrumento se mostrou viável de ser utilizado no processo de gestão de parques urbanos por sintetizar um grande número de informações e ser de fácil leitura e entendimento. Já os dispositivos visuais se mostraram úteis para expor informações quantitativas sobre os espaços de maneira padronizada.

Outra das principais contribuições desta pesquisa diz respeito às informações de uso geradas, incluindo informações de usuários e não-usuários, a partir dos procedimentos utilizados. Nesse sentido, parte da contribuição se refere às informações do PMB, que contribuiu para a compreensão dessa determinada realidade. Pode-se dizer que, dentre os temas estudados no PMB, o que mais se destacou (negativamente) foi a segurança. Outra parte da contribuição se refere à elucidação do tipo de informação referente ao uso que pode ser gerada a partir dos procedimentos utilizados, assim como das suas possíveis contribuições no processo de gestão de parques urbanos. A quantificação de visitantes permitiu identificar os espaços com mais e menos visitantes, assim como a variação de visitantes nos espaços ao longo da semana. A quantificação por categoria de visitantes permitiu identificar grupos que utilizam os espaços ao longo da semana. Já a quantificação da ocorrência de atividades permitiu identificar características dos espaços. Complementarmente, o ponto de vista dos usuários em relação aos temas estudados (acessibilidade; estrutura física; conservação e aparência; segurança; atividades, acontecimentos programados e eventos), permitiu elucidar se o que está sendo oferecido atende suas necessidades e expectativas, além de identificar demandas.

Entende-se que, dentro do processo de gestão de parques urbanos, o conjunto de informações geradas pode sugerir potenciais, que podem ser explorados, e fragilidades, que indicam a necessidade de investigações mais aprofundadas para orientar ações de melhoria. Além disso,

as informações que foram geradas a partir de uma dada realidade podem servir como embasamento e como argumento em processos de tomada de decisão.

Por fim, entende-se que o monitoramento é parte fundamental dentro do processo de gestão. Através dele, é possível gerar informações de interesse para contribuir com objetivos a serem alcançados nos parques urbanos. As informações geradas podem, tanto retratar a realidade de determinado momento quanto ser comparadas ao longo do tempo, possibilitando medir alterações. Porém, é importante salientar que, para que o monitoramento seja possível e válido, a estrutura organizacional e o processo de gestão devem estar alinhados para comportar sua execução.

As principais contribuições desta pesquisa estão apresentadas no Quadro 20.

Objetivo geral da pesquisa	Desdobramento	Principais contribuições
Fazer uma análise crítica de procedimentos que possam ser utilizados no monitoramento de uso de parques urbanos no contexto brasileiro.	Identificar informações que possam ser geradas a partir do monitoramento de uso e suas possíveis contribuições na gestão de parques urbanos no contexto brasileiro.	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação e seleção de procedimentos para coleta e processamento de dados que podem ser utilizados no monitoramento de uso de parques urbanos. - Avaliação de instrumentos para organização e apresentação de informações. - Identificação de dados que podem contribuir na geração de informações de uso de parques urbanos. - Identificação de informações de uso que podem ser geradas através a partir dos procedimentos selecionados. - Identificação de possíveis contribuições de informações de uso para a gestão de parques urbanos.

Quadro 20: Objetivos e contribuições da pesquisa.

5.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Durante o desenvolvimento da pesquisa houveram algumas limitações, principalmente em relação à coleta de dados. O problema da insegurança no PMB fez com que fosse necessário tomar alguns cuidados, como não realizar coletas de dados à noite e, mesmo durante o dia, sempre realizar as coletas de dados em mais de uma pessoa. Dependendo da disponibilidade de outras pessoas para acompanhar e auxiliar na coleta de dados foi bastante limitador, tanto que não foi possível realizar tudo que havia sido planejado ao início da pesquisa.

A escolha de procedimentos para captura e processamento de dados, que exigissem o mínimo de recursos possíveis, também foi um limitador. Porém, levando em consideração que um dos intuitos da pesquisa era de selecionar procedimentos que fossem possíveis de aplicação na realidade brasileira dos parques urbanos, isso foi visto como parte do desafio. Em relação às coletas de dados junto à visitantes do PMB, a aceitação em participar também foi um limitador. Isso ocorreu principalmente para a entrevista em profundidade da técnica *laddering*, que exigia maior tempo e envolvimento.

Durante a coleta de dados, em relação às categorias utilizadas para registro dos visitantes no *walkthrough* por gênero e faixa etária, não se utilizou a separação entre público adulto e idoso. Essa decisão foi tomada como forma de diminuir o número de categorias e facilitar a contagem durante as observações. Porém, entende-se que, no contexto do monitoramento de uso de parques urbanos, essa separação é importante e deve ser considerada, já que existem especificidades entre as diferentes faixas etárias e isso, provavelmente, reflete no uso dos espaços.

A necessidade de realizar o procedimento do *walkthrough* em mais de uma pessoa limitou a amostra utilizada na pesquisa, já que houve dificuldade em obter ajudantes. O intuito inicial era realizar duas rodadas, totalizando em dados coletados de duas semanas, mas foi possível realizar apenas uma. Nesse sentido, não foi possível comparar dados de dois períodos de tempo, o que traria contribuições para a avaliação do procedimento e das informações geradas a parti dele.

5.3 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

A partir da realização desta pesquisa, são apresentadas as seguintes recomendações para trabalhos futuros relacionados ao monitoramento e à gestão de parques urbanos:

- a) Elaborar um conjunto de indicadores de uso de parques urbanos com potencial de contribuição para a gestão de parques urbanos no contexto brasileiro.

- b) Desenvolver um sistema de monitoramento de uso de parques urbanos com a participação de técnicos envolvidos na gestão e que faça uso de aplicativos de *smartphones* para a coleta de dados.
- c) Avaliar a viabilidade de utilização da técnica *hard laddering* no monitoramento de parques urbanos.
- d) Replicar o método da pesquisa nos mesmos parques urbanos a fim de comparar as informações geradas em dois momentos distintos e aprimorar os procedimentos para o monitoramento de uso.
- e) Avaliar e refinar o método utilizado na pesquisa a partir da replicação em outros parques urbanos de Porto Alegre e de outras cidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ANGELONI, M. T. Elementos intervervientes na tomada de decisão. **Ci. Inf., Brasília**, v. 32, n. 1, p. 17–22, 2003.
- ANTUNES, G. A. et al. **Caracterização socioambiental dos usuários do Parque Marinha do Brasil, Porto Alegre/RS**. Anais do IV Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental. **Anais...**Salvador/BA: IBEAS – Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais, 2013
- ARCOWEB. **Jaime Lerner Arquitetos Associados: Parque da Orla do Guaíba, Porto Alegre**. Disponível em: <<https://arcoweb.com.br/projetodesign-assinantes/arquitetura/jaime-lerner-arquitetosassociados-parque-orla-guaiba-porto-alegre-20-05-2013>>. Acesso em: 1 nov. 2016.
- ASTLEITHNER, F. et al. Institutions and indicators - The discourse about indicators in the context of sustainability. **Journal of Housing and the Built Environment**, v. 19, p. 7–24, 2004.
- BARAN, P. K. et al. Park use among youth and adults: Examination of individual, social, and urban form factors. **Environment and Behavior**, v. 46, n. 6, p. 768–800, 2014.
- BARBOSA, L. G. **Parque Marinha do Brasil : um parque, três projetos**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- BASSO, J. M. **Investigação de fatores que afetam o desempenho e a apropriação de espaços abertos públicos: O caso de Campo Grande - MS**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- BAUR, J. W. R.; TYNON, J. F.; GÓMEZ, E. Attitudes about urban nature parks: A case study of users and nonusers in Portland, Oregon. **Landscape and Urban Planning**, v. 117, p. 100–111, 2013.
- BECKER, D. **Condomínios horizontais fechados: Avaliação de desempenho interno e impacto físico espacial no espaço urbano**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- BERMAN, M. G.; JONIDES, J.; KAPLAN, S. The cognitive benefits of interacting with nature. **Psychological Science**, v. 19, n. 12, p. 1207–1212, 2008.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm>
- CAMPBELL, L. K. et al. A social assessment of urban parkland: Analyzing park use and meaning to inform management and resilience planning. **Environmental Science & Policy**, v. 62, p. 34–44, 2016.
- CARDONE, P. Anteprojeto da orla do Guaíba entra em estudo de viabilidade. Conselho Municipal de Cultura de Porto Alegre, 14 fev. 2012. Disponível em: <<http://cmcpoa.blogspot.com.br/2012/02/anteprojeto-da-orla-do-guaiba-entra-em.html>>. Acesso em: 01 nov. 2016.
- CARMONA, M.; MAGALHÃES, C. DE; HAMMOND, L. **Public Spaces : The management dimension**. Routledge, 2008.
- CARMONA, M.; TIESDELL, S. (EDS.). **Urban Design Reader**. Oxford, UK: Architectural Press, 2007.
- CARR, S. et al. Needs in public space. In: CARMONA, M.; TIESDELL, S. (Eds.). **Urban Design Reader**. Oxford, UK: Architectural Press, 2007. p. 230–240.
- ÇAY, R. D. Recreation and urban park management. In: EFE, R. et al. (Eds.). **Environment and Ecology at the Beginning of 21st Century**. Sofia: St. Kliment Ohridski University Press, 2015. p. 302–312.
- CHAN, C. S.; MARAFA, L. M. Research update: Components of urban park systems. **Parks & Recreation**, v. 41, n. 1, p. 26–30, 2006.

- CHAN, C. S.; MARAFA, L. M.; VAN DEN BOSCH, C. C. K. Changing perspectives in urban park management: A longitudinal study of Hong Kong. **Managing Sport and Leisure**, v. 20, p. 56–76, 2015.
- CHIESURA, A. The role of urban parks for the sustainable city. **Landscape and Urban Planning**, v. 68, p. 129–138, 2004.
- COSTA, D. D. O. **Parâmetros normativos para a gestão de parques urbanos do Distrito Federal**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Brasília, 2011.
- DUNNETT, N.; SWANWICK, C.; WOOLLEY, H. **Improving urban parks, play areas and green spaces. Urban Research Report**. London: Department for Transport, Local Government and the Regions, 2002.
- EDWARDS, N. et al. Associations between park features and adolescent park use for physical activity. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 12, n. 21, p. 1–10, 2015.
- FRANCIS, M. Urban Open Spaces. In: ZUBE, E. H.; MOORE, G. T. (Eds.). **Advances in environment, behavior, and design : Volume 1**. New York: Plenum Press, 1987. p. 71–106.
- GEHL, J. Three types of outdoor activities; Outdoor activities and quality of outdoor space. In: CARMONA, M.; TIESDELL, S. (Eds.). **Urban Design Reader**. Oxford, UK: Architectural Press, 2007. p. 143–146.
- GEHL, J.; SVARRE, B. **How to study public life**. Washington: Island Press, 2013.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. v. 264
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- GIRALT, R. P. **Conforto térmico em espaços públicos abertos na cidade de Torres - RS**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- GOLAFSHANI, N. Understanding reliability and validity in qualitative research. **The Qualitative Report**, v. 8, n. 4, p. 597–607, 2003.
- GOMES, M. A. S. **Os parques e a produção do espaço urbano**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- GOMES, R. F. D.; AZEVEDO, G. A. N. **A permanência espaço-temporal do edifício escolar - Propostas de adequação de usos em uma escola pública de Ensino Fundamental do Rio de Janeiro**. Anais... Porto Alegre: ANTAC, 2016
- GOOGLEEARTH. **Parque Marinha do Brasil e entorno**, 2017.
- GREGOLETTO, D. et al. Existência e inexistência de cercamento, segurança e acessibilidade de parques urbanos. **Arquisur Revista**, n. 3, p. 124–137, 2013.
- GUSTAVSSON, R. et al. Management of urban woodland and parks - Searching for creative and sustainable concepts. In: KONIJNENDIJK, C. C. et al. (Eds.). **Urban forests and trees: A reference book**. Springer, 2005. p. 369–397.
- GUTMAN, J. A Means-End Chain model based on consumer categorization processes. **Journal of Marketing**, v. 46, n. 2, p. 60, 1982.
- HARNIK, P. **The excellent city park system : What makes it great and how to get there**. San Francisco: The Trust for Public Land, 2003.
- HARNIK, P. The excellent system of city park system. In: PLATT, R. H. (Ed.). **The Humane Metropolis: People and Nature in the 21st-century City**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 2006. p. 47–

60.

HARNIK, P. **Urban green : Innovative parks for resurgent cities**. Washington: Island Press, 2010.

HARTIG, T. et al. Tracking restoration in natural and urban field settings. **Journal of Environmental Psychology**, v. 23, p. 109–123, 2003.

HENTSCHKE, C. DOS S. **Método para identificar atributos customizáveis na habitação baseado no modelo conceitual Cadeia Meios-Fim**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

HORNBACK, K. E.; EAGLES, P. F. J. **Guidelines for public use measurement and reporting at parks and protected areas**. Gland e Cambridge: IUCN; Parks Canada; Cooperative Research Centre for Sustainable Tourism of Australia, 1999.

JACOBS, J. **Morte e vidas de grandes cidades**. 3 ed. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JANSSON, M. et al. Perceived personal safety in relation to urban woodland vegetation - A review. **Urban Forestry and Urban Greening**, v. 12, n. 2, p. 127–133, 2013.

JANSSON, M.; LINDGREN, T. A review of the concept “management” in relation to urban landscapes and green spaces: Toward a holistic understanding. **Urban Forestry and Urban Greening**, v. 11, p. 139–145, 2012.

JONES, R. Enticement: The role of community involvement in the management of urban parks. **Managing Leisure**, v. 7, n. 1, p. 18–32, 2002.

KAPLAN, R. The nature of the view from home: Psychological benefits. **Environment and Behavior**, v. 33, n. 4, p. 507–542, 2001.

KAPLAN, S. The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework. **Journal of Environmental Psychology**, v. 15, p. 169–182, 1995.

KÄRNÄ, S.; JUNNONEN, J.-M.; KANKAINEN, J. **Customer satisfaction in construction**. Proceedings of the 12th annual conference of the International Group of Lean Construction. **Anais...Copenhagen: Technical University of Denmark**, 2004.

KEPERN, K. DOS R. **A cidade e o elemento natural: o Parque Marinha do Brasil e as políticas públicas do verde em Porto Alegre (1960-1970)**. [s.l.] Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

KLIASS, R. G. **Parques urbanos de São Paulo**. São Paulo: Pini, 1993.

KONIJNENDIJK, C. C. et al. (EDS.). **Urban forests and trees : A reference book**. Springer, 2005.

KONIJNENDIJK, C. C. et al. **Benefits of urban parks : A systematic review**. Copenhagen & Alnarp: [s.n.]. Disponível em: <http://curis.ku.dk/ws/files/44944034/ifpra_park_benefits_review_final_version.pdf>.

LANG, J. Fundamental process of human behavior. In: LANG, J. et al. (Eds.). **Designing for human behavior: Architecture and the behavioral sciences**. Stroudsburg: Hutchinson and Ross, 1974. p. 83–97.

LAPHAM, S. C. et al. How important is perception of safety to park use ? A four-city survey. **Urban Studies**, v. 53, n. 12, p. 2624–2636, 2016.

LARSON, L. R.; JENNINGS, V.; CLOUTIER, S. A. Public parks and wellbeing in urban areas of the United States. **PLoS ONE**, v. 11, n. 4, 2016.

LAY, M. C. D. **O impacto da qualidade da habitação popular na imagem urbana**. Anais do VI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. **Anais...Rio de Janeiro: ANTAC**, 1995

- LAY, M. C. D.; REIS, A. T. DA L. Análise quantitativa na área de estudos ambiente-comportamento. **Ambiente Construído**, v. 5, n. 2, p. 21–36, 2005.
- LIN, B. B. et al. Opportunity or orientation? Who uses urban parks and why. **PLoS ONE**, v. 9, n. 1, p. 1–7, 2014.
- LINDBERG, M.; SCHIPPERIJN, J. Active use of urban park facilities - Expectations versus reality. **Urban Forestry and Urban Greening**, v. 14, n. 4, p. 909–918, 2015.
- LYNCH, K. **The image of the city**. Cambridge: MIT Press, 1960.
- LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil**. 2. ed. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- MACHADO, I. F.; RIBAS, O. T.; OLIVEIRA, T. A. DE. **Cartilha de procedimentos básicos para uma arquitetura no trópico úmido**. Brasília: Pini, 1986.
- MALINSKY, R. **A cidade no parque: Gênese e evolução do parque urbano, suas figuras e metáforas**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- MARCUS, C. C.; FRANCIS, C. (EDS.). **People places : Design guidelines for urban open space**. 2. ed. New York: John Wiley & Sons, 1998.
- MARTINS, G. DE A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia para investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.
- MARTINS, L. F. V. **Monitoramento de parques urbanos em fundos de vale: Análise das funções de conservação e uso público - Estudos de casos múltiplos em Curitiba, Paraná**. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2014.
- MARUTHAVEERAN, S.; VAN DEN BOSCH, C. K. Fear of crime in urban parks - What the residents of Kuala Lumpur have to say? **Urban Forestry and Urban Greening**, v. 14, n. 3, p. 702–713, 2015.
- MASCARÓ, J. L. (ED.). **Infra-estrutura da paisagem**. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2008.
- MASCARÓ, L.; MASCARÓ, J. J. **Ambiência urbana**. 3. ed. ed. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2009.
- MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração** [recurso eletrônico]. 8. ed. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- MCCORMACK, G. R. et al. Characteristics of urban parks associated with park use and physical activity: A review of qualitative research. **Health and Place**, v. 16, p. 712–726, 2010.
- MICHAELIS dicionário brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Parques e Áreas Verdes**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/parques-e-areas-verdes>>. Acesso em: 30 out. 2016.
- MIRANDA, M. M. S. **O papel dos parques urbanos no sistema de espaços livres de Porto Alegre-RS: Uso, forma e apropriação**. Tese de doutorado (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014.
- MIRON, L.; DANEZI, N.; SCHVARSTZHAUPT, C. **Processo de gestão de parques urbanos: Estudo de caso em Porto Alegre, Brasil**. Anais da VII Conferência Internacional da Rede Lusófona de Morfologia Urbana - PNUM 2018. Porto: PNUM, 2018.
- MOLIN, J. F.; VAN DEN BOSCH, C. C. K. Between big ideas and daily realities - The roles and perspectives of Danish municipal green space managers on public involvement in green space maintenance. **Urban Forestry and Urban Greening**, v. 13, p. 553–561, 2014.

- MONTEIRO, D. A. D. B. **Proposta de um método para avaliação da percepção de valor em empreendimentos habitacionais de interesse social**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.
- MONTELLI, C. C. C. **Avaliação estética e uso de três praças em Pelotas/RS**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- MOWEN, M. Postacquisition processes, consumer satisfaction, and brand loyalty. In: **Consumer Behavior**. 5ª ed. [s.l.] Prentice Hall, 1998. p. 502–545.
- MUHAR, A.; ARNBERGER, A.; BRANDENBURG, C. **Methods for visitor monitoring in recreational and protected areas: An overview**. Conference Proceedings Monitoring and Management of Visitor Flows in Recreational and Protected Areas. Vienna, Austria: Bodenkultur University, 2002.
- MURATET, A. et al. Perception and knowledge of plant diversity among urban park users. **Landscape and Urban Planning**, v. 137, p. 95–106, 2015.
- NATALINO, M. L. R. et al. **Avaliação pós-ocupação de Projeto Padrão Proinfância: Tecnologias para auxiliar uma abordagem multimétodos**. Anais do XVI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. São Paulo: ENTAC, 2016.
- OBSERVAPOA. **Região Centro**. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-30.056680201888266%2C-51.26559999999995&z=9&mid=1mpKQbAmefWlhUFsDIstd5kXIX6Y>>.
- OXFORD advanced learner's dictionary**. 7. ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- PETERS, K.; ELANDS, B.; BUIJS, A. Social interactions in urban parks: Stimulating social cohesion? **Urban Forestry and Urban Greening**, v. 9, n. 2, p. 93–100, 2010.
- PORRÉCA, L. M. Monitoramento ambiental. In: **Guia do Chefe - Manual de apoio ao gerenciamento das unidades de conservação federais**. Brasília: IBAMA/GTZ, 1999.
- RANDRUP, T. B.; PERSSON, B. Public green spaces in the Nordic countries: Development of a new strategic management regime. **Urban Forestry & Urban Greening**, v. 8, p. 31–40, 2009.
- RAPOPORT, A. **Human aspects of urban form: Towards a man-environment approach to urban form and design**. Oxford: Pergamon Press, 1977.
- REIS, A. T. DA L. et al. Cercar ou não o Parque Farroupilha? Uma análise envolvendo uso e segurança. **Arquisur Revista**, n. 10, p. 54–71, 2016.
- REIS, A. T. DA L.; LAY, M. C. D. Avaliação da qualidade de projetos – Uma avaliação perceptiva e cognitiva. **Ambiente Construído**, v. 6, n. 3, p. 21–34, 2006.
- REIS, A. T. DA L.; LAY, M. C. D. O projeto da habitação de interesse social e a sustentabilidade social. **Ambiente Construído**, v. 10, n. 3, p. 99–119, 2010.
- REYNOLDS, T. J.; GUTMAN, J. Laddering theory, method, analysis and Interpretation. **Journal of Advertising Research**, v. 28, p. 11–31, 1988.
- RHEINGANTZ, P. A. et al. **Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós- Graduação em Arquitetura, 2009.
- ROMÉRO, M. DE A.; ORNSTEIN, S. W. (EDS.). **Avaliação Pós-Ocupação : Métodos e técnicas aplicados à habitação social**. Porto Alegre: ANTAC, 2003.
- RYAN, R. L. The role of place attachment in sustaining urban parks. In: PLATT, R. H. (Ed.). **The humane metropolis : People and nature in the 21st-century city**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 2006. p. 61–74.

- SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ, R.; INIESTA-BONILLO, M. Á. The concept of perceived value: A systematic review of the research. **Marketing Theory**, v. 7, n. 4, p. 427–451, 2007.
- SANTOS, E. S. DOS; MIOTTO, F. Análise comparativa dos espaços esportivos de parques públicos de Porto Alegre. **Efdeportes.com Revista Digital**, n. 92, 2006.
- SCHIPPERIJN, J. et al. Information for urban forest planning and management. In: KONIJNENDIJK, C. C. et al. (Eds.). **Urban forests and trees : A reference book**. Springer, 2005. p. 520.
- SCHMITT, A. et al. **Diagnóstico ambiental do Parque Marinha do Brasil, Porto Alegre, RS**. Relatório. Porto Alegre: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, 2011.
- SCHROEDER, H. W. Research in urban forests. In: ZUBE, E. H.; MOORE, G. T. (Eds.). **Advances in environment, behavior, and design : Volume 2**. New York: Plenum Press, 1989. p. 87–117.
- SCOCUGLIA, J. B. C. O Parc de La Tête d’Or: patrimônio, referência espacial e lugar de sociabilidade. Arquitextos 113.03, **Vitruvius**, 2009.
- SILVA, A. M. DA. **Atratividade e dinâmica de apropriação de espaços públicos para o lazer e turismo**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- SILVA, E. A. P. C. DA et al. Percepção da qualidade do ambiente e vivências em espaços públicos de lazer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 3, p. 251–258, 2016.
- SILVA, M. N. DA. **Percepção de valor dos usuários sobre o território: Estudo de caso no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre – RS**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- SOUZA, F. S. DE. **O espaço público contemporâneo: A complexidade vista a partir de parques urbanos de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- TAKANO, T.; NAKAMURA, K.; WATANABE, M. Urban residential environments and senior citizens’ longevity in megacity areas: The importance of walkable green spaces. **Journal of Epidemiology and Community Health**, v. 56, p. 913–918, 2002.
- TURAN, S. Ö. et al. User evaluation of the urban park design implementation with participatory approach process. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 216, p. 306–315, 2016.
- TYRVÄINEN, L. et al. Benefits and uses of urban forests and trees. In: KONIJNENDIJK, C. C. et al. (Eds.). **Urban forests and trees : A reference book**. Springer, 2005. p. 81–114.
- ULRICH, R. S. Natural versus urban scenes : Some psychophysiological effects. **Environment and Behavior**, v. 13, n. 5, p. 523–556, 1981.
- ULRICH, R. S. View through a window may influence recovery from surgery. **Science**, v. 224, p. 420–421, 1984.
- ULRICH, R. S. Human responses to vegetation and landscapes. **Landscape and Urban Planning**, v. 13, p. 29–44, 1986.
- ULRICH, R. S. et al. Stress recovery during exposure to natural and urban environments. **Journal of Environmental Psychology**, v. 11, p. 201–230, 1991.
- VAITSMAN, J.; RODRIGUES, R. W. S.; PAES-SOUSA, R. **O sistema de avaliação e monitoramento das políticas e programas sociais: A experiência do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome do Brasil**. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2006.
- VARGAS, B.; WEBER, J. R. **Por que os porto-alegrenses são apaixonados por parques**. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/08/por-que-os-porto-alegrenses-sao->

- apaixonados-por-parques-cjkycthf602gp01qkkp62e0dp.html>. Acesso em: 17 ago. 2018.
- VELUDO-DE-OLIVEIRA, T. M.; IKEDA, A. A. Laddering in marketing research. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 6, n. 5, p. 01-14, 2008a.
- VELUDO-DE-OLIVEIRA, T. M.; IKEDA, A. A. Usos e limitações do método laddering. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 5, n. 1, p. 198–222, 2008b.
- WALKER, C. Understanding Park Usership. **Beyond Recreation: A Broader View of Urban Parks**. Washington: The Urban Institute, 2004a.
- WALKER, C. The Public Value of Urban Parks. **Beyond Recreation: A Broader View of Urban Parks**. Washington: The Urban Institute, 2004b.
- WANG, D. et al. A comparison of perceived and geographic access to predict urban park use. **Cities**, v. 42, p. 85–96, 2015.
- WATSON, A. E. et al. **Wilderness recreation use estimation: A handbook of methods and systems**. Ogden: Rocky Mountain Research Station, 2000.
- WENDEL, H. E. W.; ZARGER, R. K.; MIHELICIC, J. R. Accessibility and usability: Green space preferences, perceptions, and barriers in a rapidly urbanizing city in Latin America. **Landscape and Urban Planning**, v. 107, p. 272–282, 2012.
- WHATELY, M. et al. **Parques urbanos municipais de São Paulo : Subsídios para a gestão**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008.
- WHYTE, W. H. The life of plazas. In: CARMONA, M.; TIESDELL, S. (Eds.). **Urban Design Reader**. Oxford, UK: Architectural Press, 2007. p. 375.
- WOODALL, T. Conceptualising value for the customer: An attributional, structural and dispositional analysis. **Academy of Marketing Science Review**, v. 12, n. 5, p. 1–42, 2003.
- WOODRUFF, R. B. Customer value: The next source for competitive advantage. **Journal of Academy of Marketing Science**, v. 25, n. 2, p. 139–153, 1997.
- WOODRUFF, R. B.; GARDIAL, S. **Know Your Customer: New approaches to understanding customer value and satisfaction**. Blackwell Publishing, 1996.
- XAVIER, A. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini, 1987.
- ZANOTTO, R. **Segurança em área urbana central**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- ZEROHORA. **Veja como deve ficar a orla do Guaíba após a revitalização**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2016/04/veja-como-deve-ficar-a-orla-do-guaiba-apos-a-revitalizacao-5776309.html>>. Acesso em: 1 nov. 2016.
- ZINAS, B. Z.; JUSAN, M. M. **Theoretical framework of Means-End Chain Model for measuring housing environment choice and preference**. 4th International Conference on Built Environment in Developing Countries, USM Penang-Malaysia, 2010.
- ZUBE, E. H.; MOORE, G. T. (EDS.). **Advances in environment, behavior, and design : Volume 1**. New York: Plenum Press, 1987.
- ZUBE, E. H.; MOORE, G. T. (EDS.). **Advances in environment, behavior, and design : Volume 2**. New York: Plenum Press, 1989.

APÊNDICE A– Identificação inicial de dados

DADOS SOBRE ASPECTOS SOCIAIS DE PARQUES URBANOS (CHAN; MARAFA; BOSCH, 2015)	
<ul style="list-style-type: none"> – Número de trilhas e rotas novas e existentes construídas dentro de parques – Número de reclamações por parte dos visitantes do parque sobre danos de instalações e equipamentos – Número de reclamações relativas à utilização conflituosa de instalações – Número de reclamações por parte de visitantes de parques de grupos minoritários ou deficientes sobre questões de equidade ou exclusão social – Avaliação dos visitantes das instalações favoritas e menos favoritas do parque – Percentual de visitantes do parque que estão satisfeitos e insatisfeitos com o valor estético dos parques – Número de visitantes do parque – Número de comentários positivos escritos pelos visitantes – Número de acidentes registrados em parques – Número de crimes notificados em parques – Número de viagens de patrulha de policiais passando pelos parques – Mudança percentual na percepção de segurança por parte dos visitantes do parque – Número de eventos comunitários em parques – Número de programas ou atividades de educação ambiental prestados aos visitantes – Número de programas escolares ou atividades educacionais públicas 	
DADOS SOBRE USO DE PARQUES URBANOS (HARNIK, 2003)	
<ul style="list-style-type: none"> – Estimativa do número total de usuários – Quantidade de usuários por localização – Quantidade de usuários por atividade – Demografia – Frequência de uso 	<ul style="list-style-type: none"> – Tempo de permanência no parque – Hora do dia em que utiliza o parque – Dia(s) da semana em que utiliza o parque – Se levam visitantes de fora da cidade pro parque
DADOS SOBRE PERCEPÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER (SILVA et al., 2016)	
<ul style="list-style-type: none"> – Beleza do espaço – Opções que o espaço oferece – Segurança – Distância da residência 	<ul style="list-style-type: none"> – Programas de esporte e/ou lazer – Condições do espaço e dos equipamentos – Estrutura
DADOS PARA ESTUDO DE USO DE ESPAÇOS PÚBLICOS (GEHL; SVARRE, 2013)	
<ul style="list-style-type: none"> – Quantos? – Quem? – Onde? 	<ul style="list-style-type: none"> – O quê? – Por quanto tempo?
DADOS QUE PODEM CONTRIBUIR NA GESTÃO DE PARQUES URBANOS (WALKER, 2004b)	
<ul style="list-style-type: none"> – Saber quem utiliza o parque em comparação à comunidade do entorno – Saber como as pessoas utilizam o parque 	<ul style="list-style-type: none"> – Saber por quê os membros da comunidade utilizam ou não utilizam o parque – Saber quais as características tem valor aos usuários

APÊNDICE B – Roteiro de questionário aplicado presencialmente

QUESTIONÁRIO: USUÁRIOS E NÃO-USUÁRIOS DO PARQUE MARINHA DO BRASIL

Data: ___/___/17 Dia semana: _____ Turno: () M () T Temperatura: ___°C Local: _____

- 1) Você mora em Porto Alegre?
 sim 2) Se sim: Em qual bairro você mora? Menino Deus outro _____
 não 3) Se não: Em qual cidade você mora? _____
- 6) Você percebe dificuldade de acesso ao parque por algum motivo?
 sim não 7) Se sim: Por qual motivo? _____
- 9) Em relação à frequência que você vem ao parque, qual opção é mais adequada? 1 vez a cada 15 dias
 1 vez por ano ou menos (*Ir p/ questão 52*) 1 vez por semana
 mais de 1 vez por ano e menos de 1 vez por mês 2 vezes por semana
 1 vez por mês mais de 2 vezes por semana
- 10) Quando você costuma vir ao parque? Selecione quantas opções forem necessárias.
 Dias de semana: pela manhã ao meio dia à tarde à noite
 Finais de semana/feriados: pela manhã ao meio dia à tarde à noite
- 11) Como você costuma vir até o parque? a pé bicicleta ônibus carro/moto
- 12) O que você costuma fazer no parque? Selecione quantas opções forem necessárias. atividades culturais
 sentar nos bancos ou na grama levar as crianças brincar estar com amigos/família
 contemplação pôr do sol/paisagem comprar lanches vendidos no parque pegar sol passear
 levar animais de estimação atividades físicas/esportes (*Responder q.13*) outro: _____
- 13) Se atividades físicas/esportes: Qual(is)? Selecione quantas opções forem necessárias.
 andar de bicicleta caminhar correr skate patins futebol tênis vôlei basquete
 rugby slackline outros: _____
- 14) Você acha fácil de se localizar dentro do parque? sim não

- 15) Quais espaços do parque você frequenta? (Não considerando parte do parque: calçada/pista da Av. Beira Rio)
 quadras de esportes + centro cívico + gramado na Av. Beira Rio +
 pista de skate + recantos próximos aos lagos + orla do Guaíba +
 pista de patinação + caminho principal (túnel verde) + (grama e quadras na margem)
 pracinhas infantis + gramado lado à pista de skate + outro: _____ +
- 16) Dentre os espaços que você frequenta, qual seu espaço favorito? (*Circular o "+" da opção escolhida*)
- 17) Por que esse é seu espaço favorito? _____

Em relação à estrutura física do parque e ao que ele oferece:

- 18) O que você acha dos espaços que o parque oferece? ruins regulares bons não sei
 (ex.: tipo de espaços existentes, se são adequados)
- 19) O que você acha dos equipamentos existentes no parque? ruins regulares bons não sei
 (ex.: bebedouros, bancos, lixeiras, brinquedos)
- 20) O que você acha dos caminhos no interior do parque? ruins regulares bons não sei
 (por ex.: material do piso, percurso, quantidade)
- 21) O que você acha da iluminação do parque à noite? ruim regular boa não sei
- 22) Você sente falta de algum espaço, equipamento ou serviço que o parque não possui?
 sim não 23) Se sim: Qual? _____
- 24) Você sente falta que alguma atividade cultural, educacional ou esportiva seja promovida no parque?
 sim não 25) Se sim: Qual? _____

Comentários: _____

Em relação à aparência do parque:

- 26) O que você acha do parque no geral? feio nem feio nem bonito bonito não sei
- 27) O que você acha da vegetação? feia nem feia nem bonita bonita não sei
- 28) O que você acha das edificações dentro do parque? feias nem feias nem bonitas bonitas não sei
 (sede da SME, administração do parque e outras)
- 29) Você sabia que o parque possui diversas esculturas? sim não
 30) Se sim: O que você acha delas? feias nem feias nem bonitas bonitas não sei

Comentários: _____

Em relação à conservação do parque:

- 31) O que você acha da limpeza? ruim regular boa não sei
- 32) O que você acha da manutenção dos espaços e dos equipamentos? ruim regular boa não sei
 (se estão bem cuidados quadras de esportes, bancos, brinquedos)
- 33) O que você acha da manutenção da vegetação? ruim regular boa não sei
 (poda das árvores, corte de grama)

- 34) Você já utilizou as instalações do parque como banheiros e vestiários? () sim () não
Se sim: 35) O que você acha da limpeza? () ruim () regular () boa () não sei
 36) O que você acha da manutenção? () ruim () regular () boa () não sei
- 37) Você percebe algum tipo de depredação/vandalismo no parque? () sim () não

Comentários: _____

Em relação à segurança no parque:

- 38) Como você se sente quando está no parque? () inseguro () nem inseguro, nem seguro () seguro () n.s.
 39) Se inseguro: Do que você sente medo? Selecione quantas opções necessárias.
 () assalto () violência física () abordagem de pedintes () Outro: _____
- 40) Como você se sente em relação à quantidade de guardas/policiais que você percebe no parque? () inseguro () nem inseguro, nem seguro () seguro () n.s.
- 41) Como você se sentiria com a presença de câmeras de vigilância? () inseguro () nem inseguro, nem seguro () seguro () n.s.
- 42) Você deixa de vir ao parque em algum dia ou horário por motivo de segurança? () sim () não
 43) Se sim: Quando? Selecione quantas opções necessárias.
 Dias de semana: () pela manhã () ao meio dia () à tarde () à noite
 Finais de semana/feriados: () pela manhã () ao meio dia () à tarde () à noite
- 44) Você evita algum local do parque por se sentir inseguro? () sim () não
 45) Se sim: Qual(is)? _____

Comentários: _____

- 46) De acordo com sua opinião, ordene do que é mais importante (1) ao que é menos importante (5) em relação a um parque:
 () Ter estrutura física adequada (considerando os espaços e outros elementos que compõe o parque).
 () Ter boa aparência (considerando também a limpeza e a manutenção).
 () Ser um local seguro.
 () Ser de fácil acesso (próximo de onde mora, disponibilidade de transporte, adequado para PNE).
 () Oferecer atividades de interesse (culturais, educacionais, esportivas, comerciais).
- 47) Como você avalia o parque de maneira geral? () ruim () regular () bom

Se uma vez por ano ou menos na questão 9:

- 52) Como você classifica o parque a partir do que você conhece dele? () ruim () regular () bom
- 53) Por que você não vem ao parque mais frequentemente? Selecione quantas opções necessárias.
 () Veio apenas para conhecer. () Tem dificuldade de acesso ao parque devido ao transporte.
 () Mora em outra cidade. () Por motivos de falta de segurança no parque.
 () Não costuma ir a parques. () Prefere ir a outros parques em Porto Alegre. (Responder q. 55 e 56)
 () Não acha o parque atrativo. () Outro: _____
 () O parque é longe de onde mora.

Se prefere ir a outros parques em Porto Alegre:

- 55) Em quais parques você costuma ir? () Parque Farroupilha (Redenção) () Parque Moinhos de Vento (Parcão)
 () Parque Alemanha (Germânia) () Parque Maurício Sirotsky Sobrinho (Harmonia)
 () Parque Marechal Mascarenhas de Moraes () Parque Gabriel Knijnik
- 56) Por qual(is) motivo(s)? _____
- 54) O que seria preciso para que você frequentasse mais o parque? Selecione quantas opções necessárias.
 () Realização de atividades de interesse no parque (por ex.: culturais, educacionais, esportivas, comerciais).
 () Melhorar a estrutura do parque (ex.: ter algum espaço que não tem; materiais mais adequados).
 () Melhorar a aparência do parque.
 () Melhorar a conservação do parque (considerando a limpeza e a manutenção dos espaços e de outros elementos).
 () Melhorar a segurança no parque (ex.: através de maior efetivo de guardas/policiais).
 () Mais facilidade de acesso ao parque (ex.: disponibilidade/eficiência do transporte coletivo, adequação para PNE).
 () Outro: _____

- 59) Você tem algum comentário, crítica ou sugestão a fazer sobre o parque? _____

- 60) Gênero: () F () M () O 61) Idade: () até 19 () 20 a 29 () 30 a 39 () 40 a 49 () 50 a 59 () 60 ou mais
- 62) Qual a sua escolaridade? () ensino fundamental () ensino superior
 () sem escolaridade () ensino médio () pós-graduação
- 63) Qual sua renda familiar aproximada (considerando que o valor do salário mínimo atual é de R\$ 937,00)?
 () até 5 salários mínimos (até R\$4.685,00)
 () acima de 5 até 15 salários mínimos (acima de R\$4.685,00 até R\$ 14.055,00)
 () acima de 15 salários mínimos (acima de R\$ 14.055,00)

APÊNDICE C – Roteiro do questionário aplicado através da internet

QUESTIONÁRIO: USUÁRIOS E NÃO-USUÁRIOS DO PARQUE MARINHA DO BRASIL

Q0001) Você mora em Porto Alegre? () **sim** () **não**

Q0002) Se sim: Em qual bairro você mora?

R1 () Menino Deus **R2** () Centro Histórico **R3** () Santa Tereza **R4** () Azenha **R5** () Cidade Baixa () **Outro:** ____

Q0003) Se não: Em qual cidade você mora?

R1 () Canoas **R2** () Gravataí **R3** () Novo Hamb. **R4** () São Leop. **R5** () Viamão **R6** () Cxs do Sul () **Outro:** ____

Q0004) Você já foi ao Parque Marinha do Brasil alguma vez? () **sim** (*Responder 6 e ir para questão 8*)
() **não** (*Ir para questão 5*)

Se não:

Q0005) Você já ouviu falar do Parque Marinha do Brasil? () **sim** (*Responder 6 e ir para questão 48*)

() **não** (*Ir para questão 58*)

Se “sim” na questão 4 ou “sim” na questão 5:

Q0006) Você percebe dificuldade de acesso ao Parque Marinha do Brasil por algum motivo? () **sim** () **não**

Q0007) Se sim: Por qual motivo?

R1 () longe de onde mora

R2 () falta/ineficiência de transporte coletivo

R3 () dificuldade de utilização por portadores de necessidades especiais

() **Outro:** _____

SE “SIM” NA QUESTÃO 4:

Q0008) Quanto tempo faz que você foi ao Parque Marinha do Brasil pela última vez?

R1 () menos de 1 ano (*Ir para questão 9*)

R2 () entre 1 e 5 anos (*Ir para questão 52*)

R3 () mais de 5 anos (*Ir para questão 52*)

Se “menos de 1 ano” na questão 8:

Q0009) Em relação à frequência que você vai ao Parque Marinha do Brasil, qual opção é mais adequada?

R1 () 1 vez por ano ou menos (*Ir para questão 52*) **R5** () 1 vez por semana

R2 () mais de 1 vez por ano e menos de 1 vez por mês **R6** () 2 vezes por semana

R3 () 1 vez por mês **R7** () mais de 2 vezes por semana

R4 () 1 vez a cada 15 dias

Q0010) Quando você costuma ir ao Parque Marinha do Brasil? Selecione quantas opções forem necessárias.

R1 () dias de semana: pela manhã

R5 () finais de semana/feriados: pela manhã

R2 () dias de semana: ao meio dia

R6 () finais de semana/feriados: ao meio dia

R3 () dias de semana: à tarde

R7 () finais de semana/feriados: à tarde

R4 () dias de semana: à noite

R8 () finais de semana/feriados: à noite

Q0011) Como você costuma ir até o Parque Marinha do Brasil?

R1 () a pé **R2** () bicicleta **R3** () ônibus **R4** () carro/moto

Q0012) O que você costuma fazer no Parque Marinha do Brasil? Selecione quantas opções forem necessárias.

R1 () sentar nos bancos ou na grama

R7 () participar de atividades culturais

R2 () contemplação pôr do sol/paisagem

(por ex. apresentações de música)

R3 () levar animais de estimação

R8 () estar com amigos/família

R4 () levar as crianças brincar

R9 () pegar sol

R5 () comprar lanches vendidos no parque

R10 () passear

R6 () praticar atividades físicas/esportes (*Responder q.13*)

() **outro:** _____

Se “atividades físicas/esportes”:

Q0013) Qual(is) atividade(s) física(s)/esporte(s) você pratica no parque? Selecione quantas opções forem necessárias.

R1 () andar de bicicleta

R5 () patins

R9 () basquete

R2 () caminhar

R6 () futebol

R10 () rugby

R3 () correr

R7 () tênis

R11 () slackline

R4 () skate

R8 () vôlei

() **outro:** _____

Q0014) Você acha fácil de se localizar dentro do Parque Marinha do Brasil? () **sim** () **não**

Q0015) Quais espaços do Parque Marinha do Brasil você frequenta? Selecione quantas opções forem necessárias. (Não estamos considerando como parte do parque: calçadão da Av. Beira Rio e a pista de veículos é fechada para lazer)

R1 () quadras de esportes

R2 () pista de skate

R3 () pista de patinação

R4 () pracinhas infantis

R5 () pista de atletismo

R6 () centro cívico

(espelho d'água/canhão)

R7 () recantos próximos aos lagos

R8 () caminho principal (túnel verde)

R9 () proximidades da pista de skate

R10 () gramado na Av. Beira Rio

R11 () orla do Guaíba (área de grama e quadras que estão na margem)

() **outro:** _____

Q0016) Dentre os espaços que você frequenta, qual seu espaço favorito?

R1 () quadras de esportes

R2 () pista de skate

R3 () pista de patinação

R4 () pracinhas infantis

R5 () pista de atletismo

R6 () centro cívico

(espelho d'água/canhão)

R7 () recantos próximos aos lagos

R8 () caminho principal (túnel verde)

R9 () proximidades da pista de skate

R10 () gramado na Av. Beira Rio

R11 () orla do Guaíba (área de grama e quadras que estão na margem)

() **outro:** _____

Q0017) Por que esse é seu espaço favorito?

Em relação à estrutura física do Parque Marinha do Brasil e ao que ele oferece:

Q0018) O que você acha dos espaços que o parque oferece?

(ex.: tipo de espaços existentes, se são adequados)

R1 () ruins **R2** () regulares **R3** () bons

Q0019) O que você acha dos equipamentos existentes no parque?

(ex.: bebedouros, bancos, lixeiras, brinquedos)

R1 () ruins **R2** () regulares **R3** () bons

Q0020) O que você acha dos caminhos no interior do parque?

(por ex.: material do piso, percurso, quantidade)

R1 () ruins **R2** () regulares **R3** () bons

Q0021) O que você acha da iluminação do parque à noite?

R1 () ruim **R2** () regular **R3** () boa

R4 () não sabe opinar, pois não utiliza o parque à noite

Q0022) Você sente falta de algum espaço, equipamento ou serviço que o parque não possui?

() **sim** () **não**

Q0023)

Se **sim:** Qual? _____

Q0024) Você sente falta que alguma atividade cultural, educacional ou esportiva seja promovida no parque?

() **sim** () **não**

Q0025)

Se **sim:** Qual? _____

Em relação à aparência do Parque Marinha do Brasil:

Q0026) O que você acha do parque no geral?

R1 () feio **R2** () nem feio nem bonito **R3** () bonito

Q0027) O que você acha da vegetação?

R1 () feia **R2** () nem feia nem bonita **R3** () bonita

Q0028) O que você acha das edificações que estão dentro do parque? (sede da SME, sede administrativa do parque e outras)?

R1 () feias **R2** () nem feias nem bonitas **R3** () bonitas

Q0029) Você sabia que o parque possui diversas esculturas? () **sim** () **não**

Q0030) Se **sim:** O que você acha delas?

R1 () feias **R2** () nem feias nem bonitas **R3** () bonitas

Em relação à conservação do Parque Marinha do Brasil:

Q0031) O que você acha da limpeza?

R1 () ruim **R2** () regular **R3** () boa

Q0032) O que você acha da manutenção dos espaços e dos equipamentos?

(se estão bem cuidados por ex.: quadras de esportes, bancos, brinquedos)

R1 () ruim **R2** () regular **R3** () boa

Q0033) O que você acha da manutenção da vegetação?

(por ex.: poda das árvores, corte de grama)

R1 () ruim **R2** () regular **R3** () boa

Q0034) Você já utilizou as instalações do parque como banheiros e vestiários? () **sim** () **não**

Se **sim:**

Q0035) O que você acha da limpeza dos banheiros/vestiários?

R1 () ruim **R2** () regular **R3** () boa

Q0036) O que você acha da manutenção dos banheiros/vestiários?

R1 () ruim **R2** () regular **R3** () boa

Q0037) Você percebe algum tipo de depredação/vandalismo no parque? () **sim** () **não**

Em relação à segurança no Parque Marinha do Brasil:

Q0038) Como você se sente quando está no parque? **R1** () inseguro **R2** () nem inseguro, nem seguro **R3** () seguro

Se **inseguro:**

Q0039) Do que você sente medo? Selecione quantas opções forem necessárias.

R1 () assalto **R2** () violência física **R3** () abordagem de pedintes () **Outro:** _____

Q0040) Como você se sente em relação à quantidade de

guardas/policiais que você percebe no parque? **R1** () inseguro **R2** () nem inseguro, nem seguro **R3** () seguro

- Q0041)** Como você se sentiria com a presença de câmeras de vigilância? **R1** () inseguro **R2** () nem inseguro, nem seguro **R3** () seguro
- Q0042)** Você deixa de ir ao parque em algum dia ou horário por motivo de segurança? () **sim** () **não**
- Q0043)** Se **sim**: Quando? Selecione quantas opções forem necessárias.
- | | |
|---|---|
| R1 () dias de semana: pela manhã | R5 () finais de semana: pela manhã |
| R2 () dias de semana: ao meio dia | R6 () finais de semana: ao meio dia |
| R3 () dias de semana: à tarde | R7 () finais de semana: à tarde |
| R4 () dias de semana: à noite | R8 () finais de semana: à noite |
- Q0044)** Você evita algum local do parque por se sentir inseguro? () **sim** () **não**
- Q0045)** Se **sim**: Qual(is) local(is) você evita? _____

Q0046) De acordo com sua opinião, o que é mais importante em um parque? Clique em cada um dos itens da lista à esquerda, começando pelo que você considera de maior importância, e arraste para a direita, montando sua classificação (o item mais importante para você deverá ficar em cima, seguido do segundo mais importante e assim sucessivamente, até o menos importante como último da lista). (*ORDENAR DE 1 A 5*)

- R1** () Ter estrutura física adequada. (considerando os espaços e outros elementos que compõe o parque)
- R2** () Ter boa aparência. (considerando também a limpeza e a manutenção)
- R3** () Ser um local seguro.
- R4** () Ser de fácil acesso. (próximo de onde mora ou ter disponibilidade de transporte, adequado para portadores de necessidade especiais)
- R5** () Oferecer atividades de interesse (culturais, educacionais, esportivas, comerciais).

Q0047) Como você avalia o Parque Marinha do Brasil de maneira geral?

- R1** () ruim **R2** () regular **R3** () bom

SE "SIM" NA QUESTÃO 5 (não-usuários/nunca foi mas ouviu falar):

- Q0048)** Como você avalia o Parque Marinha do Brasil levando em consideração o que você ouviu falar sobre ele?
- R1** () ruim **R2** () regular **R3** () bom **R4** () não sabe opinar
- Q0049)** Por que você não frequenta o Parque Marinha do Brasil? Selecione quantas opções forem necessárias.
- R1** () Mora em outra cidade.
- R2** () Não costuma ir a parques.
- R3** () Não acha o parque atrativo.
- R4** () O parque é longe de onde mora.
- R5** () Tem dificuldade de acesso ao parque devido ao transporte.
- R6** () Por motivos de falta de segurança no parque.
- R7** () Prefere ir a outros parques em Porto Alegre. (*Responder 55 e 56*)
- () **Outro:** _____
- Q0050)** Você tem vontade de conhecer o Parque Marinha do Brasil? () **sim** () **não**
- Q0051)** Por quê? _____
- Ir para questão 57.*

Se "entre 1 e 5 anos" ou "mais de 5 anos" na questão 8 (não-usuários/já foi):

- Q0052)** Como você avalia o Parque Marinha do Brasil a partir do que você conhece dele?
- R1** () ruim **R2** () regular **R3** () bom
- Q0053)** Por que você não vai ao Parque Marinha do Brasil mais frequentemente? Selecione quantas opções forem necessárias.
- | | |
|--|---|
| R1 () Foi apenas para conhecer. | R6 () Tem dificuldade de acesso ao parque devido ao transporte. |
| R2 () Mora em outra cidade. | R7 () Por motivos de falta de segurança no parque. |
| R3 () Não costuma ir a parques. | R8 () Prefere ir a outros parques em Porto Alegre. |
| R4 () Não acha o parque atrativo. | (<i>Responder 55 e 56</i>) |
| R5 () O parque é longe de onde mora. | () Outro: _____ |
- Q0054)** O que seria preciso para que você frequentasse mais o Parque Marinha do Brasil? Selecione quantas opções forem necessárias.

- R1** () Realização de atividades de interesse no parque (por ex.: culturais, educacionais, esportivas, comerciais).
R2 () Melhorar a estrutura do parque (ex.: ter algum espaço que não tem; materiais mais adequados; etc.).
R3 () Melhorar a aparência do parque.
R4 () Melhorar a conservação do parque (considerando a limpeza e a manutenção dos espaços e de outros elementos).
R5 () Melhorar a segurança no parque (ex.: através de maior efetivo de guardas/policiais).
R5 () Mais facilidade de acesso ao parque (ex.: disponibilidade/eficiência do transporte coletivo, adequação para portadores de necessidades especiais, etc.).
R7 () Nada, pois não frequentaria o parque de qualquer forma.

() **Outro:** _____

Ir para questão 57.

Se “prefere ir a outros parques em Porto Alegre” nas questões 49 ou 53:

Q0055) Você disse que prefere ir a outros parques em Porto Alegre, em qual você costuma ir?

- R1** () Parque Farroupilha (Redenção)
R2 () Parque Moinhos de Vento (Parcão)
R3 () Parque Alemanha (Germânia)
R4 () Parque Maurício Sirotsky Sobrinho (Harmonia)
R5 () Parque Marechal Mascarenhas de Moraes
R6 () Parque Gabriel Knijnik
R7 () Parque Chico Mendes

Q0056) Por qual(is) motivo(s) você prefere esse parque? _____

Q0057) Caso você tenha algum comentário, crítica ou sugestão para fazer sobre o Parque Marinha do Brasil, utilize este espaço:

Q0058) Qual seu gênero? **R1** () feminino **R2** () masculino **R3** () outro

Q0059) Qual sua idade?

- R1** () até 19 anos **R3** () 30 a 39 anos **R5** () 50 a 59 anos
R2 () 20 a 29 anos **R4** () 40 a 49 anos **R6** () 60 anos ou mais

Q0060) Qual a sua escolaridade?

- R1** () sem escolaridade **R3** () ensino médio **R5** () pós-graduação
R2 () ensino fundamental **R4** () ensino superior

Q0061) Qual sua renda familiar aproximada (considerando que o valor do salário mínimo atual é de R\$ 937,00)?

- R1** () até 5 salários mínimos (até R\$4.685,00)
R2 () acima de 5 até 15 salários mínimos (acima de R\$4.685,00 até R\$ 14.055,00)
R3 () acima de 15 salários mínimos (acima de R\$ 14.055,00)

APÊNDICE E – Roteiro da entrevista utilizando a técnica *laddering*

ROTEIRO DA ENTREVISTA: USUÁRIOS FREQUENTES DO PARQUE MARINHA DO BRASIL

Estrutura física:

(elementos que formam o parque: espaços de lazer, banheiros, iluminação, bancos, lixeiras, bebedouros e vegetação)

- 1) Para você, o que é importante que o Parque Marinha do Brasil ofereça ao seu público em relação a sua estrutura física?

Aparência:

- 2) Para você, o que faz o Parque Marinha do Brasil ser um lugar bonito?

Acessibilidade:

(possibilidade de acesso, conseguir chegar a um lugar, conseguir utilizar o lugar)

- 3) Para você, o que permite a facilidade de acesso ao Parque Marinha do Brasil?

Sentimento de segurança:

- 4) Para você, o que faz com que você se sinta seguro no Parque Marinha do Brasil?

APÊNDICE F – Legenda de códigos utilizados nas planilhas de organização e análise de dados coletados a partir do *walkthrough*

Visitantes

HA - homens adultos
HJ - homens jovens
MA - mulheres adultas
MJ - mulheres jovens
C - crianças

Não-visitantes

F - flanelinhas
V - vendedores ambulantes
L - funcionários de limpeza/manutenção
P - guardas/policiais
R - moradores de rua

Somatório de pessoas

T1 - total de visitantes
T2 - total de não-visitantes
T3 - total de pessoas

Atividades

A01 - caminhando/passeando
A02 - passeando com cachorro
A03 - correndo
A04 - andando de bicicleta
A05 - andando de skate
A06 - andando de patins
A07 - jogando futebol
A08 - jogando vôlei
A09 - jogando futevôlei
A10 - jogando basquete
A11 - jogando tênis
A12 - jogando rúgbi
A13 - sentado em banco ou outro elemento fixo
A14 - sentado em cadeira móvel
A15 - sentado no chão/gramado
A16 - deitado no chão/gramado
A17 - deitado em banco ou outro elemento fixo
A18 - brincando
A19 - em pé parado
A20 - fazendo alongamento/musculação/ginástica
A21 - outra

APÊNDICE I – Parte das planilhas terciárias de dados do *walkthrough*

Dia	Turno	Data	Identificação		Número de visitantes										T3	Número de não-visitantes										Número de visitantes por ações ocorrendo no local															
			hora início	hora fim	dura-ção	Tempo no dia	9C	HA	HJ	MA	MJ	C	T1	F		V	L	P	R	T2	A01	A02	A03	A04	A05	A06	A07	A08	A09	A10	A11	A12	A13	A14	A15	A16	A17	A18	A19	A20	A21
SEG	MANHÃ	16/10/2017	09:40	11:10	01:30	sol	22	57	19	21	2	10	109	2	0	8	0	5	15	124	50	3	4	4	2	0	1	12	3	0	12	0	4	0	3	1	0	2	5	3	0
	TARDE	16/10/2017	15:10	16:40	01:30	sol com muitas nuvens	28	65	26	24	7	13	135	4	1	0	3	2	10	145	37	4	5	11	4	0	10	3	4	0	0	18	0	11	3	1	5	4	5	3	
TER	MANHÃ	10/10/2017	08:55	10:15	01:20	sol com muitas nuvens	18	99	10	56	0	164	2	0	7	0	1	10	174	99	3	17	6	3	0	0	12	0	0	0	5	0	2	1	0	0	8	2	4		
	TARDE	26/09/2017	15:30	16:50	01:20	nublado	31	57	66	40	6	177	6	0	3	0	1	10	187	39	1	3	8	4	0	29	6	6	0	0	18	4	34	0	1	11	6	4	5		
QUA	MANHÃ	01/11/2017	08:10	09:30	01:20	sol com poucas nuvens	19	39	6	20	0	1	66	0	0	5	0	2	7	73	25	4	14	1	0	0	5	0	0	0	4	0	0	0	0	2	4	4	2		
	TARDE	04/10/2017	15:45	17:10	01:25	sol com poucas nuvens	29	116	44	25	29	5	219	5	2	0	0	2	9	228	45	1	51	14	7	0	2	6	4	2	2	0	19	0	37	6	1	5	12	5	3
QUI	MANHÃ	05/10/2017	09:05	10:25	01:20	nublado	23	50	12	27	0	1	90	4	0	4	0	5	13	103	47	1	3	7	0	0	12	4	2	0	0	8	1	0	0	1	0	2	3	1	
	TARDE	21/09/2017	17:00	18:40	01:40	sol	31	68	46	31	22	10	177	6	1	0	0	0	7	184	53	2	8	7	3	1	4	0	0	0	29	0	39	2	1	7	0	15	6		
SEX	MANHÃ	27/10/2017	10:15	11:30	01:15	nublado	21	34	2	8	1	1	46	5	0	6	0	8	19	65	19	0	6	4	0	0	0	2	0	0	0	4	0	1	0	1	0	2	7	0	
	TARDE	20/10/2017	15:30	16:50	01:20	sol com nuvens	26	63	80	29	19	75	266	5	17	2	0	1	25	291	42	0	2	6	7	2	28	4	2	7	0	31	0	36	1	0	27	33	4	28	
SÁB	MANHÃ	28/10/2017	09:30	11:45	02:15	nublado com muito vento	19	179	98	120	18	81	496	2	1	0	0	2	5	501	68	8	10	27	11	2	76	18	0	0	40	19	18	0	0	49	100	34	5		
	TARDE	14/10/2017	15:00	16:40	01:40	sol com muitas nuvens	20	141	58	57	15	35	306	7	4	0	0	3	14	320	63	5	4	20	2	17	56	25	0	7	0	31	4	26	2	0	3	39	1	1	
DOM	MANHÃ	01/10/2017	09:40	11:40	02:00	sol	24	334	57	208	6	61	666	6	6	1	0	0	13	679	182	21	7	26	10	2	65	26	0	4	0	59	66	82	20	0	22	61	5	3	
	TARDE	01/10/2017	15:50	17:30	01:40	sol	30	570	238	488	138	337	1771	5	15	0	4	2	26	1797	282	31	4	74	26	44	118	41	0	10	0	133	192	439	14	0	118	209	3	31	

Somatório de toda semana (manhã e tarde)

Somatória dos dias de semana (manhã e tarde)

Somatório dos fins de semana (manhã e tarde)

Somatório dos dias de semana (manhã)

Somatório dos dias de semana (manhã)

Somatório dos dias de semana (tarde)

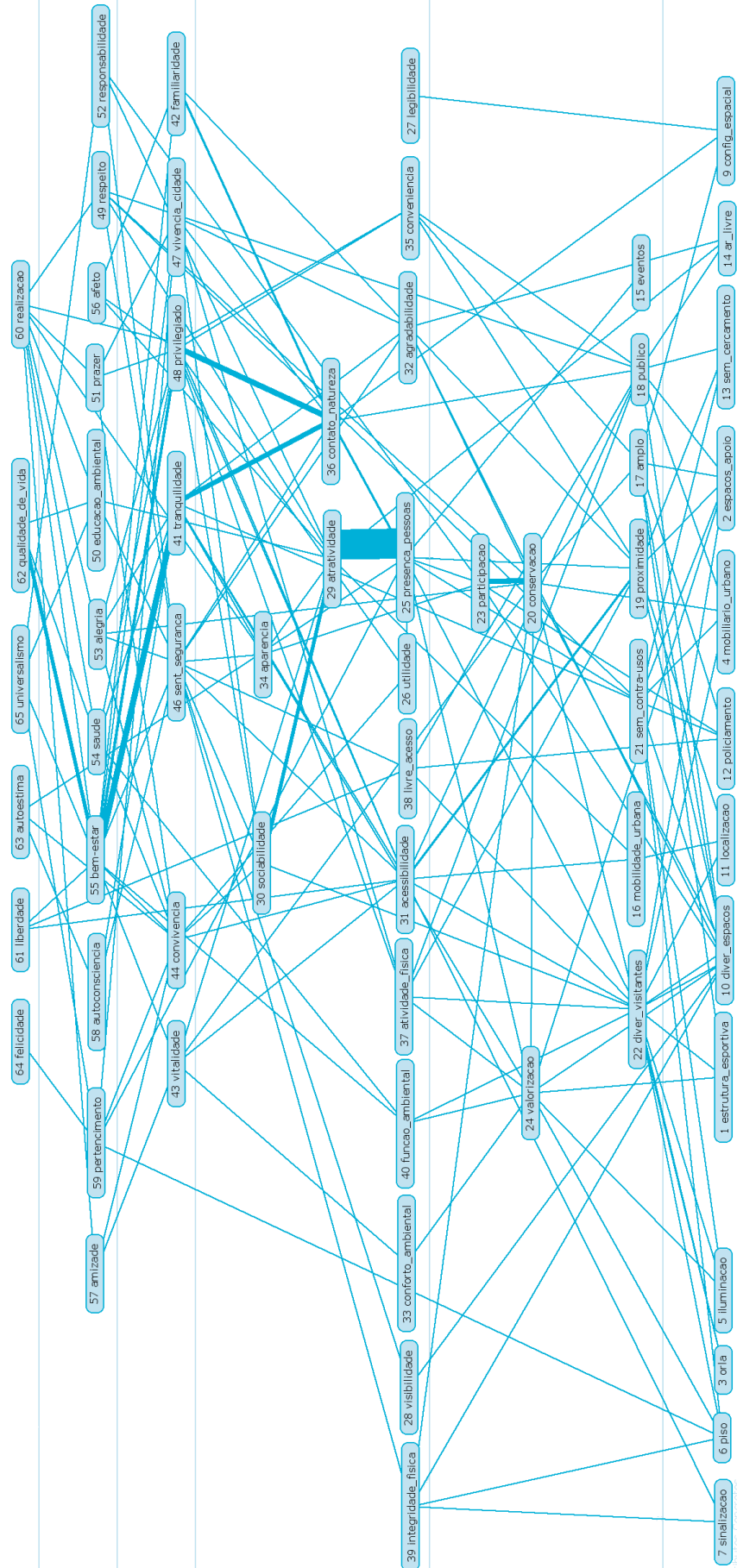
Somatório dos fins de semana (tarde)

1872	762	1154	263	638	4688	59	47	36	7	34	183	4871	1031	84	138	215	79	68	389	170	25	32	18	0	403	286	728	50	6	251	485	95	92
648	311	281	86	124	1449	39	21	35	3	27	125	1574	138	108	88	148	158	58	98	188	178	198	48	68	28	168	208	78	38	118	128		
1224	451	823	177	514	3239	20	26	1	4	7	58	3297	852	65	25	147	49	65	315	110	0	21	4	0	263	281	565	36	0	192	409	43	40
279	49	152	3	13	475	13	0	30	0	21	64	589	241	11	44	22	5	0	1	41	9	2	12	0	25	1	6	2	2	4	21	19	7
513	155	328	24	142	1162	8	7	1	0	2	18	1180	252	29	17	53	21	4	141	44	0	4	4	0	98	85	100	20	0	71	161	39	8
369	262	149	83	111	974	26	21	5	3	6	61	1035	318	8	69	46	25	3	73	19	16	9	2	0	115	4	157	12	4	55	55	33	45
711	296	545	153	372	2077	12	19	0	4	5	40	2117	545	36	8	94	28	61	174	66	0	17	0	0	164	196	453	16	0	121	248	4	32

APÊNDICE J – Elementos-código utilizados na análise de dados da *laddering*

Nível de abstração	Cód.	Elementos (constructos)	Definição adotada na pesquisa
Atributos Concretos	1	Estrutura esportiva	Conjunto de espaços destinados à prática de esportes.
	2	Espaços de apoio	Espaços complementares às funções principais do parque, como banheiros, estacionamento, lancherias, etc.
	3	Orla	Interface do parque com o Rio Guaíba, considerando tanto a faixa de terra entre a Av. Edvaldo Pereira Paiva e o rio, quanto a conexão visual do corpo principal do parque com o rio, onde é possível apreciar o pôr-do-sol.
	4	Mobiliário urbano	Objetos de diferentes escalas implantados no espaço público com a finalidade de auxiliar na prestação de serviços, na segurança, na orientação e no conforto dos visitantes (JOHN; REIS, 2010), como bancos, lixeiras, bebedouros, aparelhos de ginástica, brinquedos, etc.
	5	Iluminação	Iluminação noturna do parque como um todo.
	6	Piso	Superfície (elemento estrutural e acabamento) sobre a qual os visitantes transitam nos diversos tipos de espaço, incluindo rampas e
	7	Sinalização	Elementos informativos de trânsito, como faixa de pedestres, e elementos visuais informativos e de orientação, como placas.
	8	Natureza	Conjunto de elementos que fazem parte do parque e remetem ao mundo natural, como vegetação, corpos d'água e animais.
	9	Configuração espacial	Forma resultante da organização dos diversos espaços e elementos que constituem o parque.
	10	Diversidade de espaços	Conjunto de espaços de diferentes funções que possibilitem a realização de atividades variadas.
	11	Localização	Localização do parque na cidade. Situado na zona central, com ligação a vias importantes e próximo a outros equipamentos urbanos.
	12	Policimento	Segurança pública, presença constante de autoridades como brigada militar ou guarda municipal.
	13	Sem cercamento	Não possuir grades no perímetro.
	14	Ao ar livre	Espaço aberto que possibilita os visitantes estarem sujeitas às ações do tempo, como sol, chuva e vento.
Atributos Abstratos	15	Eventos	Acontecimentos programados, relacionados a diversas temáticas, de iniciativa pública, privada ou dos próprios usuários a serem realizados no parque.
	16	Mobilidade urbana	Condições que possibilitam aos visitantes se deslocar na cidade para acessar o parque de diversas maneiras: a pé, de bicicleta, de ônibus, de carro, etc.
	17	Ser amplo	Característica do parque de ser extenso, com espaço abundante.
	18	Público	Espaço que pertence ao coletivo e que pode ser utilizado de forma gratuita.
	19	Proximidade	Pequena distância para acessar o parque a partir de onde mora; que é vizinho; possibilidade de ir a pé.
	20	Conservação	Estar bem cuidado, com manutenção e limpeza adequadas.
	21	Sem contra-usos	Não ter usos incoerentes com a finalidade do espaço, que não foram previstos (LEITE, 2002), como tráfego e usuários de drogas, guardadores de carros, vandalismo, etc.
	22	Diversidade de visitantes	Presença de visitantes com variadas necessidades e preferências, de diversas faixas etárias, de diferentes realidades sociais.
	23	Participação	Engajamento da comunidade para contribuir com o parque em diversos âmbitos possíveis, com a orientação e em conjunto com a organização gestora.
	24	Valorização	Reconhecimento da importância do parque por parte da administração municipal demonstrada através de investimentos para sua qualificação.
Conseqüências Funcionais	25	Utilidade	Capacidade de satisfazer às necessidades humanas. Ter uso, função, serventia.
	26	Legibilidade	Facilidade com que cada uma das partes do espaço pode ser reconhecida e organizada em um padrão coerente (LYNCH, 1960).
	27	Visibilidade	Possibilidade de visualizar determinado espaço ou conjunto de espaços em sua totalidade, de maneira ampla, sem a presença de barreiras visuais (CARR et al., 2007).
	28	Atratividade	Capacidade do lugar de atrair pessoas a partir da sua qualidade espacial e do que pode oferecer (SILVA, 2009).
	29	Sociabilidade	Conexão de um indivíduo com outras pessoas, que pode acontecer de modo passivo, como assistindo a movimentação de desconhecidos, ou de modo ativo, como interagindo com amigos (CARR et al., 2007).
	30	Acessibilidade	Capacidade de conseguir chegar a um local (LYNCH, 2007) e de usá-lo com facilidade por todas as pessoas, inclusive portadoras de necessidades especiais (CARMONA; MAGALHÃES; HAMMOND, 2008).
	31	Agradabilidade	Capacidade de despertar nos visitantes o sentimento de prazer relacionado aos sentidos (NASAR, 1988 apud MONTELLI, 2008), que agrada, que satisfaz.
	32	Conforto ambiental	Conforto físico e psicológico dos visitantes em relação ao ambiente (CARR, 2007), com espaços e objetos adequados (LYNCH, 1960), com dimensões coerentes, que ofereçam segurança no uso (JACOBS, 2000), incluindo conforto térmico, luminoso e acústico.
	33	Aparência	Aspecto ou apresentação externa de um espaço (SILVA, 2014), que faz parte da construção da imagem mental do lugar pelos indivíduos (LYNCH, 1960).
	34	Conveniência	Atender determinadas necessidades dos visitantes com praticidade, comodidade, facilidade (SILVA, 2014).
	35	Contato com a natureza	Possibilidade dos visitantes estarem em contato com um ambiente que remete ao mundo natural, em contraste à elementos construídos predominantes no ambiente urbano.
	36	Atividade física	Possibilidade dos visitantes realizarem atividades físicas/esportes no parque.
	37	Livre acesso	Possibilidade de qualquer pessoa entrar ou sair do parque, em qualquer ponto de seu perímetro, em qualquer horário.
	38	Integridade física	Ter a integridade física resguardada, estar à salvo, não se ferir.
	39	Função ambiental	Que contribui positivamente com o meio ambiente urbano, como na melhora da qualidade do ar, amenização da temperatura, absorção de águas pluviais, etc.
	40	Presença de pessoas	Grande quantidade e movimentação de visitantes.
Conseqüências Psico-sociais	41	Tranquilidade	Estado de serenidade, sossego, descanso, isento de agitações.
	42	Familiaridade	Condição relacionada ao indivíduo ter experiência prévia com o espaço e que depende da intensidade da interação dele com este espaço (BEERLI; MARTÍN, 2004).
	43	Vitalidade	Característica de um espaço ser dinâmico, congregando um grande número de visitantes através de atividades de várias ordens acontecendo simultaneamente, em espaços próximos, com públicos diferenciados (BASSO, 2001).
	44	Convivência	Relação pessoa-grupo no sentido de socializar, como conviver com vizinhos (GOUVEIA, 2003), viver em proximidade, ter contato frequente.
	45	Lazer	Tempo para atividades que se voltam para a reposição física e mental dos indivíduos no seu tempo livre (AQUINO; MARTINS, 2007).
	46	Sentimento de segurança	Sentir-se livre do perigo, assegurado, protegido, com integridade física resguardada (SILVA, 2014).
	47	Vivência da cidade	Experienciar a cidade como um conjunto de espaços e relações humanas, usufruir dos espaços que a cidade oferece.
	48	Privilegio	Sentir-se em vantagem de poder usufruir de algo que a maioria da população não tem acesso, valorizando essa oportunidade.
Valores Instrumentais	49	Respeito	Obedecer, respeitar regras, ter consideração (ROKEACH, 1981).
	50	Educação ambiental	Processo pelo qual o indivíduo constrói valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente (BRASIL, 1999).
	51	Prazer	Sensação ou emoção agradável ligada à satisfação de uma vontade.
	52	Responsabilidade	Obrigação de responder pelas próprias ações.
	53	Alegria	Estado de animação, contentamento.
	54	Saúde	Estado de normalidade de funcionamento do organismo humano. Boas condições físicas e mentais.
	55	Bem-estar	Estado de satisfação em relação às necessidades pessoais. Sentir-se bem.
	56	Afeto	Disposição (nesse caso, positiva) do indivíduo por alguma coisa relacionada com situações passadas ou com experiências vividas.
	57	Amizade	Relação afetiva entre indivíduos.
58	Autoconsciência	Capacidade de olhar para si mesmo sem julgamentos e identificar defeitos e qualidades.	
59	Pertencimento	Aceitabilidade do indivíduo pela comunidade em geral como sua parte integrante.	
Valores Terminais	60	Realização	Contribuição duradoura (ROKEACH, 1981), satisfação do indivíduo consigo mesmo em cumprir seu objetivo de vida.
	61	Liberdade	Independência e livre escolha (ROKEACH, 1981).
	62	Qualidade de vida	Boas condições de vida (SILVA, 2014) relacionados a bem-estar físico, mental, psicológico e emocional, relacionamentos, saúde, lazer, educação, dentre outros.
	63	Autoestima	Autorrespeito (ROKEACH, 1981), valorização positiva que o indivíduo tem de si mesmo.
	64	Felicidade	Momento durável de contentamento e satisfação (ROKEACH, 1981).
	65	Universalismo	Compreensão, apreciação, tolerância e proteção para o bem-estar de todas as pessoas e para a natureza (SCHWARTZ, 1994).

APÊNDICE L – Mapa hierárquico de valor (sem ponto de corte)



APÊNDICE M – Documento-gráfico (utilizado no seminário)

PISTA DE CICLISMO (P05)

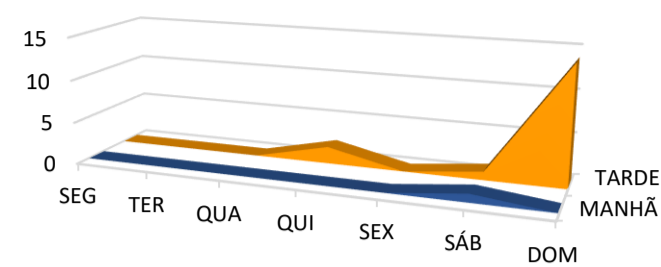
UM DOS ESPAÇOS OBSERVADOS COM MENOR NÚMERO DE PESSOAS

WT QT

Características:

- Situa-se na parte norte do PMB, onde se concentram os espaços esportivos.
- Tem pouca conectividade funcional e visual com o restante do PMB: situa-se entre duas vias de tráfego intenso de veículos e fica abaixo do nível das vias.
- O percurso da pista não é extenso.

Visitantes por dia e turno



Aspectos observados:

- A manutenção do espaço condiz com a da maior parte do PMB, não tem aspecto de abandono.
- A placa de identificação do espaço está depredada.
- No dia que se observou mais pessoas, a atividade mais recorrente não foi andar de bicicleta.
- Situa-se próximo ao calçadão na Av. Edvaldo Pereira Paiva, onde foi observado um dos maiores números de pessoas andando de bicicleta.



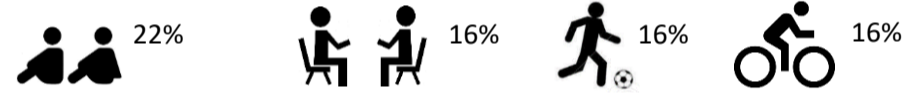
Sexta-Feira - Manhã



Domingo - Tarde

Principais atividades observadas:

- 1º: sentar no chão 22% 2º: sentar em cadeira / jogar futebol / andar de bicicleta 16%



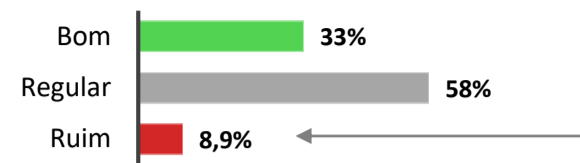
Aspecto trazido pelos usuários:

- Sensação de insegurança.

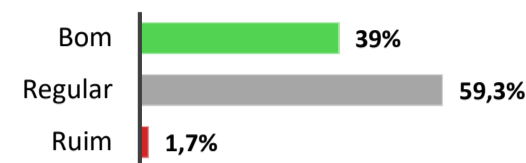
COMPARAÇÃO DA AVALIAÇÃO DO PMB ENTRE GRUPOS

QT

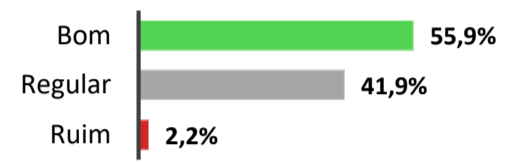
NÃO-USUÁRIO - Já foi ao parque mas não frequenta



USUÁRIO - Pouco-frequente



USUÁRIO - Frequente



Teste estatístico mostrou que a diferença na avaliação é significativa.

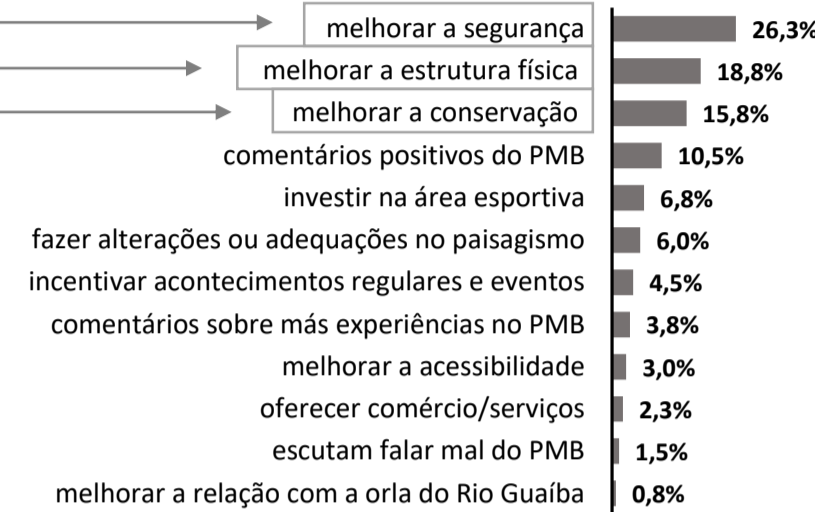
IMPORTÂNCIA DOS TEMAS NO PMB

QT

- 1º lugar Segurança
- 2º lugar Estrutura física
- 3º lugar Aparência e conservação
- 4º lugar Acessibilidade
- 5º lugar Acontecimentos regulares e eventos

COMENTÁRIOS, CRÍTICAS E SUGESTÕES

QT



TÚNEL VERDE (P14 + P16 + P22 + P24 + P25)

UM DOS ESPAÇOS OBSERVADOS COM MAIOR NÚMERO DE PESSOAS

WT QT

Características:

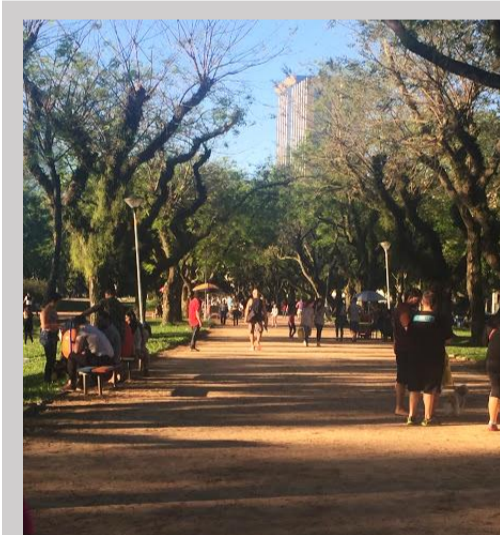
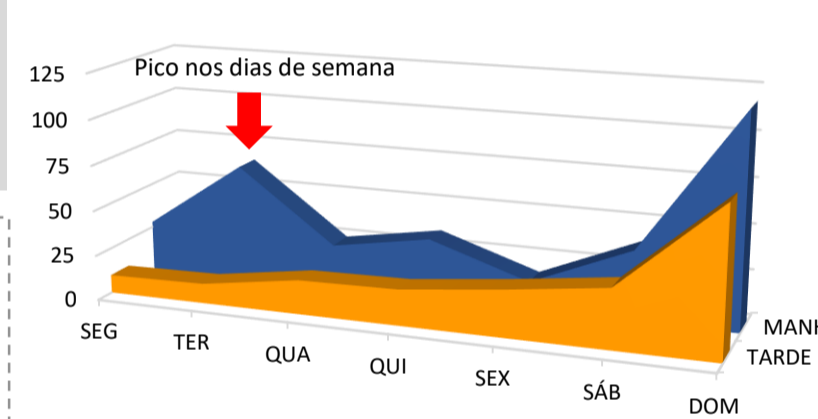
- Atravessa o PMB de norte a sul, conectando grande parte dos espaços.
- É um caminho longo e plano, cercado por árvores.
- Oferece bancos e acesso à dois pontos de sanitários.

Principais atividades observadas:

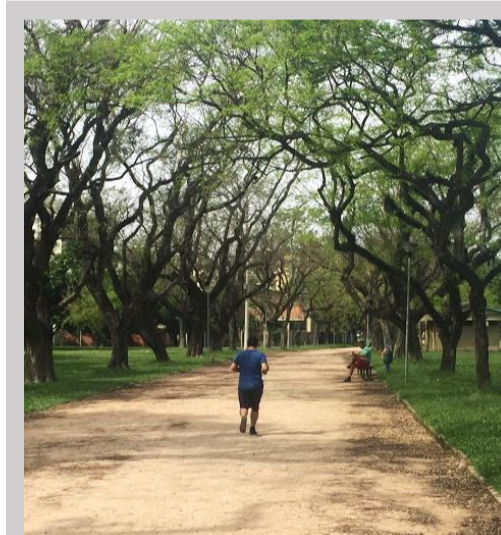
- 1º: caminhar 71% 2º: sentar em banco 6,9% 3º: correr 6,4%



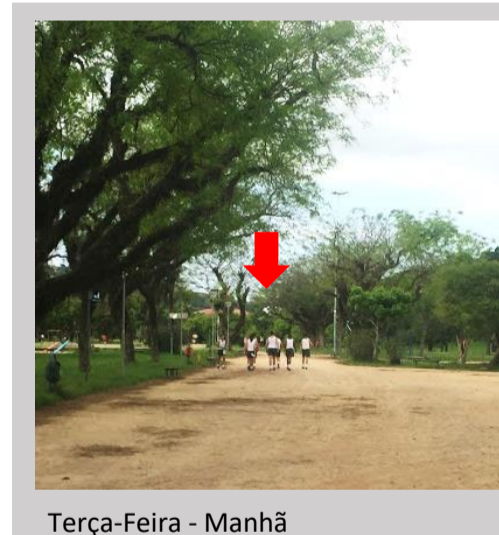
Visitantes por dia e turno



Domingo - Tarde

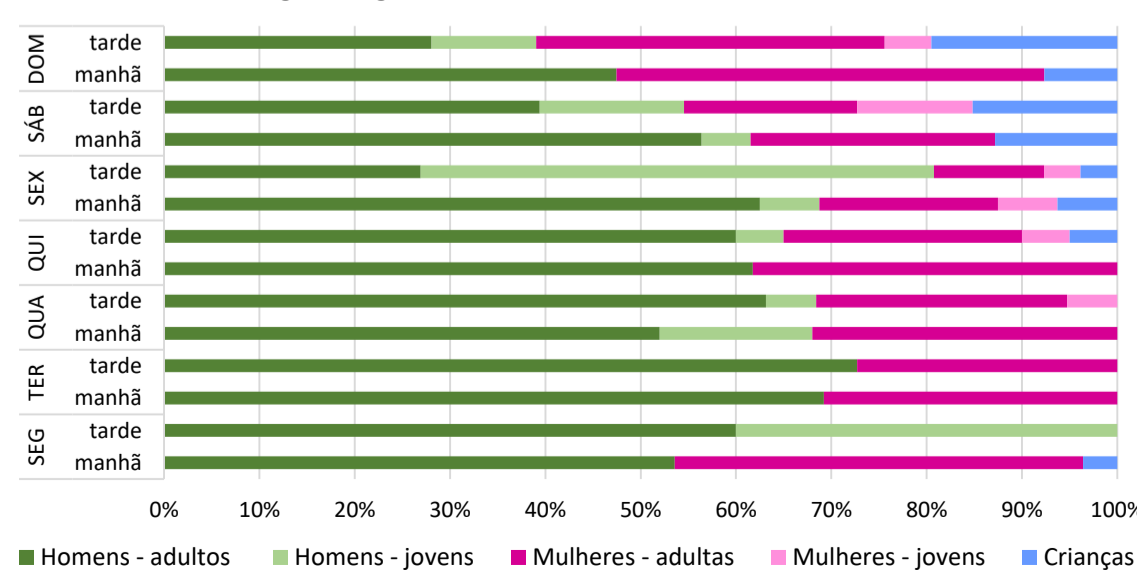


Quinta-Feira - Manhã



Terça-Feira - Manhã
Exército fazendo atividades físicas.

Porcentagem de gênero e faixa etária observados



Aspectos observados:

- Há trechos menos movimentados.
- Presença de vendedores ambulantes (varia por dia/turno).
- Poças d'água após dias de chuva.

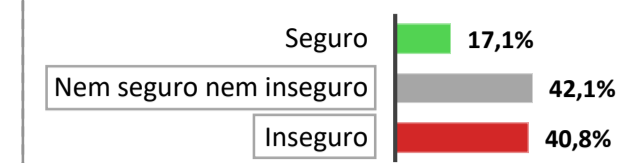
Aspectos trazidos pelos usuários:

- Sentimento de insegurança, principalmente na parte ao sul.
- Piso inadequado.
- Poucos bancos na parte sul.
- Pontos positivos: apreciação da paisagem natural, sombra e possibilidade caminhar/correr.

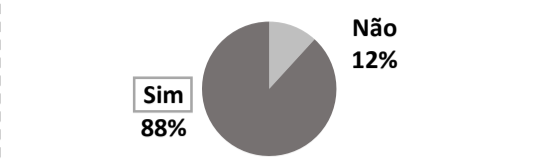
SEGURANÇA

QT

Como se sente no parque



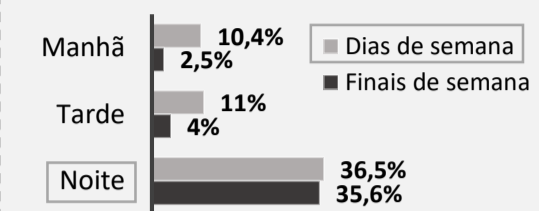
Se deixa de ir ao parque em algum dia/horário por se sentir inseguro



Como se sente com a quantidade de guardas/policiais que percebe no parque



Quando deixa de ir



Se evita algum local do parque por se sentir inseguro

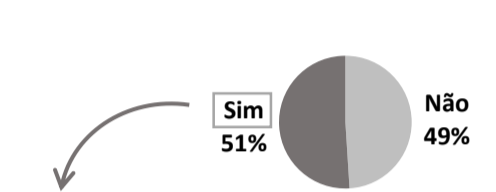


- Locais que evita**
- 1) Pouco movimento de pessoas
 - 2) Afastados do túnel verde
 - 3) Área sul do parque

ESTRUTURA FÍSICA

QT

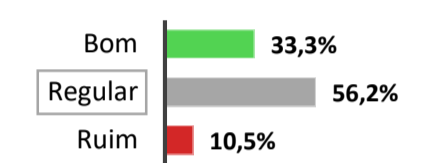
Se sente falta de algum atributo no PMB



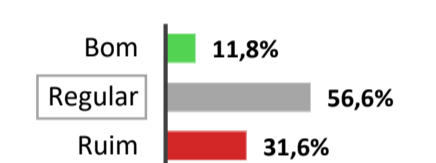
Do que sente falta

- 1º: comércio e alimentação
- 2º: posto de segurança
- 3º: equipamentos de ginástica

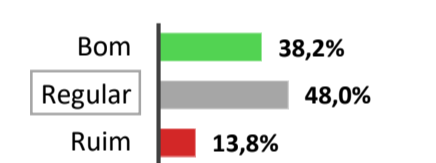
Espaços diversos



Mobiliário urbano



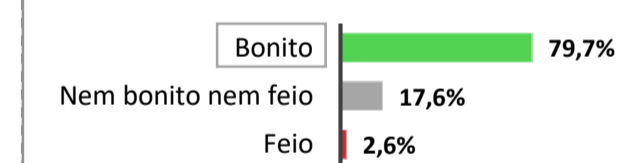
Caminhos



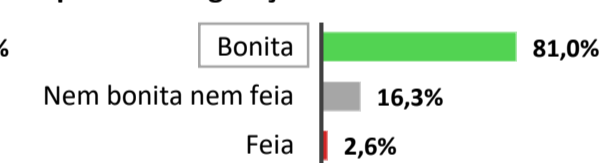
APARÊNCIA E CONSERVAÇÃO

QT

Aparência geral do parque



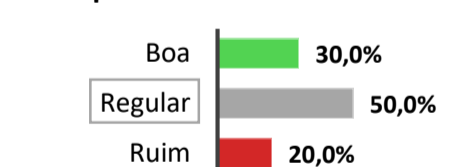
Aparência vegetação



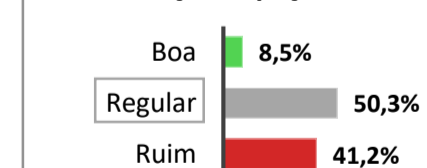
Limpeza geral do parque



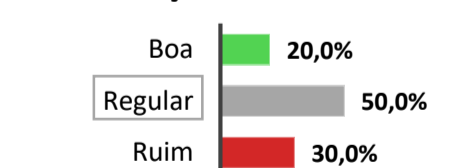
Limpeza banheiros



Manutenção espaços e mobiliário urbano



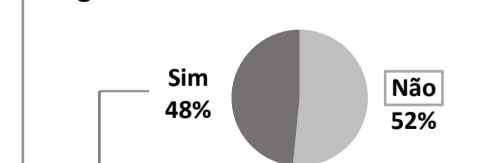
Manutenção banheiros



ACONTECIMENTOS

QT

Se sente falta de acontecimentos regulares e eventos

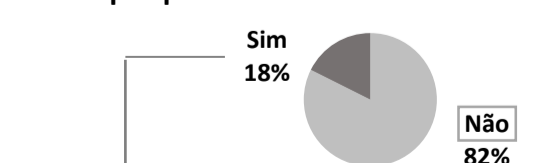


- Do que sente falta**
- 1) Música
 - 2) Teatro e cinema
 - 3) Atividades físicas em grupo

ACESSIBILIDADE

QT

Se percebe dificuldade de acesso ao parque



- Motivo**
- 1) Estrutura física insatisfatória
 - 2) Insegurança
 - 3) Mobilidade urbana deficiente

PONTOS DO WALKTHROUGH

- P1 - Estacionamento A
- P2 - Arredores do campo de futebol
- P3 - Campo de futebol
- P4 - Quadras de futebol/basquete
- P5 - Pista de ciclismo
- P6 - Calçadão Av. Edvaldo Pereira Paiva
- P7 - Quadras de futebol na orla A
- P8 - Quadras de vôlei/futevôlei/tênis
- P9 - Pista de skate
- P10 - Gramado ao lado pista de skate
- P11 - Pracinha infantil A
- P12 - Pista de patinação
- P14 - Túnel verde B
- P15 - Recanto A - Solário
- P16 - Túnel verde C
- P17 - Academia
- P18 - Pracinha infantil B
- P19 - Centro cívico
- P20 - Pracinha infantil C
- P21 - Estacionamentos B e C
- P22 - Túnel verde D
- P23 - Recanto B - Saudade
- P24 - Túnel verde E
- P25 - Túnel verde F
- P26 - Quadra de futebol
- P27 - Túnel verde G
- P28 - Arredores da bacia de contenção
- P29 - Gramado Av. Beira Rio trecho A
- P30 - Gramado Av. Beira Rio trecho B
- P31 - Quadras de futebol na orla B

Legenda:

- WT WALKTHROUGH
- QT QUESTIONÁRIO



Pesquisa desenvolvida no PROPUR/UFRGS: "Contribuições para o monitoramento de uso de parques urbanos: O caso do Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre/RS" Mestranda: Cristiane Cassol Schwarztzaupt Orientadora: Dra. Luciana Miron

PARQUE MARINHA DO BRASIL



APÊNDICE N – Conjunto de *slides* (utilizado no seminário)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – PROPUR

**PROCEDIMENTOS PARA CAPTURA E PROCESSAMENTO DE DADOS
E INFORMAÇÕES GERADAS SOBRE O USO DO PARQUE MARINHA DO BRASIL**

PESQUISA
CONTRIBUIÇÕES PARA O MONITORAMENTO DE USO DE PARQUES URBANOS:
O CASO DO PARQUE MARINHA DO BRASIL, EM PORTO ALEGRE

Mestranda: Cristiane Cassol Schvarstzhaupt
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Inês Gomes Miron

ROTEIRO DO SEMINÁRIO

- 1) APRESENTAÇÃO** (30 minutos)
- 2) DISCUSSÃO** (40 minutos)
 - utilidade das informações
 - viabilidade de aplicação das técnicas
- 3) DISCUSSÃO DAS DEMANDAS EMERGENTES** (40 minutos)
- 4) VALIDAÇÃO DA DISCUSSÃO** (10 minutos)

TÉCNICAS UTILIZADAS PARA COLETA DE DADOS

WALKTHROUGH QUESTIONÁRIO

WALKTHROUGH

O QUE É:

Combina observação e entrevistas através de um percurso definido. Nesse caso foi enfatizada a observação, realizada de maneira sistemática.

OBJETIVO:

Registrar informações a respeito do ambiente e das pessoas presentes. Por exemplo: quem utiliza o espaço, quais são as atividades das pessoas e o número aproximado de pessoas no local.


VANTAGENS:

- Se realizado de maneira sistemática, possibilita comparações de informações quantitativas.
- Possibilita coletar informações relevantes de maneira fácil, com pouco pessoal envolvido e relativamente pouco tempo para coleta.

DIFICULDADES E LIMITAÇÕES:

- As informações quantitativas não são precisas, mas podem indicar tendências.
- A tabulação dos dados coletados exige um tempo considerável.

WALKTHROUGH



PONTOS

- 1 - Estacionamento A
- 2 - Arredores do campo de futebol
- 3 - Campo de futebol
- 4 - Quadras de futebol/basquete
- 5 - Pista de ciclismo
- 6 - Calçada Av. Edvaldo Pereira Paiva
- 7 - Quadras de futebol na orla A
- 8 - Quadras de vôlei/futevôlei/tênis
- 9 - Pista de skate
- 10 - Gramado ao lado pista de skate
- 11 - Pracinha infantil A
- 12 - Pista de patinação
- 14 - Túnel verde B
- 15 - Recanto A - Solário
- 16 - Túnel verde C
- 17 - Academia
- 18 - Pracinha infantil B
- 19 - Centro cívico
- 20 - Pracinha infantil C
- 21 - Estacionamentos B e C
- 22 - Túnel verde D
- 23 - Recanto B - Saudade
- 24 - Túnel verde E
- 25 - Túnel verde F
- 26 - Quadra de futebol
- 27 - Túnel verde G
- 28 - Arredores da bacia de contenção
- 29 - Gramado Av. Beira Rio trecho A
- 30 - Gramado Av. Beira Rio trecho B
- 31 - Quadras de futebol na orla B

Foi definido um percurso que possibilitasse passar na maioria dos espaços do parque.

Não foi observada toda área do parque, apenas alguns pontos definidos.

Definição de pontos:

- Configuração espacial dos espaços.
- Função definida dos espaços.
- Possibilidade de observação a partir do percurso.


Alguns espaços, devido à grande dimensão, foram separados em mais de um ponto.

O percurso foi realizado pela manhã e pela tarde em todos os dias da semana.

WALKTHROUGH

USO DO APLICATIVO "GOOGLE KEEP":
Toda coleta de dados em campo foi realizada através do aplicativo no celular.

TABULAÇÃO NO EXCEL:
Os dados foram organizados em planilhas no Excel.



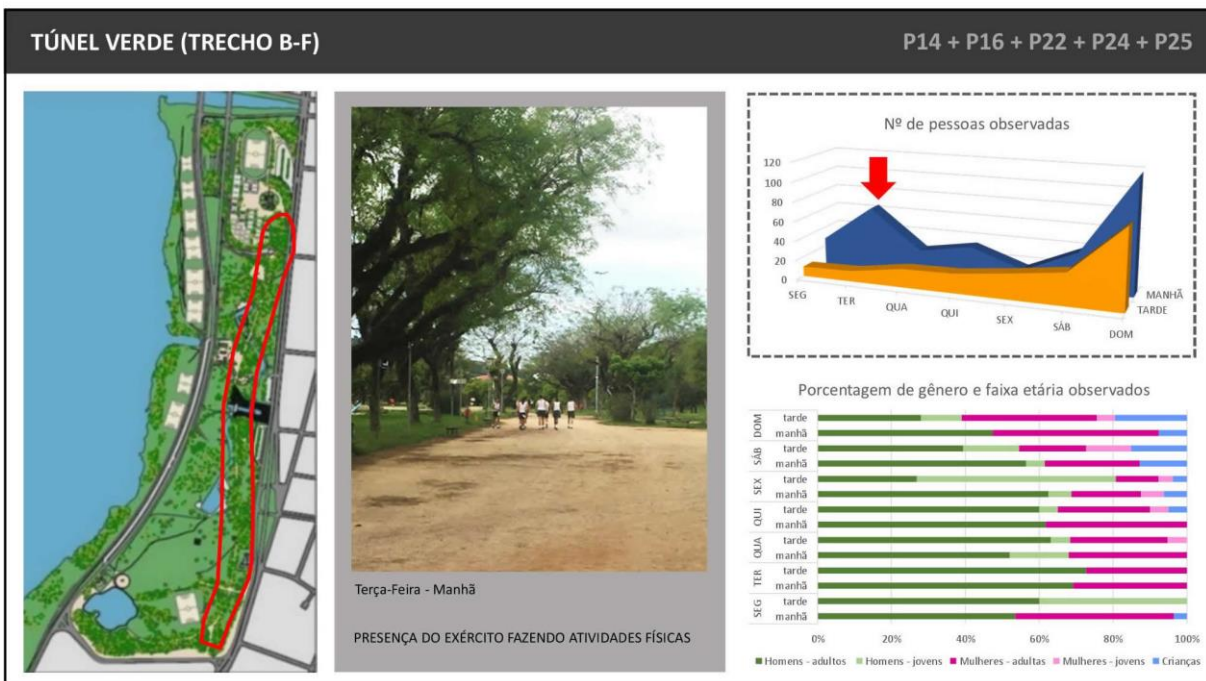
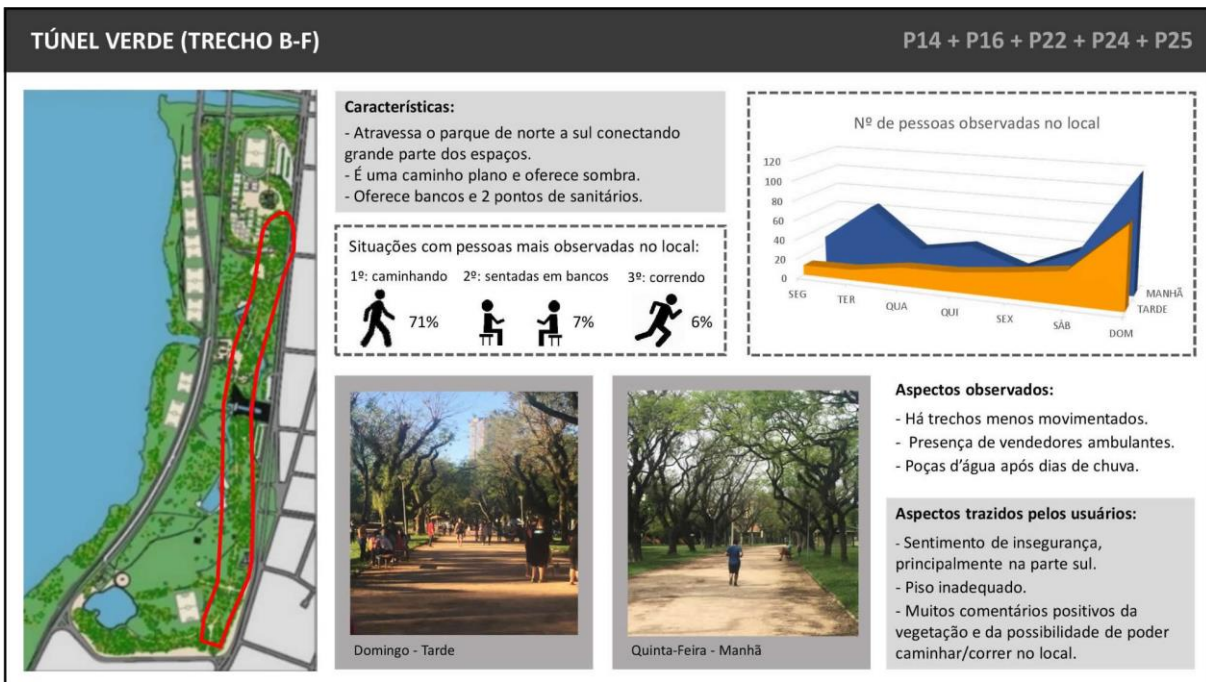
PONTOS	HORA	Nº PESSOAS					PRES. PESSOAS										ATIVIDADES										DESCRIÇÃO											
		HA	HJ	MA	MJ	C	ST	F	V	L	P	R	T	A01_CP	A02_PC	A03_CO	A04_AB	A05_AS	A06_AP	A07_JF	A08_JV	A09_JTV	A10_JB	A11_JT	A12_JR	A13_SB		A14_SC	A15_SG	A16_DG	A17_DB	A18_BC	A19_EP	A20_FE	A21_OU			
P1	15:30	4		1			5	4																														de passagem
P2	15:35	4		3	1		8					1	1	10																							1h sentado banco; 2h de pé, 1jm and	
P3	15:35						0																														uma quadra. 10c jogando futebol (2	
P4	15:35	2	22		5	40	69												1	1	21		7			10	7											
P5	15:50						0																															
P6	15:55	3					3																															
P7	15:55						0																															
P8	15:50	3	4		3	10																																
P9	16:00	1	20		1	22																																
P10	16:00	3	6	4	2	16																																
P11	16:05	4	2	4	2	10	22																															
P12	15:50	2	1			14	17																															

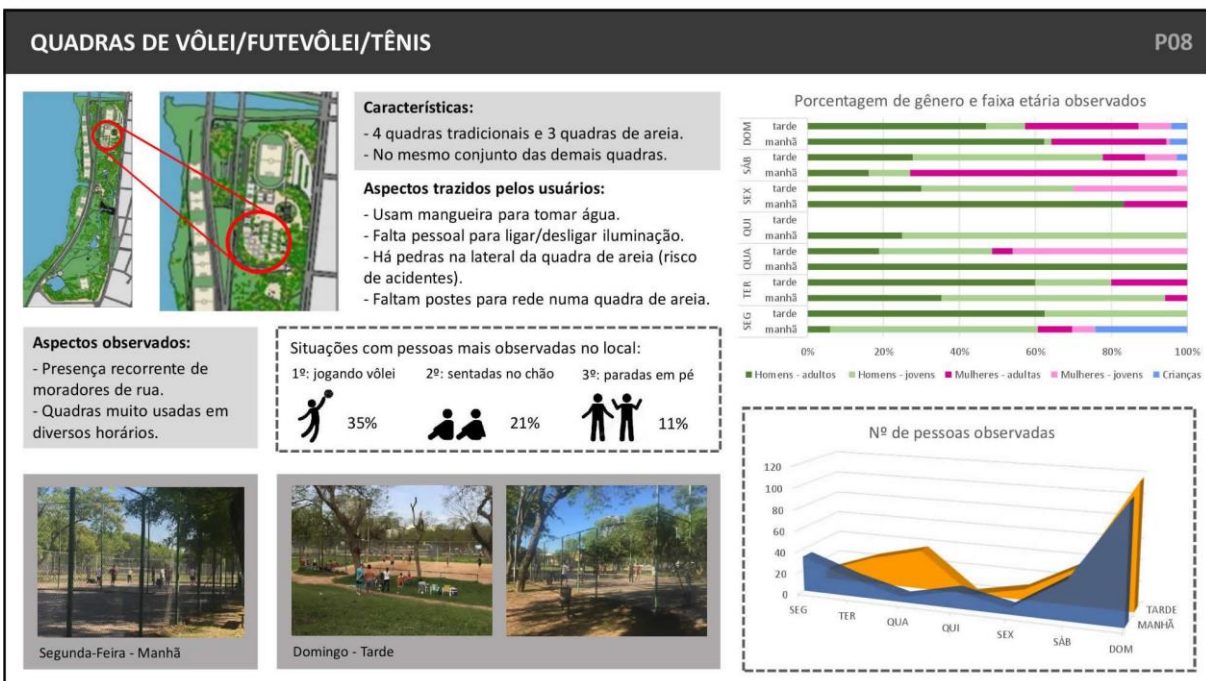
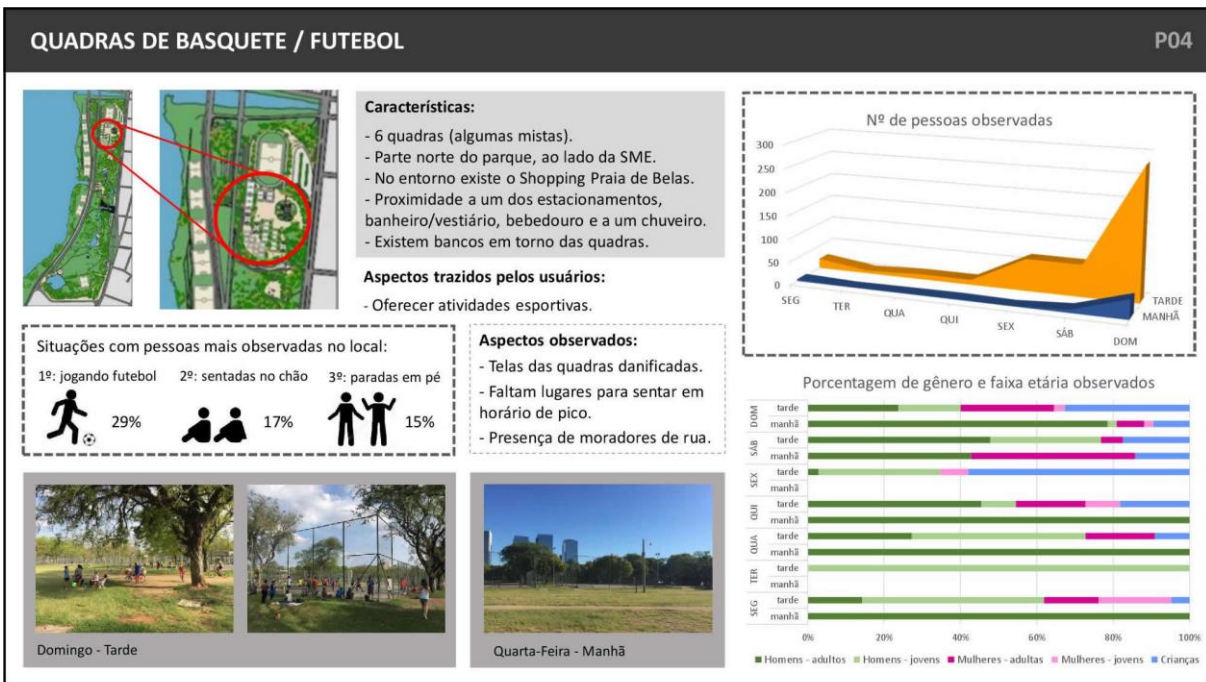
ALGUNS DOS RESULTADOS OBTIDOS

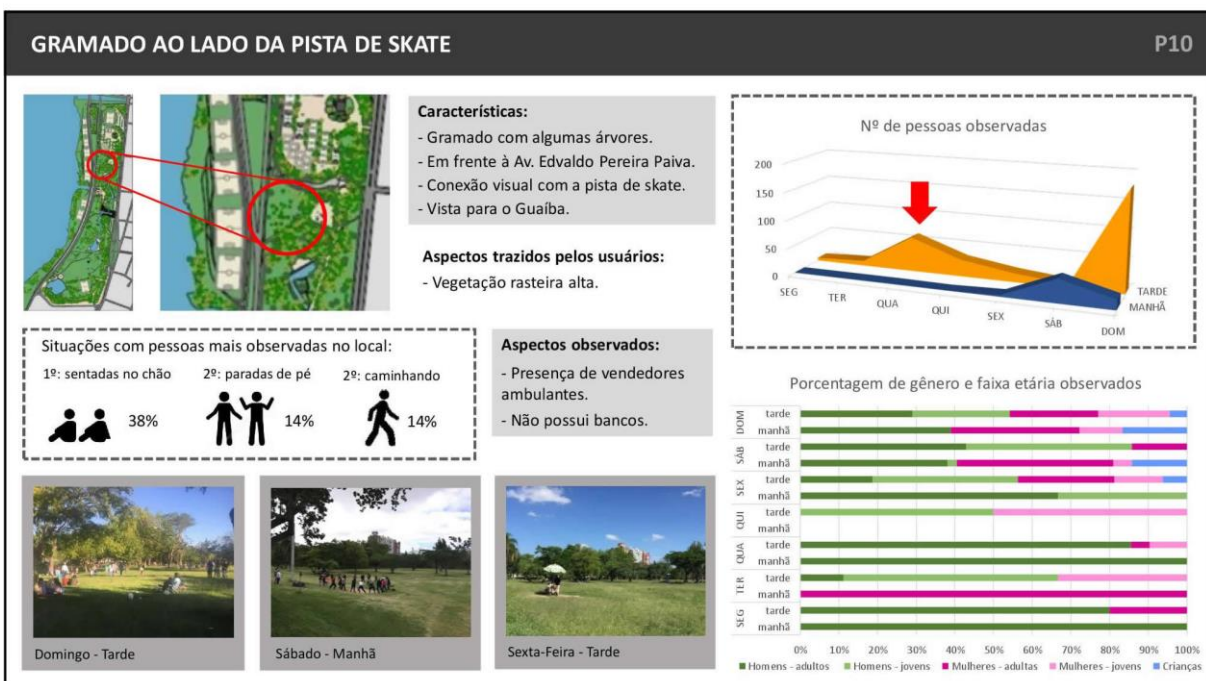
SALIENTANDO:

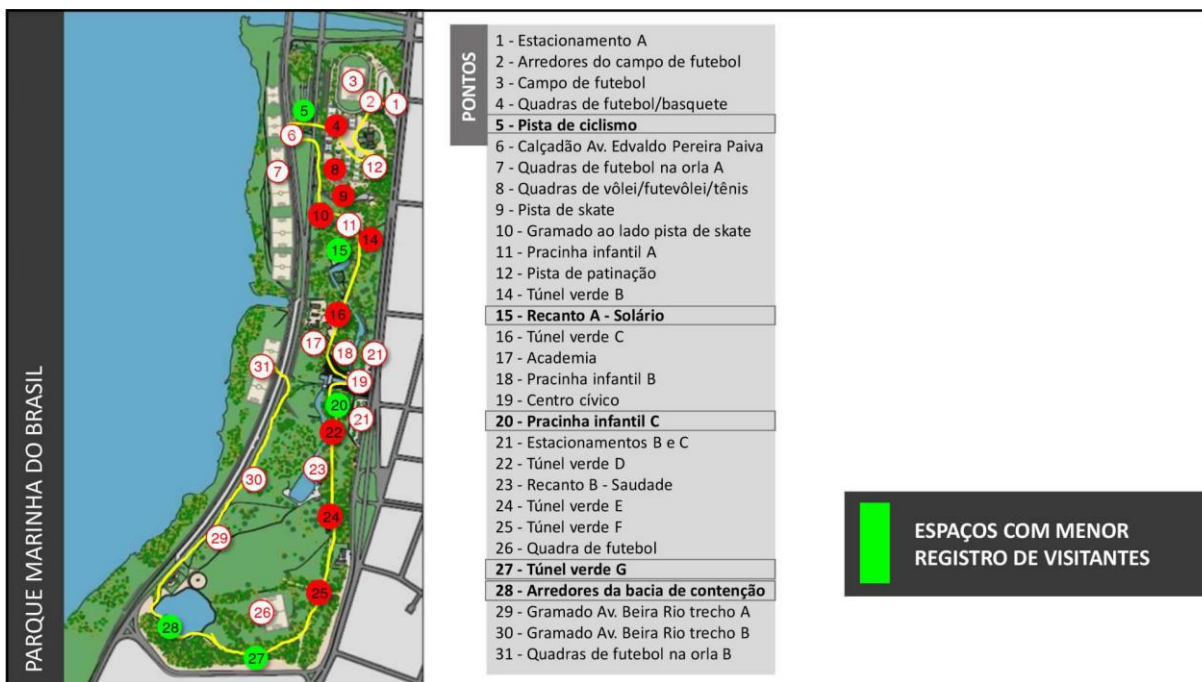
- Os resultados não são generalizáveis, mostram apenas o que foi observado em determinado momento.
- Foi definido um critério para possibilitar a apresentação dos resultados (5 espaços com maior registro de visitantes e 5 espaços com menor registro de visitantes), o que não determina que são espaços mais utilizados ou menos utilizados.

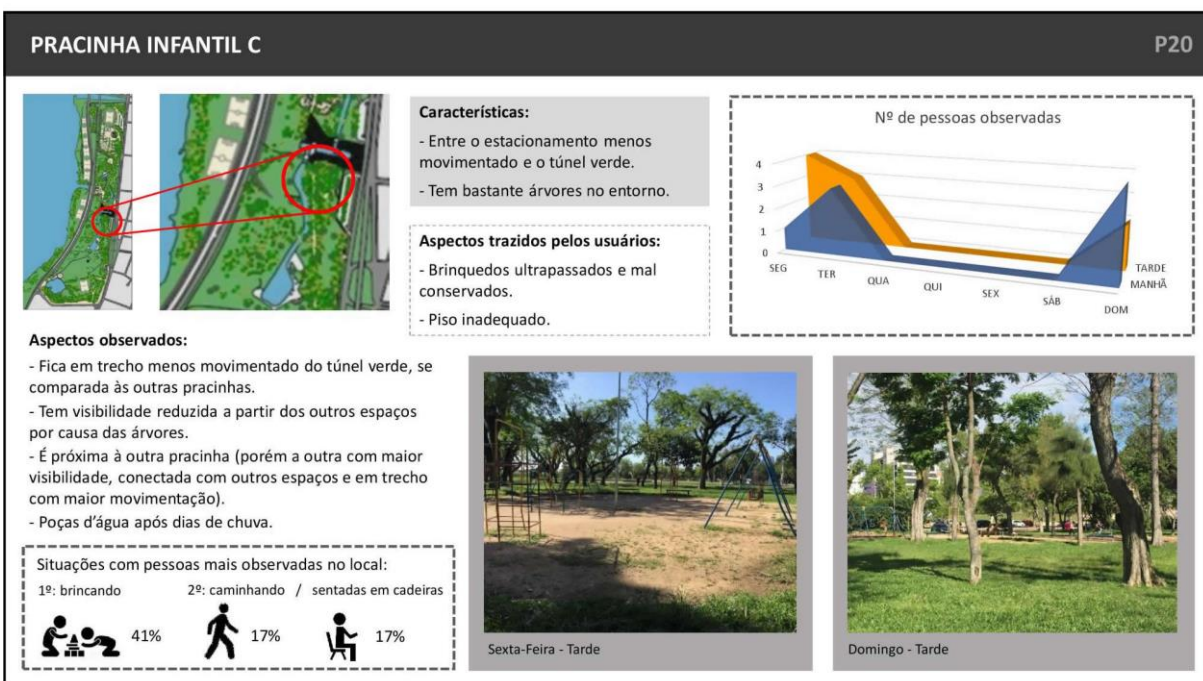












TÚNEL VERDE (PONTO "G")

P27

**Características:**

- Área sul do parque, próximo ao Estádio Beira-Rio.
- Não conecta espaços de usos definidos no parque.
- Não possui bancos.

Aspectos observados:

- Baixa movimentação de pessoas em comparação com os demais trechos do túnel verde.
- O entorno do parque nesta área não estimula a movimentação de pessoas na maior parte do tempo.
- A área é utilizada em dias de jogo no Estádio Beira-Rio, quando torcedores fazem churrasco.
- É passagem de pessoas entre o calçadão da orla e o bairro.

Aspectos trazidos pelos usuários:

- O local é inseguro pela pouca movimentação de pessoas e muitos acabam o evitando.

Situações com pessoas mais observadas no local:

1º: caminhando 2º: andando de bicicleta 3º: correndo



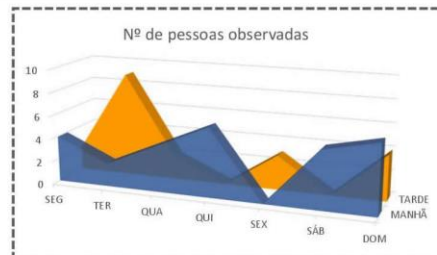
63%



14%



12%



Domingo - Tarde



Sábado - Tarde - dia de jogo

ARREDORES DA BACIA DE CONTENÇÃO

P28

**Características:**

- Parte sul do parque, próximo ao Estádio Beira Rio.
- A bacia de contenção ajuda na acumulação de águas pluviais para depois serem bombeadas pro Guaíba.
- É próximo da parte da orla onde há moradias irregulares e usuários de drogas.

Aspectos observados:

- É caminho de passagem entre o calçadão da Av. Edvaldo Pereira Paiva e o bairro.
- A área possui apenas um banco.
- Parece um espaço residual, sem uso definido, mais de circulação do que de permanência.
- Caminho de menor qualidade que o túnel verde.

Aspectos trazidos pelos usuários:

- Pouca movimentação de pessoas e sensação de insegurança.
- Falta de bancos.

Situações com pessoas mais observadas no local:

1º: caminhando 2º: andando de bicicleta 3º: paradas de pé



43%



23%



21%



Domingo - Manhã



Sábado - Tarde

QUESTIONÁRIO

O QUE É:

Instrumento formado por questões objetivas e descritivas. Foi aplicado presencialmente e através da internet. Foram utilizados filtros para diferenciar grupos e direcionar perguntas específicas.

OBJETIVO:

Coletar dados como: motivos das pessoas não frequentarem o parque, avaliação dos frequentadores em relação a determinados aspectos do parque, além de informações gerais do ponto de vista das pessoas sobre o parque.

VANTAGENS:

- O questionário online pode atingir um grande número de respondentes.
- As plataformas online para criação e aplicação de questionários já exportam os dados tabulados.

DIFICULDADES:

- O questionário presencial demanda tempo e pessoal para ser aplicado.

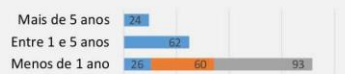
CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

RESPONDENTES		MODALIDADE APLICAÇÃO		SUB-TOTAL	TOTAL
		INTERNET	PRESENCIAL		
NÃO-USUÁRIOS	G1 – Nunca foi ao parque nem ouviu falar nele	7	0	7	28
	G2 – Nunca foi ao parque mas já ouviu falar nele	21	0	21	
	G3 – Já foi ao parque mas não frequenta	105	7	112	
USUÁRIOS	G4 – Pouco-frequente	54	6	153	265
	G5 – Frequente	66	27		
TOTAL		253	40	293	

A amostra não possibilita a generalização dos resultados, os quais se referem apenas ao universo de respondentes.

Última vez que foi ao Parque Marinha

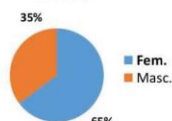
■ Não-usuários
■ Usuários pouco-frequentes
■ Usuários frequentes



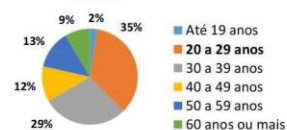
Frequência que vai ao Parque Marinha



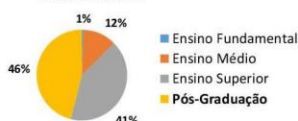
Gênero



Idade

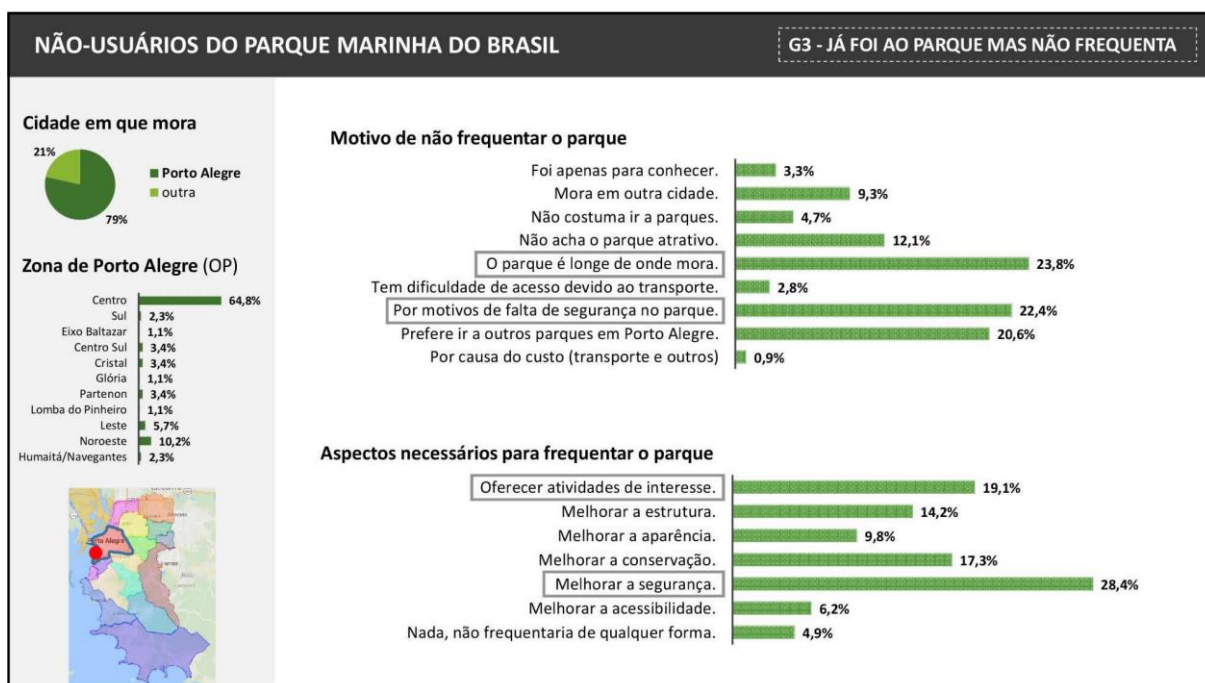
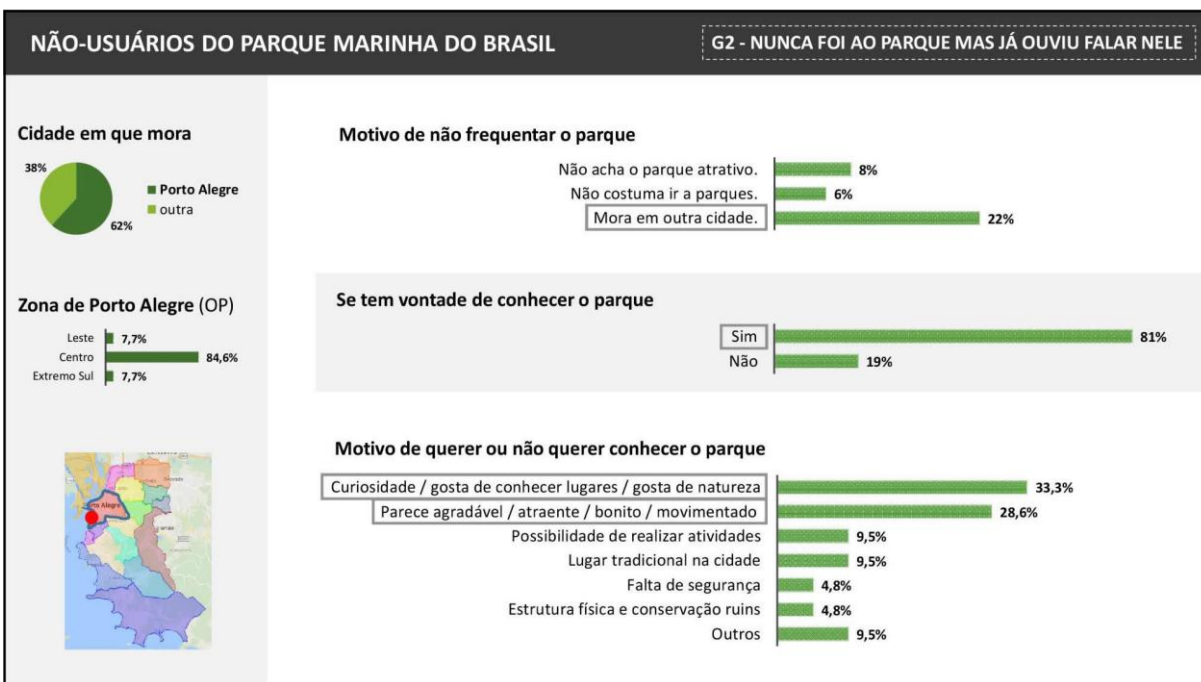


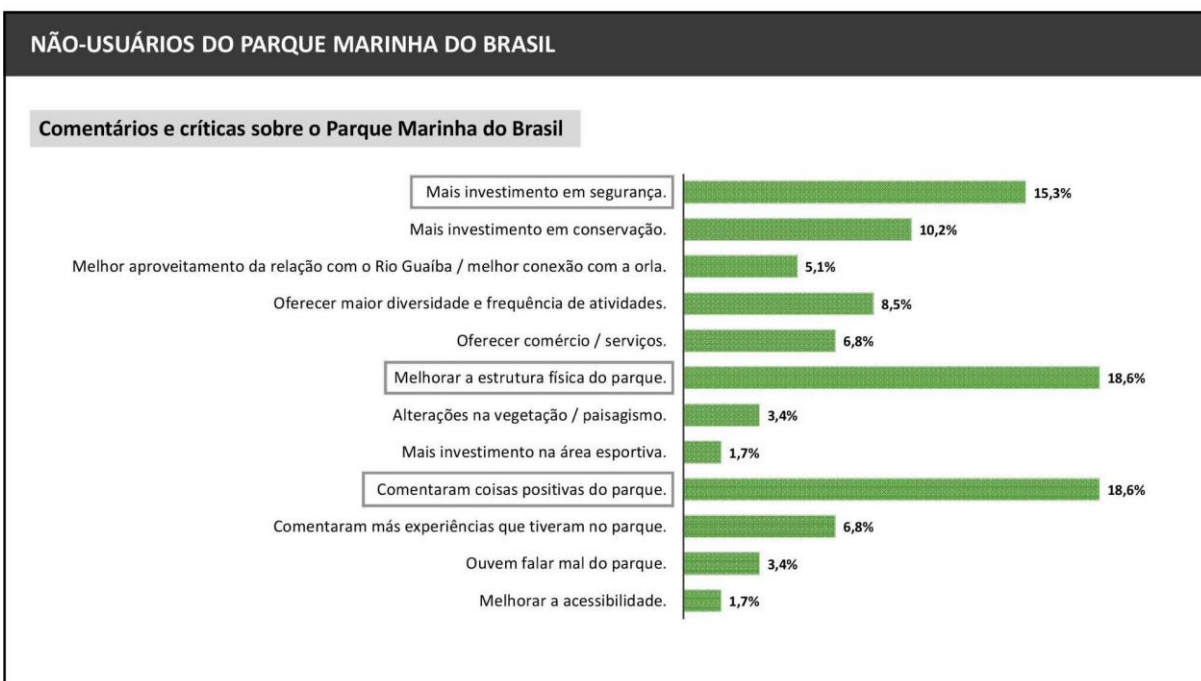
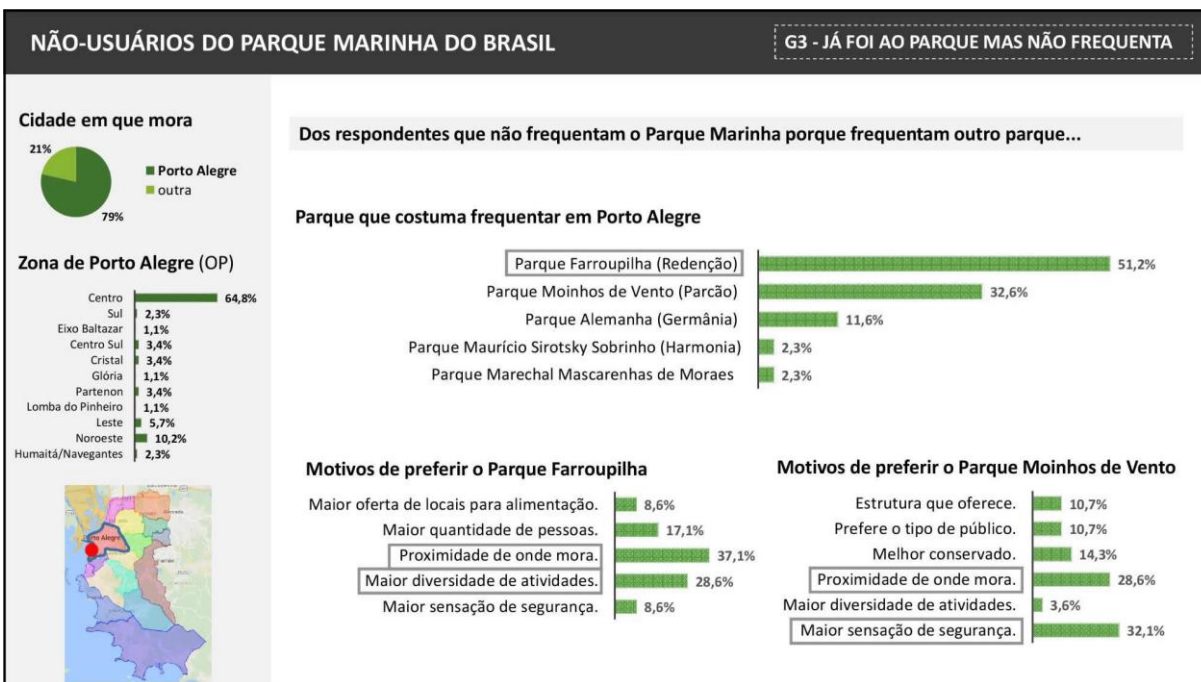
Escolaridade

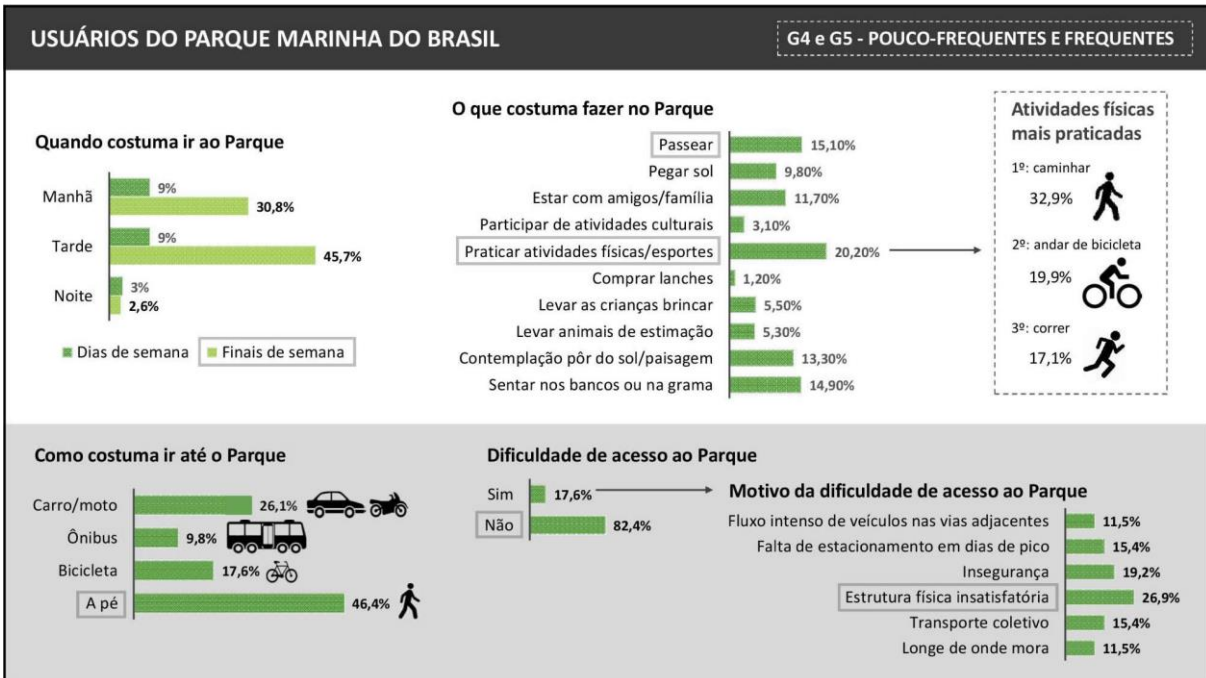
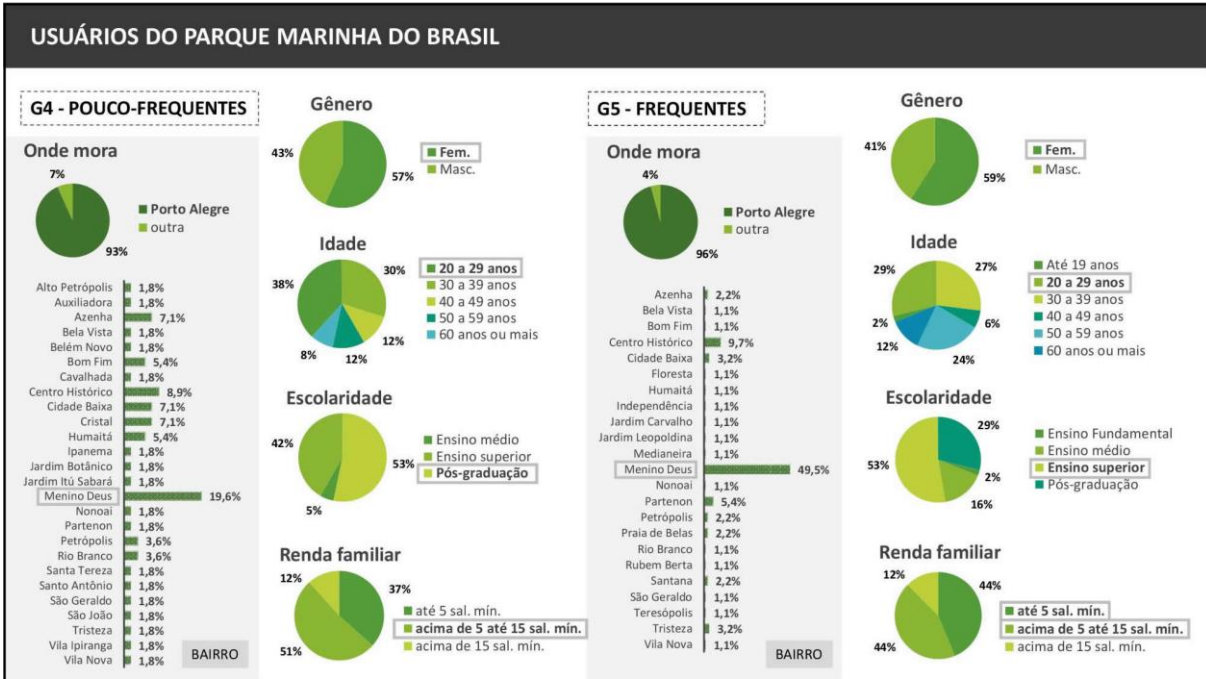


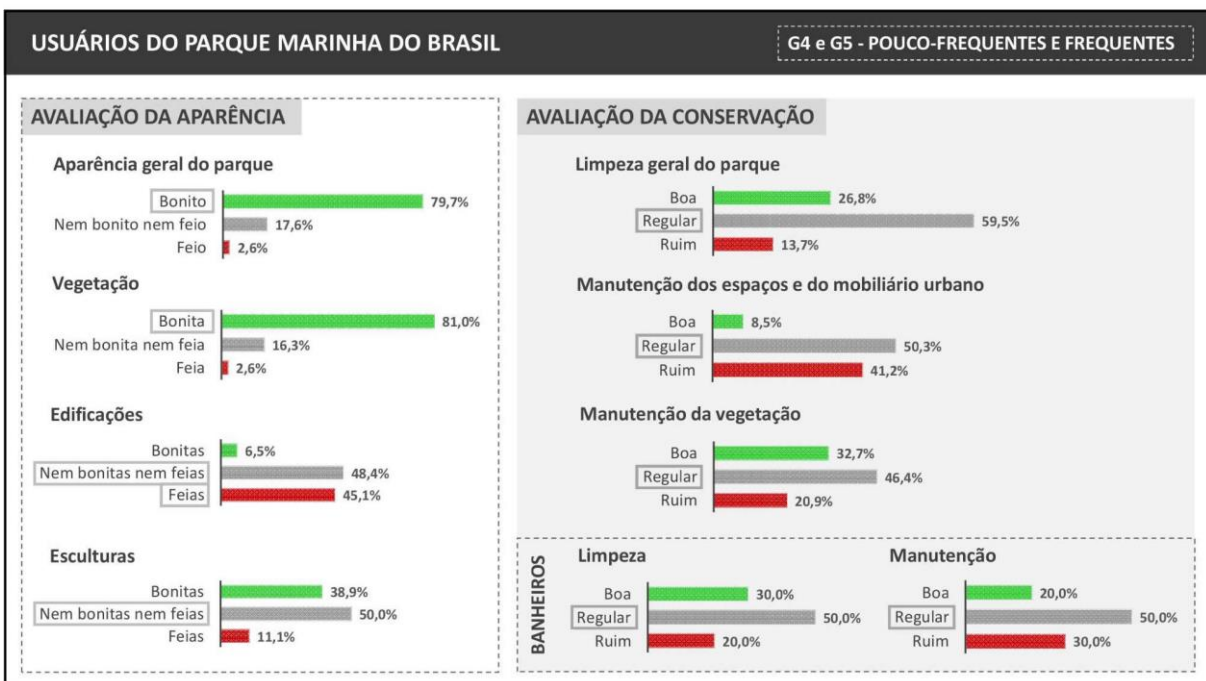
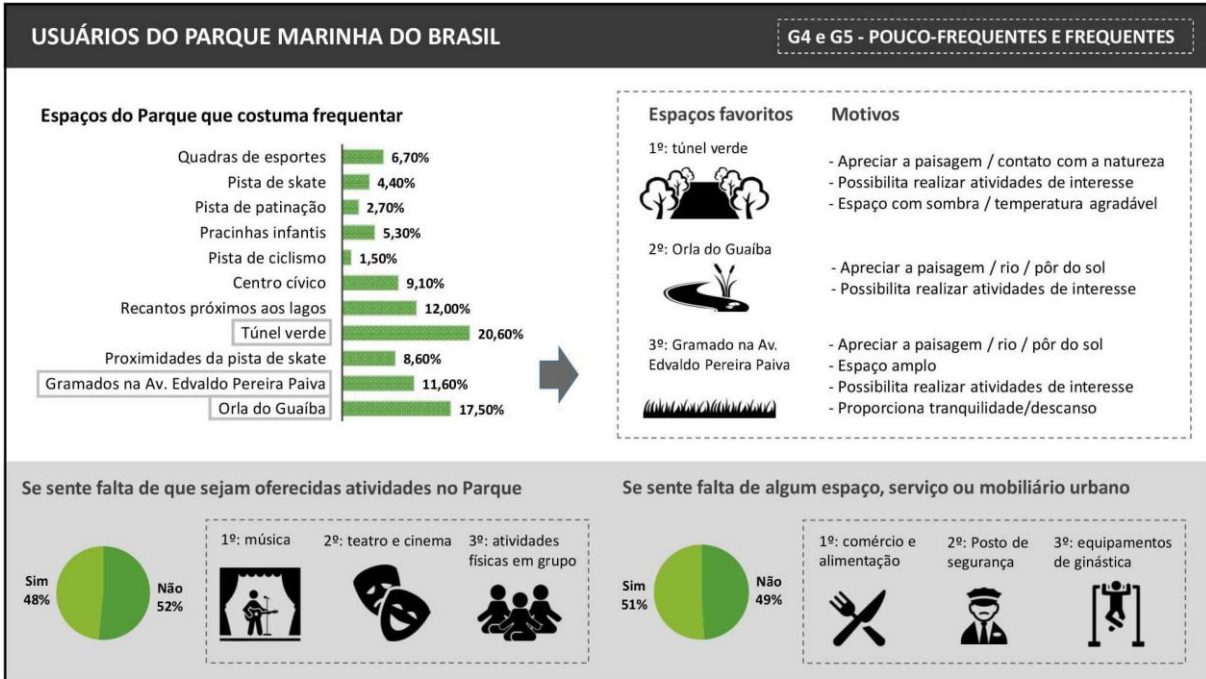
Renda familiar

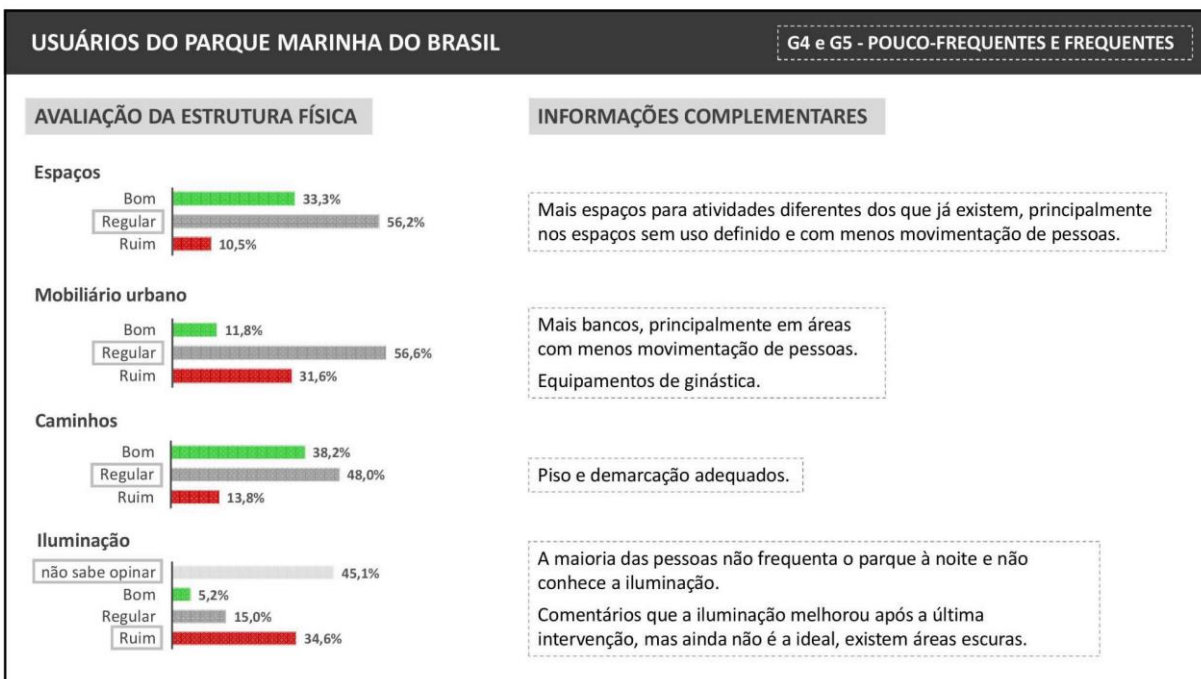
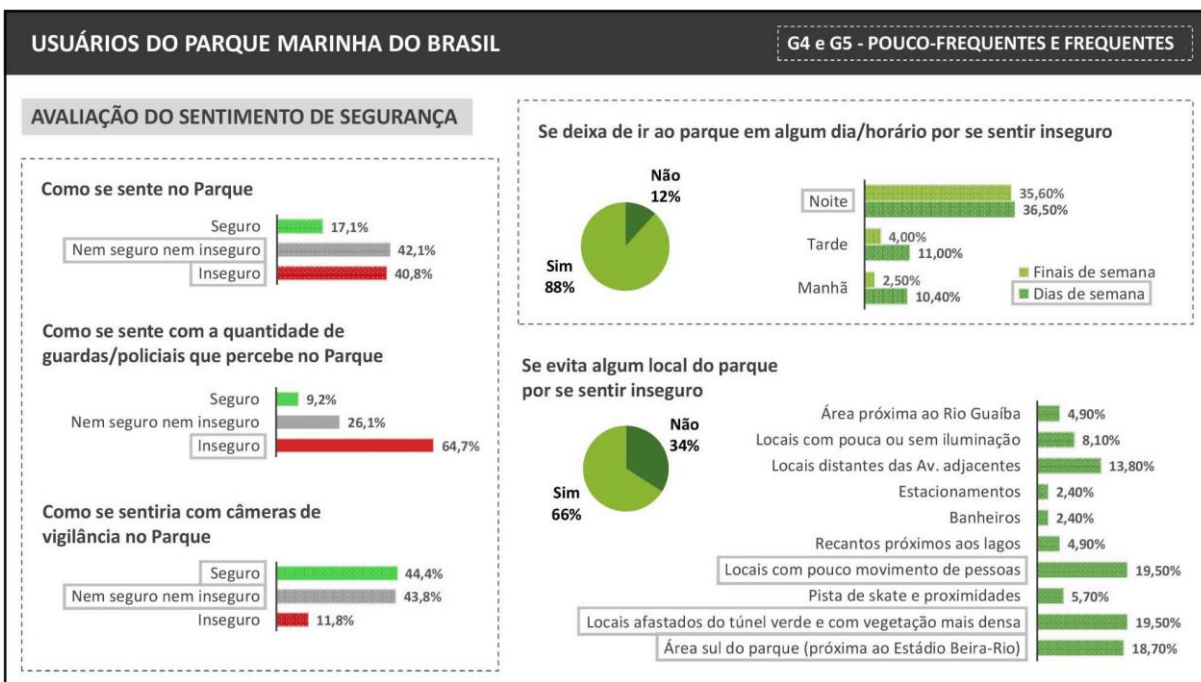


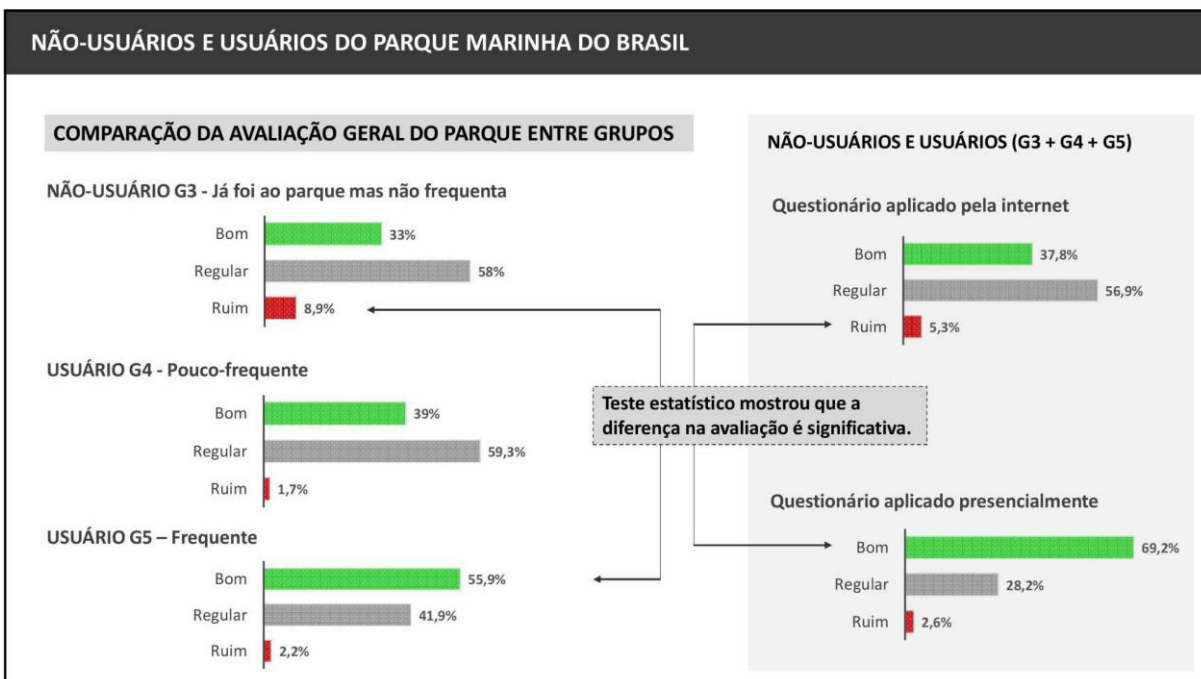
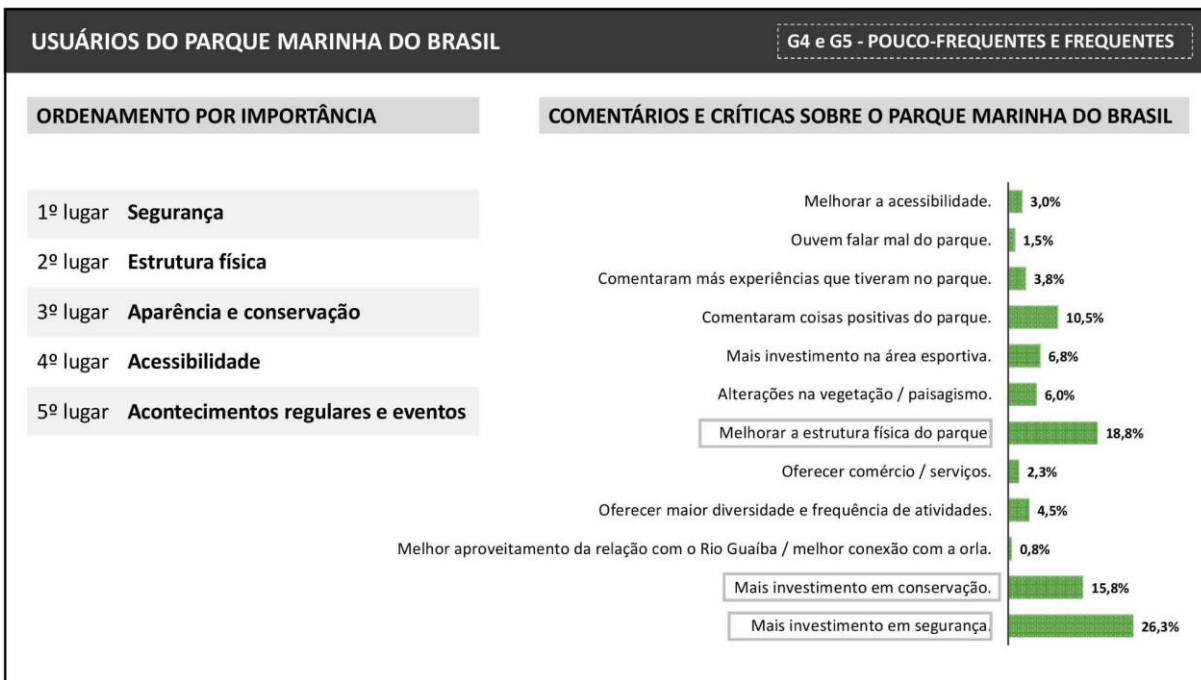












APÊNDICE O – Lista de demandas do PMB (utilizada no seminário)

As demandas apresentadas foram relacionadas aos seguintes aspectos que fazem parte da pesquisa:

- ESTRUTURA** – Conjunto de elementos que compõe o parque: espaços, mobiliário urbano, etc.
- CONSERVAÇÃO** – Manutenção e limpeza dos espaços e elementos que compõe o parque.
- ACESSIBILIDADE** – Possibilidade de acesso a um lugar e a utilização desse lugar por qualquer pessoa.
- SEGURANÇA** – Sentimento de estar livre de perigos, protegido, com integridade física resguardada.
- ACONTECIMENTOS** – Acontecimentos programados, podendo ser regulares ou especiais.

- 1) **Estrutura adequada de banheiros.** **ESTRUTURA**
O parque é extenso e, apesar dos 3 pontos de banheiros existentes, a distância a percorrer para acessá-los é grande em alguns pontos. Existe o pedido por maior quantidade de banheiros, porém muitas pessoas não sabem da localização dos banheiros existentes.
- 2) **Sinalização informativa.** **ESTRUTURA CONSERVAÇÃO**
Muitas pessoas não sabem a localização de banheiros/bebedouros, por exemplo. O parque é grande e a sinalização poderia ajudar, principalmente os não familiarizados com o local. As placas estão depredadas e não cumprem sua função, mostrando descaso e abandono e prejudicando a aparência do parque.
- 3) **Pisos adequados.** **ESTRUTURA ACESSIBILIDADE**
Há o problema da grande quantidade de poças d'água após dias de chuva, principalmente no túnel verde. Irregularidades do piso dificultam o uso por portadores de necessidades especiais. Na Av. Edvaldo Pereira Paiva, a falta de um passeio configurado e a existência de obstáculos (como caixas de infraestrutura no piso) dificultam a circulação de pessoas.
- 4) **Circulação vertical adequada.** **ESTRUTURA SEGURANÇA ACESSIBILIDADE**
O parque possui diferentes níveis. Em alguns pontos do parque existem degraus em forma de escada que parecem improvisados, sendo inseguros e desconfortáveis. Não existe um acesso claro entre a Av. Edvaldo Pereira Paiva e o Centro Cívico (este em nível mais baixo), o que prejudica a relação com a orla do Guaíba.
- 5) **Iluminação adequada.** **ESTRUTURA SEGURANÇA ACESSIBILIDADE**
Falta pessoal para ligar e desligar a iluminação nas quadras à noite, o que eventualmente acaba não permitindo a utilização desses espaços. Quanto à iluminação em geral, muitos espaços não possuem iluminação adequada passando uma sensação de insegurança à noite.
- 6) **Melhora na estrutura esportiva.** **ESTRUTURA CONSERVAÇÃO**
Em uma das quadras de areia faltam os postes para a colocação de rede. Existem pedras na lateral da quadra de areia que podem causar acidentes. Existem gradis danificados nas quadras (desde o temporal de 2016). Existe desgaste da pista de skate causada pelo uso. A pista de skate é ponto de encontro do público jovem e é bastante utilizada, parecendo receber bem uma ampliação com outras modalidades.
- 7) **Ampliar o número de bebedouros e oferecer água quente para chimarrão.** **ESTRUTURA**
Existem apenas dois pontos de bebedouros no parque e o ponto que se localiza na área de esportes não atende às necessidades devido à grande distância a percorrer. Oferecer água quente traria mais comodidade ao público, já que o chimarrão é um hábito comum na cidade.
- 8) **Mobiliário urbano adequado.** **ESTRUTURA CONSERVAÇÃO SEGURANÇA**
Melhorar a conservação. Elementos depredados e sem uso (como restos de telefone, bancos e lixeiras) devem ser retirados, pois passam impressão de abandono e descaso, podendo aumentar a sensação de insegurança. Diversos pontos do parque têm carência de bancos, principalmente na área sul. Nas quadras de esportes existem bancos, mas em horários de jogos muitas pessoas ficam em pé ou sentadas no chão.
- 9) **Equipamentos de ginástica e musculação adequados.** **ESTRUTURA**
Não existem equipamentos de ginástica para a terceira idade, faixa etária bastante presente no parque. Os equipamentos de musculação existentes na academia são precários, improvisados e inseguros, porém o local é bastante utilizado na maioria dos horários do dia.

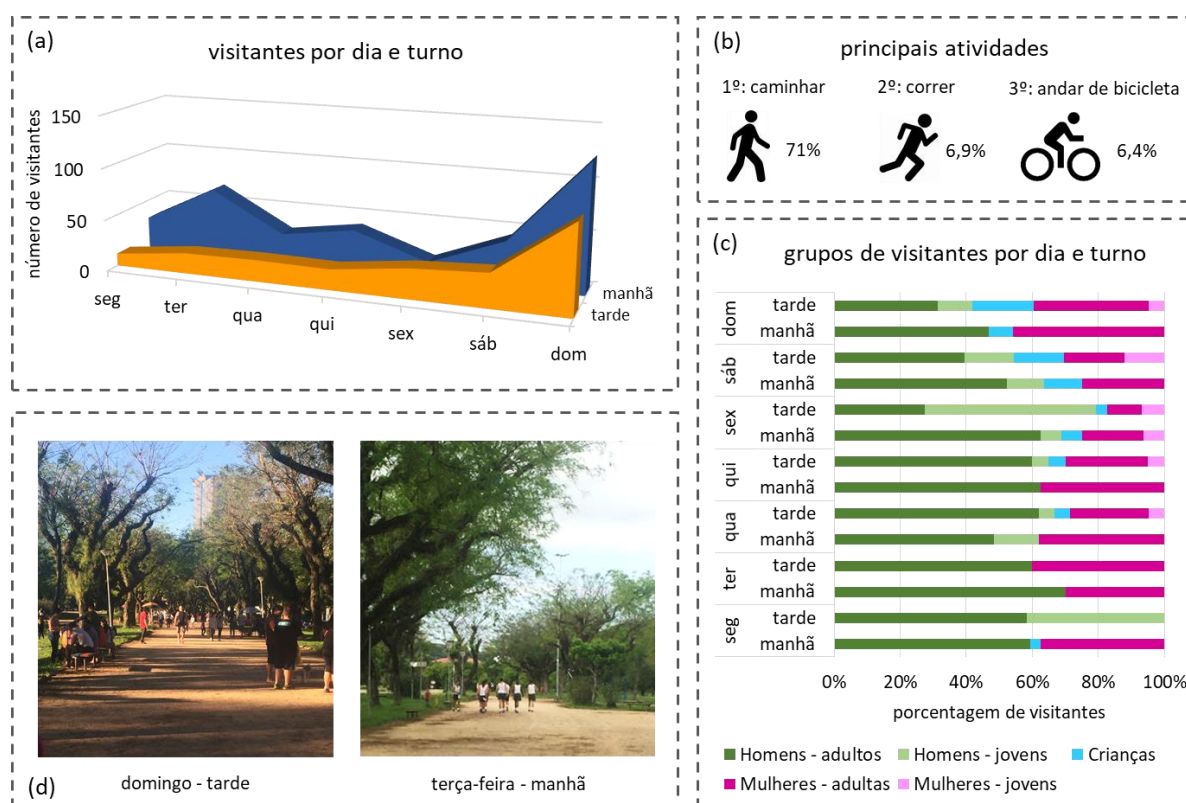
- 10) **Manutenção da vegetação e paisagismo adequado.** CONSERVAÇÃO ESTRUTURA SEGURANÇA
A manutenção é realizada constantemente, mesmo não sendo a ideal. Como exemplo, às vezes o gramado ao lado da pista de skate parece estar com a vegetação rasteira alta por causa de ervas daninhas, mesmo estando com a grama cortada. É importante que o paisagismo seja adequado, já que alguns pontos com vegetação baixa e densa causam insegurança, fazendo com que pessoas evitem esses locais.
- 11) **Oferecer opções de alimentação permanente.** ESTRUTURA
Há carência de locais que ofereçam alimentação. Existem vendedores ambulantes, mas estes não suprem as necessidades (de horários, de local, de opções oferecidas). Cafés e lancherias, além de suprir essa necessidade, poderiam servir como atrativos de público e incentivar a movimentação de pessoas.
- 12) **Pracinhas infantis adequadas e atrativas.** ESTRUTURA CONSERVAÇÃO
Os brinquedos existentes são ultrapassados e pouco atrativos, sua conservação deixa a desejar e o piso não é adequado. É importante que as pracinhas ofereçam segurança na sua utilização.
- 13) **Área para pets (cachorródromo).** ESTRUTURA
Muitas pessoas levam seus cachorros para o parque. Um local específico traria mais segurança aos animais e comodidade para as pessoas.
- 14) **Instalação de bicicletários.** ESTRUTURA ACESSIBILIDADE
Muitas pessoas vão ao parque de bicicleta e não existe um local para deixá-las. Além disso, poderia ser estudada a possibilidade de oferecer aluguel de bicicletas.
- 15) **Acessibilidade para pedestres e ciclistas.** ACESSIBILIDADE SEGURANÇA
A acessibilidade abrange diferentes escalas, mas se tratando do entorno do parque, existe o complicador do grande fluxo de veículos nas vias adjacentes, por isso é importante proporcionar facilidade e segurança de acesso. A dificuldade é ainda mais acentuada entre o parque e a orla.
- 16) **Aproveitar a relação com a orla do Guaíba.** ACESSIBILIDADE ESTRUTURA CONSERVAÇÃO
Parte da orla que faz parte do parque está abandonada, sem conservação. E outra parte está precária, sendo usada apenas como quadras de areia aos fins de semana. O potencial da Orla não é aproveitado, nem sua conexão com o restante do parque.
- 17) **Oferecer mais atrativos na parte sul do parque.** ESTRUTURA SEGURANÇA
Um grande número de pessoas relata evitar essa parte do parque porque é pouco movimentada e passa a sensação de insegurança. A área é grande, não tem usos definidos e nem atrativos para o público.
- 18) **Posto de segurança com presença permanente de autoridades.** SEGURANÇA
Grande parte das pessoas diz se sentir mais segura e confortável ao frequentar o parque com a presença de guardas/policiais. Possivelmente o número de visitantes seria maior, principalmente em horários que atualmente são evitados por um grande número de pessoas.
- 19) **Oferecer atividades físicas/esportivas e realizar eventos esportivos.** ACONTECIMENTOS SEGURANÇA
Ocorrem atividades no parque, porém a maioria não é aberta ao público em geral. Seria interessante que fossem oferecidas atividades gratuitas regulares. O objetivo é incentivar e orientar a prática de exercícios físicos, fazendo uso da estrutura do parque, além de atrair público e melhorar a sensação de segurança no parque. Acontecem eventos realizados pela SMDSE, porém a diversidade e a ocorrência são bastante reduzidas e a divulgação não tem uma ampla abrangência.
- 20) **Incentivar eventos culturais.** ACONTECIMENTOS SEGURANÇA
Incentivar a realização de atividades culturais, principalmente de música. Eventos de pequeno/médio porte podem atrair público sem causar grandes impactos na conservação do parque. É interessante diversificar dias e horários para potencializar a movimentação de pessoas, melhorando a sensação de segurança.
- 21) **Oferecer de atividades educativas.** ACONTECIMENTOS CONSERVAÇÃO
Oferecer e incentivar atividades relacionadas à educação ambiental para todas as idades, como forma de criar conscientização e envolvimento das pessoas com a natureza e mesmo com a conservação do parque.

APÊNDICE P – Dispositivos visuais e outras informações de espaços do PMB

TÚNEL VERDE

O Dispositivo visual A apresenta um conjunto de informações sobre o túnel verde. No gráfico (a), é possível observar que o número de visitantes foi maior no domingo, seguido por uma concentração na terça-feira pela manhã devido à presença de um grupo de integrantes do exército que costuma utilizar o local para a prática de exercícios físicos (d). A partir das atividades que demonstram maior ocorrência no túnel verde, conforme (b), é possível perceber seu caráter de espaço de circulação. No gráfico (c) é possível perceber que a presença predominante no espaço é do público adulto masculino.

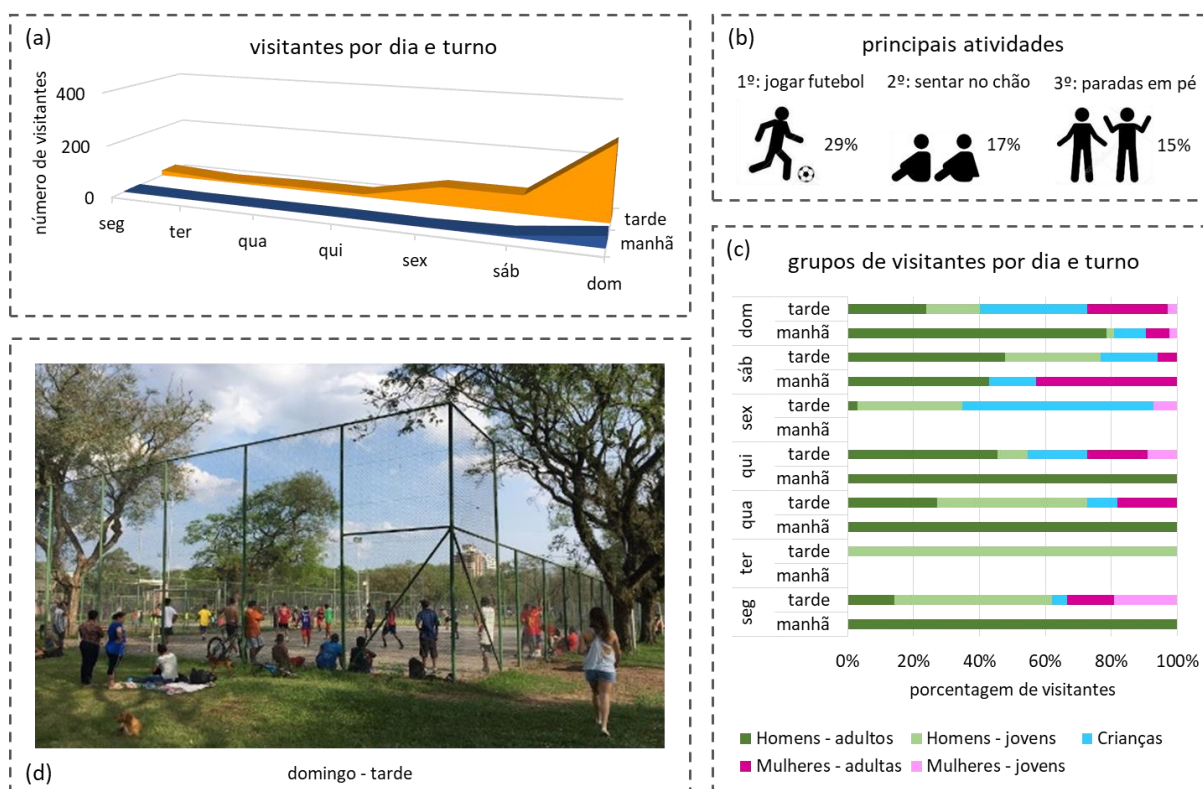
A partir do questionário, o túnel verde foi o espaço frequentado mais citado pelos usuários (20,6% das respostas), além de ter sido citado como favorito por 32,2% dos usuários. Dentre os motivos mencionados pela preferência, destacam-se as respostas relacionadas à possibilidade de contato com a natureza e de apreciação da paisagem (24%), à possibilidade de realizar atividades de interesse (22,7%) e à sombra e temperatura agradável (17,3%).



Dispositivo visual A: Informações sobre o túnel verde: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno, (b) atividades no espaço, (c) gráfico da proporção de grupos de visitantes por dia da semana e turno, (d) fotografias.

QUADRAS DE ESPORTES

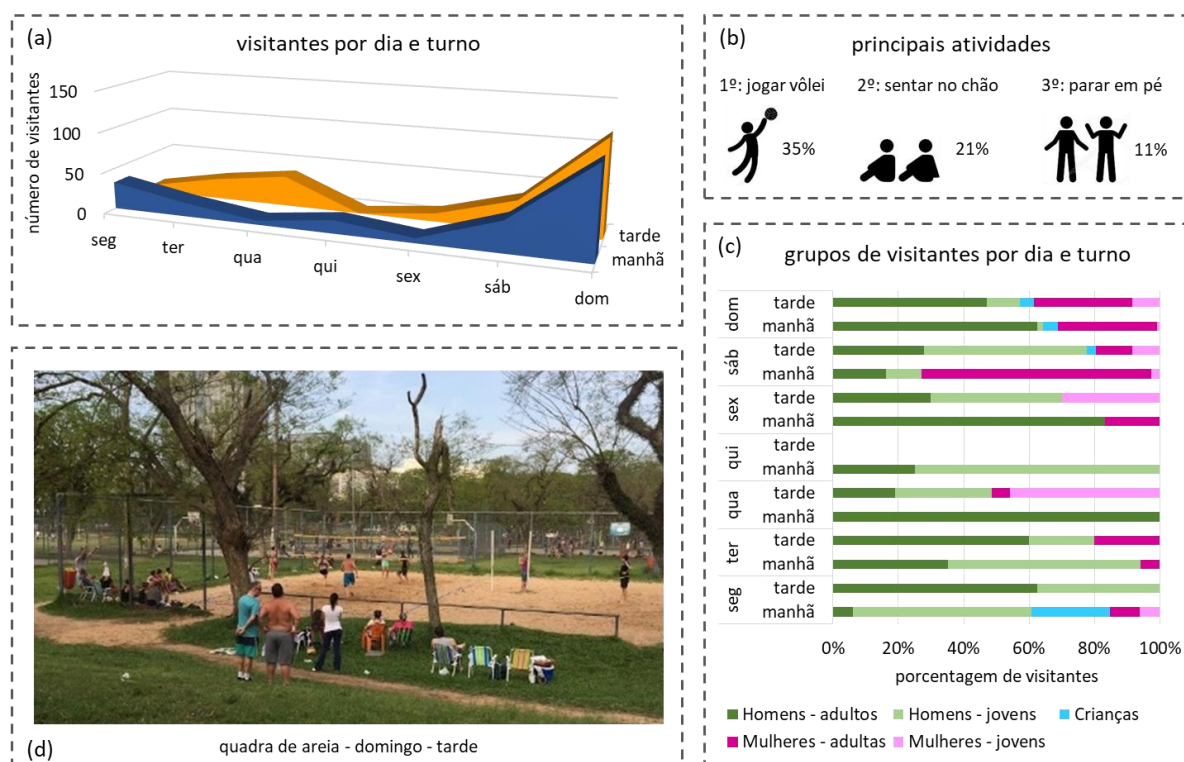
As quadras de esportes são apresentadas em dois grupos, já que apresentam algumas diferenças no uso. O Dispositivo visual B apresenta informações sobre as quadras de futebol e basquete. A presença de visitantes ocorreu predominante no turno da tarde, principalmente de sexta-feira a domingo, como se pode observar no gráfico (a). Conforme exposto em (b), a atividade realizada pelo maior número de pessoas nesses espaços foi jogar futebol e, apesar de existirem alguns bancos, observou-se um grande número de pessoas sentadas no chão ou paradas em pé assistindo aos jogos. De maneira geral, percebeu-se nas quadras maior presença de público masculino, tanto jovem quanto adulto, conforme apresentado no gráfico (c). Na sexta-feira à tarde, houve presença de um grande número de crianças que utilizaram as quadras para brincar ou participaram de atividades relacionadas a esportes, conforme informações de (a) e (c).



Dispositivo visual B: Informações sobre as quadras de futebol e basquete: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno, (b) atividades no espaço, (c) gráfico da proporção de grupos de visitantes por dia da semana e turno, (d) fotografia.

O Dispositivo visual C apresenta informações sobre as quadras de vôlei e tênis. O gráfico (a) mostra que, em todos os dias tanto pela manhã quanto pela tarde, houve presença de pessoas nas quadras. O uso foi constante principalmente na quadras de areia, onde ocorreram aulas e treinos de vôlei e futevôlei. Conforme (b), a atividade mais recorrente foi jogar vôlei e se observou grande número de pessoas sentadas no chão ou paradas em pé assistindo aos jogos em torno das quadras, principalmente no fim de semana. Conforme mostra o gráfico (c), no sábado pela manhã houve presença de um grande número de mulheres no local, devido ao

campeonato de vôlei feminino que estava ocorrendo. Nos demais dias, o público predominante foi masculino.



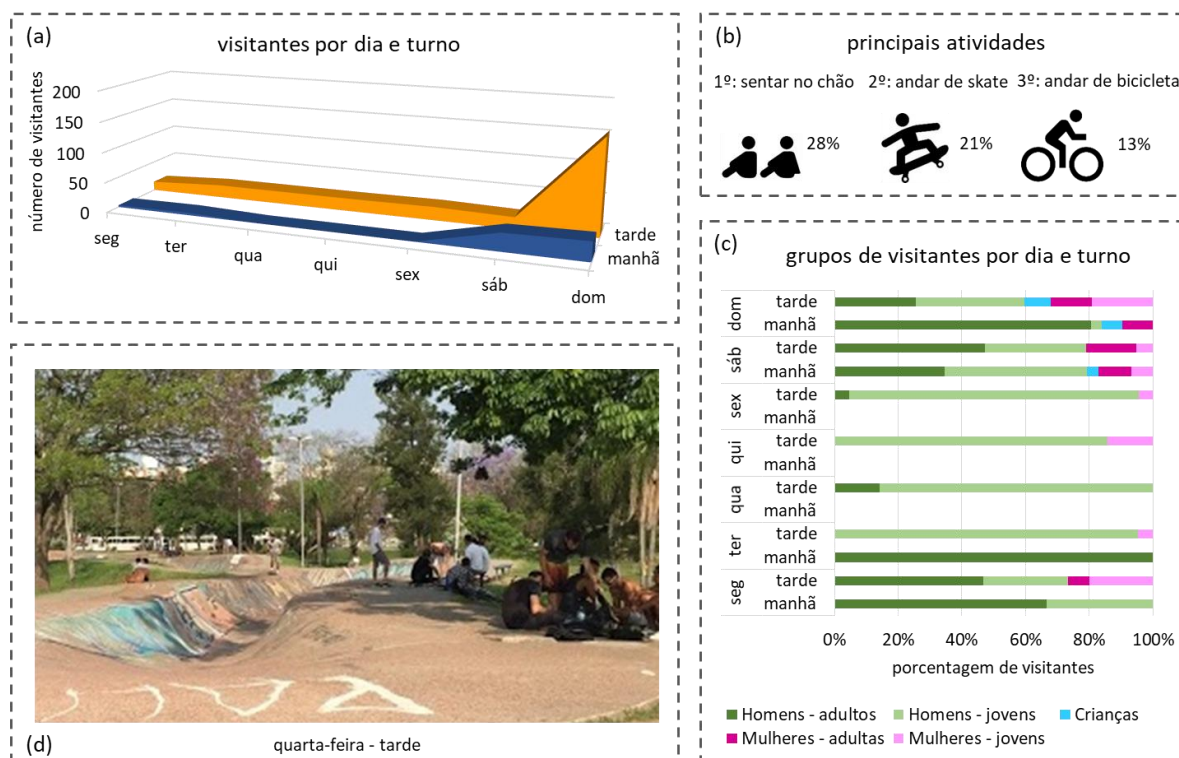
Dispositivo visual C: Informações sobre as quadras de vôlei e tênis: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno, (b) atividades no espaço, (c) gráfico da proporção de grupos de visitantes por dia da semana e turno, (d) fotografia.

Tanto próximo às quadras de futebol e basquete quanto às de vôlei e tênis, observou-se presença recorrente de moradores de rua, que utilizam os bancos para deitar, o chuveiro para tomar banho ou lavar roupas, assim como as telas das quadras para estender roupas. O mesmo tipo de ocorrências também foram observadas em outros espaços do parque, porém de forma mais dispersa.

PISTA DE SKATE

O Dispositivo visual D apresenta informações sobre a pista de skate, que tem como característica as laterais da pista elevadas em relação ao nível do entorno e vista para o Rio Guaíba. É possível perceber no gráfico (a) que o uso do espaço se mostrou constante no período da tarde, com o pico no domingo. Conforme (b), as atividades com maior ocorrência foram sentar no chão, andar de skate e de bicicleta. O espaço possui poucos bancos e os visitantes acabam sentando nas laterais da pista ou no gramado em declive que o circunda, assim como nos degraus das escadas, como pode ser visto na fotografia (d). Conforme apresentado no gráfico (c), o público é predominantemente masculino, principalmente de jovens. A pista de skate foi espaço com maior registro de jovens no PMB e se percebeu que se trata de um ponto de encontro, mesmo aos que não praticam esportes. Uma das demandas identificadas a partir do questionário foi em relação à manutenção da pista, que apresenta

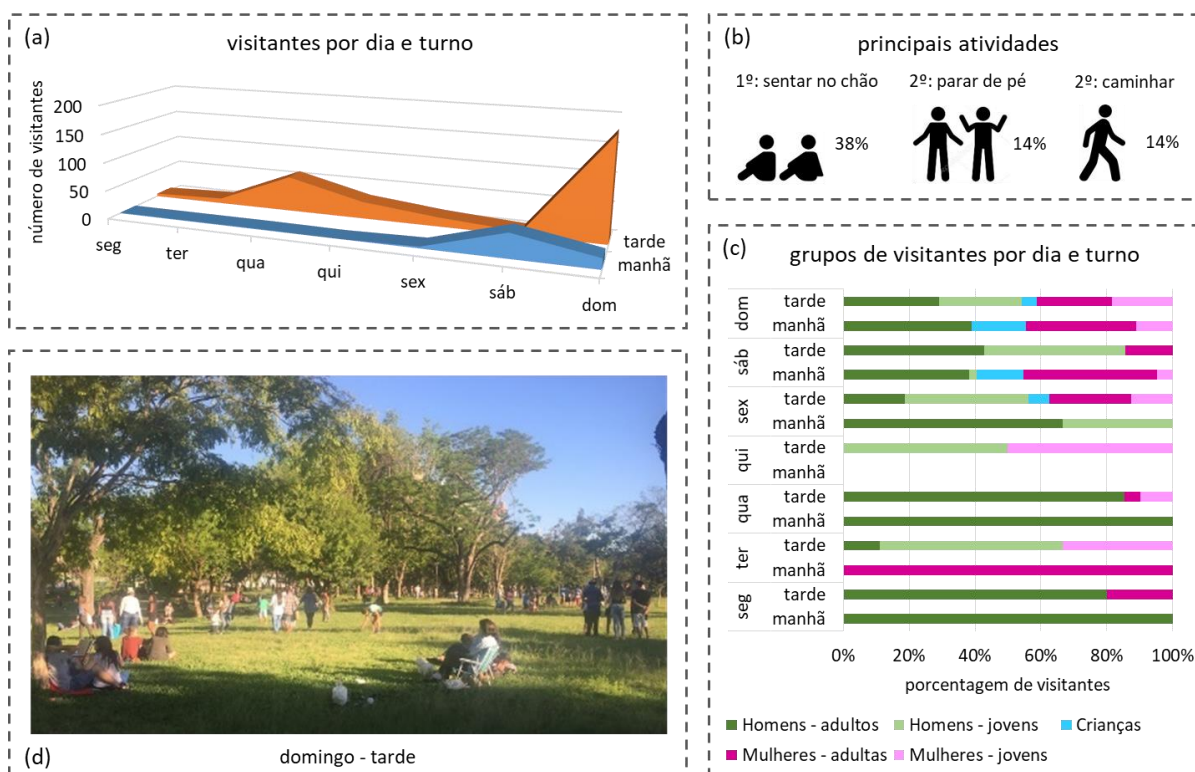
desgaste devido ao uso. Já outra demanda foi em relação à ampliação da pista existente e ao acréscimo de outras pistas para diferentes modalidades de skate.



Dispositivo visual D: Informações sobre a pista de skate: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno, (b) atividades no espaço, (c) gráfico da proporção de grupos de visitantes por dia da semana e turno, (d) fotografia.

GRAMADO A

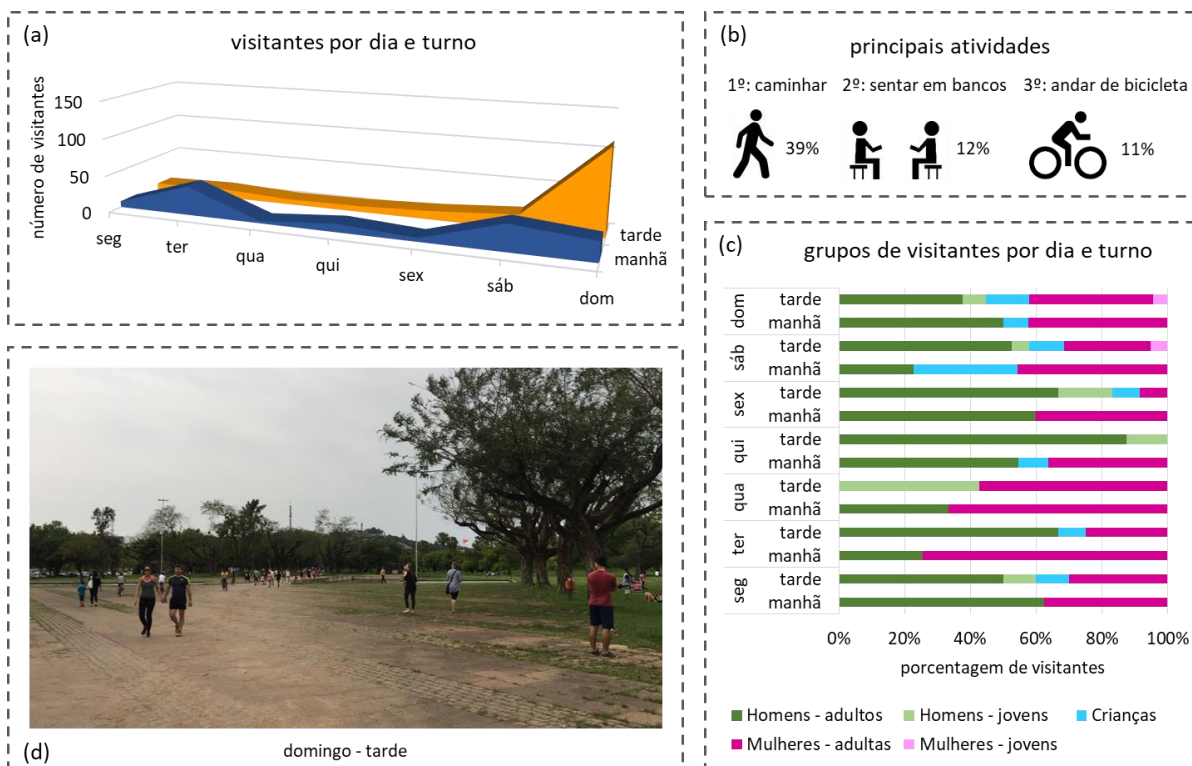
O Dispositivo visual E apresenta informações sobre o gramado A, que situa-se ao lado da pista de skate e em frente à Av. Edvaldo Pereira Paiva, portanto com vista para o calçadão e para a orla do Rio Guaíba. Conforme mostrado no gráfico (a), o pico de uso ocorreu no domingo à tarde. No entanto, o espaço também recebeu uma pequena concentração de visitantes no sábado pela manhã, quando um grupo praticava ginástica, e na quarta-feira à tarde, quando integrantes do exército se exercitavam no parque. Conforme (b), as atividades com maior ocorrência foram sentar no chão, parar de pé e caminhar, mas pessoas sentadas em cadeiras móveis também foram observadas em quantidade considerável. O gramado A foi o espaço do parque com o maior presença de mulheres jovens. Registrou-se no espaço a presença de vendedores ambulantes de alimentação no turno da tarde, tanto nos dias de semana quanto no fim de semana.



Dispositivo visual E: Informações sobre o gramado A: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno, (b) atividades no espaço, (c) gráfico da proporção de grupos de visitantes por dia da semana e turno, (d) fotografia.

CENTRO CÍVICO

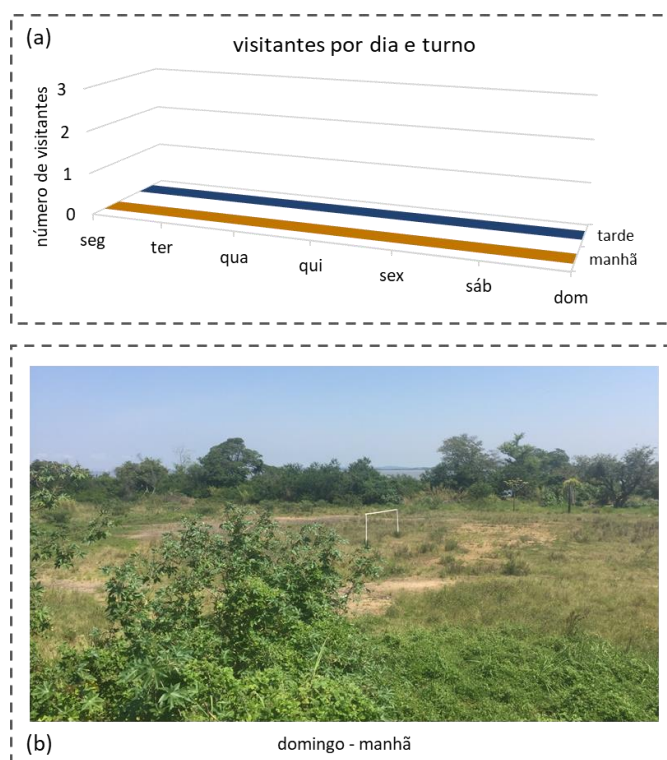
O Dispositivo visual F apresenta informações sobre o centro cívico. O espaço se localiza na parte central do parque e divide o túnel verde em dois trechos. Conforme mostra o gráfico (a), observou-se maior presença de visitantes durante o fim de semana, especialmente no domingo à tarde. O maior número de visitantes na terça-feira pela manhã, em comparação ao demais dias da semana, deu-se pela presença de um grupo de pessoas praticando atividades físicas. Conforme (b), as atividades com maior ocorrência no local foram caminhar, sentar em bancos e andar de bicicleta. O gráfico (c) mostra que o centro cívico é o espaço no qual a proporção de mulheres foi mais próxima à de homens dentre os espaços expostos que apresentaram maior ocorrência de visitantes.



Dispositivo visual F: Informações sobre o centro cívico: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno, (b) atividades no espaço, (c) gráfico da proporção de grupos de visitantes por dia da semana e turno, (d) fotografia.

QUADRAS DE FUTEBOL DA ORLA B

A faixa do PMB na orla do Rio Guaíba passa a ideia de um espaço residual e não tem o mesmo tratamento que o restante do parque, tanto que algumas pessoas demonstraram não associar o espaço como parte do PMB. Apesar das quadras de futebol na orla A, trecho na parte norte do parque, terem apresentado uso, as quadras de futebol na orla B, na parte sul, não apresentaram. O espaço passa a impressão de abandonado, com a vegetação alta, conforme mostrado no Dispositivo visual G.



Dispositivo visual G: Informações sobre as quadras de futebol da orla B: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno e (b) fotografia.

PRACINHA INFANTIL C

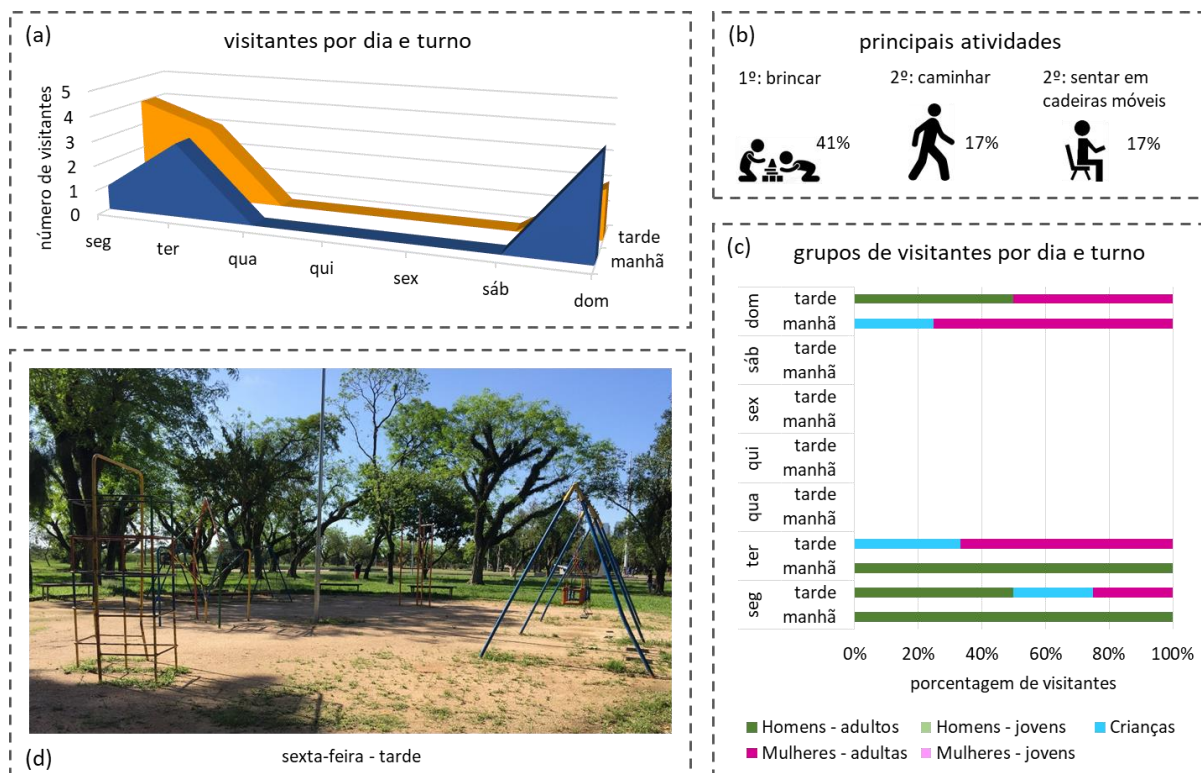
O Dispositivo visual H apresenta informações da pracinha infantil C. O espaço apresentou menor número de visitantes dentre as três pracinhas existentes no PMB, mas também é a de menor tamanho. É interessante mencionar que a pracinha infantil C se localiza próximo ao centro cívico, assim como a pracinha infantil B, porém uma ao sul e outra ao norte do espaço, respectivamente. Apesar de ambas oferecerem o mesmo tipo de brinquedos e terem conexão com o túnel verde, a frequência de uso entre as duas foi distinta.

Alguns aspectos levantados como possíveis influências na diferença de uso entre as duas pracinhas são: a) a pracinha infantil B é próxima a outros espaços (academia e edificação da administração do parque) e apresenta alta conexão visual com eles e com o túnel verde; b) a pracinha infantil B é conectada ao túnel verde trecho A, mencionado pelos usuários como mais seguro se comparado ao túnel verde trecho B, no qual a pracinha infantil C é conectada; c) a pracinha infantil C tem menor visibilidade com o túnel verde devido à vegetação.

No gráfico (a) é possível perceber que não houveram visitantes na pracinha infantil C em diversos momentos da semana. Em nenhum dia o número⁴⁶ de visitantes chegou a 5, mesmo no domingo que é o dia de maior movimento no parque. Conforme (b), a atividade com maior ocorrência foi brincar, o que condiz com a função do espaço, seguida por sentar em cadeiras móveis, devido a adultos que estavam acompanhando crianças. Também se percebeu no

⁴⁶ O número mencionado representa o momento de observação e não o total do dia.

espaço pessoas caminhando, isso ocorreu já que o espaço se situa entre o estacionamento C e o túnel verde, tornando-o um espaço de passagem. Conforme mostra o gráfico (c), não houveram visitantes jovens na pracinha infantil C, apenas adultos e crianças.

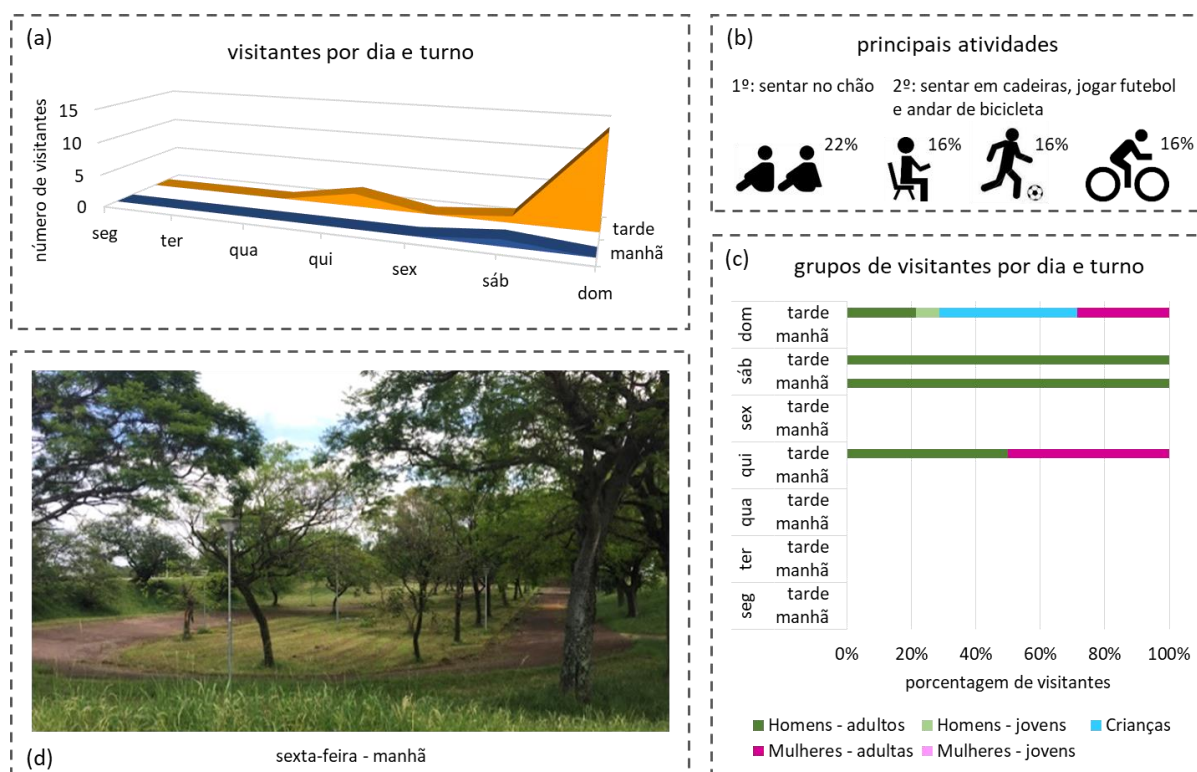


Dispositivo visual H: Informações sobre a pracinha infantil C: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno, (b) atividades no espaço, (c) gráfico da proporção de grupos de visitantes por dia da semana e turno, (d) fotografia.

PISTA DE CICLISMO

O Dispositivo visual I apresenta informações sobre a pista de ciclismo, a qual se localiza na parte norte do parque, onde se concentram os espaços esportivos. Conforme mostra o gráfico da (a), não foram registrados visitantes na pista de ciclismo na maioria dos dias da semana, sendo que o pico ocorreu no domingo com menos de 15 pessoas. A atividade mais recorrente foi sentar no chão e o público predominante foi de homens adultos (c).

Percebeu-se que a manutenção da pista de ciclismo é condizente com a manutenção da maior parte do parque, ou seja, não tem aspecto de abandono. Alguns aspectos levantados como possíveis influências do baixo número de visitantes são: a) o espaço é desconectado do corpo principal do parque, já que se situa entre duas vias de tráfego intenso de veículos da Av. Edvaldo Pereira Paiva; b) e espaço tem baixa conexão visual com o entorno, já que se situa abaixo do nível da via; c) um grande número de pessoas pratica a atividade andar de bicicleta no calçadão da Av. Edvaldo Pereira Paiva, que possui uma ciclovia, e é muito próximo à pista de ciclismo, além de possibilitar um trajeto mais longo e com vista para o Rio Guaíba.

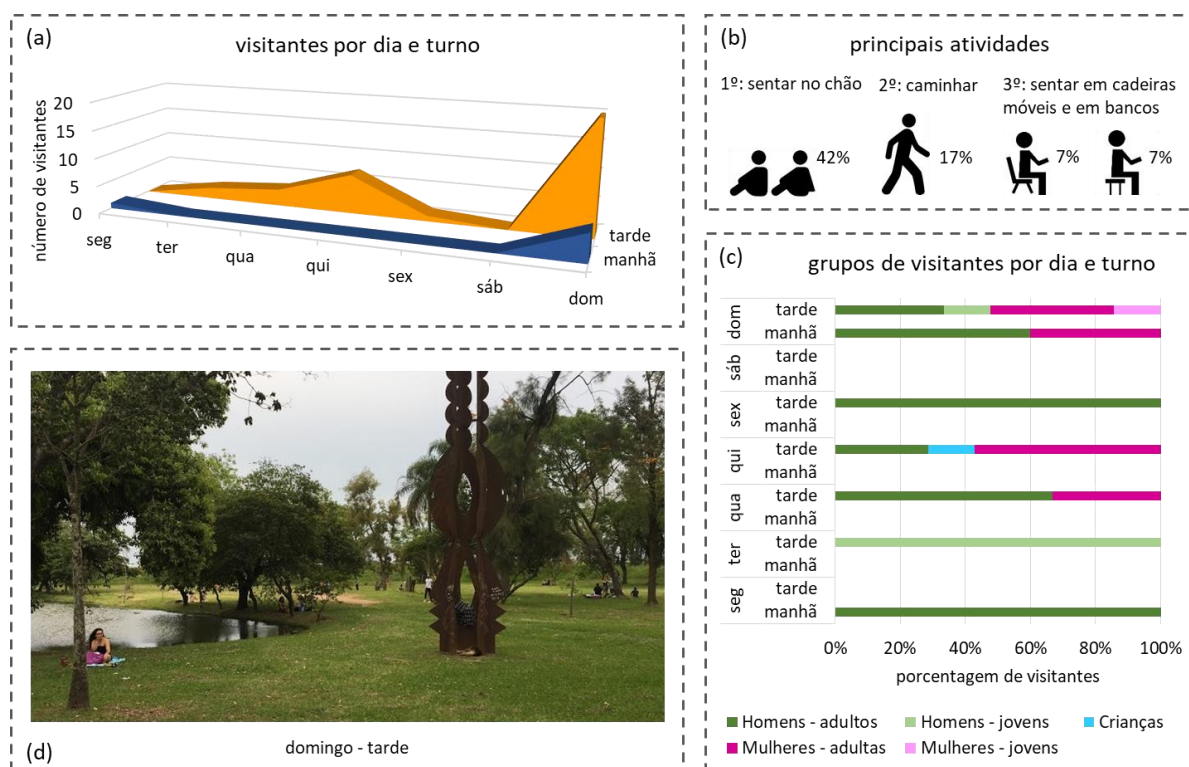


Dispositivo visual I: Informações sobre a pista de ciclismo: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno, (b) atividades no espaço, (c) gráfico da proporção de grupos de visitantes por dia da semana e turno, (d) fotografia.

RECANTO SOLÁRIO

O Dispositivo visual J apresenta informações sobre o recanto solário. O espaço se situa ao lado de uma das lagoas artificiais do parque, tem caráter contemplativo e oferece lugar para tomar sol. A maior parte do espaço proporciona visibilidade a partir do túnel verde, porém, uma parte possui vegetação mais densa que o restante, o que prejudica a visibilidade. Apesar do local ter sido citado por usuários como um espaço agradável, observou-se que o recanto recebeu um número baixo de visitantes na maioria dos dias. Conforme mostra o gráfico (a), o pico de uso ocorreu no domingo à tarde. Na quinta-feira à tarde foi registrado um grupo de pessoas durante um ensaio fotográfico no local, o que elevou o número de visitantes em comparação aos outros dias de semana.

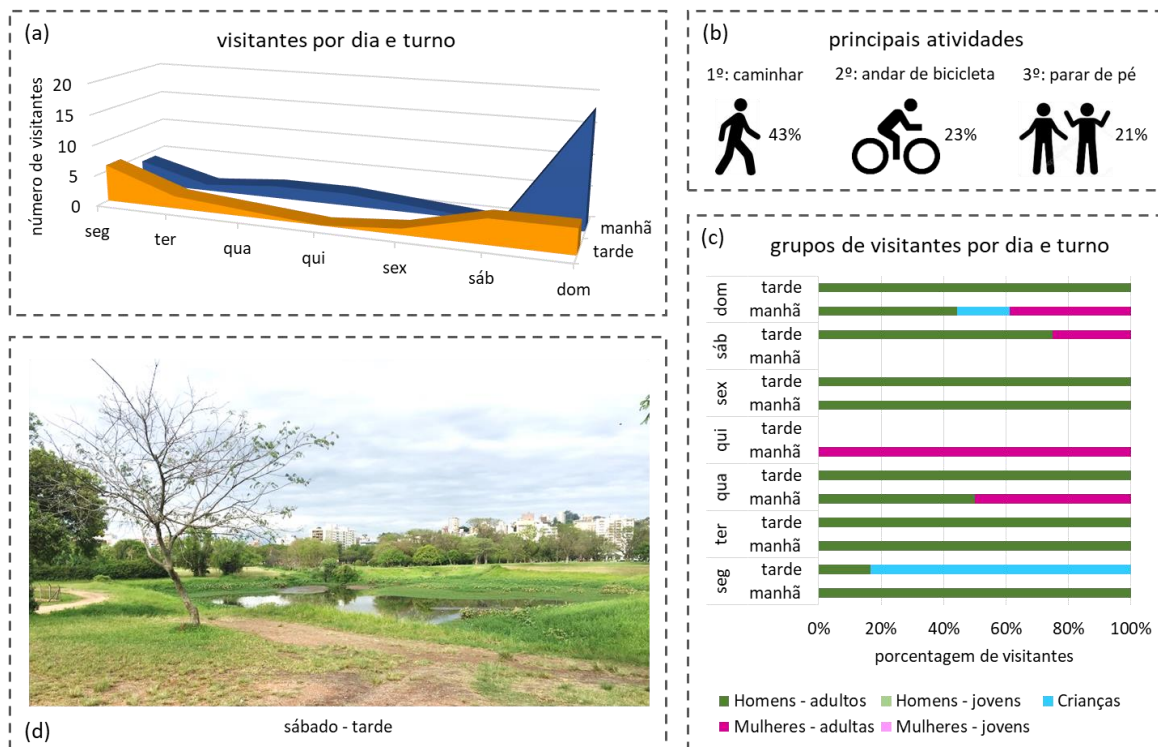
Conforme (b), a atividade com maior ocorrência no recanto solário foi sentar no chão, principalmente no domingo. Já em relação ao público do espaço, conforme mostra o gráfico (c), homens foram maioria. É importante mencionar que não foram registradas mulheres desacompanhadas no espaço, a não ser no domingo à tarde, quando a movimentação de pessoas era alta. Isso vai ao encontro ao que algumas mulheres expuseram no questionário sobre evitar esse tipo de local quando estão desacompanhadas, por se sentirem inseguras, mesmo achando os espaços agradáveis e bonitos.



Dispositivo visual J: Informações sobre o recanto solário: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno, (b) atividades no espaço, (c) gráfico da proporção de grupos de visitantes por dia da semana e turno, (d) fotografia.

ARREDORES DA BACIA DE CONTENÇÃO

O Dispositivo visual K apresenta informações sobre os arredores da bacia de contenção. O espaço se localiza no extremo sul do parque e tem caráter de passagem, já que é uma opção de rota de acesso ao calçadão da Av. Edvaldo Pereira Paiva. Conforme (b), as atividades de maior ocorrência no espaço foram caminhar e andar de bicicleta. O gráfico (a) mostra que a quantidade de visitantes não foi alta na maioria dos dias e o pico ocorreu no domingo pela manhã, com 18 pessoas. O público predominante do espaço foi de homens adultos, conforme é possível ver no gráfico (c). A área sul do parque foi uma das mais citadas pelos usuários quando questionados sobre quais locais do parque eles evitavam por se sentirem inseguros. É importante salientar que essa área não possui fortes atrativos, tanto dentro do parque quanto no seu entorno, como ocorre na parte norte, com a estrutura esportiva e com o Shopping Praia de Belas. O entorno imediato ao parque na área sul não estimula atividades e movimentação de pessoas, já que não existe comércio.



Dispositivo visual K: Informações sobre os arredores da bacia de contenção: (a) gráfico com número de visitantes por dia da semana e turno, (b) atividades no espaço, (c) gráfico da proporção de grupos de visitantes por dia da semana e turno, (d) fotografia.

APÊNDICE Q – Descrição de informações do PMB

ACESSIBILIDADE

Em relação à acessibilidade, 126 usuários afirmaram não perceber dificuldades de acesso ao PMB (82,4%). Dos 27 usuários que afirmaram perceber dificuldades de acesso (17,6%), o principal motivo identificado foi a inadequação da estrutura física do parque (7 respostas ou 26,9%), incluindo limitações de acesso para portadores de necessidades especiais (PNE), conforme mostra o Gráfico A **Erro! Fonte de referência não encontrada.** Já em relação ao grupo de não-usuários⁴⁷, 105 afirmaram não perceber dificuldade de acesso ao PMB (78,9%). Dos 28 que afirmaram perceber dificuldade (21,1%), 15 deram como motivo ser longe de onde mora (53,6%), 4 por dificuldade com transporte coletivo (14,3%) e também 4 por insegurança (14,3%), seguidos por 5 respondentes que deram outros motivos (somando 17,9%).

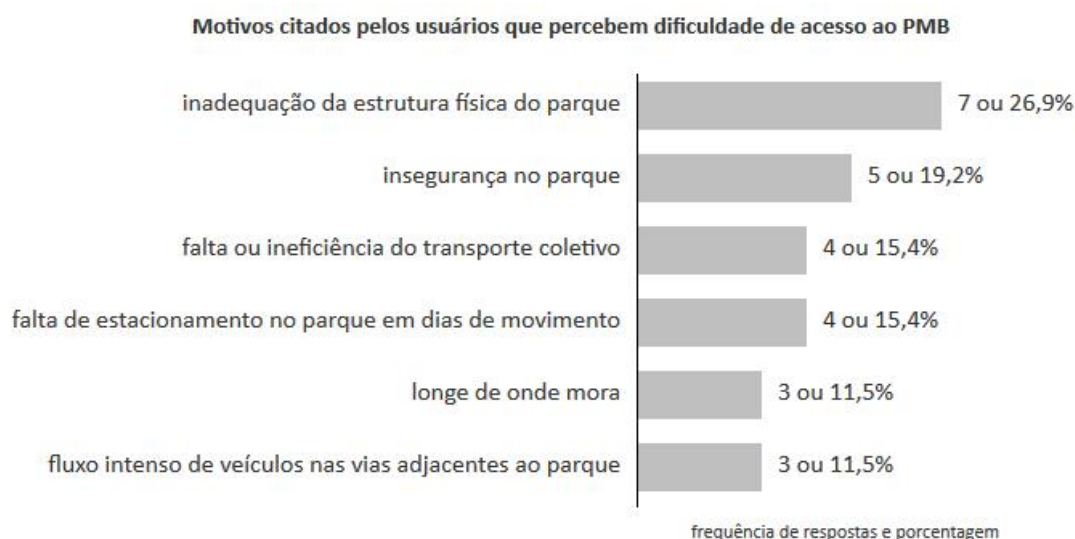


Gráfico A: Motivos citados pelos usuários que percebem dificuldade de acesso ao PMB.

Em relação à forma de mobilidade dos usuários para chegar até o PMB, a maioria afirmou ir a pé (71 ou 46,4%), conforme mostra o Gráfico B. Isso, provavelmente, ocorre já que grande parte dos usuários disse morar nos bairros Menino Deus (57 ou 37,3%) e Centro Histórico (14 ou 9,2%), que são próximos ao PMB. É importante mencionar que no domingo à tarde, quando se observou o pico de uso do parque, percebeu-se grande quantidade de carros estacionados, tanto nos estacionamentos quanto na Av. Edvaldo Pereira Paiva. Isso parece ir ao encontro do que se percebeu na aplicação do questionário presencial no domingo, que muitas pessoas se deslocam de outras partes da cidade para ir até o PMB.

⁴⁷ Não-usuários dos subgrupos GN2 (nunca foi mas já ouviu falar no parque) e GN3 (já foi ao parque mas não frequenta).

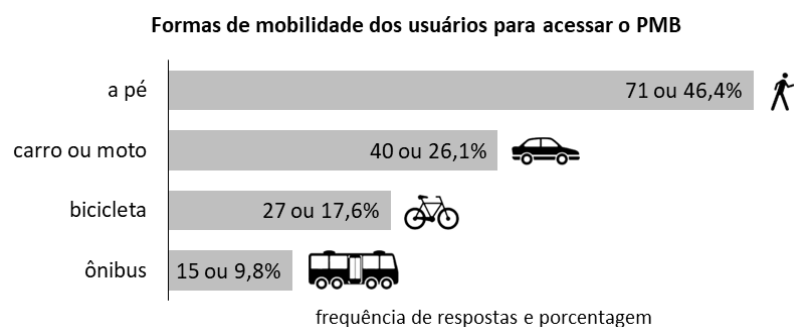


Gráfico B: Formas de mobilidade dos usuários para acessar o PMB.

Quando os usuários foram questionados a respeito de sua orientação espacial dentro do PMB, a maioria respondeu ter facilidade (129 ou 84,9%) e a minoria respondeu ter dificuldade (23 ou 15,1%). Foi encontrada diferença estatisticamente significativa (K-W, $\chi^2=5,193$, sig=0,023) entre ter facilidade ou ter dificuldade de orientação para os subgrupos usuários pouco-frequentes (GU4) e usuários frequentes (GU5). Isso revelou que os usuários frequentes tendem a ter mais facilidade de orientação dentro do PMB do que os usuários pouco-frequentes.

ESTRUTURA FÍSICA

Nas avaliações dos usuários em relação a atributos da estrutura física do PMB, nenhum dos itens avaliados obteve maioria de respostas positivas. O Gráfico C mostra a avaliação dos espaços oferecidos no PMB, que considerou os tipos de espaços e se são adequados, na qual a maioria dos usuários avaliou como regular (86 ou 56,2%).

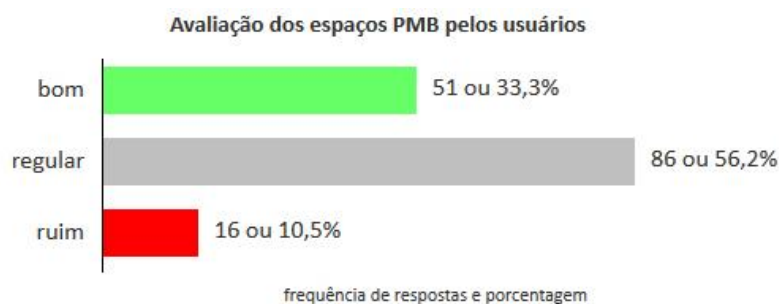


Gráfico C: Avaliação dos espaços do PMB pelos usuários.

Ao serem questionados acerca de atributos dos quais sentem falta no PMB, a resposta mais recorrente para os usuários (18 ou 14%) foi sobre espaços de comércio, principalmente de alimentação (Gráfico D). É importante mencionar que, atualmente, existe um *trailer* instalado no estacionamento A, próximo à área esportiva, que funciona como lanchonete. Além disso, há a presença de vendedores ambulantes pelo parque, mas sua frequência não é contínua, além da oferta de produtos ser limitada. A segunda resposta mais recorrente (16 ou 12,4%) foi posto de segurança, o qual poderia abrigar guardas ou policiais, possibilitando sua presença permanente. A terceira resposta com maior ocorrência (14 ou 10,9%) foi equipamentos de ginástica. Atualmente, existem alguns equipamentos na academia, porém, são improvisados e inseguros, se mostrando inadequados. É importante salientar que foram

registrados visitantes em todos os momentos de observação na academia, o que mostra que o espaço é bastante utilizado.

Em relação ao mobiliário urbano, a maioria dos usuários avaliou como regular (86 ou 56,6%), seguido de ruim (48 ou 31,6%), como mostra o Gráfico E. No Gráfico D, é possível observar que elementos de mobiliário urbano foram citados como desejáveis, como por exemplo, equipamentos de ginástica, bebedouros, bancos, lixeiras, placas de informação, dentre outros. É importante mencionar que o parque oferece esses atributos, mas, ao que parece, não de maneira adequada.

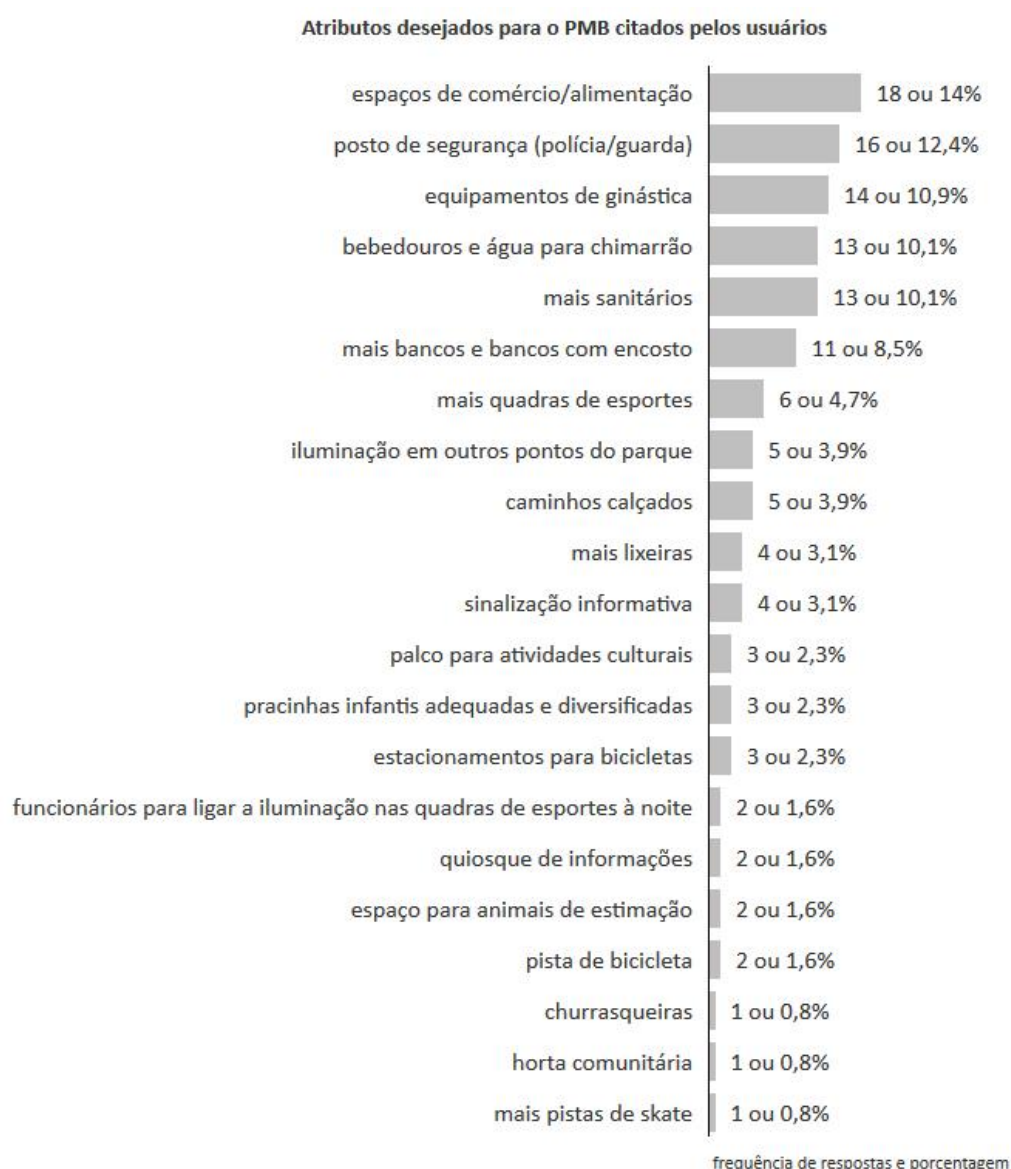


Gráfico D: Atributos desejados para o PMB citados pelos usuários.

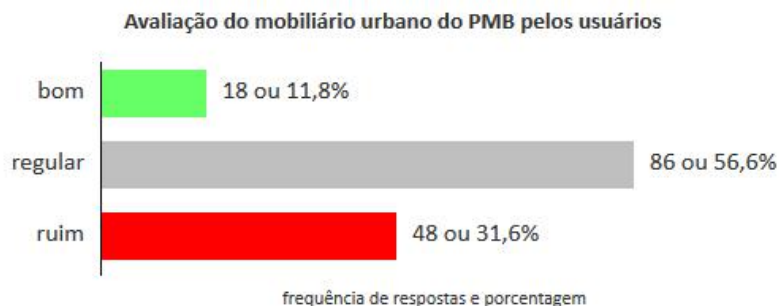


Gráfico E: Avaliação do mobiliário urbano do PMB pelos usuários.

Quando apresentada a demanda referente ao mobiliário urbano para os técnicos da SMAMS, durante o seminário, eles expuseram que foram desenvolvidos projetos nesse sentido. Os projetos incluíam a substituição e acréscimo de bancos e lixeiras em toda extensão do túnel verde, assim como a implantação de academias, com equipamentos de ginástica, em dois pontos do parque. Porém, os projetos acabaram não sendo executados por falta de recursos financeiros.

Outro atributo avaliado pelos usuários como parte da estrutura física, foram os caminhos, que são trajetos definidos para circulação dos visitantes dentro do PMB. Considerando o material do piso, o percurso e quantidade, a maioria dos usuários os avaliou os caminhos como regular (73 ou 48%), seguido de bom (58 ou 38,2%), conforme mostra o Gráfico F. Atualmente, o principal espaço de circulação do PMB possui piso de saibro, que é o túnel verde. É válido mencionar que foi observado piso irregular e acúmulo de água após dias de chuva em muitos pontos desse espaço. No parque existem alguns caminhos menores calçados, mas são limitados.

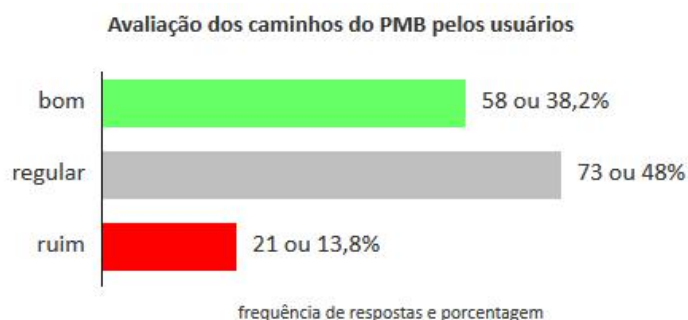


Gráfico F: Avaliação dos caminhos do PMB pelos usuários.

É importante mencionar também que, no perímetro do PMB com as vias Av. Ipiranga, Av. Borges de Medeiros e Rua Nestor Ludwig, existe calçamento. Porém, em toda extensão da Av. Edvaldo Pereira Paiva, não existe calçamento no perímetro do corpo principal do parque, apenas do outro lado da via, o calçamento da orla é pavimentado (Imagem 1). Ao ser apresentada para os técnicos da SMAMS a demanda referente a pisos de áreas de circulação, os mesmos afirmaram já terem sido desenvolvidos projetos nesse sentido. O projeto do calçamento da extensão da Av. Edvaldo Pereira Paiva ocorreu em conjunto com o restante do perímetro do parque, porém, o trecho não foi executado por não haver recursos financeiros suficientes.

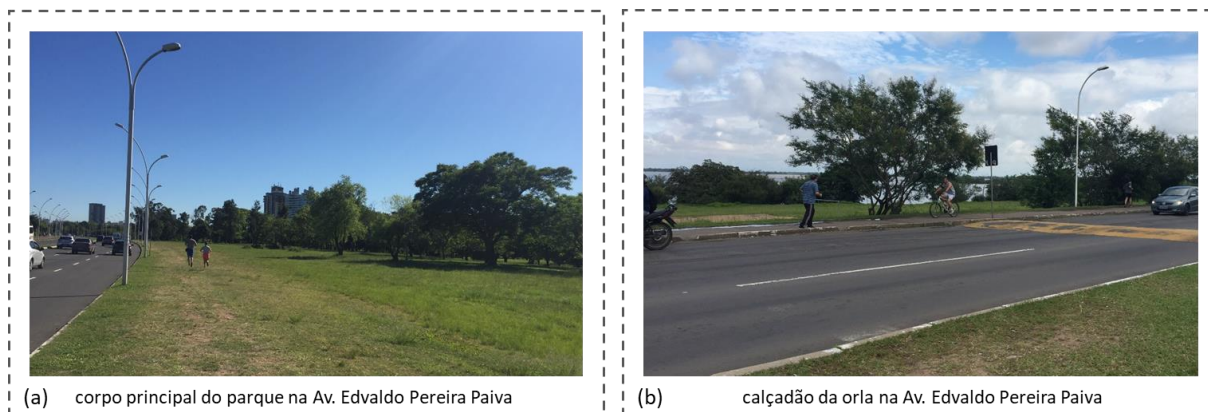


Imagem 1: Parte do perímetro do PMB sem calçamento na Av. Edvaldo Pereira Paiva (a) e calçada da orla pavimentada (b).

A respeito da iluminação artificial, que possibilita o uso do parque à noite, a maioria dos usuários (69 ou 45,1%) não soube avaliar por não frequentar o PMB nesse turno (Gráfico G). Dos que avaliaram esse quesito, 53 classificaram como ruim (34,6%), 23 como regular (15%) e 8 como bom (5,2%). Em relação à área esportiva, alguns usuários expuseram no questionário já ter ocorrido de não ter sido possível utilizar as quadras à noite por não haver funcionário disponível para ligar e desligar a iluminação. É importante mencionar que, há alguns anos, foram executadas melhorias na iluminação de todo o PMB.

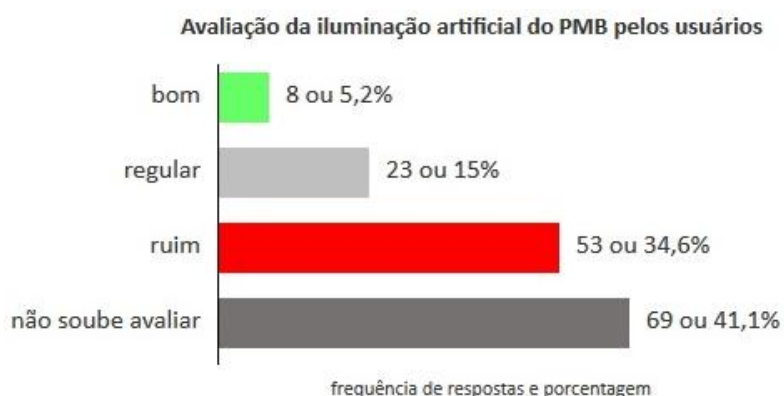


Gráfico G: Avaliação da iluminação artificial do PMB pelos usuários.

O PMB oferece três conjuntos de sanitários, um na parte sul e dois na parte norte, sendo um desses na área esportiva. Devido à grande extensão do parque, em determinados locais, o acesso a algum dos conjuntos se torna difícil. No Gráfico D, apresentada anteriormente, o atributo sanitários aparece em quarto lugar como desejado pelos usuários, que entendem que os existentes são insuficientes. Porém, é importante levar em consideração que alguns visitantes, e até mesmo usuários frequentes, demonstraram não ter conhecimento de todos os conjuntos existentes. Além disso, 93 usuários afirmaram nunca ter utilizado os sanitários do PMB (60,8%), portanto a maioria, já que apenas 60 afirmaram já ter utilizado (39,2%).

A partir da demanda referente aos sanitários apresentada para os técnicos da SMAMS durante o seminário, os mesmos expuseram já ter sido desenvolvido um projeto de melhorias nesse

sentido, inclusive considerando questões de acessibilidade para PNE. Porém, assim como em outras situações, o projeto acabou não sendo executado por falta de recursos financeiros.

No PMB estão localadas um conjunto de esculturas, das quais a maior parte se concentra em um gramado, em meio às árvores, na parte norte do parque. Foi possível perceber que a maioria das esculturas são poucos perceptíveis em meio à vegetação e que poucas recebem certo destaque, como a escultura existente no recanto solário (Imagem 2). Além disso, percebeu-se que algumas estão vandalizadas com pichações. É interessante mencionar que 45 usuários (29,4%) afirmaram não saber da existência das esculturas no PMB, o que parece ser um número alto, considerando que essas pessoas possuem familiaridade com o local.



Imagem 2: Fotografia de uma das esculturas existentes no PMB.

CONSERVAÇÃO E APARÊNCIA

Em relação à limpeza do PMB (Gráfico H), 91 usuários avaliaram como regular (59,5%), 41 avaliaram como boa (26,8%) e 21 avaliaram como ruim (13,7%).

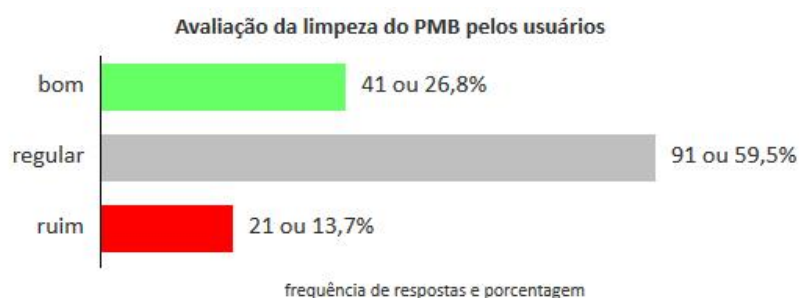


Gráfico H: Avaliação da limpeza do PMB pelos usuários.

A manutenção dos espaços do PMB (Gráfico I), englobando todos seus elementos, exceto a vegetação, foi avaliada por 77 usuários como regular (50,3%), por 63 como ruim (41,2%) e por 13 como boa (8,5%). Isso vai ao encontro ao que a maioria dos usuários expos sobre atos de

vandalismo no parque, já que 120 afirmaram perceber elementos depredados (78,9%), contra 32 que afirmaram não perceber (21,1%).

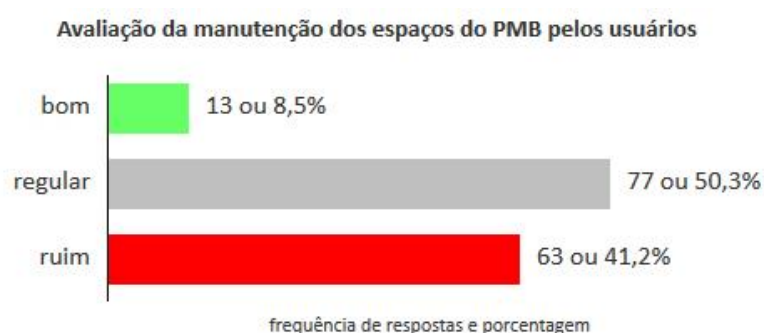


Gráfico I: Avaliação dos usuários da manutenção dos espaços no PMB.

A limpeza dos sanitários e vestiários foi avaliada pela maioria dos usuários que já os utilizaram como regular (30 ou 50%) e pela minoria como ruim (12 ou 20%), conforme mostra o Gráfico J. Já a avaliação quanto à manutenção desses espaços, foi avaliada pela maioria dos usuários que já os utilizaram como regular (30 ou 50%) e pela minoria como boa (12 ou 20%), conforme mostra o Gráfico K.



Gráfico J: Avaliação da limpeza dos sanitários do PMB pelos usuários.

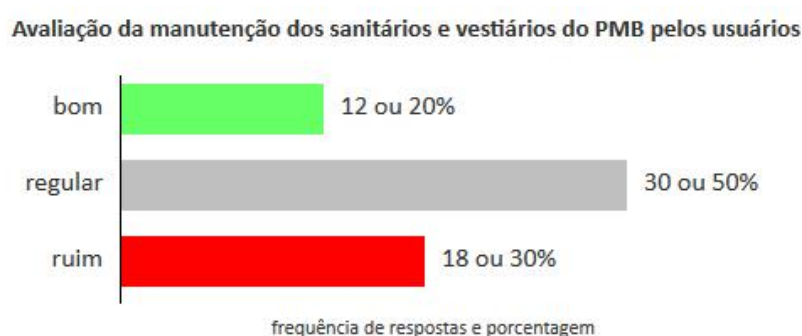


Gráfico K: Avaliação da manutenção dos sanitários do PMB pelos usuários.

Já a manutenção da vegetação (Gráfico L), que engloba a poda das árvores e o corte de grama, foi avaliada pela maioria dos usuários como regular (71 ou 46,4%), seguida por outra parte que avaliou como boa (50 ou 32,7%) e a menor parte avaliou como ruim (32 ou 20,9%). É

importante expor que foram registrados funcionários do parque trabalhando na limpeza e na manutenção da vegetação em todos os dias da semana, com exceção do sábado.

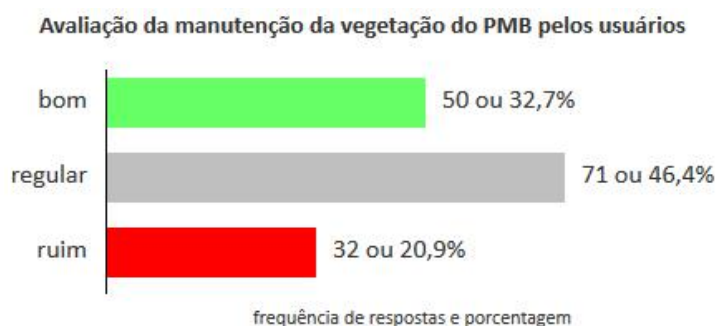


Gráfico L: Avaliação dos usuários da manutenção da vegetação do PMB.

Apesar da maioria dos usuários terem avaliado os aspectos relacionados à conservação do PMB como regulares, o PMB obteve avaliação bastante positiva quanto sua aparência, considerando a imagem do parque na sua totalidade. A maioria dos usuários o avaliou como bonito (122 ou 79,7%) e a minoria como feio (4 ou 2,6%), conforme mostra o Gráfico M.

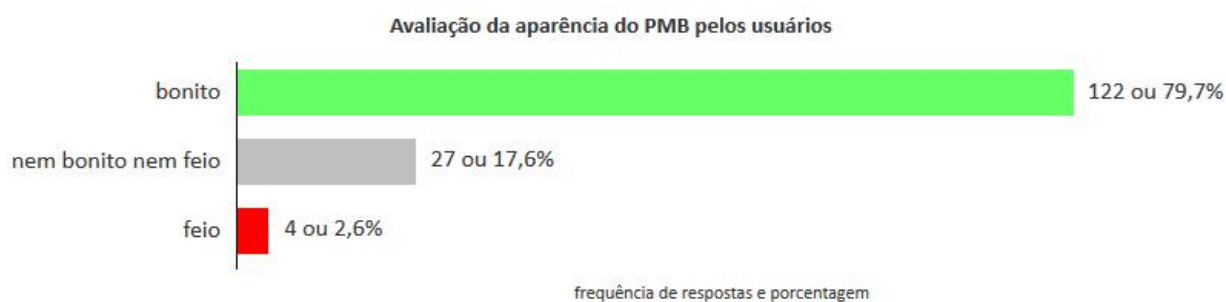


Gráfico M: Avaliação da aparência do PMB pelos usuários.

A avaliação positiva da imagem do parque pode estar relacionada com a vegetação, já que a avaliação da aparência da vegetação, também foi bastante positiva. A maioria dos usuários a avaliou como bonita (124 ou 81%) e a minoria como feia (4 ou 2,6%), conforme o Gráfico N.

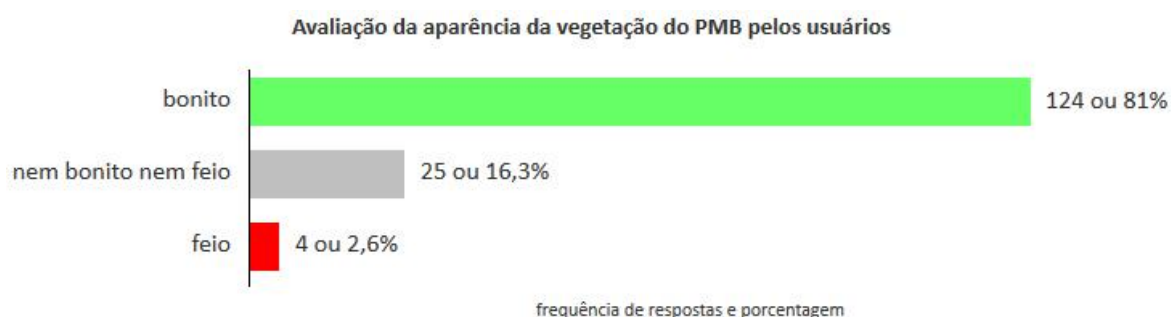


Gráfico N: Avaliação da aparência da vegetação do PMB pelos usuários.

Em relação à aparência das edificações que existem dentro do PMB, poucos usuários as avaliaram positivamente. A maioria considerou as edificações nem bonitas nem feias (74 ou 48,4%) e outra grande parte considerou as edificações feias (69 ou 45,1%), conforme mostra

o Gráfico O. É importante mencionar algumas edificações no parque possuem adaptações ou partes inacabadas, o que demonstra pouca preocupação estética, mas, apesar disso, as edificações não se destacam em meio à vegetação, o que as torna pouco perceptíveis.

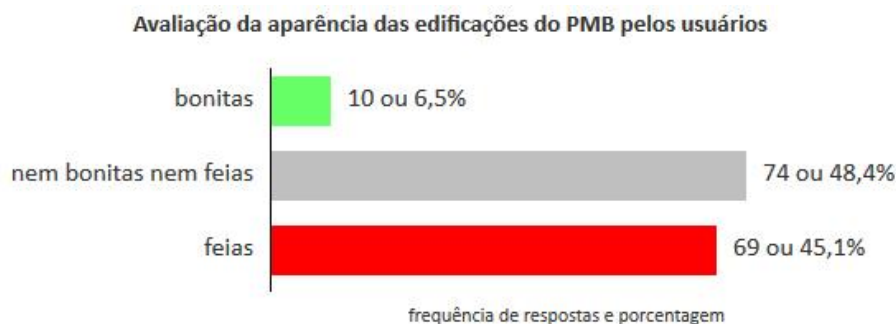


Gráfico O: Avaliação da aparência das edificações do PMB pelos usuários.

A avaliação da aparência das esculturas foi neutra na sua maioria, como mostra o Gráfico P. Grande parte dos usuários as considerou nem bonitas nem feias (54 ou 50%) e outra parte as considerou bonitas (42 ou 38,9%).

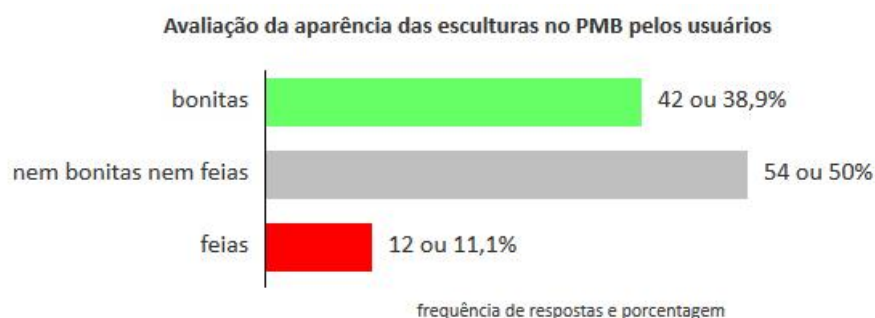


Gráfico P: Avaliação da aparência das esculturas no PMB pelos usuários.

SEGURANÇA

A maior parte dos usuários afirmou deixar de ir ao PMB em algum dia ou turno por motivos de insegurança (135 ou 88,2%) e a menor parte afirmou não deixar de ir (18 ou 11,8%). Conforme mostra o Gráfico S, para os usuários que afirmaram deixar de ir, os momentos mais apontados⁴⁸ foram à noite, tanto em dias de semana (119 ocorrências ou 36,5% das respostas) quanto aos fins de semana (116 ocorrências ou 35,6% das respostas), seguidos por dias de semana, pela tarde (36 de ocorrências ou 11% das respostas) e pela manhã (34 ocorrências ou 10,4% das respostas).

⁴⁸ Questão de múltiplas respostas, o número total de respostas não condiz com o número de respondentes.

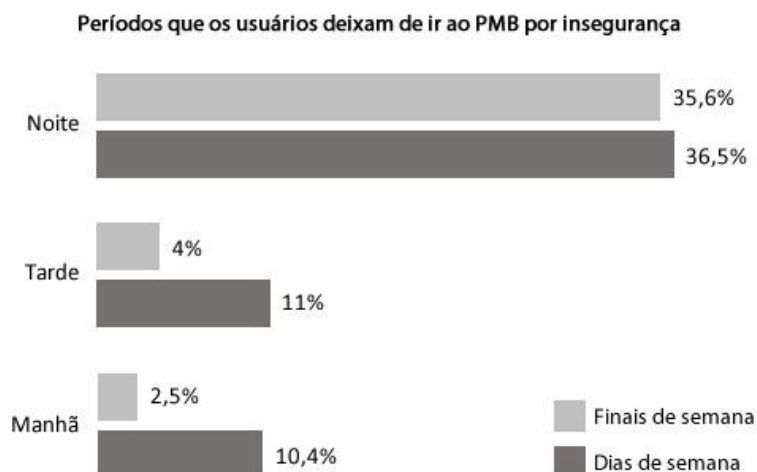


Gráfico Q: Dias e turnos em que usuários deixam de ir ao PMB por insegurança.

Conforme mostra o Gráfico R, a maior parte dos usuários afirmou se sentir nem insegura nem segura ao estar no PMB (64 ou 42,1%) e uma quantidade muito próxima afirmou se sentir insegura (62 ou 40,8%). Ao serem questionados a respeito do que lhes causa medo, os usuários que afirmaram se sentir inseguros responderam: assaltos (57 ocorrências ou 49,6% das respostas), violência física ou verbal (32 ocorrências ou 27,8% das respostas) e abordagem de pedintes e guardadores de carros (26 ocorrências ou 22,6% das respostas). Cabe expor que o número de respostas relacionadas ao medo de violência física ou verbal teve mais que o dobro de ocorrências entre gênero feminino em comparação ao gênero masculino. Outro aspecto a ser mencionado é que foi registrada a presença de guardadores de carro nos estacionamentos do PMB em todos os dias da semana, com exceção da quarta-feira pela manhã.

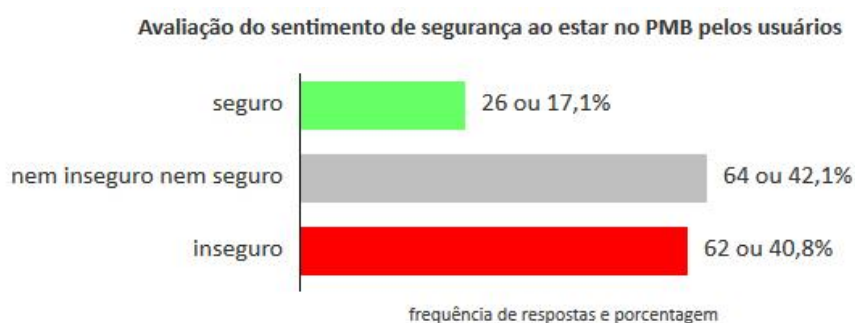


Gráfico R: Avaliação do sentimento de segurança ao estar no PMB pelos usuários.

A maioria dos usuários disse evitar algum local do parque por se sentir insegura (101 ou 66%) e a minoria disse não evitar qualquer local (52 ou 34%). Os usuários que afirmaram evitar citaram os seguintes locais (Gráfico S): locais afastados do túnel verde e com vegetação densa (24 ocorrências ou 19,5% das respostas), locais com pouco movimento de pessoas (24 ocorrências ou 19,5% das respostas) e locais na parte sul do parque (23 ocorrências ou 18,7% das respostas).



Gráfico S: Locais evitados por insegurança no PMB pelos usuários.

Conforme mostra o Gráfico T, a maioria dos usuários afirmou se sentir insegura em relação ao policiamento que percebe no PMB (99 ou 64,7%). Isso condiz com a quantidade de policiais registradas no parque durante as observações, que ocorreu em apenas dois momentos: na segunda-feira pela manhã e no domingo à tarde.

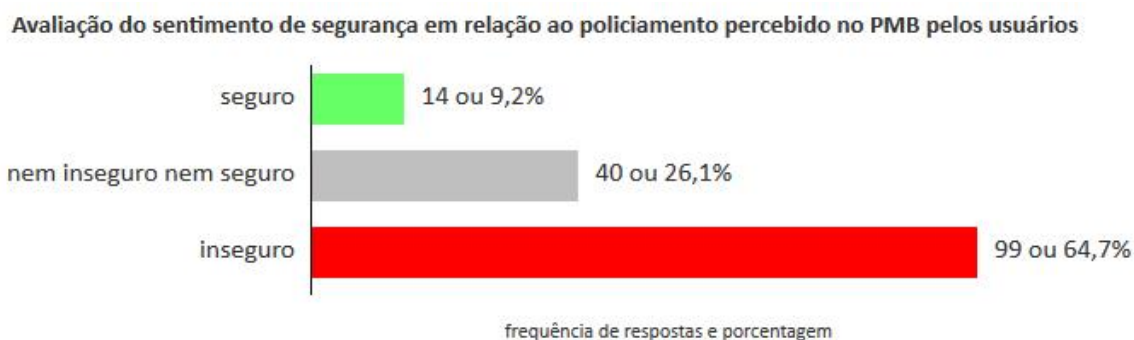


Gráfico T: Avaliação do sentimento de segurança em relação ao policiamento no PMB pelos usuários.

ATIVIDADES, ACONTECIMENTOS REGULARES E EVENTOS

A atividade registrada com maior ocorrência no PMB foi caminhar. Na Imagem 3, é possível ver as atividades com maior ocorrência agrupadas em dias e turnos. Nos dias de semana pela manhã houve predomínio de atividades físicas, já durante à tarde houveram também atividades relacionadas ao descanso. No fim de semana pela manhã, as ocorrências estavam relacionadas a atividades físicas, tanto de visitantes praticando quanto assistindo. Já no fim

de semana à tarde, as maiores ocorrências foram de atividades ligadas ao descanso e à socialização.

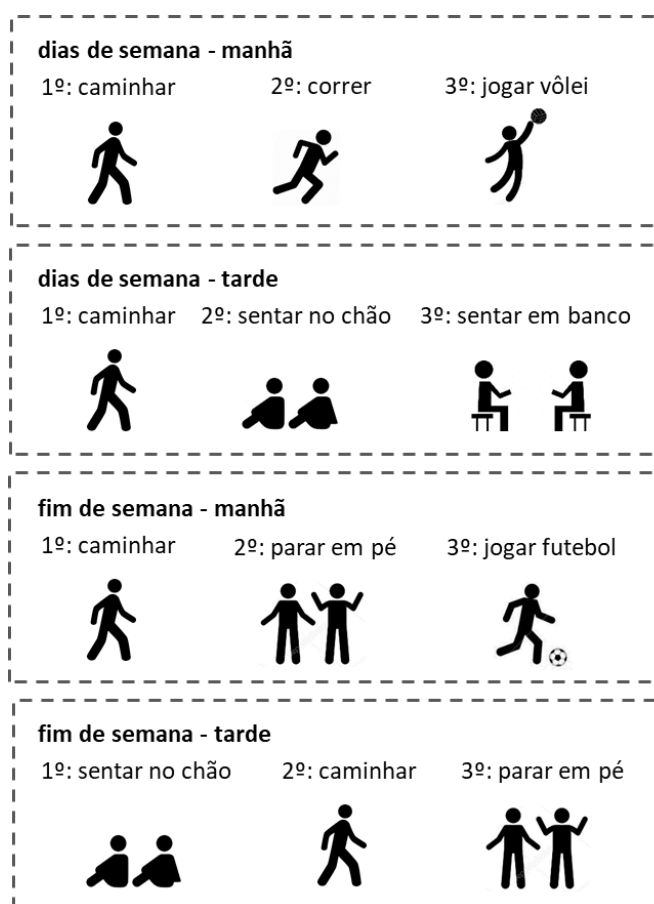


Imagem 3: Atividades com maior ocorrência no PMB nos dias de semana e no fim de semana nos turnos manhã e tarde.

Dentre as respostas dadas pelos usuários sobre as atividades que costumam praticar no PMB, a maioria está relacionada a atividades físicas. O Gráfico U mostra as atividades citadas pelos usuários como praticadas por eles. A resposta com maior ocorrência foi caminhar (71 ou 32,9%), seguida de andar de bicicleta (43 ou 19,9%) e correr (37 ou 17,1%).

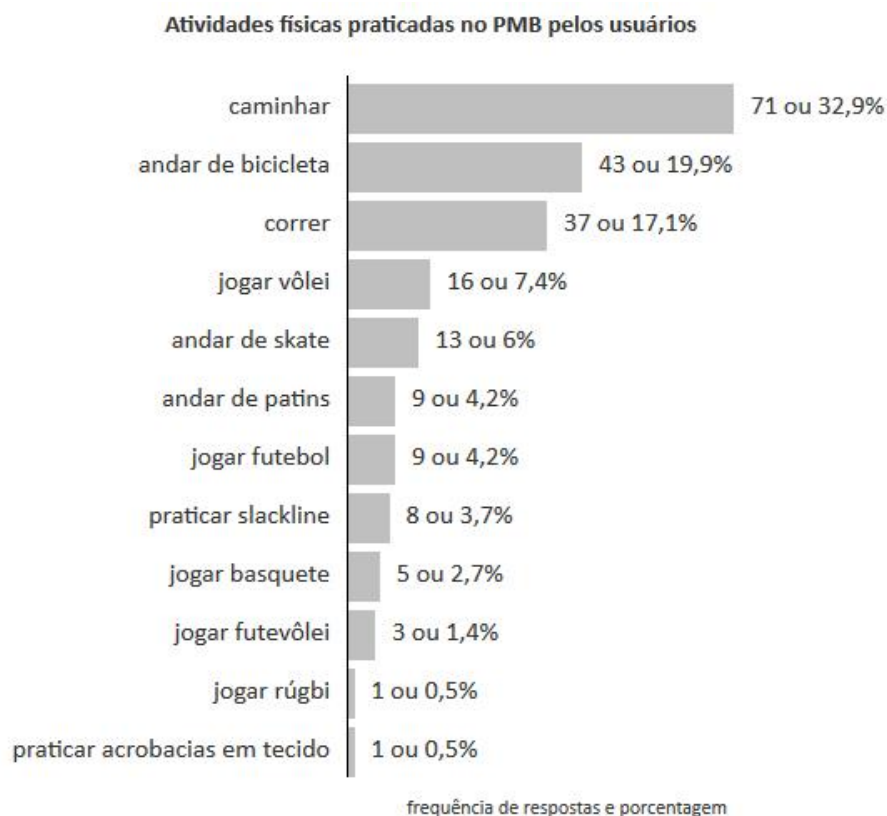


Gráfico U: Atividades físicas praticadas pelos usuários no PMB.

Foram registrados alguns acontecimentos regulares e eventos no PMB, como por exemplo: a) estrutura de apoio para grupo de corrida próximo ao gramado A, com aproximadamente 16 pessoas reunidas; b) passeio ciclístico infantil passando pelo túnel verde, com aproximadamente 100 pessoas reunidas; c) aglomeração de torcedores do time de futebol Internacional antes do jogo que iria ocorrer do Estádio Beira-Rio, no extremo sul do parque, com aproximadamente 80 pessoas; d) campeonato de corrida em que parte do trajeto ocorreu na Av. Pereira Paiva e a estrutura do evento foi locada em uma área do parque ao lado da pista de ciclismo, contou com a participação de aproximadamente 1500 pessoas⁴⁹; e) apresentação de banda musical para divulgação de um livro, com aproximadamente 6 pessoas. Porém, é importante salientar que não se tratam de acontecimentos ou eventos promovidos pela PMPA.

Ao serem questionados, a maioria dos usuários afirmou não sentir falta de acontecimentos regulares ou eventos no PMB (79 ou 51,6%), porém, em número bem próximo, a minoria afirmou sentir falta (74 ou 48,4%). Dentre os usuários que sentem falta, os acontecimentos regulares ou eventos citados como quistos estão apresentados no Gráfico V.

⁴⁹ Dado fornecido por um funcionário da organização do evento.

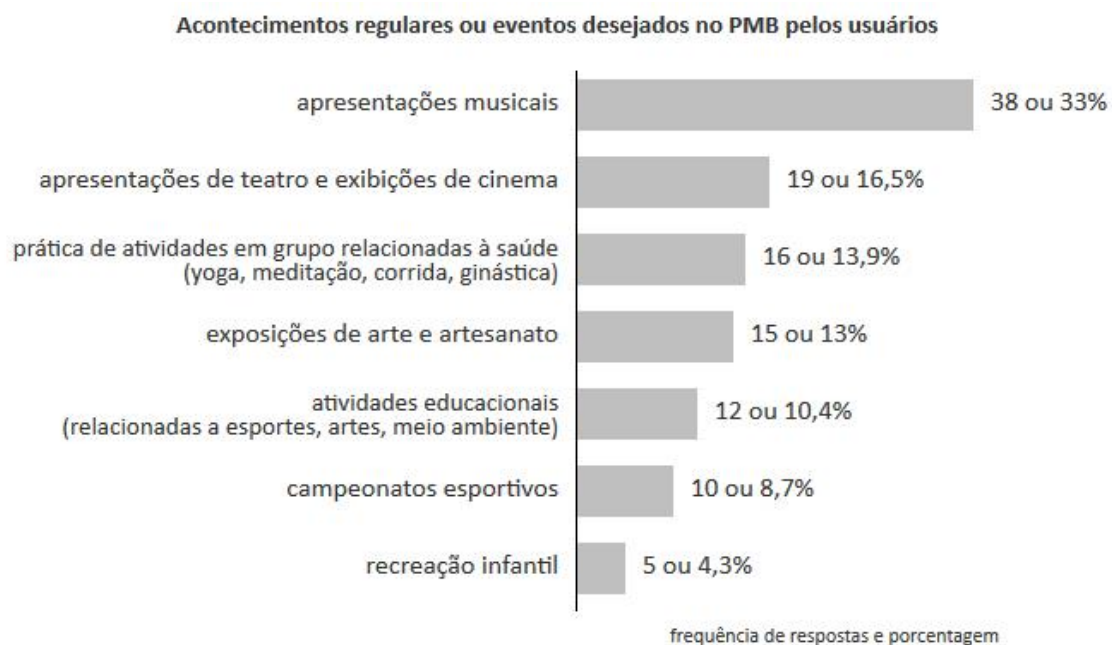


Gráfico V: Acontecimentos regulares ou eventos que os usuários gostariam que ocorressem no PMB.